

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Curso de Doutorado em Ciências da Religião

João Everton da Cruz Santos

FREI DAMIÃO DE BOZZANO:

o Conselheiro Tridentino no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro do século XX

Belo Horizonte

2023

João Everton da Cruz Santos

**FREI DAMIÃO DE BOZZANO (1898-1997):
o Conselheiro Tridentino no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro do século XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira

Área de Concentração: Religião e Cultura

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237f Santos, João Everton da Cruz
Frei Damião de Bozzano: o conselheiro tridentino no catolicismo popular do nordeste brasileiro do século XX / João Everton da Cruz Santos. Belo Horizonte, 2023.
287 f. : il.

Orientador: Rodrigo Coppe Caldeira
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Damião, de Bozzano, Frei, 1898-1997. 2. Capuchinhos. 3. Concílio de Trento (1545-1563 : Trento, Itália). 4. Aconselhamento - Aspectos religiosos. 5. Religiosidade. 6. Religião popular. 7. Igreja Católica - Brasil, Nordeste. I. Caldeira, Rodrigo Coppe. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 291.67(81)

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

João Everton da Cruz Santos

FREI DAMIÃO DE BOZZANO:
o Conselheiro Tridentino no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro do século XX

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Religião e Cultura

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho - PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral – UNICAP (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Maria Jeane dos Santos Alves – UFS (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Marcos Vinicius de Freitas Reis – UNIFAP (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, MG, 20 de dezembro de 2023.

*A inspiradora ofereço esta tese:
Clara Helena Baião.*

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, quero salientar que este trabalho só foi possível graças ao empenho de diversas pessoas, instituições e situações às quais, coletivamente, quero manifestar os meus abertos agradecimentos.

O trabalho científico exige atenção, dedicação, persistência, empenho e, especialmente, coragem e força para suportar e vencer os obstáculos que surgem no decorrer de uma pesquisa. No meu caso, a tese que ora finalizo teve nas instituições e em alguns sujeitos o critério que fez de mim um pesquisador melhor. Por isso agradecer é o que me resta fazer.

São muitas as pessoas, instituições; dificultando a sua declinação. De qualquer modo, é imperativo o agradecimento personalizado a algumas delas. Agradeço ao Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Prof. Dr. Padre Luís Henrique Eloy e Silva, pela continuidade da bolsa de estudos. Agradeço ao amigo, Pe. Áureo Nogueira de Freitas, pela sua co-participação na obtenção da bolsa de estudos. Agradeço ao Secretário de Estado da Educação e Cultura de Sergipe, José Macedo Sobral. Agradeço a Fabiana Marques de Souza e Silva, pela paciente orientação do setor de Normalização da Biblioteca da PUC Minas. Agradeço a Felipe Campos Machado pela sua arte da “vaquinha” da minha ida à Itália. Agradeço a Flávia Pereira Amaral Moreira pela sua companhia da viagem ao interior da Itália. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, toda gratidão deste mundo, pela sua orientação sábia e motivadora no processo de criação desta tese. E estendo os meus agradecimentos aos demais professores e professoras do conceituado Programa, pela dedicação e sabedoria compartilhada. Agradeço Walisson Dias da Silva, técnico do Programa por todas as vezes que me auxiliou nos “anexos” e demais atividades. Agradeço a Dênia Ferreira Campolina Corrêa, secretária do referido Programa pela sua atenção e acolhida para conosco. Agradeço ao Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho da PUC Minas por aceitar o convite para participar da banca. Agradeço a minha companheira, Maria Geane S. F. Cruz, pela sua colaboração e incentivo na caminhada. Agradeço a Leide Reis, funcionária da Secretaria de Estado da Educação e Cultura de Sergipe (SEPES). Agradeço ao Enio Calissi, de Massarosa (Itália), pela sua hospitalidade em sua residência e pela abertura do acervo sobre o ítalo-brasileiro na “*Associazione Padre Damiano*”, na sala do Oratório SS. Caterina e Próspero, em Bozzano (Massarosa).

RESUMO

A vida e a obra missionária do capuchinho são campos plurais e ricos em possibilidades de análises. O objetivo desta pesquisa foi estudar a figura de Frei Damião (1898-1997) como Conselheiro Tridentino no Catolicismo Popular Sertanejo do Nordeste brasileiro. A sua atuação nas “Santas Missões” como missionário vem desde que chegou da Itália ao Brasil, em 1931, cuja função do capuchinho era disseminar o catolicismo romano. A sua função inicial era moldar o catolicismo dos nordestinos conforme o modelo do catolicismo oficial. O contexto onde acontece o fenômeno religioso é, especialmente, o sertão nordestino, o semiárido. Ele se adaptou à mentalidade bucólica do nordestino. A pesquisa faz uma análise da função do conselheiro dentro da cultura nordestina. A pessoa do capuchinho italiano (ainda que sujeita às “leis de mercado” e interpretado de diversas formas, pois é uma figura multifacetada) continua pulsante, porque simboliza uma imagem fixa e um ponto certo na vida dos devotos. A tese mostra que paradoxalmente, essa proximidade com o povo tornou-o uma figura polêmica dentro da hierarquia eclesiástica, uma vez que seus ouvintes o transformaram em conselheiro tridentino, situando-o na “linhagem” de conselheiros da cultura popular do Nordeste. O capítulo I situa o catolicismo do Nordeste e a figura do conselheiro. O capítulo II são os elementos biográficos de Frei Damião. O Capítulo III Frei Damião como conselheiro tridentino. O capítulo IV Frei Damião: a metamorfose do missionário. O estudo apoia-se nas fontes primárias e nas narrativas dos informantes qualificados que conheceram a vida e a obra do frade. A caracterização de Frei Damião como conselheiro tridentino se comprova pela sua presença na literatura de cordel.

Palavras-chave: Frei Damião; Catolicismo; Nordeste brasileiro; Conselheiro.

ABSTRACT

The life and missionary work of the Capuchin are plural fields and rich in possibilities for analysis. The objective of this research was to study the figure of Frei Damião (1898-1997) as a Tridentine Councilor in Popular Sertanejo Catholicism in the Brazilian Northeast. His work in the “Holy Missions” as a missionary dates back to his arrival from Italy to Brazil in 1931, whose role as a Capuchin was to spread Roman Catholicism. Its initial function was to shape the Catholicism of the northeast according to the model of official Catholicism. The context where the religious phenomenon takes place is, especially, the northeastern hinterland, the semi-arid region. He adapted to the bucolic mentality of the northeast. The research analyzes the role of the counselor within the northeastern culture. The person of the Italian Capuchin (although subject to “market laws” and interpreted in different ways, as he is a multifaceted figure) continues to pulsate, because he symbolizes a fixed image and a certain point in the lives of devotees. The thesis shows that paradoxically, this proximity to the people made him a controversial figure within the ecclesiastical hierarchy, since his listeners transformed him into a Tridentine counselor, placing him in the “lineage” of counselors of popular culture in the Northeast. Chapter I situates Catholicism in the Northeast and the figure of the counselor. Chapter II is the biographical elements of Frei Damião. Chapter III Frei Damião as a Tridentine advisor. Chapter IV Frei Damião: the metamorphosis of the missionary. The study is based on primary sources and the narratives of qualified informants who knew the friar's life and work. The characterization of Frei Damião as a Tridentine advisor is proven by his presence in cordel literature.

Keywords: Frei Damião; Catholicism; Brazilian Northeast; Counselor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa onde Pio Giannotti nasceu em Bozzano, Massarosa (Itália)	63
Figura 2 - Família de Frei Damião.....	64
Figura 3 - O devoto quer ver, quer tocar no seu santo protetor.	69
Figura 4 - Capela de São Miguel Arcanjo, no Riacho do Mel, em Gravatá (PE).....	70
Figura 5 - O Sr. Presidente da República, Fernando Collor de Mello recebe a visita de Frei Damião e Frei Fernando Rossi, em Brasília	115
Figura 6 - Convento de São Félix de Cantalice, Pina, Recife (PE)	128
Figura 7 - Livro original Em Defesa da Fé.....	142

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AMINE	Associao dos Missionários do Nordeste
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
CNBB	Conferência dos Bispos do Brasil
ITER	Instituto Teologia do Recife
SESI	Serviço Social da Indústria

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: O CATOLICISMO DO NORDESTE E A FIGURA DO CONSELHEIRO.....	18
1.1 A presença dos grandes conselheiros e sua ética na cultura nordestina.....	20
1.1.1 <i>Pe. José Antônio de Maria Ibiapina.....</i>	<i>27</i>
1.1.2 <i>Beato Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro</i>	<i>34</i>
1.1.3 <i>Padre Cícero Romão Batista</i>	<i>38</i>
1.1.4 <i>Frei Damião de Bozzano como conselheiro do catolicismo popular sertanejo</i>	<i>45</i>
1.2 O papel do beato na cultura nordestina.....	49
1.3 Catolicismo Tridentino.....	51
1.4 Catolicismo Popular Sertanejo	54
1.5 Catolicismo Romanizado.....	56
CAPÍTULO 2: FREI DAMIÃO DE BOZZANO: OS ELEMENTOS BIOGRÁFICOS	61
2.1 Frei Damião e os missionários do sertão do Nordeste brasileiro.....	71
2.1.1 <i>Missão e os seus diversos significados</i>	<i>80</i>
2.1.2 <i>O conteúdo das pregações nas missões de Frei Damião</i>	<i>83</i>
2.2 A tradição das Santas Missões Populares.....	87
2.3 O fenômeno Frei Damião à confissão e o aconselhamento público	90
2.4 A amizade de Frei Fernando Rossi e Frei Damião	92
2.5 Peregrinação ao túmulo de Frei Damião na Capela de Nossa Senhora das Graças	97
2.6 Venerabilidade de Frei Damião de Bozzano, OFMCap	102
CAPÍTULO 3: FREI DAMIÃO COMO CONSELHEIRO TRIDENTINO	110
3.1 A figura de Frei Damião no contexto eclesial brasileiro do século XX.....	113
3.2 Frei Damião, um remanescente da disciplina tridentina	134
3.3 Frei Damião, “Em Defesa da Fé”: escritor.....	141
CAPÍTULO 4: FREI DAMIÃO: A METAFORMOSE DO MISSIONÁRIO	154
4.1 Frei Damião e a “Antropofagia” cultural.....	156
4.2 Frei Damião na Literatura de Cordel	166
4.3 Práticas devocionais: depoimentos sobre Frei Damião	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS.....	204
APÊNDICES	213
APÊNDICE A – Perguntas formuladas para as pessoas que conheceram Frei Damião, que ocorreram na segunda quinzena de novembro de 2021	213
APÊNDICE B – Algumas entrevistas	214

ANEXOS.....	259
ANEXO A – Pio Giannotti (Frei Damião aos 33 anos de idade)	259
ANEXO B – A certidão de nascimento de Pio Giannotti (Frei Damião).....	260
ANEXO C – Frei Damião jovem e Frei Damião idoso	263
ANEXO D - Frei Damião e D. José Brandão de Castro	264
ANEXO E – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	265
ANEXO F – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	266
ANEXO G – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	267
ANEXO H – Frei Damião na Diocese de Propriá (SE)	268
ANEXO I – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	269
ANEXO J – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	270
ANEXO K – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	271
ANEXO L – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	272
ANEXO M – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	273
ANEXO N – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	274
ANEXO O – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	275
ANEXO P – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).....	276
ANEXO Q – Frei Damião em convalescença no Convento São Félix de Cantalice, Pina, em Recife (PE)	277
ANEXO R – Frei Damião na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores (SE)	278
ANEXO S – Pedro Batista da Silva (+1967)	279
ANEXO T – Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo	280
ANEXO U – A presença de Frei Damião como conselheiro na literatura de cordel	281
ANEXO V – Aguinaldo Carlos de Souza, Juazeiro do Norte (CE).....	285
ANEXO W – Joselito Gomes da Silva (ex-padre), atual Prefeito de Gravatá (PE)	286
ANEXO X – Padre Isaías C. Nascimento Filho, em Malhada dos Bois (SE).....	287

INTRODUÇÃO

Mas para afirmar a não-coincidência entre fatos e sentidos, era necessário um outro cenário, religioso, que reintroduzisse, ao modo de acontecimentos sobrenaturais, a contingência histórica desta 'natureza' e, com referências celestes, um lugar para esse protesto. No entanto dizia-se uma inaceitabilidade da ordem estabelecida, a justo título sob a forma de milagre. Ali, numa linguagem necessariamente estranha à análise das relações sócio-econômicas, podia-se sustentar a esperança de que o vencido da história – corpo no qual se escrevem continuamente as vitórias dos ricos e seus aliados – possa na 'pessoa' do 'santo' humilhado, Damião, possa erguer-se graças aos golpes desferidos pelo céu contra os aversários.

Michel de Certeau (2008, p. 77).

A vida e a obra missionária do capuchinho Frei Damião de Bozzano (1898-1997) é um campo plural e rico em possibilidades de análises. O religioso pode ser interpretado de diversas formas, porque é uma figura “*poliédrica*”, complexa e multifacetada. Mas para além de sua fama de santo traçamos um perfil do italiano capuchinho que continua vivo, porque simboliza uma imagem firme na vida de muitos devotos. A pesquisa contém sua relevância para os estudos das Ciências Sociais e aliado com a subárea 44 das Ciências da Religião e Teologia, “História das Teologias e Religiões”, contribuindo com o ensino religioso, com a espiritualidade não confessional, com o “pluralismo religioso contemporâneo” (Panasiewicz, 2007, p. 105-123) e com a religiosidade do povo nordestino que tem características para além dos códigos oficiais e/ou clericais.

A presente pesquisa, resulta do interesse pela figura do conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro. Não se trata de uma especificidade regional, porque também em outras regiões existiram pessoas que desenvolveram função semelhante, como Nhá Chica em Baependi (MG) e o monge João Maria na região do Contestado (hoje Santa Catarina). Da mesma forma não se pode falar de uma característica do catolicismo, porque outras tradições religiosas também têm afeição por guias espirituais como o guru, o pajé, o xamã e outras pessoas que fazem alguma forma de direção espiritual.

Depois de nove anos de sua chegada ao Nordeste brasileiro, já na década de 1940, a figura carismática do jovem capuchinho despertou a atenção dos humildes sertanejos. É reconhecido pelos devotos como conselheiro respeitado e consagrado, e por meio das confissões orientava os penitentes em questões da vida cotidiana, como o adultério, o beijo, o namoro, a pílula, o demônio, o inferno, o concubinato entre outros conselhos. No âmbito da moral conjugal o procedimento de regulação dos nascimentos era o natural, fundamentado na distinção entre períodos férteis e inférteis. Frei proibiu o uso da pílula e qualquer outra espécie de intervenção externa para prevenir a procriação. Um marco do seu trabalho de evangelização

era cobrar dos penitentes mudanças de atitudes, corrigindo-os nos seus costumes para que tivessem uma vida conforme a doutrina cristã católica. Ora, a existência do conselheiro na tradição do catolicismo popular é uma herança cultural que se propagou por muito tempo. Os bons confessores eram todos aqueles que seguravam aos seus pés o devoto, por mais tempo, dando conselhos e mais conselhos.

Ao Frei Damião coube no século XX prosseguir com a mesma linha pedagógica dos antigos conselheiros na cultura nordestina. Fica demonstrado que – num clima religioso de renovação pós-conciliar e de oposição de importantes setores eclesiais à ditadura militar – a postura tridentina e anticomunista do prestigiado capuchinho era uma fonte permanente de tensões religiosas e políticas. O Frei é a pessoa mais indicada para defender a cultura ameaçada, o único que a valoriza e não estimula as ideias preconizadas no Concílio Vaticano II (1962-1965).

Frei Damião fora incorporado à “matriz” geradora de grandes conselheiros nordestinos. Nisto a tese esbarra na função dos conselheiros no catolicismo popular, pois são decisivos na memória do povo. Não resta dúvida de que o Padre Cícero fixou a imagem do “Padrinho Conselheiro” (Barbosa, 2007, p. 34). Esse substrato religioso foi passando de geração em geração, de que Padre Cícero conselheiro e Frei Damião têm o mesmo ofício. Nesse sentido, analisamos a atuação o contexto histórico onde acontece o fenômeno do conselheiro no catolicismo popular sertanejo, comparando as semelhanças e dessemelhanças entre os grandes conselheiros da memória nordestina. E assim refletimos sobre a metamorfose do missionário em conselheiro tridentino e a nova perspectiva conciliar do Concílio Vaticano II (1962-1965). Segundo Della Cava (2014, p. 234), o missionário capuchinho italiano Frei Damião, que foi proibido de pregar em vários lugares do Nordeste por causa da difundida crença das classes baixas de ser o frade estrangeiro a reencarnação de Padre Cícero. Daí a nossa hipótese que conduziu a pesquisa, a identificar em Frei Damião não o missionário, mas o conselheiro tridentino incorporado na cultura do povo sertanejo.

Frei Damião, sempre acompanhado com Frei Fernando Rossi¹, que por mais de 50 anos colaborou nas “Santas Missões Populares”, as quais eram permanentes, sobretudo nos povoados, e nas pequenas e médias cidades do Nordeste brasileiro. O Nordeste abrange os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas,

¹Frei Fernando Rossi nasceu em Massa (Itália). Colaborou como coroinha de Frei Damião aos 10 anos, em 1928. Por volta do ano de 1947, chega ao Nordeste brasileiro e reencontra com Frei Damião, onde acompanhou-o nos últimos 50 anos de vida. Era o secretário particular e companheiro de missões. Não é o nosso objeto de estudo da pesquisa, mas, sobre a sua amizade com Frei Damião dedicamos o tópico 2. 4 do segundo capítulo da pesquisa.

Sergipe e Bahia; e em virtude das distintas características físicas, sociais e econômicas que o Nordeste apresenta, a região subdivide-se em quatro subregiões a partir das distintas condições climáticas: Meio-Norte, Sertão, Agreste e Zona da Mata. O fenômeno religioso que se constituiu em torno de Frei Damião se deu basicamente ao norte do rio São Francisco, no sertão do Nordeste, no semiárido, o que não exclui que muitos devotos tenham saído também do agreste. Frisa-se que o Estado da Paraíba foi a região mais visitada pelo missionário.

O incansável Frei Damião que chega da Itália em 1931 convencido de seu ardor missionário é absorvido pela cultura sertaneja não por meio dos Sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana, como era o seu desígnio inicial, mas como conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro. Nessa direção, a função do capuchinho era moldar o catolicismo dos nordestinos conforme o esquema do catolicismo romanizado². Tal metamorfose cultural merece ser vista porque revela essa dimensão ainda pouco examinada no catolicismo popular brasileiro: a linhagem de grandes conselheiros. Cito dois pesquisadores da cultura nordestina – Eduardo Diatahy B. de Menezes (1996, p. 2) e Eduardo Hoornaert (1969, p. 592) – que fazem alusão à “estirpe” ou “linhagem” de conselheiros inaugurada pelo Padre-Mestre Ibiapina e seguido pelo Beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião, já que são apreciados antes de tudo como conselheiros pelo povo nordestino. O panorama religioso do Nordeste era receptivo a um conselheiro que ocupasse o espaço deixado por Padre Cícero Romão. O conselheiro ensina as mesmas coisas que o pai ensina ao filho, os ensinamentos são os que passam de geração a geração. O catolicismo popular é marcado pela tradição dos beatos e conselheiros, seguindo uma matriz de catolicismo familiar, autônomo e leigo.

Frei Damião iniciou seus ensaios missionários na Capela de São Miguel Arcanjo, na cidade de Gravatá (PE), com Padre Cícero Romão (1844-1934) ainda vivo, com Lampião vivo, apesar que ambos não tenham se encontrado nas “estradas” da vida. Era um homem de pequena estatura, disciplinado e sóbrio. Seus trabalhos começavam às quatro horas da manhã e iam até a noite. Não aceitava ser comparado com o beato Antônio Conselheiro nem com Padre Cícero. Não se considerava milagroso, pois atribuía os milagres a Deus. A figura do conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX nos apresenta uma série de questões. Algumas delas emergiram por conta de que no decorrer de suas missões populares pelo Nordeste, Frei Damião se deparou com o ambiente marcado pela autoridade do Pároco em

² Usamos o conceito de Pedro A. Ribeiro de Oliveira (1985) para tratar da “romanização” do catolicismo brasileiro, cuja inquietação do catolicismo romanizado era afugentar os devotos do catolicismo popular e orientá-los para a prática do catolicismo romano, com ênfase nos sacramentos e destituição da liderança leiga. O processo teve maior relevância na segunda metade do século XIX e nas primeiras do século XX. Isto nos remete à História da Igreja Católica no Brasil, mesmo não figurando como historiador, fui convencido a recorrer, como fonte de informações,

cada Igreja. Cada um possuindo ao mesmo tempo poder temporal e espiritual. Era o tempo das excomunhões, das indulgências, dos escapulários, das Semanas Santas rigorosas com jejum, abstinência, orações e mortificações. Era o tempo em que o medo do diabo e as tentações tinham enorme impacto no imaginário religioso dos devotos. Quando se aproximava o período de Carnaval, a recomendação do capuchinho italiano era que cristãos católicos se recolhessem em retiros, fazendo atos de reparação e desagravo.

O roteiro desta pesquisa segue a indagação colocada: Frei Damião de Bozzano (1898-1997) como conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX, na linhagem dos grandes predecessores Padre Ibiapina (1806-1883), Beato Antônio Conselheiro (1830-1897) e Padre Cícero (1844-1934). Daí a hipótese que conduz a pesquisa, a identificar em Frei Damião não o missionário, mas o conselheiro incorporado na cultura do povo sertanejo.

Desse modo, no primeiro capítulo, intitulado “O Catolicismo do Nordeste e a figura do Conselheiro”, que pretende abordar sobre o catolicismo sertanejo do Nordeste brasileiro, suas expressões diversificadas e as suas manifestações do catolicismo popular que escapam do controle do catolicismo oficial ou romanizado. Retomando o esquema sociológico, foi revisto a tese de Pedro Ribeiro de Oliveira (1985, p. 113) sobre o conceito de catolicismo popular e as suas peculiaridades. Pelo que se nota à primeira vista é que o catolicismo popular sertanejo é uma forma nordestina de catolicismo popular, que é típica do sertão e tem como núcleo a figura do conselheiro. Ainda neste capítulo, como consequência da análise anterior, abordaremos acerca da linhagem de grandes conselheiros do Nordeste, introduzida pelo Padre-Mestre Ibiapina e seguida por Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião, que é a hipótese da pesquisa.

No segundo capítulo, “Frei Damião de Bozzano: os elementos biográficos”, foram vistos alguns aspectos históricos no delineamento do perfil do religioso capuchinho. Estamos em dívida no registro biográfico de inúmeras figuras, ainda no anonimato da história da igreja do Nordeste e do Brasil, sobretudo dos leigos. Estes elementos biográficos do capuchinho compõem a sua formação inicial com sua família na Itália, a sua escolha de vida religiosa com os capuchinhos, sua ida como soldado raso para a Primeira Guerra Mundial (1915-1918), seu retorno à vida religiosa, os estudos universitários na Gregoriana de Roma, onde, além da ordenação sacerdotal (1923), obteve diploma de Filosofia, Teologia e Direito Canônico (1925) e em 1931 foi enviado para uma missão no Nordeste do Brasil.

No terceiro capítulo, “Frei Damião como conselheiro tridentino”, cuja temática segue a discussão a um nível mais profundo, porque configura a hipótese da pesquisa, incluso na cultura

do Nordeste brasileiro. Os conselhos pacificadores do capuchinho estão presentes na memória dos católicos, incorporados à cultura local, nas cidades do interior. O frade soube compreender a mentalidade rural, as práticas religiosas e a linguagem simples do povo simples do Nordeste. Escreveu, o seu primeiro e único livro, “Em Defesa da Fé” que serviu de amparo teórico para às suas pregações e seus aconselhamentos. Frei Boaventura Kloppenburg foi o editor da obra publicada pela Editora Vozes, em 1953, e, em 1955, pela Editora Paulinas. Nesse livro, o frade elaborou um conjunto de princípios religiosos, seguindo as determinações da Igreja de Roma, para a orientação dos cristãos nas suas crenças e na vida moral. Dessa forma, o Frei pretendeu restaurar o catolicismo universalista de Roma. A ideia era deslocar o catolicismo romanizado do Nordeste do leigo para o bispo, das rezas para as missas e do terço para os sacramentos. Essa estratégia cogitava privilegiar o poder sacerdotal e desocupar as funções e o lugar do leigo na vida religiosa.

Finalmente, no quarto capítulo, “Frei Damião: a metamorfose do missionário”, tendo sido interpretado o capuchinho, oriundo da cultura europeia e que chega ao Nordeste para disseminar o catolicismo alicerçado nas práticas sacramentais, mas não sabia ele que o penitente subverteria esta situação, transformando-o em conselheiro tridentino incorporado no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro do século XX. Esta tese não tem evidentemente, a pretensão de ser definitiva.

Ao estudar acerca da metamorfose do missionário em conselheiro do povo, surge a ideia do “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade (1928, p. 7), como uma metáfora, cuja reflexão apresentaremos no tópico 4.1 “Frei Damião e a “Antropofagia” cultural. A metáfora sinaliza como uma chave de leitura para o fenômeno de Frei Damião remodelado em conselheiro tridentino. Os conselhos do capuchinho só eram levados em consideração, por sua santidade, pela devoção dos fiéis penitentes e pelo ininterrupto trabalho apostólico ao confessionário. Os lugares por onde esteve Frei Damião nas missões, apesar das mudanças culturais, econômicas e políticas, no Nordeste sucediam em outro ritmo e contexto, porque a região no fim do século XIX e começo do século XX, era predominantemente rural. Era “a cultura moderna e sofisticada dos centros urbanos do litoral e, de outro, a cultura arcaica e atrasada do interior rural abandonado” (Cava, 2014, p. 50), ou seja, uma visão dualista da sociedade brasileira.

Outro aspecto relevante é a repercussão do fenômeno no contexto eclesial brasileiro e as suas ambiguidades. Seguido por multidões de nordestinos. Com seus gestos largos e estatura pequena, de batina surrada e sandálias gastas, os pés de calos e rachaduras em consequências das andanças pelo sertão, o Frei era uma imagem viva de dedicação ao próximo. Com

pregações, penitências e sacrifícios, conseguiu ser interpretado como conselheiro pelos devotos. Assim mesmo traria ao capuchinho alguns incômodos. Por gozar de imensa popularidade e pela influência que desempenhava junto ao povo, observou com pesar seu nome ser usado para fins eleitorais. A sua popularidade excede os limites da Igreja Católica e envolve o terreno político do Nordeste e de outras regiões do país. Foram muitos os políticos que tiraram fotos junto ao Frei, pegando carona na sua fama de santo. Depois de missionar pelos estados do Nordeste, foi interpretado pelo povo como uma figura tradicional de conselheiro, o que se pode constatar no tópico 4. 2 “Frei Damião na Literatura de Cordel”. Frei Damião é motivo de inspiração para muitos cordelistas, que escreveram folhetos sobre a sua vida, seus milagres, seus conselhos. Seleccionamos alguns folhetos que fazem alusão a Frei Damião como conselheiro.

No que concerne às entrevistas³ utilizadas neste estudo, levou-se em consideração as orientações dadas em “Fontes Históricas” por Pinsky (2005) e em “História oral – memória, tempo, identidades” por Delgado (2006) que substanciam também este trabalho. Realizamos sete entrevistas com pessoas que conheceram, que ouviram falar ou participaram das missões de Frei Damião. A entrevista tem sido um artifício usado em pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Desta forma, antes das entrevistas foram definidos os objetivos e elaborado o roteiro das perguntas em forma de diálogo, conversa. Todos os entrevistados, mediante a devida autorização, concordaram com a divulgação de sua participação na pesquisa. Elas foram divididas em três etapas: preparação das entrevistas semiestruturada, realização e tratamento. Foram realizadas na segunda quinzena de novembro de 2021 com sujeitos dos municípios de Gravatá (PE), Caruaru (PE), Juazeiro do Norte (CE), Crato (CE), Poço Redondo (SE) e Malhada dos Bois (SE). Neste ponto 4.3 “Práticas devocionais: depoimentos sobre Frei Damião” consubstanciam a nossa hipótese. As análises das entrevistas – melhorada por sentidos relacionados pelas expressões, entonações, pela exaltação e pelas dúvidas, pela agilidade ou pelo vagar nos comportamentos dos entrevistados – percebe-se a necessidade do conselheiro que o frade simboliza. Todas elas foram feitas em forma de conversa, diálogo, tendo algumas questões como roteiro. Entre as pesquisas, que descobrimos, a dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-Graduação em História, de Mário Marangon (2006), intitulada “Frei Damião: diversidade e identidades culturais”. Em Abdalaziz de Moura (1978), interpreta o fenômeno em torno de Frei Damião como fruto desse líder carismático representar a defesa das tradições herdadas desde a infância, em sua obra “Frei Damião e os Impasses da Religião Popular”. A nossa recente pesquisa está fundamentada em uma ampla bibliografia e, em

³ Referente aos sujeitos entrevistados e a descrição de cada um deles, ainda que brevemente, se encontram nos Apêndices da tese.

documentos. Importante esclarecer que no presente trabalho não foi possível acessar documentos oficiais acerca das proibições (cartas) do capuchinho italiano de pregar missões em algumas dioceses e paróquias do Nordeste brasileiro.

xxx

A presente pesquisa é fruto da orientação consistente do Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira – PUC Minas, que fez sintonia com a vivência pessoal do autor que, quando adolescente no médio sertão sergipano da década de 80, chegou a confessar-se com Frei Damião em santa missão nas cidades sergipanas de Nossa Senhora das Dores e de Muribeca. A pesquisa também nasce do ofício de professor Efetivo de Filosofia e de Sociologia da Rede Estadual de Ensino de Educação Básica de Sergipe.

CAPÍTULO 1:

O CATOLICISMO DO NORDESTE E A FIGURA DO CONSELHEIRO

O catolicismo popular, fortemente sertanejo, está marcado por antigas tradições conselheiristas, algo que faz parte da história cultural do Nordeste.
(Cruz, 2010).

Neste capítulo trata dessa “matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo” (Menezes, 1996, p. 2), porque no seio do catolicismo popular do Nordeste brasileiro, deparamos com os grandes conselheiros presentes na memória dos devotos e romeiros, incorporados à cultura local. O panorama religioso do sertão nordestino era receptivo a um conselheiro que ocupasse o espaço deixado por Padre Cícero. Frei Damião veio para o Brasil em 1931, por ser missionário da Ordem dos Capuchinhos, começando suas atividades no meio do povo três anos antes da morte do Padre Cícero Romão Batista, em 1934. Porque muitos dos conselhos atribuídos ao Frei Damião, a cultura popular nordestina já atribuía ao padrinho do Juazeiro do Norte (CE), modificando a geografia e o tempo, como “quem matou, não mate mais; quem roubou, não roube mais. As pessoas que furtam vão para as profundezas do inferno.” E muitas pessoas pensam, ainda nos dias atuais, que ele é o continuador do “Padim Conselheiro.”

No Brasil ainda prevalece o catolicismo, aí abrange pessoas das mais diferentes etnias, origens e estratificações sociais⁴, que ocorre em seu seio uma infinidade de linhas, crenças, correntes e práticas de variados naipes. Muito embora, aqui não é o lugar de analisar a Igreja Católica, mas sim descrever acerca das “malhas do catolicismo.” Porque:

[...] são malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos. Há um catolicismo “santorial”, um catolicismo “erudito ou oficial” [...] O catolicismo santorial, para usar uma expressão de Cândido Procópio Camargo, é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presentes no Brasil desde o período da colonização. Tem como característica central o culto aos santos. Foi este culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários (Teixeira, 2009, p. 19-20).

Sobre catolicismo popular que veremos em seguida, um dos pesquisadores é Oliveira (1985, p. 133), que define o catolicismo popular como uma devoção aos santos e familiar, porque os santos são como os parentes mais próximos. Esta manifestação de catolicismo tem a sua gênese com os imigrantes portugueses pobres, ainda no tempo do Brasil-Colônia. É bom

⁴ A expressão *estratificação* deriva de *estrato*, que significa camada. Por estratificação social compreendemos a distribuição de indivíduos e grupos em camadas hierarquicamente superpostas dentro de uma sociedade. Essa distribuição se dá pela posição social dos indivíduos, das atividades que eles exercem e dos papéis que desenvolvem na estrutura social (Riutort, 2008, p. 537-566).

lembrar que havia um consórcio entre Igreja Católica e Estado, denominado de regime do Padroado.⁵ Sabe-se que só podia ser dono de terra quem fosse católico. A nomeação de padres e bispos para as paróquias e dioceses era feita pela mão do Imperador.

Observa-se que “o catolicismo pobre, dos camponeses europeus, acabou sendo assimilado no meio dos povos originários e dos descendentes lusos, no interior brasileiro” (Oro, 2013, p. 121-122). O estudo do conselheiro no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro vem intensificando e abrindo novos horizontes para a Sociologia e História da Religião. O fenômeno religioso do conselheiro no catolicismo popular da cultura nordestina tem as suas raízes mais profundas na cultura africana e indígena; daí o nascedouro onde o conselho é de extrema importância na vida das pessoas; mesmo com as dependências que ele pode causar; mesmo assim o conselho é considerado um grande valor que impulsiona a vida das pessoas para o ajustamento de conduta moral e espiritual.

Abordar acerca do conselheiro na cultura nordestina é fascinante. É como fazer uma caminhada pelas estradas empoeiradas das origens da alma sertaneja, observando os traços e penetrando na sua intimidade. É revelar o mistério, é perseguir caminhos, desvendar os rastros mais profundos da vida e da morte, do presente e do passado, do real e do imaginário. E a melhor forma de compreendermos a memória religiosa dos sertanejos nordestinos, é por meio do escritor Euclides da Cunha (1963, p. 109-110):

A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzeiros alçados, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, á se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes.

Pesquisar sobre o catolicismo popular sertanejo partindo de uma plêiade de historiadores, sociólogos, cientistas da religião, antropólogos e das pesquisas já existentes no intuito de desvendar a partir do sertanejo do Nordeste brasileiro, de sua “religião mestiça”, “uma mestiçagem de crenças”, como disse em 1902, de modo preconceituoso, Euclides da Cunha (1886-1909), que envolveu o religioso missionário capuchinho Frei Damião (1898-1997) que mais de sessenta anos esteve dedicado às “Santas Missões” Populares” do Nordeste.

⁵ Devido ao regime, cabia à Coroa portuguesa e, depois da independência, ao Imperador do Brasil, exercer uma função de proteção da Igreja Católica, reconhecendo o catolicismo como única religião verdadeira e, por isso, oficial e exclusiva da nação (Hoornaert, 1979, p. 162).

O fio condutor desta pesquisa é o estudo sobre Frei Damião de Bozzano como conselheiro tridentino e pode contribuir para o fato de que fenômenos desta natureza dizem respeito à tradição e à cultura popular sertaneja.

Marcos Silva (2019, p. 76), descreve que “esse misticismo foi trazido direto da Península Ibérica para o Sertão, sem a interferência das influências do litoral, e recebeu o impacto da perseguição inquisitorial”. Esse esquema do catolicismo popular sertanejo, segundo Queiroz (1968, p. 107), “manteve-se assim mais próximo daquele que havia sido trazido pelos portugueses nos dois primeiros séculos da colonização, e evoluiu por assim dizer fechado sobre si mesmo”. Na figura de Frei Damião, o sertanejo buscou a sua identidade e filiação no “cristianismo primitivo” (Moura, 1978, p. 61-62) e não se submetendo ao processo de modernização que teve início nas primeiras décadas do século XIX.

Há uma espécie de lembrança às origens e parece ser um fator decisivo na formação e evolução das mais diversas formas de religião. Não há dúvida de que a fidelidade às origens possibilita uma dosagem de segurança ao grupo religioso. Este sente-se necessidade cada vez maior de se fixarem nas origens, como condição para continuar a existir ou serem fiéis com a tradição. Não há alento unificador como a força de uma religião comum. Esta fixação nostálgica, geralmente, desemboca em movimentos religiosos de protesto social como foram os casos de Antônio Conselheiro, em Canudos (BA), do Padre Cícero Romão, em Juazeiro do Norte (CE), do beato José Lourenço, do Pedro Batista, em Santa Brígida (BA), de beatos, de beatas e de penitentes. Como bandeira de resistência, a seguir vamos analisar os notáveis conselheiros da cultura popular nordestina.

1.1 A presença dos grandes conselheiros e sua ética na cultura nordestina

A singularidade socioeconômica do sertão nordestino possibilitou uma sociedade bastante criadora, produzindo uma cultura popular de grandeza temática e histórica. O nascimento da cultura popular é resultado das lendas, da sabedoria ancestral do povo, dos conteúdos das mensagens das histórias de cordel. A cultura popular nordestina corresponde a uma cultura de tradição oral. Porque, não é possível, de modo algum, conceber o conselheirismo dissociado da cultura popular do Nordeste do Brasil, onde se confere maior existência de beatos, beatas, conselheiros e conselheiras.

Os beatos e as beatas eram capacitados nas coisas sagradas. Eles tiravam rezas e esmolavam para as igrejas. Conhecidos também como os “bispos” de pés descalços. Os conselheiros possuíam, sob seu comando, um ou mais beatos que seguiam em suas peregrinações

pelas estradas do Nordeste. Em aceitação com a questão central desta pesquisa, apresento sucintamente os grandes conselheiros da memória da cultura popular do Nordeste do Brasil. Na história registra estudos⁶ alusivos que demonstram serem eles conselheiros do povo nordestino. Em outras palavras, por que esse povo, no seu catolicismo popular, se identificou com o Padre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro, o Padre Cícero e o Frei Damião? Interessa-nos um breve aprofundamento acerca dos elementos biográficos de cada um deles.

A história marca a presença de vários movimentos religiosos de protesto social de trabalhadores rurais no Brasil, respectivamente com o desempenho de seus líderes carismáticos principais que os tornam célebres, sobre os quais temos maior interesse. Dessa forma, as páginas seguintes nos remetem à “estirpe” ou “linhagem” de grandes conselheiros inaugurada pelo Padre Ibiapina, que enalteceram a hipótese da tese.

Passo ao exame da ética da cultura nordestina e tomamos como referência de diálogo a ética sertaneja de Antônio Vicente Mendes Maciel (1828-1897), um cristão católico leigo. O poder do beato e sua liderança junto ao povo. Teve vários codinomes: beato Antônio Aparecido, Santo Antônio dos Mares e Santo Antônio Conselheiro⁷, que se coloca estreitamente unido à ortodoxia católica e carrega dupla compreensão: a do pecado contra Deus e a do pecado contra o próximo. O beato sem ideologia confessada, tomou partido dos pobres. Agir contra o outro é pecado porque é uma infração à ordem divina, que leva o ser humano à condenação eterna. É preciso tomar nota de que o temor de Deus é que move a ética do beato Antônio Conselheiro que depõe, mesmo em casos de extrema pobreza: o homem não pode se esquecer das ordenações divinas. Acreditando na tendência natural do homem para o pecado, o beato aconselha que deve estar sempre alerta para vencer os pecados da carne. Identificamos que os seus sermões trazem duas concepções de pecado: a transgressão da lei divina e a sujeição à carne. A salvação está na sujeição à doutrina católica, na oração e na penitência. O conjunto da doutrina do beato Antônio Conselheiro é interpretado como lei, e sua violação é punida por Deus. A ética se rege pela obediência aos mandamentos de Deus e imitação dos seus exemplos e, assim procedendo, é a conversão de voltar do mau caminho e enveredar pelo caminho do bem, ou seja, uma correção de rumo. A penitência tem caráter comunitário, pois, pelo seu exercício o pobre lavrador e fiel mostra sua humildade, mas também pode ser individual. A cosmovisão ética do beato está em ressonância com as determinações da doutrina Católica e esse é o único caminho para a salvação, porque a

⁶ Os estudos referentes aos grandes conselheiros do povo foram colhidos por meio dos seguintes autores: Hoornaert (1969) e Menezes (1996), cujas citações foram feitas ao longo da tese e constam nas referências.

⁷ Neste subtítulo baseamo-nos em Sobreira (1969), Fiorin (1980), Calasans (1986), Barreto (2001), Macedo (2004), Poel (2013) e Santos (2019).

história do catolicismo popular do Nordeste brasileiro demonstra que há pecadores que, após a conversão, levam a vida fazendo penitência.

As normas de condutas pregadas pelo Antônio Conselheiro baseiam-se em três eixos. O primeiro eixo diz respeito à autoridade constituída por Deus; o segundo eixo, ao direito de propriedade; o terceiro eixo é à manutenção da família tal como está constituída por Deus. O beato estabelecia que as normas pregadas fossem rigorosamente exercidas pelos seus devotos, que deveriam ter um comportamento ético. É visível que a representação religiosa continua a ser trabalhada por aqueles homens, naquelas condições históricas vigentes, como por exemplo, em Canudos não era permitido o uso de bebidas, prendiam-se os ladrões e faziam-se casamentos das pessoas amasiadas. O furto não era consentido em hipótese alguma; o aconselhamento é que as pessoas peçam quando estiverem em necessidades, e que os ricos sejam generosos, porque dar esmola agrada a Deus. Como se vê, o beato Antônio, o Conselheiro, não pretendia fazer mudanças nos costumes; sua ética é passiva e prega a conformidade. Ele era profundamente conservador. Porém, foi um homem dedicado, sempre aconselhando, pregando a Palavra de Deus ao seu modo, distribuindo rezas, consolando, curando e arbitrando nas divergências dos sertanejos e sertanejas.

Havia em Canudos um grupo de sertanejos fardados e armados, eram mantidos pelo beato, com os recursos coletados pelos seguidores fiéis. Era a Guarda Católica, também conhecida por Companhia do Bom Jesus. O comandante da Guarda Católica de Canudos era João Abade, o “chefe do povo”. Lá pelos idos de 1895 quando o arraial de Canudos, no Monte Santo, então Freguesia do Cumbe (atual Euclides da Cunha, Bahia) estava ainda em formação, o Arcebispo da Bahia despachou para a região do ajuntamento liderado por Antônio Conselheiro, o capuchinho Frei João Evangelista de Monte Marciano, que viajou acompanhado do Frei Caetano de São Leo, também capuchinho. A missão dos frades eram “procurar pela pregação da verdade evangélica, apelando para os sentimentos da fé católica que esse indivíduo diz professar”. O primeiro contato não foi nada amistoso, porque os freis encontraram cerca de mil homens, entre mulheres e meninos. Para os missionários capuchinhos, Canudos era uma seita e quem conduzia era o Conselheiro, em um número cada vez maior. Calasans (1986, p. 33) disse que:

Antônio Conselheiro explicou a frei João Evangelista a razão da existência da Guarda, dizendo: “É para minha defesa que tenho comigo estes homens armados, porque V. Revma. há de saber que a polícia atacou-me, e quis matar-me no lugar chamado Masseté, onde houve mortos de um e de outro lado.

As prédicas do beato fundamentavam-se no catolicismo tradicional. O que denominamos de “catolicismo popular” é uma forma de catolicismo trazido para o Brasil por meio dos portugueses pobres. Observamos que são tipologias dos catolicismos. A exemplo do “catolicismo patriarcal” que tinha como apoio o Estado, pois era quem mantinha economicamente o clero, as ordens religiosas e os conventos. Pela Constituição de 1824, o catolicismo era a religião oficial do Estado no Brasil. Persistia a herança da monarquia portuguesa. O governo imperial indicava bispos e párocos, além disso, concedia licença para a edificação de novas igrejas, capelas e cemitérios. E caminhava a tal ponto essa dependência que as bulas papais só podiam ser divulgadas no território do império com o consentimento do imperador. Era o padroado⁸, direito exercido pelo Imperador. Os membros do clero eram considerados funcionários públicos. Portanto, a ação desses clérigos era tipicamente colonialista e sua prática teológica e moral serviam aos esquemas dos colonizadores.

É importante examinar, mas esse não é o caso em questão, por que, o catolicismo popular é uma prática em oposição ao catolicismo oficial romano e tornou-se, com o tempo, a forma mais frequente da organização religiosa e o culto do catolicismo no Brasil (Oliveira, 1978, p. 11-40). À margem do catolicismo oficializado se desenvolveu um catolicismo popular. Há uma dessemelhança de expressões e manifestações que fogem do controle da hierarquia eclesiástica que, segundo Gramsci, examinando a diversidade de expressões e manifestações religiosas, garante que:

Toda religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer “superficialmente” unitária, a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos-burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo (Portelli, 1984, p. 25).

Estes múltiplos catolicismos foram-se concretizando no processo histórico e podem ser compreendidos na organização da vida cotidiana e das ações sociais. Em cada contexto, em

⁸ Foi um sistema de alianças entre a Igreja Católica e o Estado, instituído a partir do século XIII na Península Ibérica. O padroado é uma manifestação típica da cristandade. A era da reconquista e das cruzadas forjou a união de cruz e espada, de Igreja e Estado. O padroado tem raízes históricas no imperador Constantino e sucessores (séc. IV), e em Carlos Magno (séc. VIII), que declararam o cristianismo como religião oficial dos seus impérios. Pela bula “*Praecelsae Devotions*” (1514), dom Manoel obteve o poder do padroado, reunindo o poder temporal e patronato das missões e instituições eclesiásticas nos territórios do reino e de ultramar. A chegada do cristianismo no Brasil fazia parte do projeto colonizador que ultrapassa e condiciona. Deus e os santos atuavam neste mundo junto aos humanos. A divulgação da religião católica pelos portugueses era inseparável do projeto político e do poder e coação do Estado. Em certos momentos, a evangelização se tornava motivo de ação política (Poel, 2013, p. 763).

cada realidade e em cada cultura, o catolicismo foi sendo formado com suas expressões e feições próprias. É uma multiplicidade de manifestações e para melhor compreensão dessas tipologias convém caracterizar, ainda que brevemente, cada uma delas. O que era esse catolicismo popular tradicional? A devoção ao santo tem maior relevância no catolicismo tradicional. São múltiplos os santos do catolicismo popular. O santo está na imagem⁹, entretanto, não se identifica com ela. Cada imagem simboliza a presença do santo no mundo. É como se a imagem fosse viva. Porque com ela o devoto ou a devota conversa, desabafa, acende uma vela, oferece ao santo; flores, pede o que necessita, agradece os dons, enfeita o santo e o coloca em procissão. O santo faz e recebe visitas. Recebe roupas, ornamentos e joias, mas também pode ser punido quando não se combina aos devotos e devotas o que eles e elas pedem. A ética política do catolicismo tradicional beneficia a dominação senhorial exercida pela elite rural acerca da massa camponesa. Na avaliação de Steil (2021, p. 62), no contexto da sociedade brasileira:

[...] deslumbradas pela crença no progresso, as elites econômicas e políticas do país reinterpretaram as relações sociais de complementariedade que estruturavam a sociedade agrária e tradicional do Brasil – fundadas sobre os estatutos do compadrio, do arrendamento de terras e do faccionalismo político – na chave da ideologia moderna, estabelecendo, assim, uma divisão irreconciliável entre as elites nacionais escolarizadas e o povo pobre e iletrado dos sertões.

Depois dessa consideração, percorramos como o catolicismo popular tradicional se organiza, ou seja, da “organização religiosa”, em múltiplas formas e linguagens. Um é o espaço reservado ao culto doméstico, denominado de *oratório*. É uma capelinha caseira. É um pequeno altar de devoção familiar. Ainda assim é um pequeno espaço da sala onde ficam as imagens religiosas e as lembranças-saudades – onde a família se reúne para rezar.

Diante da comunidade local é o espaço religioso, conhecido como capela. Certamente que toda povoação humana no Brasil tinha sua capelinha para melhor acolher a imagem do padroeiro e dos santos de devoção da comunidade. A capela como centro da dinâmica religiosa local. Porque ali os fiéis rezam o terço, o Ofício de Nossa Senhora, as novenas, a festa do santo, as orações pelos defuntos, e também as missas e os sacramentos quando o padre vem visitar a comunidade. No espaço mais amplo encontram-se os *santuários*. Encontramos santuários em diversos locais do território brasileiro como atração de muitos romeiros e romeiras. A partir dos

⁹ Estátua ou escultura em madeira, pedra, metal, barro, gesso, plástico e outros materiais. Em muitas religiões, imagens personificam o sagrado. No visível fala o invisível. As imagens têm mistério e ajudam a imaginar o passado e o porvir. No catolicismo, as imagens representam cenas (presépio, última ceia, crucificação de Cristo, aparição de Maria) e personagens religiosas. A veneração de imagens se explica pela harmonia interior que existe entre a imagem e o imaginário (Poel, 2013, p. 502).

estudos empíricos e observações descritivas acerca da “religiosidade popular” no Brasil se constituiu em torno dos feitos mais multitudinários da religiosidade das massas. Assevera Parker (1995, p. 39-62) que são “os santuários populares, peregrinações, devoções de massas, danças e cantos religiosos, movimentos de protesto religioso etc.” que se concentraram no continente em torno dos fenômenos espetaculares e extraordinários dessa religiosidade – como o pentecostalismo e os cultos sincréticos dos afrodescendentes. É prudente observar que a pessoa encarregada de animar o culto é o rezador ou a rezadora e diversos animadores religiosos podem ser ali encontrados: beatos, beatas, foliões, festeiros, cantadores. Esses animadores são pessoas leigas que assumem a função religiosa não por nomeação do padre, mas por escolha da comunidade local. Por isso, que o catolicismo popular tradicional se liga diretamente à vida cotidiana, até mesmo, nas relações políticas de dominação e de alianças, porque na sua cosmovisão de mundo, Deus fez os homens diferentes: alguns ricos outros pobres, cada qual com sua sina, com seu destino.

Esse catolicismo não busca um modelo de comunidade igualitária. A ideia é o oposto, aquele que tem o poder e a riqueza, tem a obrigação de proteger o pobre e o fraco que a ele recorre. Desse modo, o catolicismo tradicional, acabou sendo assimilado no meio dos povos originários e dos descendentes lusos, no interior brasileiro. Esse dualismo ainda permanece nos dias atuais, como agente para a discriminação e o desprezo das elites pelos mais pobres e consequentemente por suas tradições religiosas. No campo eclesial, o dualismo estabeleceu uma divisão entre o catolicismo tradicional e o emergente catolicismo europeu ou romanizado. E assim pontuamos o conceito de catolicismo popular tradicional¹⁰. Segundo Queiroz (1976, p. 72-99), as variações não se distanciaram muito umas das outras, pois os santos, procissões, festas e romarias estavam presentes em diferentes realidades.

Nesse tipo de catolicismo, o sertanejo se organiza para expressar a sua devoção, sobretudo centrado no culto aos santos, nas procissões e nas infinitivas promessas ex-votos. Os sermões eram extraídos de livros católicos, como a “Missão Abreviada” e “Horas Marianas”, muito utilizados no século XIX e merecem alguns detalhes sobre os citados livros. “Missão Abreviada” (Livro). Um Manual de conteúdo jansenista utilizado por missionários do século XIX para pregar a santa missão. O teor era exemplo de um moralismo ranzinza, exagerado.

¹⁰ Na elaboração conceitual sobre o catolicismo tradicional, baseamo-nos nos seguintes autores: Queiroz, (1976); Oliveira (1985), Hoornaert (1991), Oro (2013), Poel (2013), Domezi (2015) e Steil (2021), cujas obras constam nas referências.

Considera pecado: dançar, luxo, moda, entrudo¹¹. Traz meditações sobre a morte e a eternidade. Foi escrita pelo Padre Manoel José Gonçalves Couto (1819-1897)¹². A primeira edição da “Missão Abreviada” é de 1859. Para Cascudo (1984, p. 131):

Muitas edições da Missão Abreviada, de autoria do Padre Manoel Couto, foram 12.000 exemplares, uma vez que “Os recursos de orações, explicações de fácil teologia, resposta às curiosidades irreverentes, regimes de jejuns, dietas sagradas, abstinências, catecismo, regras morais, tudo vinha da “Missão Abreviada”, que só conseguiu ver um exemplar da décima sexta edição, da Livraria Popular Portuense, Porto, 1904.

A “Missão Abreviada” foi antes introduzida em Portugal e depois circulou no sertão nordestino, na segunda metade do século XIX, tendo sido livro usado constantemente pelo beato Antônio Conselheiro e tantos outros beatos. A “Missão Abreviada” serve “para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das Missões”, consta da sua primeira página. É um livro destinado para praticar as orações, instruções ao povo e culto aos Santos. A sua finalidade que “em toda parte se plante a oração, a frequência dos Sacramentos, a santificação dos dias sagrados e especialmente para que ninguém se deixe iludir da incredulidade e do protestantismo”. Foi uma obra usada por capelães, sacerdotes e por muitas pessoas que desejavam salvar as almas.

Constam na “Missão Abreviada”: a coroa de Nossa Senhora da Boa Morte, a coroa do Imaculado Coração de Maria e o terço para pedir o amor de Deus. “Horas Marianas” (Livro) é um Manual de Oração usado no catolicismo tradicional do Nordeste; por isso lhe damos maior ênfase. As “Horas Marianas” são de autoria de Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento. A obra é conhecida também como “Horas marianas portuguesas”, por tratar-se de uma tradução das “Horas marianas” em latim. Constam da edição de 1825, a tabuada das festas mudáveis e o calendário dos santos e indulgências - a partir de 1568 - para quem rezar o ofício; o prólogo exalta o valor da reza cotidiana das “Horas canônicas do ofício menor” de Nossa Senhora, “praticado há mais de mil anos, pois alcançou “socorro nos casos mais apertados, auxílio nos perigos mais evidentes e remédio nos mais desesperados sucessos”. Incluem-se da primeira parte os ofícios I, II e III da Virgem Nossa Senhora – convém, pois, lembrar que não se trata do ofício de Nossa Senhora Conceição – o ofício da santa cruz “aprovado pela Santa Igreja e

¹¹ Era uma festa popular que se realizava nos três dias que precedem a entrada da Quaresma. Os brincantes lançavam uns nos outros farinha, baldes de água, limões de cheiro etc. Mas entrou em declínio no Brasil em 1854, por repressão policial, dando lugar ao moderno carnaval.

¹² Manoel José Gonçalves Couto (1819-1897) nasceu em Telões (Portugal). Pertenceu à congregação dos oratorianos.

exposto na língua portuguesa para os Cavalheiros das ordens Militares, e para todas as pessoas, que por sua devoção o quiseram rezar.”

A segunda parte, denominada de “Formulário de orações e devoções” (1830), contém o ofício de defuntos, salmos penitenciais, ladainha de todos os santos, preces e orações cotidianas, instruções para adorar a Deus, a popular oração Santa Maria Eterna, as semanas meditativas eucarística e mariana, visita à imagem do Senhor crucificado, responsório de Santo Antônio, ordinário da missa em português, sacramento da penitência, orações para visitar cinco igrejas nos dias das estações, novenas de Nossa Senhora, método de rezar o rosário da Senhora, saudações de São Gregório e orações para acompanhar o Santíssimo Sacramento. Da edição das “Horas Marianas” de 1847 ainda constam os nomes de Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento e do presbítero J. I. Roquete, que aumentou a obra. A partir das edições de 1849 (600 páginas) e 1872 (680 páginas), em Paris, a obra é romanizada e leva o nome de “Novas Horas Marianas”, ou ofício menor da Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora e novo devocionário completo de orações e exercícios de piedade”, sob autoria de J. I. Roquete. Desta nova edição ilustrada consta a missa em latim e em português. Em Canudos, no sertão da Bahia, o beato Antônio Conselheiro usava as Horas Marianas.

1.1.1 Pe. José Antônio de Maria Ibiapina

José Antônio de Maria Ibiapina¹³ nasceu em 5 de agosto 1806, na fazenda Morro da Jaibara, em Sobral (CE). Era conhecido como Pereirinha. Filho do escrivão Francisco Miguel Pereira¹⁴ e Tereza Maria de Jesus. Seu pai era um agricultor em Sobral e tabelião na vila de Icó. Sua mãe falecera vitimada por abortamento. Em 1816 Ibiapina passa sua infância na vila de Icó, é matriculado na escola Professor José Felipe, para onde migrou a família, já que o pai foi nomeado tabelião público, sendo convidado em 1819 para ocupar o mesmo cargo na recém-criada Comarca do Crato (CE), nesta, Ibiapina teve aulas com o José Manuel Felipe Gonçalves.

Em 1820, Ibiapina foi para a cidade de Jardim (CE) onde estudou latim com o mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo. Em 1823, toda família se transfere para Fortaleza. Nesse ano morre sua mãe e Ibiapina ingressa no Seminário de Olinda (PE), onde ficou por um breve período. Em 1824, seu pai e o seu irmão mais velho, Raimundo Alexandre Pereira Ibiapina

¹³ Na elaboração desta resumida biografia foram consultados os seguintes autores: Mariz (1980), Comblin (1993), Araújo (1996), Menezes (1996), Lopes (2004) e Barros (2015), cujas obras constam nas referências.

¹⁴ É importante esclarecer que Francisco Miguel Pereira atuava nos movimentos nativistas de sua época, acrescentara ao próprio nome, Ibiapina, em homenagem à cidadezinha onde vivera, passando esse sobrenome a seus filhos.

participaram ativamente na Confederação do Equador. O seu pai foi sumariamente fuzilado em praça pública em Fortaleza em 7 de maio de 1825 por ordem da Comissão Militar em Fortaleza (CE). A perseguição imperial se abate sobre a família e os bens são confiscados. Quanto a seu irmão mais velho, este foi condenado à prisão perpétua na Ilha de Fernando de Noronha, onde foi depois assassinado.

Aos 18 anos de idade Ibiapina ficou órfão de pai e de mãe, responsável pela educação de um irmão e duas irmãs menores, carregando o fardo da tragédia e da injustiça. Seus biógrafos não esclarecem como se organizou a sobrevivência da família em Pernambuco, mas se referem a uma subscrição constituída no Ceará pelos amigos de seu pai morto, do auxílio dos monges de São Bento, do bispo Dom Thomaz de Noronha (a pedido do Padre João de Deus), do apoio recebido no Convento da Madre de Deus, e, sobretudo, à amizade de um colega de curso, Manoel Teixeira Peixoto, que o hospedou.

No dia 3 de fevereiro de 1828, foi matriculado, pela segunda vez, no Seminário Episcopal de Olinda. No dia 11 de agosto de 1827 foi criado o curso de Ciências Sociais e Jurídicas em Pernambuco, e instalado em 15 de maio de 1828 no Mosteiro de São Bento, na cidade de Olinda. Aprovado nos exames preparatórios, Ibiapina foi matriculado com mais de quarenta companheiros. As aulas tiveram início em 2 de junho e a incompatibilidade de horários levou Ibiapina a fazer uma outra opção pelos estudos jurídicos, passando a residir no Mosteiro de São Bento. Em Olinda (PE), formou-se advogado pela Faculdade de Direito de Pernambuco em 1832. Foi professor de direito natural, juiz de direito e deputado geral na legislatura 1834-1837. Abandonou as atividades políticas e exerceu a advocacia até 1850.

Ibiapina foi um homem público. Após o encerramento da sessão legislativa de 1834, Ibiapina viaja para o Ceará para assumir as funções de Juiz de Direito e Chefe de Polícia de Quixeramobim (CE), trabalhando por pouco tempo. Ibiapina não aceitou a Presidência da Província de Pernambuco (Governador), tampouco a pasta do Ministério da Justiça. A partir de 1838, Ibiapina passou a residir no Recife, mas foi convidado para advogar na Vila Real do Brejo de Areia, na Paraíba. Por volta de 1840, fixa morada em Recife, onde instalou escritório de advocacia no pátio do Carmo, por dez anos, recebendo o título de “defensor dos pobres”, por ser um dos mais notáveis advogados do Recife (PE).

Sua vida em reclusão foi por volta dos 1850 a 1853. Sendo que, em 1850, Ibiapina fechou o escritório e renunciou à carreira de advogado, passando a residir numa casa de tijolos no sítio Caxangá, em Recife, recluso na solidão, rezando, estudando teologia e filosofia. Para uns, monge; para outros, louco. Seja como for, cuidava do jardim e do pomar, em companhia da irmã caçula Ana, e mantinha orientação espiritual com o bispo Dom Fr. Antônio do Desterro

Malheiros.

Em 1853, quando estava próximo de completar 47 anos de idade, decide-se pelo sacerdócio, apresentando como exigências apenas, o não fazer os estudos formais do Seminário. Aceita a proposta pelo bispo Dom Malheiros, no dia 29 de julho de 1853 celebra a primeira missa na Igreja Madre de Deus, no Recife, substituindo o nome de Pereira, por Maria, sagrando-se naquele momento o nome que marcaria a sociedade sertaneja do Nordeste brasileiro: José Antônio Maria Ibiapina. No dia 26 de julho de 1853, celebrou a primeira missa na Igreja Madre de Deus, no Recife.

Nomeado Vigário Geral, provedor do Bispado e professor de eloquência do Seminário de Olinda, logo consegue dispensa dos cargos e honrarias e parte ao encontro do povo, missionando o sertão de cinco Estado do Nordeste (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí), indo até ao último alento de sua vida. Por meio do Evangelho encontro a mensagem igualitária que o levaria à luta pelo soerguimento das populações miseráveis ignoradas pelo poder público, dedicando-se ao trabalho de educação das populações e à reforma dos costumes.

As desilusões foram profundas na vida de Pereirinha, seja como: Juiz de Direito, não podia decidir, haja vista os poderosos inconscientes; como deputado geral, quis lutar e defender o sertanejo nordestino, sendo difícil, pois o Nordeste era desprezado e dominado por poderosos; como advogado, foi negada uma causa justa. Só restava um caminho, missionar como Jesus de Nazaré. Dom Frei João foi quem o ordenou, recebendo a tonsura clerical aos 11 de junho de 1853. No dia seguinte aos 12 de junho do mesmo ano recebeu as duas primeiras ordens menores deostiário e leitor. E, aos 18 de junho de 1853, recebeu as ordens de exorcista e acólito. No dia 19 de junho lhe foi conferido o subdiaconato. No dia 26 de junho, o diaconato. No dia 3 de julho ordenou-se sacerdote aos 47 anos de idade. O Padre Ibiapina foi o maior missionário do Nordeste brasileiro. É considerado o maior missionário não só pelas distâncias percorridas por todos os Estados. Eis o que escreve a professora de Triunfo (PE) Lopes (2004, p. 37):

Padre Ibiapina, no seu incansável trabalho missionário, percorreu mais de **601.758 quilômetros** pelas estradas do **Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco**, com sua batina de brim pardo ou branco, a pé, a cavalo, ao sol, a chuva, enfrentando doenças e animais ferozes e poderosos fazendeiros.

Realizou missões, organizou o povo, conciliou velhas intrigas, levantou e restaurou capelas e igrejas, fundou hospitais, construiu açudes, cacimbas, poços, barragens em **mutirão**, com a comunidade pobre e sofrida do sertão, sem nenhum apoio e ajuda oficial.

Construiu 22 Casas de Caridade, para atender a carentes e órfãs, que eram entregues às irmãs de caridade ou chamadas de beatas. Nas Casas de Caridade as abrigadas aprendiam a ler, escrever e contar, educação religiosa e moral (grifos da autora).

Padre Ibiapina, no decorrer dos trinta anos de ação missionária, influenciou a intensificação do preparo de beatos-leigos, no sertão, levando ao povo sofrido do sertão nordestino palavras de conselho, atuando na conversão dos vícios da bebida, da prostituição, de amancebo, do crime. Padre Ibiapina soube muito bem casar a religião com a vida, pois o povo era sempre amparado com as suas obras de caridade. Padre Ibiapina percorreu e missionou pelas estradas de Carnaibinha, Picos, Barbalha, Caldas, Jaicós, Crato, Santa Fé, Angicos, Assu, Areia, Alagoa Grande, Santa Luzia de Mossoró, Pocinhos, Cajazeiras, Souza, Ouricuri, Flores, Bezerros, Mata Virgem, Cabaceira, Gravatá. O antigo costume sertanejo do mutirão é revitalizado, agora para as obras públicas, sob a palavra condutora e conselheira de Padre José Antônio Maria de Ibiapina. A sua ação se dirige no sentido de preencher vazios institucionais que caracterizam o território das baixas camadas do Nordeste.

Como conselheiro do povo, foi, à maneira dos antigos missionários, suscitando inevitáveis ambiguidades e incompreensões e causando conflitos e tensões de renovação dentro da hierarquia eclesiástica face ao movimento dos beatos que surgiu no século XIX, com ele mesmo. Sempre de batina, a pé ou a cavalo, levando uma vida reservada, longe dos prazeres que sua classe social desfrutava, praticando a religião como um asceta, carregando sob a roupa o cilício. A influência do Padre Ibiapina chega sobre parcela do clero que comunga com ele nos ideais de acolhimento, defesa e evangelização dos empobrecidos. Ele dá uma nova roupagem à atividade dos empobrecidos: o trabalho. Sua atuação evangelizadora era ao mesmo tempo civilizadora.

Entre as décadas de 1850 a 1860, quando o Nordeste do Brasil é oprimido pelas epidemias da febre amarela e do cólera, Padre Mestre Ibiapina e seus séquitos se desdobraram na luta contra a epidemia, demonstrando altruísmo e capacidade de combate contra a adversidade. Na Paraíba, por exemplo, em 1862, desencadeia uma campanha de coleta de recursos e constrói uma casa de caridade, local de isolamento das pessoas acometidas pela doença. Infelizmente, muitos padres, como Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque e Graciano Gomes de Sá Leitão, morreram nesse combate contra o cólera.

As beatas eram verdadeiras mães das órfãs. Eram também educadoras, enfermeiras, escritoras, agricultoras, artesãs, zeladoras. Eram mulheres nordestinas, sertanejas matutas, costumavam ter fama de bondade e santidade. Permaneciam como verdadeiras freiras, mas sem nenhuma interferência de Congregações, eram tidas como irmãs-beatas de Pe. Ibiapina e vestiam-se de preto, podiam ser solteiras, viúvas ou casadas. Em Serra Talhada (PE), o missionário Ibiapina promoveu a paz entre famílias em litígio, segundo Araújo (1996, p. 309):

Ordenou que cavasse um buraco em frente da matriz, para ali serem enterradas todas as armas brancas e de fogo, que estivessem em poder de particulares. Com esse gesto simbólico, pretendia levar inimigos políticos à reconciliação e famílias desavindas à convivência amistosa e à paz doméstica. Com menos armas disponíveis, também o cangaceirismo, que se alastrava pelo sertão, haveria de diminuir.

O povo é movido pelo entusiasmo da palavra inflamada do missionário que pacifica inimizades entre as famílias, combate a preguiça, açoita a avareza, a violência, a prostituição e miséria, em pregações logo após o terço da boca da noite, pois, segundo Araújo (1996, p. 356):

O ponto alto das missões era a sua pregação. Dotado de palavra fácil, dominando perfeitamente as regras da oratória, embevecia os ouvintes com os apelos à conversão e, principalmente, com o ensino de que são capazes de assumir a solução dos próprios problemas. Admirável era sua capacidade de saber convencer.

Enquanto trabalhava na construção (de asilo para órfãos pobres, escola, hospital, oficina de artesanato, cemitério, açude), Padre Ibiapina ensinava regras básicas de higiene, como a construção de moradias arejadas, o plantio de pomares e jardins com plantas medicinais e flores. E ainda como prevenção das doenças, ele a população nordestina a colocar no fundo dos reservatórios de água (cisternas, potes e purrões – grandes jarras fixadas no chão da cozinha ou do banheiro), pedaços de enxofre ou carvão vegetal. A sua proteção se dirige, sobretudo, à mulher nordestina, que não dispunha de escolas no sertão. Funda 22 Casas de Caridade¹⁵ para o acolhimento e aprendizado das artes domésticas, a exemplo, da culinária, bordado e costura. E o cuidado com os enfermos, noções de puericultura, pequena indústria doméstica (fiação, tecelagem, artesanato com palha de milho, fabricação de flores), e ainda, conhecimento de agricultura e formação religioso e moral.

Padre Mestre Ibiapina, sem dúvida, mobilizava a população, porque o povo procurava seguir-lhe os conselhos e recomendações, evitando a violência, entregando-se ao trabalho e à caridade, repetindo, de volta a seus lugares de moradia, as prédicas do missionário, os exemplos, lembrando-se da promessa feita por cada um na confissão, de começar uma nova vida.

Em 1870 Padre Ibiapina discorre uma prédica no Sul do Ceará sobre a espiritualidade das beatas e beatos:

[...] que não consiste em rezar muitos rosários, ouvir muita missa, fazer muita oração, comungar com muita frequência, mas principalmente em buscar o aperfeiçoamento espiritual pela humildade, paciência no sofrimento, em não procurar fazer a própria

¹⁵ A melhor descrição das casas de caridade e irmandades femininas fundadas por Ibiapina encontra-se em José de Figueiredo Filho, “Casa de Caridade do Crato, fruto do apostolado multiforme do padre Ibiapina”, *A Província*, v. III (1955), p. 14-25; ver também Mariz (1942), p. 202-203.

vontade, nem no pensar, no falar e no serviço. A verdadeira espiritualidade está na humildade e caridade, no amor ao próximo, manifestado em fazer o bem aos miseráveis, como se fora feito a si próprio, ou para seus filhos, se o tivesse (Mariz, 1980, p. 162).

Padre Mestre Ibiapina chega a escrever as Regras, o Regimento das Casas de Caridade, instruindo e determinando a educação das órfãs, ressaltando a importância da oração e do trabalho comunitário. Diante do respeito e do prestígio, Padre Ibiapina nos lugares onde prega conta com a adesão da classe abastada, convocando a fazer doações para as obras de caridade. Mas, diante de sua autonomia, fundando a irmandade dos beatos, trouxe-lhe no Ceará desentendimento com o primeiro bispo, Dom Luiz dos Santos, que proíbe os beatos de pedirem esmolas para a manutenção das Casas de Caridade.

O Padre-Mestre Ibiapina se afasta do Ceará entregando-lhe todas as Casas de Caridade, e dedica sua missão na Diocese de Pernambuco, onde é acolhido pelos bispos e sacerdotes, e que também aconteceu com as novas Dioceses criadas na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Houve reação dos beatos, iniciada no Ceará, onde eram tidos como fanáticos, proibidos de proverem as Casas de Caridade ainda com Padre Ibiapina vivo, portanto, foi uma tendência que se ampliou na Igreja Católica do Nordeste que, no início do século XX, como já fizera em Canudos, se alia ao Estado para destruir aqueles “desvios religiosos de antros de loucos” (Barros, 2015, p. 86). É nesse contexto religioso que centenas de beatos se espalham pelo sertão do Nordeste brasileiro, divulgando as concepções do catolicismo popular tradicional, trabalho e caridade, cultivadas pelo missionário para salvação das almas e do mundo. Sob as ordens dos bispos, sem a força do Padre Ibiapina, os padres foram intimados a proibirem a presença dos beatos em suas paróquias, instaurando-se uma ruptura, a separação do catolicismo das elites – ligado ao rigor teológico da hierarquia eclesiástica, e o catolicismo das baixas camadas sociais.

Segundo a historiografia devocional, Padre Ibiapina sofreu, viveu e também fez a história com seu povo do Nordeste, suportando e resistindo o conturbado século XIX de muitas revoluções e da seca 1877. Sempre recusava as honras de fundador, mas morreu no dia 19 de fevereiro de 1883, em sua residência ao lado da Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba, numa segunda-feira da segunda semana da quaresma, aos 77 anos de idade, amado pelos sertanejos que, num primeiro sinal de autonomia face à hierarquia da Igreja Católica, veneraram-no como o Santo Padre Mestre Ibiapina. Porém, o direito de conferir santidade, é um monopólio da Congregação da Causa dos Santos, mas, é conquistado pelas baixas camadas sociais de crentes. Acompanhando Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião, considerados pelos fiéis, de vida sem mácula, humildes, bons com os empobrecidos,

trabalhadores e sem vaidades deste mundo, nomearam-nos os Conselheiros do Nordeste.

Padre-Mestre Ibiapina é um intelectual¹⁶, produto das lutas e da formação teórica do Nordeste insurreto do século XIX, sofreu influências das ideias liberais de seu tempo, tanto pela militância de seu pai, fuzilado com a derrota da Confederação do Equador (1824), quando pelos estudos desenvolvidos na Academia de Olinda, no Curso Jurídico e Ciências Sociais. Como juiz de Direito, Deputado, advogado, tentou aplicar essas ideias para combater os crimes dos potentados, pacificar a sociedade e educar o povo empobrecido para tirá-lo da situação de angústia. Desenganado da justiça dos homens, busca Deus, por meio da mensagem evangélica, pela sua perspectiva utópica, sem proselitismo, combate a escravidão ao dignificar o trabalho, infamante no Brasil escravocrata, como libertador do homem – a oração mais eficaz. Prega a humildade, a pacificação social, reeduca as populações, convoca-as em mutirão para resolverem seus próprios problemas, suprimindo o absenteísmo do Estado.

Sua atuação missionária se estendeu de 1856 até a morte em 19 de fevereiro de 1883 por complicações de Asma. Eram três horas da tarde, uma segunda-feira da segunda semana da quaresma, aos 77 anos de idade. Seu corpo foi sepultado em pequena capela na Casa de Caridade de Santa Fé, Paraíba. A fama de santidade, firmada no exercício heroico das virtudes e guardada na memória popular, fundamentou a abertura de sua causa de canonização, ora em tramitação no Vaticano. O processo de canonização do Padre Ibiapina foi aberto pelo então bispo diocesano de Guarabira (PB), Dom Marcelo Pinto Carvalheira.

Lopes (2004, p. 131) revela que:

Padre Ibiapina é oficialmente *SERVO DE DEUS*, após documento *NIHIL OBSTAT* da Santa Sé, através da Congregação das Causas dos Santos, emitido em 18 de fevereiro de 1992. No mês de outubro de 2002, o reverendo monsenhor Francisco Sadoc entregou à Congregação das Causas dos Santos a documentação exigida para andamento seguro do processo de Canonização.

A pesquisa sobre a figura do conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro, aponta para uma singularidade: os três grandes conselheiros míticos da crença do povo – Padre Ibiapina, beato Antônio e Padre Cícero – ambos são filhos do Ceará.

¹⁶ Utilizamos o termo intelectual segundo o conceito antropológico: “Intelectual é aquele que aos olhos de seu povo domina melhor sua tradição. Ao mesmo tempo pensamos na afirmação de Gramsci de em qualquer trabalho físico existe um mínimo de atividade intelectual criadora. Essa atividade intelectual humana faz com que cada homem, a partir de uma concepção de mundo, contribua para manter ou renovar as maneiras de pensar” (Gramsci, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968, p. 7).

1.1.2 Beato Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro

De acordo com sua certidão de batismo, lavrada em 22 de maio de 1830, Antônio Vicente Mendes Maciel¹⁷ (1830-1897) nasceu em 13 de março do mesmo ano. Filho de um pequeno comerciante que desejava fazê-lo padre, Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina de Jesus –, nasceu na Vila do Campo Maior de Quixeramobim, no Ceará. Sua mãe morreu em 1834, quando ele tinha apenas quatro anos de idade. É escasso o registro escrito, porém, muita história contada, na tradição oral da cultura sertaneja do Nordeste brasileiro, a memória de Antônio. É difícil passar pelo Nordeste sem ouvir uma história a respeito dele.

Por volta de 1836, seu pai se casou novamente, com Francisca Maria Conceição. O menino Antônio Vicente Mendes Maciel, que era extremamente apegado à sua mãe, não digeriu o suficiente o segundo casamento de seu pai. As divergências entre Antônio Maciel e sua madrasta começam a tomar proporções assustadoras a cada dia, a ponto de esta induzir o marido a internar o menino num seminário. O pai logo concordou com a excelente ideia, porém o filho se posicionou de forma antípoda, preferindo permanecer sob o desprezo, o autoritarismo, a arrogância e os maus-tratos da madrasta. Daí por diante o clima familiar era da mais completa hostilidade ao garoto.

Antônio Vicente Mendes Maciel desenvolve como excelente aluno de geografia, latim e português. E quando jovem, foi caixeiro viajante, auxiliar de cartório, trabalhou no comércio, foi rábula e professor Hoornaert (1997, p. 114) afirma que:

[...] seu companheiro de infância, o jornalista João Brígido, conta em 1917 que Antônio Vicente teve uma aprimorada formação em letras primárias e latim, ainda em Quixeramobim, o que lhe deu condições de exercer mais tarde as funções de escrivão do juiz de paz em Ipu. Dos tempos em que estudava com seu mestre de latim e gramática em Quixeramobim, guardou uma boa capacidade de escrever e traduzir frases bíblicas, conforme se pode averiguar nos cadernos guardados. Toda essa ambientação, que não era incomum no sertão do século XIX, fez dele um “homem de letras”, e mais tarde um escritor.

Em 1857, Antônio decide casar com Brasilina Laurentina de Lima, uma jovem filha de um tio. No ano seguinte, o jovem casal mudou-se para Sobral, no Ceará, onde Antônio Vicente atuou como professor do primário, lecionando para os filhos dos comerciantes e fazendeiros da região. E mais tarde atuando como advogado prático, defendendo os indivíduos em troca de

¹⁷ Na construção desta pequena biografia consultamos os seguintes autores: Monteiro (1974), Fiorin (1980), Hoornaert (1997), Benício (1997), Silva (1986 e 1997), Galvão (2001), Barros (2015) e Vasconcellos (2017), cujas obras estão citadas nas referências.

pequena remuneração.

Antônio Vicente Mendes Maciel mudou-se de tempos em tempos em busca de melhores condições para exercer seus ofícios. Se deslocou para Campo Grande, atual Guaraciaba do Norte, em seguida Santa Quitéria e, por fim, em Ipu, no Ceará. Em 1861 ele surpreendeu a sua mulher Brasilina em adultério com um soldado em Sobral (CE), onde vivia e não optou pelos códigos de vingança. Algo que ele já tinha recusado quando não participou das lutas sangrentas entre Araújo e sua família, os Maciéis. E assim afasta-se do comportamento costumeiro de sua cultura, sua conduta contrasta com o julgamento de seus inimigos. Abandona Brasilina e a deixa seguir o seu caminho, sem se sentir humilhado e desonrado.

Antônio Vicente se mudou para o lado do Ibiapaba, na fronteira do Piauí, no lugar denominado de Campo Grande, atual Guaraciaba do Norte (CE), onde vai conviver com uma artesã, uma mulher que se mantinha como escultora, de nome Joana. Ela trabalhava com cestaria e madeira, tinha uma profissão e autonomia para enfrentar os costumes da época e poder viver com Antônio separado, dando-lhe depois um filho, José Aprígio.

A visão a respeito de Antônio Conselheiro presente na documentação escrita da época é frequentemente negativa, com exceção de dois cadernos manuscritos deixados por Antônio Conselheiro e também a história dos feitos do povo sertanejo que foi preservada e transmitida pela tradição oral. As autoridades eclesiásticas, civis, imprensa e os intelectuais da época ignoraram a mensagem cristã pregada pelo beato Antônio Conselheiro, desconhecendo, inclusive, o nome Belo Monte. Levantaram o componente de seu ódio e de sua repulsa – Canudos (BA) –, julgando a comunidade genericamente como um antro de jagunços, analfabetos, fanáticos e criminosos, ameaça à República, à ordem social e à paz pública.

O movimento sociorreligioso desenvolvido pelo beato foi constituído em acordo com os hábitos de uma cultura popular sertaneja, aliado a uma onda mística e religiosa. O beato mistura sua vida com a crença dos camponeses e assimila ao seu modo de vida. Como beato, ele era um penitente sertanejo de moral rígida, hábitos familiares, com um discurso religioso e uma prática social contestadora. Com habilidade e dedicação, o beato Antônio Conselheiro prega e reza pelos sertões nordestinos. Na condição de beato itinerante reúne gente para a construção de obras religiosas como edificação ou restauração de capelas, cemitérios, açudes etc. O conteúdo de suas pregações se estabelece:

[...] numa ordem divina que admite desigualdades e que reserva a cada um, conforme sua posição, determinados direitos e deveres. Quanto aos deserdados – aos pobres – há para eles o consolo de que, pelo caminho das privações e sofrimentos, o céu pode ser alcançado e, ao mesmo tempo, a recomendação de conformismo com a sorte, porção que Deus lhes reservou piedade filial e devotamento dos pais para com os

filhos, ao lado de um rígido puritanismo, são os traços distintivos, no que se refere às recomendações sobre o trato entre gerações e entre os sexos. A lei é necessária e, com ela, os juízes e outros poderes deste mundo (Monteiro, 1974, p. 65-66).

Com muita inspiração e ardor missionário ao seu modo, fez-se pregador dos sertanejos, desempenhando o papel de um exímio conselheiro dos nordestinos, representando a união direta com o sobrenatural. Antônio Conselheiro é um líder que cumpre o papel religioso de, em nome de uma ordem divina, aperfeiçoar o comportamento dos sertanejos com suas ideias de castigo, pecado, promessa de redenção e de reconciliação. Assim, dois cadernos com as anotações do Conselheiro foram encontrados depois da destruição final do arraial de Canudos (BA), no fatídico dia 5 de outubro de 1897 que revelam ser o beato Antônio Conselheiro uma pessoa letrada e inteligente, ainda que de pouca erudição. Era leitor das Sagradas Escrituras e um ávido leitor do latim, interage com eruditos como Santo Agostinho, Jerônimo, São Pedro Damiano, Santo Tomás de Aquino. Foi alimentado por inúmeras fontes, reflexões e referências bíblicas. Durante o tempo em que liderou o Arraial, dedicou-se a escrever os “Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a Salvação dos Homens”, que consiste de uma coletânea de reflexões sobre conteúdos variados, de cunho religioso.

O beato Antônio Conselheiro lutava para preservar as virtudes tradicionais, ameaçadas pela modernidade republicana e, assim fazendo, percorreu os sertões, aproximadamente mais de vinte anos de andanças, com vestes azuis de missionário pregador, líder espiritual, reconstrutor de igrejas e cemitérios sertão afora, aqui e ali, importunando o clero e outros religiosos missionários, entrou na Bahia, tomou conta de uma fazenda.

A vida de peregrino que o beato vinha trilhando acabava de ser inviabilizada, pois, pressentia ver risco de morte. Calasans (1997, p. 59), considerado um dos maiores conhecedores da saga de Canudos e de Antônio Conselheiro, nos proporciona as práticas religiosas dele, que:

[...] além das obras das igrejas, o Conselheiro pregava aos seus fiéis, o que fazia com frequência. Eram os “dias de conselho.” Conhecedor da **Bíblia**, leitor da **Missão Abreviada**, livro de larga divulgação no interior do Brasil, o Conselheiro falava sobre os mandamentos, condenava os pecados, aconselhava para o bem, citando, não raro, frases latinas.

Antônio Conselheiro ganha nome nacional e internacional, nas páginas da obra “A Guerra do Fim do Mundo” (1981), de Mario Vargas Llosa. O autor reescreve o episódio de Canudos dando voz a representantes de vários segmentos e setores da sociedade da época, ampliando o horizonte de análise do evento. Crescia a notoriedade da figura do beato, sendo tratado pelo povo como S. Antônio dos Mares. O beato combate a República com veemência.

Monteiro (1974, p. 59) diz que:

[...] é evidente que a república permanece sobre um princípio falso e dele não se pode tirar consequência legítima: sustentar o contrário seria absurdo, espantoso e singularíssimo; porque, ainda que ela trouxesse o bem para o país, por si é má, porque vai de encontro à vontade de Deus, com manifesta ofensa de sua divina lei.

Com o fim da escravidão em 1888, vários libertos das fazendas onde trabalhavam sem ter uma outra opção de subsistência, partiram em procura de Antônio Conselheiro no Arraial de Canudos. Os grandes latifundiários e poderosos ficam contra ele e veem nele o perigo à ordem estabelecida. Parte da Igreja Católica se associou a juízes de direito na Bahia, na empreitada de conseguir uma vaga no hospício do rio de Janeiro, para internar o Antônio Conselheiro como louco. Em suas pregações pelo interior de Sergipe, em 22 de novembro de 1874, “O Rabudo”, jornal da cidade de Estância, trouxe na primeira página um clima de hostilidade contra o beato. Com fama de “homem santo” e peregrino, Antônio Conselheiro foi preso em 1876, nos sertões da Bahia, pois corria a suspeita de que ele teria matado a sua mãe e esposa. Foi preso e remetido à sua terra, Quixeramobim (CE), onde foi concluído que não há nenhum crime contra a sua pessoa, pois, a sua mãe havia morrido quando ele tinha quatro anos de idade. Ele foi posto em liberdade e retorna à Bahia.

A missão de Antônio Conselheiro no Arraial de Canudos, na Bahia, alia-se ao trabalho desenvolvido por Padre Ibiapina nas terras dos sertões. O beato Antônio Conselheiro tinha a mesma aptidão e imagem performática de missionários dos antigos capuchinhos que andavam pregando as santas missões pelas cidades e lugarejos do Nordeste; vivia como um deles: a barba grande, o hábito desbotado, sempre de sandálias; a coragem diária, o costume das missões sem nenhum conforto. A ensaísta Galvão (2001, p. 45) diz que:

[...] havia dois ofícios diários, à madrugada e à noitinha ou fim da tarde, e periodicamente os *conselhos* com data marcada, para os quais acorria gente até de longe, ansiosa por ouvir a palavra do Peregrino. Canudos assim tornou-se um centro de romaria, atraindo crentes que ali chegavam para pedir audiência e fazer doações.

O cenário da época do Conselheiro era de um catolicismo popular sertanejo herdado da cultura ibérica. A hierarquia eclesiástica perseguia como demoníacas todos os fenômenos religiosos fora de seus dogmas. Por isso, o processo romanização correspondeu à afirmação de guerra aos beatos e beatas. Pode-se ligar também Antônio Conselheiro e Padre Cícero aos protestos sociais e ao distanciamento da hierarquia eclesiástica. Antônio Conselheiro dava prosseguimento à tradição brasileira de liderança leiga. Suas pregações, revelam ser o Antônio

um homem letrado e inteligente, atraindo milhares de agricultores pobres para viver em comunidade e em regime de trabalho comunitário, conseguindo que ninguém passasse fome. Esse cenário econômico, social e geográfico converge com os elementos históricos e sociológicos em diferentes níveis e pontos das três figuras míticas da crença do povo do Nordeste – o Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e o Padre Cícero são filhos do Ceará.

O beato Antônio Conselheiro passa pelo Cariri ao tempo em que a palavra de Padre Ibiapina missionava o povo do Ceará que aí acorria. As comoventes páginas escritas de Ibiapina são redigidas despedindo-se dessa região, que manteve o Padre Cícero preso à terra e ao povo, até nos enfrentamentos com as autoridades eclesiásticas católicas.

Em 5 de outubro de 1897 foram eliminados os últimos defensores do Arraial do Belo Monte, em Canudos (BA). O cadáver de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro foi encontrado e sua cabeça foi decepada e levada até a Faculdade de Medicina de Salvador para ser examinada pelo Dra. Nina Rodrigues, porque para a ciências da época, “a loucura, a demência e o fanatismo” deveriam estar estampados nas características de seu rosto e no crânio. O arraial foi totalmente destruído. E no dia 3 de março de 1905, um incêndio na antiga Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, em Salvador (BA), destruiu a cabeça de Antônio Maciel.

1.1.3 Padre Cícero Romão Batista

O menino Cícero Romão Batista¹⁸ nasceu na cidade do Crato, “na rua Grande, atualmente Miguel Limaverde, oito a dez casas acima da igreja de São Vicente Ferrer, lado do sol, no dia 24 de março de 1844” (Sobreira, 1969, p. 24), filho de Joaquim Romão Batista, um pequeno comerciante de tecidos e ferragens. Sua mãe, Joaquina Vicência Romana, conhecida como Dona Quinô, era dona de casa. O núcleo familiar incluía duas irmãs. Cícero foi o primogênito e único filho homem desta família de poucas posses. Cícero nasceu na região conhecida como Vale do Cariri e visitada pelos povos originários, porque, para eles, o lugar era sagrado. Era o espaço onde os seus rituais eram realizados. É um lugar cercado por montanhas – a Chapada do Araripe - onde encontra-se água em abundância, com cerca de 348 fontes naturais, conforme Annette (2017, p. 43-44). O que não elimina que essa região não seja atingida pelas secas.

Dividimos as principais influências na vida e na obra de Padre Cícero. Na adolescência,

¹⁸ Na elaboração desta biografia consultamos os seguintes autores: Sobreira (1969), Anselmo (1968), Guimarães (1983), Cava (1985) Barros (1988), Braga (2008), Lira (2009), cujas obras estão citadas nas referências.

por volta dos seis anos de idade, Cícero recebeu ajuda do professor Rufino de Alcântara nos seus estudos primários. Aos doze anos, têm aulas com o seu parente, José Marrocos, um padre casado, que lhe ensina latim. A sua mãe, D. Quinô, uma religiosa fervorosa, incentivou o seu filho para as práticas religiosas, marcando definitivamente a sua formação. O seu primeiro mestre-escola que Cícero teve foi com o professor Rufino, natural de Icó (CE), que morava na vizinhança. Nessa escola ele se matriculou aos seis anos de idade. Logo depois, estudou com os professores Jesuíno e Laureno Brizeno, a seguir com o Padre José Marrocos. Somente na juventude, aos dezesseis anos de idade é que Cícero foi para Cajazeiras (PB), onde ficou sob a batuta do renomado educador Padre Inácio de Souza Rolim¹⁹, cuja ocasião teve por colega de estudos o futuro Cardeal Dom Joaquim Arcoverde. Daí por diante, os únicos mestres que teve foram os Padres Lazaristas, de origem francesa, que em 1864 tinham assumido a direção do Seminário Provincial de Fortaleza. E assim prosseguiu os seus estudos, por sete anos ininterruptos.

Cícero Romão Batista foi ordenado subdiácono no dia 20 de novembro e no dia 27 de novembro foi ordenado diácono, sagrando-se sacerdote no dia 30 de novembro de 1870, em Fortaleza, e retorna ao Crato, sua terra natal, no dia 8 de janeiro de 1871; celebra sua primeira missa no altar de Nossa Senhora da Penha. Nessa época, recebe um convite para celebrar e atender os fiéis da Capela de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro do Norte. Padre Cícero pretendia voltar a Fortaleza (CE) atendendo o convite para ser professor no Seminário, onde havia realizado seus estudos eclesiásticos.

Padre Cícero Romão Batista, aos 11 de abril de 1872, chega ao povoado denominado “Taboleiro Grande²⁰” com sua família e pouca bagagem. Os relatos conhecidos são de que Padre Cícero foi morar no Juazeiro em decorrência de um sonho, cujo fato marcou a vida do Padre Cícero, porque assumiu a função de conselheiro das massas nordestinas. Em 1872 o pequeno arraial era um aglomerado de casas de taipa, convergindo para uma Capela dedicada à Nossa Senhora das Dores, dona do lugar; erigida pelo primeiro Capelão, Padre Pedro Ribeiro de Carvalho. Paulatinamente Juazeiro passou a ser um modelo de ordem social e de virtude.

¹⁹ O Pe. Inácio Rolim se destacou como grande educador e foi considerado, por D. Pedro II, o “Anchieta do Nordeste” [...]. Foi o Pe. Rolim quem impulsionou e inspirou a construção de uma cidade ao redor de uma árvore, Cajazeiras, a partir do método fazer, do construir; do outro lado teremos o Pe. Cícero, seu ex-aluno, que à sombra de outra frondosa árvore, o Juazeiro, colaborou com a fundação de mais uma cidade, partindo do desenvolvimento sustentável, “uma cidade do saber fazer”. Os dois acreditaram, confiaram na juventude e no povo nordestino e não mediram esforços para que a aprendizagem acontecesse na prática, no concreto da vida (Ronsi, 2021, p. 78-79).

²⁰ Segundo Padre Azarias Sobreira (1969, p. 19), no povoado propriamente dito, havia umas cinquenta a sessenta casas, quase todas cobertas de palha e de humílima aparência, disseminadas nas imediações da capelinha, dedicada à Virgem Santíssima, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores.

Durante muito tempo Padre Cícero permaneceu na pobreza. Não quis receber nada pelos sacramentos que administrava. Adquiriu fama de um sacerdote dedicado inteiramente ao povo do sertão, sempre disponível, atento, um excelente conselheiro do povo, aceitando trabalhar na capelinha mais empobrecida da diocese. Bem antes de acontecer o milagre da hóstia consagrada que teria vertido sangue na boca da beata Maria de Araújo, Padre Cícero já tinha fama de santo, de profeta e de milagreiro pelo povo do sertão nordestino.

No período da seca de 1888, Padre Cícero fez a promessa de levantar uma grande igreja, em honra do Sagrado Coração, no alto da serra do Catolé. Com as chuvas as obras tiveram início, cumprindo, assim, a promessa recebida do retorno das chuvas nos sertões. Juazeiro era, de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo Patriarca, que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais romeiros, pelo contrário, consideravam-se apenas afilhados do Padre Cícero (Cava, 1985, p. 141). O Pe. Cícero Romão Batista foi um conselheiro que suplantou a vida mística e espiritual e se plantou no chão das realidades sociopolíticas da região do Vale do Cariri, no Ceará. O Padre Azarias Sobreira (1969, p. 53) referindo-se ao Padre Cícero supõe que nele moravam, sob certos aspectos, o Santo Cura d’Ars, S. Vicente de Paulo, S. Francisco de Sales e, de mistura, em aposentes bem mais humildes, porém em singular parceria, Eutíquio, Savonarola e Antônio Conselheiro. Foi exatamente por isto que continua sendo um enigma para todos quantos procuram estudar-lhe a estranha personalidade. Se, para muita gente, foi um santo de primeira água, para outros foi pouco menos do que um explorador das massas, para quem a moral se resumisse no mais despeado utilitarismo.

Os sertanejos mergulhados no catolicismo popular recebiam uma mediação pela figura paterna do conselheiro e experimentavam a liberdade de suas crenças religiosas, fugindo do esquema político-social dominante vivenciando a esperança. Padre Cícero foi um conselheiro respeitado no catolicismo popular do Nordeste brasileiro, representando a figura paterna e afetuosa do conselheiro na cultura popular nordestina; conseguiu muito bem alimentar a fé do romeiro dentro de uma realidade muito específica. A herança dos conselhos de Padre Cícero, era que em cada casa tivesse um oratório e uma oficina, onde oração e trabalho eram indissociáveis. Assim diz o sertanejo em situações de dificuldades e perigos: “Valei-me Nossa Senhora!”, “valei-me Padim Cícero!” Essa manifestação devocional foi sendo cristalizada por meio dos conselheiros presentes na vida dos nordestinos, possibilitando o encaminhamento de muitas e muitas pessoas para uma vida mais decente. “Não toquem no alheio, não bebam cachaça, não bulam nos pertences dos outros”, são conselhos reveladores desta distinção do Padre Cícero diante dos dois combatentes, o jagunço José Pedro e o romeiro Quintino Feitosa,

porque representam seu compromisso com a não-violência em tempos de guerra que sacudiu o Ceará em 1914.

O Padre Cícero não participa da conspiração e fica do lado da população. A caridade e a pacificação são os objetivos da ação política, social e econômica do Padre Cícero Romão Batista. Segundo os romeiros, ainda hoje o santo conselheiro, como o consideram, ajuda as pessoas que a ele recorrem para resolver seus problemas na vida cotidiana. São os símbolos religiosos que conectam os romeiros à devoção ao Padrinho – qualificação pela qual é designado-, como o rosário, o cajado, o chapéu de palha. A Casa Museu do Padrinho e o seu mausoléu na Capela do Socorro são lugares de visita dos inúmeros romeiros. O lugar da penitência dos romeiros se encontra na Serra do Horto, passando por estreitos caminhos, pois é um ritual que exige cuidado e paciência.

Diante das necessidades humanas e pastorais que encontra em Juazeiro, decide ali permanecer, onde passa a residir com seus familiares. A seu pedido, em setembro de 1872, o bispo o nomeia capelão de Nossa Senhora das Dores. Após estar estabelecido há dezessete anos em Juazeiro, Padre Cícero, no dia 1º de março de 1889 (foi também um ano de seca), depois de uma longa vigília noturna de oração, ao dar a comunhão para Maria de Araújo, presencia o fenômeno extraordinário do sangramento da hóstia, fato que se repete em diversas ocasiões. Sobre o episódio do milagre protagonizado pela beata Maria de Araújo²¹, Lima (2008, p. 138) sugere:

[...] quatro hipóteses para o fenômeno da “comunhão ensangüentada.” A primeira é apoiada pelo “Padrim” e pelos médicos que fizeram o primeiro exame concluindo como evento de natureza miraculosa. A segunda é defendida pela igreja oficial que aponta o acontecido como fruto de superstição, fanatismo e abuso à “Santa Eucaristia.” A terceira foi apresentada pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo, e classifica o fato como um embuste patrocinado pelo Prof. José Marrocos em conivência com a beata; e finalmente levantada pelo Dr. Júlio César da Fonseca, qualificando o caso como fruto da influência do psiismo sobre o organismo e, posteriormente, pela parapsicologia como caso de “aporte.”

Depois disso a sua atividade pastoral concentra-se sobretudo no aconselhamento daqueles que o procuravam. Sua palavra e ensinamentos penetram tanto nas casas senhoriais quanto nos casebres. Foi influenciado pelo saber e pela prática popular, das missões e pregações de Padre Ibiapina. Empenha-se para capacitar os sertanejos. Sua permanente busca pela

²¹ Uma referência importante é o livro “Maria de Araújo: uma santa saindo da penumbra” de Ercília Maria Braga de Olinda (2021), cuja obra foi fruto de uma pesquisa qualitativa realizada entre março de 2016 e junho de 2018. A autora elaborou uma tese “Uma santa na penumbra: razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na história e na prática pedagógica do ensino fundamental. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018. A pesquisa foi parte do pós-doutorado realizado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a supervisão do Prof. Dr. Renato Kirshner.

readmissão no uso das sagradas ordens o leva, em 1898, a Roma, onde é autorizado a celebrar e é absolvido das sanções eclesiásticas. Não obstante, seu bispo ordinário mantém a proibição de administrar os sacramentos no âmbito de Juazeiro e adjacências. Com Plácido C. Nuvens (1994, p. 29-30) temos a seguinte observação:

Padre Cícero, impedido de exercer uma ação pastoral meramente sacramentaria, uma vez que estava suspenso do uso das suas ordens sacras, teve que realizar um trabalho que identificou com a ação de Ibiapina, realizando uma ação de conselheiro e padrinho lá onde se estrangulavam os angustiantes problemas da população. Há necessidade de solucionar os conflitos, de apaziguar os ânimos, de acolher tantos retirantes, de colocar jovens e adultos no campo do trabalho. Tudo isto é problema do quotidiano e as soluções devem começar aqui e não apenas na eternidade ditosa. E a estratégia de fazer de Juazeiro um lugar de oração e trabalho, fez de Juazeiro um lugar sagrado, onde se manifesta o poder de Deus não apenas nos fatos miraculosos, então, proibidos e censurados. Mas através de uma ação de aconselhamento que vê no trabalho a possibilidade de encaminhamento de muitas e muitas pessoas para uma vida mais decente, base futura de uma realidade mais abrangente. A palavra do Padre Cícero era a palavra da misericórdia de Deus: “quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais, quem pecou não pegue mais”.

Padre Cícero passou a maior parte da sua vida dando conselhos às pessoas que o procuravam em Juazeiro do Norte (CE). Há um depoimento em Hoornaert (1969, p. 592-593) que evidencia seu papel de conselheiro no seguinte diálogo entre um devoto e o Padre:

Quando cheguei a Juazeiro com toda família, fui ao padrinho e disse: 'Meu padrinho, cheguei aqui para pedir um meio de vivência aqui'. O padrinho disse: 'Escolha um dos dois: ou trabalho ou negócio; tem que ficar com trabalho ou com negócio'. Eu achava ótimo o negócio. E pronto fui para o negócio. E fiquei no negócio e me dei bem.

Lira Neto (2009, p. 281) diz que “a exemplo dos pajés das antigas nações cariris, cujo sangue lhe corria nas veias misturado aos dos ancestrais portugueses, Cícero passara a acumular as funções de conselheiro, benzedor e curandeiro”. Padre Cícero exerceu uma autoridade paternal-religiosa. O padrinho, como é chamado pelos devotos, se insere dentro do contexto do compadrio, estreitamente ligado às tradições populares, impossibilitando uma tomada de consciência de grupo por parte dos afilhados, que aprendem a esperar tudo do padrinho. A relação do Pe. Cícero com a população do sertão não se constitui pelo mandonismo e sujeição, como era uma prática dos coronéis diante dos seus agregados. Tendo superado a lógica das facções, que regia as relações sociais naquele contexto, Padre Cícero se torna o Padrinho Conselheiro de todos os órfãos deserdados, como observa Cava (1985, p. 141):

Juazeiro era, de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo Patriarca, que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos criminosos e pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais

romeiros, pelo contrário, consideravam-se apenas afilhados do Padre Cícero.

É compreensível perceber que o apadrinhamento ainda permanece como uma das principais instituições da estrutura social nordestina, de acordo com Oliveira (1988, p. 173), pois:

Quando alguém usa a expressão “meu padrinho”, é porque identifica nesta pessoa a capacidade muito pronunciada de se responsabilizar por seus afilhados. [...] Quando alguém se dirige a outro com a expressão “meu padrinho”, está-lhe rendendo ao mesmo tempo gratidão, oferecendo-lhe fidelidade, tudo isso com o significado de um título que é também de orientador, aquele que merece respeito, enfim, é um símbolo de prestação de obediência, é a escolha espontânea de alguém que merece, por sua conduta, a confiança de dirigir e **aconselhar** suas próprias opções de vida (grifo nosso).

A relação de Padre Cícero com a população do sertão não se constitui pelo mandonismo e sujeição, como era uma prática dos coronéis diante dos seus agregados. Tendo superado a lógica das facções, que regia as relações sociais naquele contexto, Padre Cícero se torna o Padrinho de todos os órfãos deserdados. Na linha de argumentação de Silveira (1976, p. 234), no resumo do Testamento do Padre Cícero de 1923 há um trecho em que ele declara que:

[...] esses conselhos que sempre dei em minha vida não me canso de repeti-los aqui para que, depois da minha morte, fiquem bem gravados na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram o objeto da minha maior preocupação.

Padre Cícero é o grande conselheiro da memória nordestina, que se envolve com todos os aspectos do cotidiano dessa sociedade, tais como métodos de higiene, noções de agricultura, conselhos matrimoniais, conciliação de conflitos familiares e de vizinhança. Um aspecto central na figura do conselheiro é o próprio aconselhamento. Fica a pergunta: por que, seguindo uma tradição ancestral, os romeiros procuram aconselhar-se com o Padre Cícero Romão Batista?

O zelo pastoral de Padre Cícero o induz a uma ação que visava orientar, organizar, sempre em mutirão e moralizar com energia e rigor não apenas a vida religiosa, mas também social do lugar. Era um padre de escuta e hospitaleiro, acolhedor, valorizando e identificando as carências e reconhecendo o valor e a dignidade dos sertanejos pobres nordestinos. Abraça a causa e começa a se impor como pregador, conselheiro, fundando em Juazeiro do Norte as Conferências Vicentinas e o Apostolado da Oração em consoante com a formação espiritual e teológica que recebeu dos lazaristas. Dedicando-se a corrigir os vícios do povo e também os abusos morais, chegando a proibir as danças, conseguiu que os homens parassem de bater nas mulheres e obrigou as prostitutas a confessar seus pecados.

No contexto de pobreza do Nordeste e do desalento dos devotos, o Padre Cícero aconselha aos seus conterrâneos a reclamar e reivindicar, fazendo valer seus direitos para fortalecer sua terra e sua identidade como povo. Nesse ponto diverge frontalmente Frei Damião que ignorava os movimentos sociais do Nordeste. Uma particularidade da missão de Padre Cícero é que ele não viajava, os devotos é que iam até ele. No caso dos sertanejos nordestinos, existe um patrimônio cultural que foi ensinado pelos antigos e passado de pai para filho, por meio da oralidade. Dentre seus inúmeros conselhos, destacamos alguns que fazem ecos aos olhos dos dias atuais, a Encíclica do Sumo Pontífice Papa Francisco, “*Laudato Si*” – sobre o cuidado da casa comum (2015). Aconselhava:

Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau. Não toque fogo no roçado nem na caatinga. Não cace mais e deixe os bichos viverem. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá, ou outra árvore qualquer, até que o sertão seja uma mata só. Não plante serra acima, nem faça roçado em ladeira; deixe o mato protegendo a terra para que a água não arraste e não se perca sua riqueza (Barreto, 2003, p. 44).

Seus conselhos não perderam a validade com a distância no tempo. Ele se envolve com todos os aspectos do cotidiano da vida das pessoas. Por volta do final do século XIX e início do século XX, Padre Cícero já aconselhava o povo no sentido de se preservar o meio ambiente para a sobrevivência de todos. Também em suas cartas ele aconselha os fiéis: “não vá morar em terra de senhor de engenho. Não venda suas terras. Não queiram morar em terra alheia. Compre sua terra” (Barreto, 2003, p. 43). Padre Cícero também foi responsável pela mudança de comportamento e conversão de jagunços e criminosos e pelo desarmamento de bandos inteiros pelos sertões. Seus conselhos estão presentes no substrato religioso que foram passando de geração em geração; tanto isso é verdade que alguns dos conselhos dados pelo Frei Damião já haviam sido ditos por Padre Cícero.

Segundo Azzi (1991, p. 17), numa perspectiva histórica, o grande movimento dos romeiros em Juazeiro do Norte (CE) significa “a resistência e a reação das camadas populares na defesa do seu tradicional catolicismo luso-brasileiro, diante do avanço do catolicismo romanizado na área rural. ” A devoção ao Padre Cícero se dá em função da sua ação profética, de conselheiro, vidente e milagreiro. Aconselhava que os devotos plantassem mandioca, auxiliava na construção de açudes, incentivava o artesanato local e promoveu o nascimento da indústria de relógios de Juazeiro do Norte (CE).

O Padre Cícero Romão Batista faleceu no dia 20 de julho de 1934, com 90 anos de idade, depois de ter recebido os últimos sacramentos. Foi um acontecimento de grande comoção popular no Nordeste brasileiro. O prestígio de padre Cícero como conselheiro e como santo não

diminuiu em nada com o passar dos tempos, e sua memória permanece viva no catolicismo popular sertanejo. O movimento de romeiros de Pe. Cícero atrai, a cada ano, milhares de devotos ao Juazeiro do Norte (CE), em busca de renovação da fé e enfrentamento das dificuldades da vida, embora não tenha sido canonizado pela hierarquia eclesiástica. Em 2014, porém, por ocasião da Festa do Centenário da Diocese do Crato (CE), o Cardeal João Braz de Aviz participou das festividades em nome do Papa Francisco e comunicou acerca da mensagem da Santa Sé, assinada pelo secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolini, que reconhece a grandeza e originalidade dessas manifestações do catolicismo popular sertanejo, das romarias e da devoção ao Padre Cícero, possibilitando um maior estreitamento dos romeiros com a hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana.

Na manhã de sábado, no dia 20 de agosto de 2002, em missa campal o Bispo da Diocese do Crato (CE), Dom Magnus Henrique Lopes, anunciou, por ocasião de uma grande romaria que se realiza todo dia 20 de agosto, em Juazeiro do Norte (CE), que a Santa Sé autoriza a abertura do processo de beatificação do Padre Cícero Romão Batista – já na condição de Servo de Deus.

1.1.4 Frei Damião de Bozzano como conselheiro do catolicismo popular sertanejo

Este subcapítulo tem como função uma análise sobre Frei Damião como conselheiro e, para isso, apoia-se na descrição da temática religiosa que descreve as maravilhas que Deus operou em Frei Damião, austero e ardoroso conselheiro, bem como em algumas entrevistas que foram colhidas com pessoas que conheceram o frade capuchinho.

Frei Damião é um conselheiro tridentino do catolicismo popular sertanejo que corporiza a herança cultural do povo sertanejo. Sua fama de excelente conselheiro e de “santo homem” se espalhou por todo o território do Nordeste. A pesquisa tem por base de campo guiada pela hipótese escolhida de ter sido o missionário capuchinho reinterpretado pela cultura sertaneja como um grande conselheiro, na tradição iniciada pelo Padre José Antônio de Maria Ibiapina (1806-1883) e que teve no Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) sua referência. Para Azarias Sobreira (1969, p. 31), em alto relevo, parece que o incentivo por excelência lhe veio do saudoso Padre-mestre Ibiapina, como ainda hoje é recordado pelos anciãos nordestinos. Na verdade. Quando, em abril de 1872, o Padre Cícero foi morar em Juazeiro, já a fama do Padre Ibiapina empolgava as populações do Cariri. Dessa forma, na perspectiva de Barbosa (2007, p. 16-17):

Pois o Padre Cícero, privado do exercício do ministério sacerdotal, torna-se como *Padim Ciço* o Conselheiro e Romeiro por antonomásia, em que os romeiros se espelham, tomando-o como seu protetor e guia. Ele representa para o romeiro mais como profeta e taumaturgo, mediador de bênçãos e favores divinos, do que como clérigo e funcionário da instituição. Essa metamorfose dos presbíteros e capelão do povoado aconteceu num clima de hesitação, dúvidas e conflitos, nos eventos do sonho (I), do milagre (II) e da guerra (III).

E Frei Damião segue essa mesma linha pedagógica de Padre Cícero Romão, modificando a geografia e o tempo, como “quem matou, não mate mais; quem roubou, não roube mais. As pessoas que furtam vão para as profundezas do inferno”. Frei Damião deu início nas suas atividades no meio do povo três anos antes da morte do Padre Cícero, e muitas pessoas confirmam, ainda hoje, que ele é o continuador do padrinho do Juazeiro. Um ponto comum dos dois é a sensibilidade para com os pobres, além do uso de uma linguagem simples. Combatendo os vícios, os jogos, resolvendo contenda de terras de fazendeiros e outras questões da comunidade, a função dos dois conselheiros converge.

O Padre Cícero relacionou-se com vários grupos que formavam a estrutura social da sociedade de sua época, sem se identificar com nenhum deles e agindo para fortalecer os princípios da caridade, fazendo valer seus direitos para assegurar a identidade como povo. Nesse ponto diverge frontalmente de Frei Damião que ignorava os movimentos sociais do Nordeste.

Frei Damião por meio dos seus aconselhamentos plantava a semente do perdão e da misericórdia, daí que “nascia um novo espaço social no meio da provação calamitosa do povo esmagado pela seca e pelo latifúndio” (Nuvens, 1995, p. 30). Segundo a crença, Deus se manifesta ao povo nos conselhos de um missionário que compreendia a alma sertaneja. O capuchinho aconselhava nos momentos mais difíceis de ansiedade do povo na indecisão acerca de qual caminho seguir. Os conselhos podiam variar, fosse um problema familiar, um casamento, uma viagem a fazer, um negócio a estabelecer, um pedaço de terra a comprar ou a vender.

Nesse sentido, é assim que o sertanejo do Nordeste brasileiro ao longo dos anos apropriou-se dessa figura do conselheiro por meio do substrato religioso, sobretudo nas classes populares através da presença marcante dos antigos missionários, leigos, beatos; considerando o Padre Ibiapina essa figura matricial de uma sucessão de notáveis conselheiros do povo.

A dimensão da pessoa de Frei Damião como conselheiro na vida dos nordestinos se sustenta pela fé, reanimando-os e clareando-os na sua realidade que na maioria das vezes é sofrida e altamente excludente. Os conselhos de Frei Damião não tinham nada de incomum, mas pelo simples fato de serem pronunciados pela boca de um santo tinham uma enorme

relevância, uma poderosa convicção que se estendia por anos seguidos e não raras vezes pela vida inteira dos seus seguidores. O capuchinho aconselhava a não dançar, evitar ociosidade, as más leituras e companhias, sobretudo as do sexo oposto; há alguns temas de conselhos que são mais recorrentes: o paraíso, o inferno, a morte e o Juízo Final.

É incontestável que depois de vinte anos de sua chegada ao Nordeste brasileiro, já na década de 40, Frei Damião é reconhecido pelos devotos sertanejos como um conselheiro respeitado e consagrado, passando a orientar o povo em problemas da vida, como o adultério, o namoro, o demônio, a pílula, o beijo, o concubinato, entre outros conselhos. A tese de que Frei Damião foi um excelente conselheiro e aparece no exato momento em que recordamos que somos filhos de uma cultura africana e indígena.

O costume de tomar conselhos vem dos índios que consultavam o Pagé (*sic*)²² em qualquer oportunidade, quer se tratasse de saúde, de segurança social ou de cunho religioso. O Pagé não era só um macumbeiro, um curandeiro, um mágico. Representava ele também o repositório institucional da sabedoria de vida no âmbito da tradição dos índios. Ele, o Pagé, era sobretudo o conselheiro aquele que tinha o tirocínio e o conhecimento, no sentido da vasta sabedoria de vida. E nossas raízes indígenas colocam na figura do Padre Cícero a auréola do grande conselheiro tanto a nível individual como a nível social (Nuvens, 1994, p. 28).

Os líderes das comunidades primitivas, africanas e indígenas representam a cosmovisão das culturas ameaçadas por uma evangelização imposta e relegadas pela sociedade de consumo. A busca das raízes religiosas por essas comunidades significa o desejo de encontrar segurança professando suas crenças originais e resguardando sua capacidade de compreensão do mundo. Nasce daí o valor do conselho que é fundamental na vida das pessoas. Não foi sem fundamento que Hoornaert (1969) disse que pela confissão se enraíza a imagem performática do padre no esquema mental dos seguidores do Catolicismo Popular sertanejo, pois o relacionamento paternal que a confissão requer só é benquisto quando o padre é bom conselheiro, como é o caso de Pe. Cícero e Frei Damião. Há uma semelhança incontestável entre os antigos conselheiros do sertão nordestino e Frei Damião. Os conselhos de ambos foram dados às populações pobres, oprimidas e dispersas em termos de fé e território; preocupam-se em conferir-lhes um sentido de identidade.

Uma constante nos conselhos de Frei Damião era a dependência aos sacramentos como a única saída para a salvação. Dessa forma, ir à igreja, confessar-se, estaria em contraste com aquilo que era tão caro às festividades do catolicismo popular sertanejo, em que há muita dança, muita comida, muita bebida. Os nordestinos notam no missionário não apenas o religioso atormentado com a salvação de suas almas, mas um conselheiro, tal qual seu antecessor direto,

²² A ortografia do nome “pagé” é do autor que se segue na citação.

Padre Cícero Romão Batista.

Durante a pesquisa verificamos que os conselhos do capuchinho estão presentes na memória dos devotos e romeiros, incorporados à cultura local. Sua pregação enérgica era de linguagem simples e direta, sempre considerando acerca da salvação ou a danação da alma no fogo do inferno. Por isso, Frei Damião veio para o Nordeste em 1931, na condição de missionário religioso italiano da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, pertencente ao grupo dos franciscanos que teve sua origem na primeira metade do século XVI, sob a liderança de Frei Mateus de Bassi (1495-1552).

O movimento capuchinho integrou a “reforma católica”, no tempo de Martinho Lutero (1483-1546), por conseguinte, ao estudar a vida e obra de Frei Damião, que chega da Itália imbuído de ardor missionário e é consumido aos poucos (absorvido) pela cultura sertaneja. Frei Damião ao longo de seis décadas saciou a fome espiritual da população sertaneja. Mas o fez menos por meio dos Sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana, como era sua intenção manifesta, do que por ter sido incorporado à cultura sertaneja que fez dele o último de seus grandes conselheiros. Essa metamorfose cultural foi objeto de pesquisa²³ e merece ser examinada mais de perto porque revela essa dimensão ainda pouco estudada do Catolicismo Popular brasileiro: a figura do Conselheiro.

Quando perguntamos às pessoas que conviveram com o conselheiro “o que você se lembra do que aprendeu com Frei Damião?”, a resposta é categórica em dizer que aprenderam com seus conselhos sobre o bem, a fidelidade, os perigos do inferno e outros. O panorama religioso do sertão nordestino era receptivo a um conselheiro que ocupasse o lugar deixado por Padre Cícero Romão. Por isso o Frei tornou-se conselheiro dando aos sertanejos uma resposta sobrenatural aos seus dilemas e aflições. Para Moura (1978, p. 38-39), são exemplos de conselhos do frade dos quais os devotos se recordam: o matrimônio só poderá ser desfeito por morte ou do esposo ou da esposa. Quem deixa o casamento religioso para se casar no civil está no inferno de cabeça para baixo, pois deve obedecer à Igreja Católica²⁴ e seguir com exatidão a sua lei, a sua doutrina.

²³ Esta foi uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC- Minas em 2010, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro A. Ribeiro de Oliveira (Louvaina, Bélgica). Pesquisador do ISER-Assessoria.

²⁴ O catolicismo conhece ritos distintos: latino, bizantino, caldeu, armênio, antioqueno, alexandrino e outros. A igreja de rito latino tem sua sede em Roma e é chamada Igreja Católica Apostólica Romana desde o século XVI. Dentro desta igreja há uma considerável variedade de ritos de acordo com a índole dos povos. A partir dos concílios, a igreja católica (católica significando universal) vem tentando adaptar-se à modernidade e pós-modernidade (Poel, 2013, p. 498).

1.2 O papel do beato na cultura nordestina

A cultura popular nordestina corresponde a uma cultura de tradição oral. Em hipótese alguma devemos conceber a figura do conselheiro dissociado da cultura popular nordestina que é onde se constata maior existência de beatos e conselheiros e conselheiras. No catolicismo popular sertanejo existe inclusive uma hierarquia, o beato está abaixo do conselheiro. O beato tinha como função angariar esmolas para edificação de igrejas, capelas, cemitérios, e conduzia os cantos, puxava terços, dirigia as rezas. O beato podia ter uma progressão, quando ele “adquiria condições para, além disso, proferir prédicas, ou conselhos, passava a conselheiro” (Galvão, 2001, p. 33). Calasans (1986, p. 13) define os papéis desses religiosos leigos quando diz que:

Admitimos, na igreja popular sertaneja, uma hierarquia, com *beatos e conselheiros*. Tivemos, como já foi dito, nossa atenção despertada para o assunto numa conversa com Honório Vilanova, em terras do Assaré. Disse-nos que conhecera, por volta de 1873, no Ceará, o beato Antônio, que iria encontrar, depois, na Bahia, como conselheiro. Explicou-nos que conselheiro era mais do que beato. Ao beato cabia a missão de tirar rezas, cantar ladainhas, pedir esmolas para obras da igreja. O conselheiro ia além, porque, melhor preparado sobre os temas religiosos, pregava, dava conselhos. Um conselheiro pode ter, debaixo de suas ordens, um ou vários beatos. Foi o caso de Antônio Conselheiro, ao qual estavam subordinados alguns beatos, como o beato Paulo, José Beatinho, Antônio Beatinho, além de outros que não nos foi possível identificar.

Galvão (2001, p. 32) diz que:

Antônio Conselheiro é apenas um entre os vários conselheiros de que há notícias na época: havia um por nome Francisco, em Itiúba, na Bahia, outro por nome Guedes, em Pernambuco, e outros mais. Assim eram designados no sertão os leigos andarilhos pregadores de sermões, chamados “conselhos” por não provirem de padres ordenados.

Nas cidades do interior do Nordeste brasileiro, apesar dos avanços que a modernidade trouxe, ainda deparamos com a presença de pequenos conselheiros e conselheiras que auxiliam as pessoas da comunidade, aconselhando-as em suas angústias e suavizando a vida dos que sofrem, bem como ensinando a perdoar e promovendo a reconciliação entre famílias. Durante a pesquisa de campo, deparamo-nos com várias pessoas que exercem a função de conselheiros na sua localidade. Estes são reconhecidos por algumas qualidades que os caracterizam, a saber: virtudes pessoais, força da palavra, capacidade de ouvir, intimidade com os santos.

Os conselheiros no catolicismo popular sertanejo continuam atuantes. Conhecemos alguns e podemos nomeá-los, como o José Cesário da Silva Irmão, de alcunha Frei Damião do sertão de Itabira (PE), Dona Antônia Duda Vieira, romeira de Juazeiro do Norte (CE), Maria

Garcia Vieira, moradora de Nossa Senhora das Dores (SE) e a parteira Josefa da Guia, da cidade de Poço Redondo (SE). O antigo catolicismo luso-brasileiro estava assentado em organizações e lideranças leigas.

A memória cultural dos sertanejos possui em sua história grandes conselheiros, como Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero e, posteriormente, Frei Damião. A sua mensagem de salvação é conduzida ao povo, e é ao povo que o conselheiro é correspondente, com o desígnio de lembrar aos seres humanos as exigências do Reino de Deus e guiá-los a seguir pelo caminho correto que pode levá-los à salvação.

Verificamos que a figura do conselheiro na cultura nordestina está entranhada da memória dos líderes nativos dos quilombos e das tribos indígenas. Destaca-se a figura do pajé como responsável pela tribo nos seus ensinamentos e curandeiro; ele é condutor do seu povo, na função de conselheiro em assuntos religiosos. Dentro de uma estrutura social simples, o pajé é a referência para os membros do seu grupo. Ele sintetiza os valores morais e religiosos e os índios acreditam que ele tem uma ligação direta com os deuses para passar os conselhos ao seu povo, conforme constatação de Freyre (1933, p. 150):

Quanto aos pajés, é provável que fossem daquele tipo de homens efeminados ou invertidos que a maior parte dos indígenas da América antes respeitavam e temiam do que desprezavam ou abominavam. Uns, efeminados pela idade avançada, que tende a masculinizar certas mulheres e a efeminar certos homens; outros, talvez, por perversão congênita ou adquirida. A verdade é que para as mãos de indivíduos bissexuais ou bissexualizados pela idade resvalavam em geral os poderes e funções de místicos, de curandeiros, pajés, **conselheiros**, entre várias tribos americanas (grifo nosso).

Interessa-nos, nessa citação, não a sexualidade do pajé, mas as funções relevantes que são desempenhadas na sua comunidade como místico, curandeiro e conselheiro. No caso do Nordeste, observamos uma cultura multissecular formada por diferentes etnias e sincretismos. O sincretismo religioso é parte essencial da cultura brasileira, como encontramos:

Sincretismo que se torna ele mesmo emblema da natureza ou essência da identidade brasileira, e que mesmo quando não se apresenta como **a categoria** de compreensão do Brasil, é certamente o elemento empírico sempre lembrado – e ressaltado como mecanismo multicultural criador da socialidade brasileira e de seu *ethos* (Campos, 2009, p.139, grifo do autor). Não seria “sociabilidade”?

O modo de tomar conselhos vem dos índios que consultavam o pajé em qualquer oportunidade. O pajé não era só uma espécie de curandeiro, um mágico. Simbolizava o repositório institucional da sabedoria de vida no âmbito da tradição dos índios. O Pajé era o conselheiro que detinha o conhecimento da vasta sabedoria de vida. Como lembra Nuvens

(1994, p. 28): “E nossas raízes indígenas colocam na figura do Padre Cícero a auréola do grande conselheiro tanto a nível individual como a nível social”. Frei Damião viera como missionário para inculcar na população os mandamentos do catolicismo em sua forma tridentina – obrigando os fiéis à estrita obediência ao papa e à prática sacramental frequente – foi transformado por aquela população em sucessor do Padre Cícero Romão na “linhagem” de conselheiros nordestinos inaugurada pelo Padre Ibiapina.

1.3 Catolicismo Tridentino

“Tridentino” refere-se ao período do Concílio de Trento (1545-1563)²⁵. Foi um movimento da Igreja Católica, cujo os objetivos centrais foram o combate aos protestantes e a renovação da Igreja Romana e seus inúmeros desdobramentos. Usamos as expressões Contra-Reforma e Reforma católica para caracterizar as ações desse duplo objetivo. A primeira expressão refere-se acerca da doutrina, para Louis Châtellier (1995, p. 28), após terem condenado Lutero e Calvino, para os quais as fontes da fé se encontravam exclusivamente na Escritura, os bispos reunidos no concílio garantiram o lugar da tradição, por meio dos ensinamentos dos Padres da Igreja e dos próprios Bispos, bem como dos textos sagrados. Atacaram a doutrina dos reformadores segundo a qual o homem é salvo pela fé. Opuseram-lhe a salvação pela graça, o dom de Deus que o homem merece pelas suas obras. Incluíam não só as tradicionais obras de misericórdia destinadas ao próximo, mas também a prática dos sete sacramentos (batismo, confissão, eucaristia, confirmação, matrimônio ou ordenação para os padres, extrema-unção), enquanto os protestantes só mantinham dois: o batismo e a eucaristia. Libânio (1983, p. 72) explica que a reforma iniciada por Lutero vai pouco a pouco ocupando o seu espaço geográfico sobretudo nos países do Norte. Lutero radicaliza o medo da condenação eterna por parte de um homem pecador e frágil. Desenvolve uma teologia da graça, voltada para o contraste entre a nossa fragilidade e soberania de Deus, e que une esses extremos por meio de uma atitude de confiança, de fé esperançosa em Deus. Por outro lado, a identidade católica segue o caminho da objetividade da prática sacramental, das obras meritórias, da obediência a um magistério. Interessa-nos unicamente o fato de que a identidade tridentina se firma sobremaneira pela insistência em mostrar sua diversidade em relação à protestante. Lindberg (2001, p. 415) sustentou que:

²⁵ Na elaboração deste item foram consultados os seguintes autores: Libânio (1983), Châtellier (1995), Lindberg (2001) e Denzinger (2007), cujas obras constam nas referências.

[...] o programa do concílio consistia em reformar a fé cristã, restaurar a moralidade cristã e reunificar todos os povos cristãos. Ele foi convocado em 1545 numa cristandade teoricamente unida; encerrou-se em 1563 com uma cristandade dilacerada por divisões que ainda afetam o cristianismo mundial no presente.

Após quase quinze anos de tentativas de instauração em 13 de dezembro de 1545, o Concílio de Trento foi aberto, perdurando até 4 de dezembro de 1563. Esse movimento se dividiu em três grandes períodos, passando por diversas sessões, editando decretos, definindo por fim, ações para atingir os seus objetivos.

Os principais pontos deliberados em cada etapa das sessões. Na primeira etapa, que ocorreram entre 1545-1547, o Concílio declarou que não somente a Bíblia, mas também as Escrituras canônicas e os livros apócrifos da Vulgata e a tradição da Igreja constituíam autoridade final para os fiéis. Na segunda etapa, no período de 1551-1552, o dogma da transubstanciação foi reafirmado. Chegando na etapa final, entre 1562-1563, abordou acerca dos sacramentos, regras sobre casamento, decretos sobre purgatório.

O Catolicismo Tridentino sustenta-se em dois pilares basilares, os quais apontam nitidamente para a compreensão da diferença entre a doutrina católica romana da salvação e a evangélica: por um lado a ideia que a vontade humana coopera com a graça de Deus para se alcançar a salvação e, por outro, a reinvidicação que as boas obras são necessárias para a preservação da justiça e para a posse final da vida eterna. O maior legado real do Concílio foi a transformação da teologia medieval tomista num dogma acabado para todos os fiéis. O Concílio em última instância, revitalizou o pleno poder do papa, condenou o conciliarismo e também denunciou a tendência à independência das igrejas nacionais.

Azzi (1977, p. 136) toma como apontamento a promulgação das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, datadas de 1707, por Dom Sebastião Monteiro da Vide (1643-1722)²⁶. Sendo esse, o “primeiro esforço significativo de moldar o catolicismo do Brasil pelas normas do Concílio de Trento”. Muitas das medidas oriundas daí procuraram eliminar os elementos considerados profanos das crenças religiosas e o controle do clero e as associações religiosas. Trento ingressou em uma concorrência com os reformadores para concretizar uma reforma dos comportamentos, mas sem mudar as estruturas. Para Comblin (2023, p. 224):

O concílio definiu a missão do clero e colocou como prioridade os sacramentos e a aplicação do direito eclesiástico, com suas exigências morais. Não quis colocar o ministério da Palavra, ou seja, a evangelização. O resultado foi uma Igreja muito

²⁶ Foi um religioso português da Companhia de Jesus, SJ, conhecido por ter sido importante Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. Chegou a Salvador da Bahia em 22 de maio de 1702, exercendo o cargo de Arcebispo da Bahia até sua morte em 7 de setembro de 1722.

religiosa e muito disciplinada, mas sem conhecimento da Bíblia e do real conteúdo dos Evangelhos. O catecismo substituiu a Bíblia na formação dos católicos. Quando surgiu a mentalidade moderna, os católicos estavam realmente despreparados e somente viram nela a obra do demônio.

Dado à proporção de tempo e de espaço, na perspectiva de Libânio (1983, p. 75-77), inspirado pelo espírito do Vaticano II, em sua obra, “A Volta à Grande Disciplina”, este traz elementos para caracterizar a estrutura da identidade tridentina, do ponto de vista doutrinal:

[...] Trento, usado por nós no sentido de símbolos e não de fato concreto delimitado no tempo e no espaço da Itália do século XVI, criou um imaginário social religioso, retomando elementos simbólicos do passado e inserindo novos. Esse imaginário social religioso compreende verdades dogmáticas, ensinamentos morais, comportamento práticos em relação ao universo da piedade, da liturgia, dos sacramentos e repletos de atitudes decorrentes de uma disciplina e organização eclesial.

O imaginário social religioso é o suporte mais importante da identidade tridentina. Pois ele ocupa o interior das consciências e do inconsciente dos indivíduos e da coletividade católica. Sustenta por dentro a identidade. Dá-lhe consistência, validade, força. É motivação de ação, de compromissos.

Criador e criado por esse imaginário – envolvido portanto pelo círculo da criação – estão dos outros pilares da identidade tridentina: o clero e os fiéis. Ambos são os criadores e portadores da identidade tridentina. Pois ela não é mais o que eles são. A configuração, que eles adquirem, é constitutiva da identidade. Por sua vez, o imaginário social religioso lhes dá essa última coesão interna, ao mesmo tempo em que eles mesmos o estão criando, gerando e introjetando, assimilando.

O clero da identidade tridentina teve que sofrer transformações. Processou-se verdadeiro enquadramento, começando pelo alto clero. Uma reforma profunda se pôe em movimento, com a finalidade de o fazer apto para a tarefa fundamental de plasmar os fiéis. De um lado, as exigências desses o desafiaram e o puseram no caminho da reforma, doutro lado, o clero reformado pode marcar mais fortemente os fiéis.

O autor reitera uma interpretação de uma pastoral sacramentalizadora e moralizadora; também acrescida de ameaça constante da condenação que estava sempre no horizonte das pessoas e os sacramentos são vistos como condição para a salvação. Foi uma tendência que se espalhou no corpo eclesial, provocando retrocesso em reação ao Concílio e aumento considerável do clericalismo.

O esquema tridentino foi marcado por antiprotestantismo e por certos elementos centralizadores e fortemente assinalado de determinada “identidade católica”. E os canais de disseminação da “identidade tridentina” eram as celebrações dos sacramentos através do rigor moral e disciplinar. Os religiosos – clero e fiéis viviam num sistema de disciplina e submissão.

Comenta-se muito da ausência de uma hierarquia eclesial atuante no Brasil colônia. Com a chegada do século XIX, houve a publicação do Concílio Vaticano I (1869-1870), este estimulou o projeto que tinha como objetivo recuperar a influência da Santa Sé em alguns territórios ameaçados por ideias liberais que deflagraram em toda Europa, os representantes do Concílio, marcados pelo centralismo institucional em Roma, trabalharam no sentido de

recuperar o poder de influência da Igreja nas mãos do papado, sobretudo nas terras de além-mar (Azzi, 1974, p. 656-662). Há uma reflexão que contrapõe a uma fé renovada, trazida por bispos educados em seminários europeus no século XIX e comprometidos com o processo de romanização, e uma fé católica que, a despeito de manter ligado às raízes lusas, também passou por um processo de renovação, mas, de cunho autônomo e de práticas devocionais não clericais e produzidas por leigos e leigas, configurando um sincretismo²⁷ religioso.

Nas palavras de Hoornaert (1983, p. 247-248), a cultura religiosa brasileira surgiu caracterizada por uma matriz “[...] formada por pretos, mulatos, mestiços, em grande maioria, que exprimiram a religião católica de maneira própria, irreduzível ao modelo europeu-ocidental”. O historiador alega que um dos elementos que possibilitou esse sincretismo com as demais culturas e religiosidades se deu pela fluidez da organização eclesiástica na colônia e pela ineficácia das visitas pastorais no processo de evangelização.

1.4 Catolicismo Popular Sertanejo

É com o olhar das ciências sociais que brota o amadurecimento científico face ao estudo do catolicismo brasileiro. Este não se faz com o desígnio de atacar ou mesmo menosprezar nem tão pouco para afiançar que um catolicismo é melhor do que o outro. Por isso, é aconselhável refletir e compreender o que é popular quando algo se refere às expressões religiosas de uma sociedade. Pois em todas elas, sem distinção, há rupturas e há tendências, conflitos e acomodações, há representações, reformas e criações.

O Catolicismo Popular Sertanejo é uma forma nordestina do catolicismo popular, que é característica do sertão e tem como essência a figura do Conselheiro, “provavelmente enraizada em estruturas ameríndias” (Hoornaert, 1973, 59). No catolicismo popular sertanejo, está presente um universo simbólico que tem significado para a biografia pessoal, que fundamenta e alimenta toda uma vivência familiar. A crença religiosa se insere mais na grandeza subjetiva e interior das pessoas. Também existe a religiosidade no campo cultural. A cosmovisão de mundo vivenciado pelo sertanejo é cercada de santos, de forças misteriosas, de deuses, de demônios, de almas que envolvem a vida, a história, o ambiente e pessoas com uma dimensão “sacral”.

É sensato que o catolicismo popular sertanejo nos dias de atuais quase não existe mais,

²⁷ O conceito de sincretismo é de difícil definição por estar envolvido em debates teóricos, tanto quanto de preconceitos. Além disso, é proveniente de significados distintos e de pensamentos desde Rodrigues (1900), bem como os mais recentes de Reis (1991) e Ferreti (1995).

face ao combate que ele tem suportado. Muito embora ainda restam tradições das velhas práticas, nas pequenas regiões onde há ausência de padres. A deficiência de padres no Brasil é caso que pode ser datado do período colonial. Os clérigos estrangeiros eram em pequena quantidade. As populações interioranas, sobretudo, nordestina com toda sua extensão ficaram sem sacerdotes. Ali se conservou um catolicismo popular sertanejo, com suas formas de crer e de agir especificamente, cultivada por leigos e leigas que se arvoravam nos assuntos religiosos, a fim de orientar o povo.

Mais tarde, é verdade, com a Proclamação da República, as Ordens Religiosas estrangeiras passaram a enviar sacerdotes em maior quantidade para o Brasil, experimentado “país das santas missões”. Muitos dos sacerdotes estrangeiros nas missões procuraram implantar entre o povo práticas e crenças mais ligadas ao catolicismo romanizado, mas, o sertanejo dava mais ouvidos aos beatos, que aos sacerdotes ordenados, preferindo seus conselhos às missas formais e por demais sacramentos. Esse foi o catolicismo difundido no sertão do Nordeste pelos missionários por meio das missões, sobretudo pelos capuchinhos franceses e italianos. Hoornaert (1997, p. 63-64), com outra preocupação, esclarece que:

O sertanejo nordestino vive imerso num mundo referencial bíblico e cristão, reconhece os símbolos, sabe interpretar as figuras. É herdeiro de uma longa e bonita tradição teológica, sendo ele mesmo teólogo. Teólogo sofrido, de mãos calejadas, mas teólogo. Embora não acostumado ao mundo das letras, produz versos, poesias e textos que não são de forma nenhuma simplórios, mas carregados daquela sabedoria sofrida típica do povo da terra, feita de desencanto mas também de uma esperança indestrutível. Sertanejo-teólogo, cioso em descobrir o sentido mais profundo das coisas, concentrado em encontrar uma leitura teológica dos fatos que presencia. Não cartesiano no sentido de se operar uma rígida separação entre a racionalidade e a emotividade, entre os conceitos claros e as imagens, entre o experimentado e o sonhado. Mas um curioso das coisas de Deus, atrás do sentido último. Sua teologia é mística e escatológica, espera um tempo bom após tanto sofrimento. Com o dizia Câmara Cascudo: o sertanejo é teólogo “antes, durante e depois dos concílios ecumênicos e dos Santos Padres.

A devoção sertaneja nordestina corresponde a uma cultura de tradição baseada na oralidade. No catolicismo popular sertanejo existe uma hierarquia, o beato está abaixo do conselheiro. O beato tinha como função angariar esmolas para edificação de igrejas, capelas, cemitérios, e conduzia os cantos, puxava terços, dirigia as rezas. O beato podia ter uma progressão, quando ele “adquiria condições para, além disso, proferir prédicas, ou conselhos, passava a conselheiro” (Silva, 1986, p. 13). Durante a pesquisa, deparamo-nos com várias pessoas que exercem a função de conselheiros na sua localidade, pois, são reconhecidas por algumas qualidades que os caracterizam: virtudes pessoais, força da palavra, capacidade de ouvir, intimidade com os santos.

Em decorrência da renovação estabelecida pelo episcopado através do Concílio Vaticano I (1869-1870), o catolicismo popular sertanejo baseado na figura do beato é interpretado como negação à prática do catolicismo romanizado e não como uma forma popular de fazer catolicismo. Há uma fragmentação do catolicismo popular sertanejo quando recebe uma ação repressiva e utilizante face ao catolicismo romanizado, que, por sua vez, é uma modalidade de catolicismo dominante, institucionalizado, e que é mais comum no círculo da hierarquia eclesiástica.

Esse preconceito por parte da cultura oficial ocorre em não pretender compreender os diferentes elementos significativos que constituem esse catolicismo, estabelecendo uma dicotomia cultural que se exprime na existência de uma cultural oficial dominante e uma outra meramente popular e muitas vezes considerada como algo periférico e supersticioso. O catolicismo popular sertanejo pode ser preciso por uma expressão: “muito santo, pouco padre; muita reza, pouca missa”. No catolicismo popular sertanejo é o povo que “arranja” o seu santo a partir das suas dores, aflições, sonhos e problemas.

No catolicismo popular sertanejo o culto aos santos tem um espaço garantido, porque o santo faz a divindade mais próxima do povo, como fiel intercessor e eficiente protetor nas dificuldades da vida. Esse catolicismo permite que o povo expresse sua fé dentro de valores e símbolos inteligíveis e de combinação com sua formação familiar e comunitária, porque a ética do catolicismo popular é relacional e dirige-se à salvação da pessoa e junte-se a isso a realização de sua felicidade terrena. Nisto o catolicismo popular se distancia dos movimentos messiânicos e milenaristas.

1.5 Catolicismo Romanizado

Na era colonial, o catolicismo era a única religião permitida em todo território. O catolicismo no Brasil colônia tem especialidades bem distintas do catolicismo que se implantará no século XIX devido aos bispos e ao clero reformadores. As características de reavivamento espiritual que acompanharam a romanização teriam um aspecto próprio nos sertões nordestino. O judaísmo e o protestantismo eram perseguidos e os cultos afro-brasileiro eram desprezados e reduzidos à clandestinidade. O católico português colonizador trouxe para o Brasil o padroado²⁸, a evangelização pela cruz e pela espada; impondo sua cultura aos índios e negros.

²⁸ Sistema de aliança entre a Igreja e o Estado. O padroado é uma manifestação típica da cristandade. O padroado tem raízes históricas no imperador Constantino e sucessores (séc. IV), e em Carlos Magno (séc. VIII), que declararam o cristianismo como religião oficial do império. Pela bula “*Praeelsae Devotions*” (1514), dom Manuel

O catolicismo romanizado pode ser datado a partir de 1858. A inquietação do catolicismo romanizado era afugentar os fiéis do catolicismo popular e orientá-los para a prática do catolicismo romano, com ênfase nos sacramentos. Sobre o tema da “romanização” do catolicismo brasileiro, Oliveira (1985, p. 279-280) diz que:

Um documento confidencial de D. Macedo Costa, intitulado “Pontos de reforma na Igreja do Brasil”, apresenta as grandes linhas de reforma por ele propostas ao conjunto do episcopado brasileiro. Redigido em 1890, ele tem cerca de 20 páginas e é dividido em 9 capítulos. Analisando suas propostas, teremos um panorama do projeto de reformas do líder do episcopado brasileiro no início do período republicano.

No catolicismo romanizado os sacramentos assumem caráter obrigatório e um dos pontos levantados é, pois, a sua uniformidade de ação do episcopado brasileiro, como um único corpo, reforçando a sua autoridade diante do clero e hierarquia. O objetivo do catolicismo romanizado é a reforma do aparelho eclesiástico, sob outros aspectos, a regeneração religiosa do povo. Pois “a romanização aparece, como um processo de repressão clerical do catolicismo do povo. Porém, este último nem por isso desapareceu, sobreviveu à margem do controle clerical” (Oliveira, 1979, p. 72). Os agentes religiosos romanizados têm o catolicismo romano como única forma legítima de Cristianismo, pois para eles o catolicismo popular é um desvio de percurso. O catolicismo romanizado tem como meta combater o catolicismo popular. Galvão (2001, p. 64) declara que:

As características de reaproximação com o povo e reavivamento espiritual que acompanharam a *romanização* teriam um perfil próprio nos sertões. Inicialmente, e como se sabe desde a publicação do livro de sermões de Antônio Conselheiro, o Peregrino operava dentro da mais estrita ortodoxia, negando-se inclusive a ministrar os sacramentos por não ser sacerdote ordenado. Não se distingue de tantos beatos que palmilhavam o sertão e que o padre Ibiapina estimulava ao seu redor, criando ordens leigas tanto de mulheres como de homens e instalando 22 Casas de Caridade em seis estados do Nordeste. Como essas ordens eram sancionadas pela hierarquia da Igreja, Ibiapina acabaria sendo punido por seus superiores, que lhe tomariam o controle delas, bem como das Casas de Caridade.

A evangelização da sociedade brasileira foi marcada por duas tendências: a “pastoral da convivência” e a “pastoral da visita”, assim destaca Hoornaert (2008, p. 125-133). Mesmo escassa, essa convivência servia para garantir o laço de pertencimento do catolicismo popular

obteve o poder do padroado, reunindo o poder temporal e patronato das missões e instituições eclesiásticas nos territórios do reino e de ultramar. Incorporado pela bula “*Praeclara Charissimi*”, do papa Júlio III (1551), a três ordens militares – uma de Cristo, outra de Santiago e a terceira de São Bento de Aviz o rei tornou-se o chefe de todos os assuntos religiosos no seu reino. Especificamente pelo título de grão-mestre da ordem de Cristo, os reis de Portugal passaram a exercer, nas colônias, o pleno domínio político e religioso, mesmo no período da Independência brasileira (Poel, 2013, p. 763).

ao catolicismo oficial por meio de um consentimento religioso que fazia com que os diferentes grupos sociais que viviam espalhados pelo sertão admitissem como pertencentes à única e mesma Igreja da hierarquia eclesiástica. Há uma distância que marca a religiosidade e a vivência concreta do sertanejo; sendo que essa vivência religiosa pouco auxilia para a libertação dos seus problemas, desencadeando na mistificação, alienação e até opressão. A fome, a seca, a miséria e a pobreza seriam então transfiguradas como decorrência de leis divinas e, portanto, imutáveis. Bourdieu (1974, p. 32-33) evidencia o caráter dominante da religião:

Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados.” E ademais, Weber nos fornece os meios de escapar à alternativa simplista de que são produto suas análises mais duvidosas, ou seja, à oposição entre a ilusão da autonomia absoluta do discurso mítico ou religioso e a teoria reducionista que torna esse discurso o reflexo direto das estruturas sociais. Procura esclarecer ao máximo o elemento comum ausente no discurso das duas posições opostas e complementares: o *trabalho religioso* realizado pelos produtores e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder por meio de um tipo determinado de prática ou discurso a uma categoria particular de necessidades próprias a certos grupos sociais.

A prioridade do processo de romanização tem o seu estatuto na medida em que suprime a produção religiosa popular. A hierarquia eclesiástica é acometida de uma visão preconceituosa quando se propõe a erguer o nível cultural e religioso do povo; combate o tradicional caráter lusitano leigo do mundo devocional e também a desarticulação das funções dos leigos, como os beatos, rezadores e conselheiros. A permanência dos beatos no meio dos sertanejos se dá pelo domínio de seu universo cultural das manifestações religiosas. Eles são os principais responsáveis pela sedimentação dos comportamentos sociais da época.

Foi com espanto que tomei conhecimento, já adulto, na historiografia brasileira sobre o “movimento ultramontano” que se refere à sua interpretação como um “movimento reformador”. E, em outros casos, “romanização”. Em presença da perplexidade é dado a conhecer o que outros autores têm formulados, a princípio, dos textos e da orientação do Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira (2009). Vimos que diversos pesquisadores comungam da noção de que com as mudanças ocorridas na Igreja Católica, em especial, no tempo da segunda metade do século XIX, estabeleceu-se reformas internas -, sobreposição de poder espiritual sobre o temporal -, a moralização do clero, intolerância religiosa e o combate à religiosidade popular, porque era considerado fora dos padrões da hierarquia eclesiástica. Pretendia-se um catolicismo mais centralizado em Roma e, quem sabe, uniforme.

Santirocchi (2010) reconstrói uma interpretação diferenciada do projeto da Igreja

Católica no Brasil, a partir dos anos de 1840, examinando acerca do ultramontanismo no Segundo Reinado (1840-1889), tempo em que o movimento foi sacudido pela derrota do “liberalismo eclesiástico”, liderado pelo Pe. Diego Antônio Feijó. O autor teve acesso à documentação do Arquivo Secreto do Vaticano e, além disso, do Arquivo da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, portanto, é a partir daí que Santirocchi (2010, p. 24-33) apresenta uma revisão de conceitos, a saber: “Romanização – Ultramontanismo²⁹ e Reforma” da História da Igreja no Brasil Império com o devido distanciamento acerca desse processo, porque este período começou a ser elaborado durante o século XIX e através de personagens presentes nos eventos aos quais discutiam, segundo Santirocchi (2010). Alguns autores têm recusados interpretar o ultramontanismo como “reforma”, ajuizando-os muito mais como uma verdadeira reação (no sentido estrito que o conceito ganhou após 1815) à modernidade em consolidação na Europa. Propunha um modelo de organização eclesiástica uniforme e, conseqüentemente, uma nova formatação do catolicismo, o esquema devocional passa-se para os sacramentos, especialmente, o eucarístico.

Em leitura dos textos da obra de Caldeira (2009, p. 86), é certo o que diz o historiador, sobre “A formação de um catolicismo antimoderno no Brasil”, em “Os Baluartes da tradição: a antimodernidade da tradição católica brasileira no Concílio Vaticano II.” Em suas palavras:

A Igreja Católica que despertou no início do século XX caracterizou-se, principalmente, por sua forte centralização. Esse processo centralizador sucedeu-se durante todo o século XIX, caracterizando-se pela luta que visava à manutenção do poder temporal e pela tentativa de barrar o influxo das ideias modernas em seu interior.

A instituição eclesiástica romana estendeu os seus tentáculos burocráticos por todos os lados, a fim de trazer para mais perto de seu controle as igrejas locais, refletindo, assim, sua perspectiva ultramontana nessas igrejas. O processo centralizador da Igreja católica logo se fez sentir no Brasil.

A Igreja brasileira, submetida há séculos pelo regime do padroado português, tornou-se livre num Estado livre, regidos por leis de um estado republicano. Entretanto, com a proclamação de um Estado laico pela carta constitucional, as altas esferas eclesiásticas viram a necessidade de recatolicizar o Estado, buscando influenciar as decisões políticas por meio da formação de uma elite intelectual católica.

E assim, os nordestinos acostumados com a sua religiosidade popular³⁰, proveniente dos

²⁹ Do latim: detrás dos montes. Termo usado por historiadores e surgido na parte centro-norte da Europa. Portanto, para os franceses, alemães e outros, a igreja de Roma fica literalmente “detrás das montanhas” dos Alpes. No Brasil, surgiu na segunda metade do século XIX caracterizado pela busca exclusiva do mundo espiritual e por uma exagerada dependência das dioceses brasileiras sob o poder da igreja centralizado em Roma. O Ultramontanismo foi reforçado pelo Concílio Vaticano I (1870), deixando marcas no catolicismo brasileiro (Poel, 2013, p. 1088).

³⁰ Tomamos como referência a ideia de que a religiosidade popular é definida como a apropriação das crenças religiosas pelas pessoas comuns. Também podemos denominar, em virtude destes termos, de “piedade popular”, no aspecto de religião do povo, em vez de religiosidade popular (Souza, 2019, p. 13-32).

beatos e beatas, da tradição dos missionários (Pe. Ibiapina, Zé Lourenço, Pe. Cícero, Antônio Conselheiro, Pedro Batista etc.), foram todos surpreendidos com a romanização da Igreja no Brasil. Porque o conteúdo de evangelização da cultura europeia era tido como o verdadeiro catolicismo romano em contraste com o catolicismo popular (“colonial ou “luso-brasileiro”) do Nordeste brasileiro. No próximo capítulo veremos os elementos biográficos de Frei Damião.

CAPÍTULO 2:

FREI DAMIÃO DE BOZZANO: OS ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Muito obrigado! Sempre rezei por vós, e depois da morte, se Deus me conceder uma morada no céu continuarei rezando por vós, pedindo a Deus que vos proteja, que vos defenda de todos os males e, um dia, vos reúna comigo no Paraíso.
(Frei Damião de Bozzano).

Este capítulo versa acerca da vida e da obra do missionário capuchinho italiano Frei Damião de Bozzano (1898-1997)³¹. Começamos a sua biografia partindo do nascimento, da infância, da juventude como soldado no “*front*” da Primeira Guerra Mundial, da entrada na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, bem como de sua chegada em terras nordestinas para disseminar as Santas Missões³². Nesta época, Frei Damião encontrou no sertão do Nordeste brasileiro “um clima de seca e fome. A revolução de 30 pouco havia passado, mas persistia ainda o dedo forte do coronelismo” (Costa, 1988, p. 24). O religioso capuchinho, na visão dos nordestinos, é um missionário católico que caminhou pelo sertão deixando seus milagres, conselhos, feitos e castigos³³.

Frei Damião era uma pessoa de baixa estatura, disciplinada e sóbria. Suas missões tinham uma rotina que principiava às quatro horas da manhã e iam até a noite. Sua fama de excelente conselheiro e “santo” se espalhou por todo Nordeste. Não admitia que ninguém o comparasse com o beato Antônio Conselheiro (1828-1897) nem tão pouco com Padre Cícero Romão Batista (1844-1934). Não se considerava um milagroso, atribuía os milagres a Deus. Viajando a cavalo, em um sertão empoeirado, sem energia elétrica na maioria dos povoados e vilas, sem comunicação e sem transporte adequado e acessível, o capuchinho, entre “luzes e sombras”, com muita grandeza não se cansava de proclamar o Evangelho aos nordestinos, realizando procissões de velas acesas, para clarear os caminhos escuros da alma coletiva de um povo sofredor e esperançoso, cangaceiro, religioso e lutador, beato, místico e trovador, singularmente ele, o povo nordestino.

³¹ Para elaboração destes elementos biográficos de Frei Damião baseamo-nos: Santos (1953), Rocha (1976), Moura (1978), Silva (1991), Costa (1994), Oliveira (1997), Maior (1998), Lazzari (2002), Torres (2004), Marangon (2006), Sousa Neto (2011) e Silva (2019), cujas obras estão citadas nas referências.

³² Ainda com o escuro da madrugada o capuchinho agita uma campainha e andando pelas ruas acorda o povo, cantando uns versos que a multidão de devotos repetem: “Vinde pais e vinde mães. Vinde todos à missão. Para cuidar, como cristão. De alcançar a salvação” (Santos, 1953, p. 6). Os devotos despertavam mesmo que chovesse ou fizesse frio. E o devoto, ao clarão das velas ou tochas, agrupavam em torno do fenômeno Frei Damião, percorrendo as ruas, cantando e rezando. Depois o frade dizia missa, pregava, confessava, crismava.

³³ Entre as coisas ditas ou contadas sobre Frei Damião, sem dúvida, merece atenção e aprofundamento, são os milagres por ele feito, narrados pelo próprio devoto, inclusive, os milagres de castigo (Rocha, 1976, p. 19).

Foi em Bozzano que Pio Giannotti nasceu, um pequeno vilarejo da Itália, a 460 quilômetros de distância da capital italiana. As famílias Ubaldi deram ao vilarejo de Bozzano uma importância estratégica no período medieval, quando dominaram toda zona litorânea por cinco séculos. Oliveira (1997, p. 21) confirma que:

[...] as primeiras notícias de uma comunidade organizada em Bozzano datam de 1201, quando os habitantes reivindicam direitos sobre os bosques e mangues. Bozzano viu-se então dotada de um estatuto que regulamentava a vida da comunidade. O surgimento do município rural foi acompanhado de melhorias nas condições de vida e contribuiu para o crescimento do vilarejo. No início de 1300, o vilarejo tinha mais de 400 habitantes, número considerável para a época. Depois, com o aumento progressivo de sua população, passou a ser o maior centro de toda região. Na era cristã, Bozzano teve, com certeza, a sua igreja. Entretanto, os primeiros documentos da existência de um edifício sacro datam do ano de 1300. A igreja era o centro do vilarejo: era em seu pátio que os homens de Bozzano se reuniam para resolver problemas da comunidade.

Bozzano é circundado por colinas, não muito longe do mar e encravado entre montanhas, pertencente à cidade de Massarosa, na Itália, na Província de Lucca, na região montanhosa da Toscana. Bozzano, que nasceu precisamente em pleno outono no dia 5 de novembro de 1898, recebeu o nome civil de Pio Giannotti e batizado na Igreja dos Santos Catarina e Próspero, Matriz de Bozzano. Era o segundo dos cinco filhos do casal Félix Giannotti e Maria Giannotti, agricultores italianos com sólida formação católica. O filho mais velho da família, Guilherme Giannotti, tornou-se Padre diocesano e depois recebeu o título de Monsenhor, destacando-se como professor e diretor espiritual no Seminário Arquiepiscopal de Lucca, na Itália. A irmã mais nova, Pia Giannotti, tornou-se Freira da Congregação das Irmãs Luquesas de Santa Zita (Zitinas)³⁴. Aos dez anos de idade, em 15 de junho de 1908, Pio Giannotti foi crismado na Catedral de Lucca, pelo Cardeal Benedetto Lorenzelli, arcebispo de Lucca.

A infância de Pio Giannotti foi relativamente comum, assim como a de todas as crianças de Massarossa. Às vezes, tinha o hábito de ficar em silêncio, rezando, andando descalços pelos bosques e vales, em contato com a natureza. Carregava sempre consigo o crucifixo. De vez em quando ele desaparecia, porém, depois de horas, os pais iam encontrá-lo sempre sozinho e reflexivo no sótão da casa onde moravam.

³⁴ Zita, nasceu em 1218, próximo da cidade de Lucca (Itália) e como tantas outras meninas ela foi colocada para trabalhar em casa de nobres ricos. Era a única forma de uma moça não se tornar um peso para a família, pobre e numerosa. Ela não ganharia salário, trabalharia praticamente como escrava uma escrava, mas teria comida, roupa e, quem sabe, até um dote para conseguir um bom casamento, se a família que lhe desse acolhida se afeiçoasse a ela. Zita foi empregada doméstica durante trinta anos (Cf.: <https://irmaspassionistas.org.br/santa-zita-virgem/>. Acesso em: 25 maio 2020).

Figura 1 - Casa onde Pio Giannotti nasceu em Bozzano, Massarosa (Itália)



Fonte: Foto do autor.

Segundo o testemunho de uma de suas irmãs, Josefina Giannotti (Bepa), afirmou que “Pio (Damião) até 10 anos era menino travesso como qualquer outro. Era terrível. Mas, no dia de sua primeira comunhão ele emudeceu, ficou diferente, isolado. Nunca, a família entendeu aquela mudança brusca” (Silva, 1991). Assim, o menino Pio Giannotti deu início, expressando os sinais de sua vocação e vontade de consagrar-se a Deus.

O pequeno italiano Pio Giannotti não só revela uma concepção de mundo, como elucida o processo em que essa cosmovisão é produzida, por meio das relações que ele estabeleceu ao longo da sua vida e da sua obra missionária. Ele foi transformado em porta-voz do povo, conselheiro e confidente. Isso será demonstrado no texto da pesquisa, considerando o entendimento de que:

[...] as histórias de vida são fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas. Afinal, podem captar com detalhamento o que pode ser denominado como “substrato de um tempo” (Delgado, 2006, p. 22).

Some-se a isso que o tempo é um rosto com múltiplas faces, características e ritmos, que, fincados à vida humana, sugerem durações, encontros, desencontros, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidade, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão e a rapidez). É curioso que ele não seguiu o caminho do irmão Guilherme (Padre diocesano), mas, tocado pelo testemunho dos filhos de São Francisco de Assis (1182-1226), aos 12 anos de idade, precisamente, no dia 17 de março de 1911, ingressou no Seminário

Seráfico de Camigliano, com interesse nos ensinamentos de religião da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (São Francisco de Assis³⁵ foi um dos santos que mais representações teve na história da Igreja). A sua vocação começava a se despontar, e, quando completou 16 anos, emitiu os primeiros votos, no Convento de Vila Basílica, recebendo o nome de Damião, Frei Damião de Bozzano, alusivo ao seu lugar de origem.

Figura 2 - Família de Frei Damião



Fonte: Museu de Frei Damião (Recife-PE, S.d.).

³⁵ Na igreja de São Francisco de Assis, em São João Del Rey (MG), há o altar do “amor divino”. Neste altar, a imagem de Jesus está com o braço direito desprendido da cruz para abraçar São Francisco. No artesanato brasileiro, há muitas imagens de São Francisco cercado de passarinhos. Nasceu e morreu (44 anos) em Assis, na Itália. Filho de um bem sucedido comerciante de tecidos, ele foi batizado com o nome de João e apelidado pelo pai de Francesco que quer dizer: francesinho. Converteu-se em 1206, aos 25 anos, quando se encontrou com os leprosos e os beijou. Deu seguimento ao exemplo de São Martinho de Tours (316-397), pois doou a metade de seu manto a um pobre. Em meio às mudanças sociais e religiosas de seu tempo, ele quis ser o irmão menor de todos os homens – os pobres, os bispos, os muçulmanos – e de todas as demais criaturas como por exemplo, os lobos, vermes, grilos, burros, peixes, os quatro elementos (terra, fogo, ar, água) e, no cosmos, sol, a lua, estrelas. Outra fase de sua conversão aconteceu na capela de Porciúncula, onde ouviu as palavras de Jesus crucificado: “Vai reconstruí a minha igreja”. Sua regra de vida assim começa: “A regra e a vida dos frades menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade” (Poel, 2013, p. 979-980).

Após iniciar os estudos filosóficos, o jovem Pio Giannotti ingressa na primeira guerra mundial como soldado raso³⁶, sendo obrigado a interromper seus estudos. Era uma época conturbada e a Itália teve que participar dela por força de tratados políticos assinados com outras nações europeias.

No dia 4 de agosto de 1914, inicia-se a Primeira Guerra com o conflito entre alemães e franceses, e os combatentes sérvios e austríacos entram em cena. Em 1915, o governo italiano decide entrar na guerra ao lado de aliados. E entre os convocados, Pio Giannotti, um católico, ficando dividido entre a cruz de sua fé e a espada de um campo de batalha. A Revista “Luzes do Caminho” destaca que:

A Europa daquele início de século era o lugar mais instável do planeta e a própria Itália de Pio Giannotti parecia uma colcha de retalhos cultural, com cerca de mil dialetos espalhados pela península e cada província querendo preservar seus próprios costumes. Apesar de tudo, os italianos souberam estar do lado dos vencedores quando os combates começaram (Coleção Luzes do Caminho, [19--?], p. 17).

Somente no século XIX, a Itália e a Alemanha deixaram de ser divididas em reinos isolados e se tornaram cada qual uma nação unida, mas ainda havia disparidade cultural e econômica entre a Sicília e o resto da Itália, o que tornou irregular o início de seu desenvolvimento industrial. A guerra durou quatro anos (1914-1918). Durante esse período, o jovem Pio Giannotti ficou em Zara, região disputada pela Iugoslávia e Itália. Frei Lazzari comenta que:

Padre Damião, foi alistado na infantaria ainda jovem estudante, foi ao fronte no ano de 1915. A experiência da trincheira posto avançado de alto risco, com as explosões improvisas, os gelados inversos (dos Alpes) e as incursões inimigas, foi além de dura, traumática, como é possível imaginar entre soldados toscos, vulgares e licenciosos, enquanto ele, que era um anjo e a mansidão em pessoa, percebia que não nascera para matar, mas para uma missão mais nobre [...]. Revelava como de uma trincheira à outra ouviam-se distintas as vozes dos austríacos; aqueles mesmos sapatos que calçava enquanto soldado e lhe provocaram um princípio de assideração e uma internação, os abandonou para sempre. Por quanto maltratado, isto é traumatizado, que tenha voltado da guerra pode ser considerado um sinal da Providência, que desde então enxergava longe. Pode ser outras pesquisas sucessivas possam ressaltar quanto aquela guerra tremenda pode deixar traços profundos na sua obra de evangelização, voltados a abrandar tantas chagas e misérias sociais (Lazzari *apud* Marangon, 2006).

As principais dificuldades enfrentadas pelos italianos na linha de frente eram o terreno

³⁶ A violência da guerra fica gravada na memória popular. A exemplo das cavalcadas e lutas entre cristãos e mouros que são celebradas. As chamadas “guerras justas” contra os índios são lembradas por caboclinhos e pela tapuiada (Poel, 2013, p. 468).

nos Alpes, que complicava o estabelecimento de trincheiras; além disso, os austríacos possuíam tropas de montanha altamente treinadas. A vida do jovem Pio Giannotti na trincheira era exaustiva, porque era impossível dormir sonos tranquilos, pelo medo e por conta do barulho das explosões. Além dos esforços de carregar armas e munições nas longas caminhadas. Este foi o fato histórico que lhe deixou profundas e amargas recordações desagradáveis da violência causada pela guerra. Há indícios de sua participação como enfermeiro de guerra. Nesse contexto previsível:

A Batalha de Caporetto foi o pior desastre da história militar da Itália. A estimativa é de oitocentos mil homens que foram feridos ou mortos ali em combate. Pio Giannotti trabalha no resgate dos sobreviventes feridos. No Hospital de Bérgamo, local onde foram recolhidos os convalescentes de Caporetto, Pio percorre as enfermarias, auxiliando os médicos e prestando apoio moral. Ali, no meio da morte e do desespero, Pio sente que havia descoberto um sentido para sua vida. Assim como os italianos, os prisioneiros austríacos também são, em sua maioria, católicos e os capelães os acolhem a despeito de sua condição de inimigos. Pio sente que a missão da Igreja é universal e que perante Deus a igualdade dos homens é absoluta (Coleção Luzes do Caminho, [19--?], p. 22-25).

Consciente dos fatos, Pio (Frei Damião) descreve em carta endereçada ao Frei Jorge de Massa alguns episódios, brevemente, sobre as suas andanças e como permaneceu no campo de batalha.

Revmo. Frei Jorge [...]

Nascido em 5 de novembro de 1898 no distrito de Bozzano, em Lucca; - alistou em setembro de 1917 no depósito do regimento 26 em Piacenza; - congelado em outubro de 1920 pelo Comando Militar e Distrito de Zadar (Dalmácia) – Servi na infantaria; - de Cotelengo (Piacenza) estava na frente em 25 de novembro de 1917; - Monte Grappa (pico Azolone) foi o lugar de onde fui assistido por ter os pés congelados; depois da minha convalescença, que passei em Alessandria (Piemonte) no Depósito de 37, fui novamente enviado ao fronte, mais ou menos em julho de 1918, ainda em Grappa, e permaneci até o armistício; Passei um pouco mais de tempo em Basaldella (Udine); e fui enviado para a Dalmácia – Zara velha. Sibenik (casa do escritor italiano Tomasec) e em Zara recebi a Licença, perto mais ou menos de 20 de outubro, pertencendo naquele tempo à brigada 240 que tem o depósito em Bari. Giannotti Pio³⁷

Frei Fernando Rossi dizia que seu medo, em relação aos fogos que os devotos soltavam

³⁷ Nato il 5 novembre 1898 nel distretto di Bozzano, a Lucca; - arruolato nel settembre 1917 nel deposito del Reggimento 26 a Piacenza; - congelato nell'ottobre 1920 dal comando militare e dal distretto di Zara (Dalmazia) - prestai servizio nella fanteria; - de Cotelengo (Piacenza) era in vantaggio il 25 novembre 1917; - Monte Grappa (picco Azolone) era il luogo in cui fui aiutato a farmi congelare i piedi; dopo la mia convalescenza, che trascorsi ad Alessandria (Piemonte) nel Deposito del 37, fui nuovamente inviato al fronte, più o meno nel luglio del 1918, ancora a Grappa, e rimasi fino all'armistizio; Ho trascorso un po' più di tempo a Basaldella (Udine); e fui mandato in Dalmazia, la vecchia Zara. Sibenik (casa dello scrittore italiano Tomasec) e a Zara ho ricevuto la Licenza, circa il 20 ottobre, appartenente a quel tempo alla brigata 240 che ha il deposito a Bari. Giannotti Pio (Lazzari, 2003, p. 21).

nas missões e quando chegavam os festejos juninos, tinha como causa a experiência dolorosa da guerra. A violência nada tem de novo; sempre esteve presente na história da humanidade como elemento de imposição dos direitos e das vontades dos mais fortes. Não é estranho dizer que, sobretudo em tempos de guerra, os povos desumanizam seus inimigos. Associamos àqueles que, como Martinho Lutero (1996, p. 41), consideram que “não há razão que baste para convencer-me de que a guerra seja lícita, muito menos entre cristãos”. Mello (2011, p. 101), esclarece que:

É crença disseminada ainda hoje a de que a atividade militar deva se restringir aos homens. Está no senso comum do povo que os riscos e o caráter penoso da ocupação sejam enfrentados não apenas pelo guerreiro masculino, mas, dentre os do gênero, por aquelas virilidades mais afirmativas, construídas à semelhança de Marte, o deus romano da guerra. E não apenas isso. Os antigos iam além, sustentando que os povos amolecidos pela barriga cheia não davam bons soldados, parecendo que a privação – por conta do endurecimento natural que costuma surgir daí – findasse por desaguar naquele guerreiro desesperado que não tem o que perder senão uma vida desgastada pela ausência de atrativos. E que a entrega sem maior relutância no campo de batalha, por esta não fazer sombra ao ideal pelo qual combate. Ou pensa combater. “Pensávamos lutar por ideais: lutávamos pelos banqueiros...”, confessou um dia **Anatole France** sobre a Primeira Guerra Mundial. Azedume de ex-combatente. O certo é que vão pouco além da especulação as sondagens de espírito com que se procura devassar as motivações que impelem o homem para o combate, no afã de acender luzes sobre a mola que impulsiona a figura do herói. Um conhecimento de interesse de todos os exércitos do mundo (grifo nosso).

Cabe situar o que há de mais proeminente na história das guerras mundo afora. Por que há pessoas que são auxiliares no combate, sem “pegar em armas” ou “puxar o gatilho”? O soldado italiano Pio Giannotti fazia parte do “grupo de combatentes que se juntava apenas aos combatentes” (Mello, 2011, p. 102). Moura (1978, p. 35-39) assegurou que Pio Giannotti “mostrou-se sempre um soldado desajeitado, pois não havia nascido para matar, mas para uma missão nobre: pregar a Palavra de Cristo.” Finda a guerra, Pio, aos 4 de novembro de 1918, retorna com os estudos filosóficos e, pelos bons resultados alcançados, foi enviado pelos superiores à Universidade Gregoriana de Roma para estudar Teologia, recebendo ordenação sacerdotal em 1923.

Pio Giannotti estudou na Universidade Gregoriana de Roma de 1920 a 1925. Foi aluno de Varnach em Teologia Fundamental. Estudou Eclesiologia com Louis Billot (1846-1931). Com Cappello, foi estudante de Direito Canônico, e com Degrand, em Patrologia. Diplomou-se em Filosofia, Direito Canônico e Teologia Dogmática. Em 1922 Frei Damião recebe a Tonsura, que significa que o religioso a partir daquele momento deixa para trás toda a vida “mundana”. Encerrando a fase de Pio Giannotti, surge Frei Damião de Bozzano, ordenou-se sacerdote em 5 de agosto de 1923, aos 25 anos, na Igreja do antigo Colégio São Lourenço de Bríndisi, Roma.

Em 1926, Frei Damião de Bozzano retornou à Província de Lucca onde lhe foram confiados os primeiros encargos como diretor e professor dos jovens estudantes do curso de Teologia, exercendo a mesma atividade no curso de Filosofia da cidade de Massa, vizinha de Massa-Carrara, prestando serviços até 1931, ano de sua vinda para o Nordeste do Brasil.

O início da Custódia Capuchinha de Pernambuco. Coube à Província de Lucca (Itália), a missão no território de Pernambuco. Segundo Lazzari (2003, p. 145):

No final do mandato, a Província Capuchinha de Lucca sentiu a necessidade de uma missão própria. Após solicitação formal encaminhada à Cúria Geral da Ordem com indicação de áreas preferenciais, o Ministro Geral dos Capuchinhos, em 12-12-1930, conferiu a missão de Pernambuco no Nordeste do Brasil aos Frades Capuchinhos de Lucca. O primeiro missionário que embarcou para aquelas terras no dia 15 de janeiro de 1931 foi o Frei Felice de Olivola, que chegou ao Recife no dia 30 de abril de 1931, depois de passar pela Bahia. A transferência com os Capuchinhos de Nápoles ocorreu com a chegada de outros três missionários, na pessoa do P. Damião de Bozzano, P. Ignazio da Carrara e P. Benedetto da Terrinca.

Os capuchinhos de Lucca instalaram-se imediatamente no convento anexo à basílica de Nossa Senhora da Penha (Recife), tendo como superior regular o P. Felice Olivola. No ano seguinte, a estes quatro primeiros juntaram-se o P. Antônio da Terrinca e o Frei Bartolomeo da Querceta.

Em 28 de maio de 1931, com 33 anos, o capuchinho italiano Frei Damião de Bozzano chega ao Brasil a bordo do navio Conte Rosso. Em seguida, com breve estadia no Rio de Janeiro, foi para Recife (PE) com os demais capuchinhos: Frei Inácio de Carrara, Frei Bento de Terrinca; onde este foi nomeado superior, compondo o grupo fundador da Missão Capuchinha de Lucca em Pernambuco. Quanto a Frei Damião, ele passou a residir no Convento anexo à Basílica de Nossa Senhora da Penha, em Recife (PE), configurando assim a sua primeira morada no Brasil e entre os quatro primeiros frades que ali chegaram.

A voz de Frei Damião era gutural e era coberta por um forte sotaque italiano, ao pronunciar as palavras em português, quase não era compreendida. O capuchinho exercia a escrita quando preparava os sermões para melhor expressá-los integralmente. A sua fama se espalhou devido ao seu aspecto performático, não em relação ao neopentecostalismo nos dias atuais e à matriz do pentecostalismo católico (Renovação Carismática Católica - RCC)³⁸. Não era um show como se faz hoje nos templos, nas igrejas e nas praças públicas; o show era a própria figura de Frei Damião.

³⁸ O movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), que no interior da Igreja Católica realiza diuturno trabalho de diferenciação com os protestantes a fim de uma melhor acomodação com os neopentecostais, cuja expressão de maior vigor é a Igreja Universal do Reino de Deus, sujeito de polêmicas ardentes com o catolicismo (Garcia, Célio de Pádua. Neopentecostais e Renovação Carismática Católica: aproximações e semelhanças. In: Garcia, Célio de Pádua (Orgs.). **Pentecostalismo e Sociedade**: impactos e/ou cumplicidades. São Paulo: Edições Terceira Via; Fonte Editorial, 2017, p. 109-130.

O frade preparou-se para à pregação popular, com destaque na Igreja da Penha, em Recife (PE) nas celebrações do Mês de Maio. Com a sua presença, ocorriam numerosos devotos para vê-lo e tocá-lo.

Figura 3 - O devoto quer ver, quer tocar no seu santo protetor.



Fonte: Lazzari (2003, p. 136).

Com as prerrogativas de missionários apostólicos³⁹ da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Frei Damião foi empossado Conselheiro da Custódia Capuchinha (1931-1949) e por vários anos, professor de “Sagrada Escritura”, no Seminário de Maceió (AL) para acompanhar as vocações nativas. Sousa Neto (2011, p. 38) atesta Frei Damião como comunicador:

Um estrangeiro que, não obstante falasse outra língua materna, pertencesse a outro povo, tivesse outra cultura e mesmo uma Igreja que em parte o considerava fora do

³⁹ Julgamos oportuno colocar que acerca da figura jurídica e sobre as prerrogativas do missionário apostólico, de modo particular, dos capuchinhos que constituíam o grupo mais conspícuo dos obreiros evangélicos à disposição da Propaganda Fide. Nenhuma outra ordem religiosa colocou à disposição da Propaganda tantos missionários quanto a Ordem dos Capuchinhos. Aliás este primado é reconhecido pela própria Congregação desde 1635 (Regni, 1988, p. 283).

seu tempo e chegou a limitar-lhe os espaços de ação pastoral, mas que entrava perfeitamente em sintonia com a vida de milhões de pessoas da pátria onde missionava. [...]. Ele obteve um resultado comunicativo para além de todas as análises e perspectivas e que ultrapassa o simples carisma ou dom pessoal por ele desenvolvido: sua aptidão missionária e talento oratório.

Frei Damião, recém-chegado da Itália, conduzia ali, na Igreja da Penha, conversando um italiano misturado com português, atraindo devotos de toda a redondeza que para ali afluíam. De vida exemplar, o Frei começa a ganhar prestígio. Com ardor missionário, Frei Damião centrou a sua vida nas missões e deu seguimento missionário na festa de São Miguel Arcanjo (hoje conhecida como capela de Frei Damião), no bairro Riacho do Mel, distante quatro quilômetros da cidade de Gravatá (PE), em setembro de 1931.

Figura 4 - Capela de São Miguel Arcanjo, no Riacho do Mel, em Gravatá (PE)



Fonte: Foto do autor.

O frade ficou na capela por três dias consecutivos, em missões, atendendo os devotos em confissão. Condenando o pecado e combatendo os protestantes. Os seus sermões aconteciam habitualmente à noite, no pátio da Igreja. Sempre exigia que os devotos fizessem silêncio durante as suas pregações. Caso não ocorresse, ele parava de falar e exigia que as pessoas, adultos ou crianças, se retirassem.

2.1 Frei Damião e os missionários do sertão do Nordeste brasileiro

Frei Damião de Bozzano era baixinho, corcunda, com o pescoço encurvado, usava uma batina marrom (sapecada pelo tempo), cabelo e barba branca. Acordava cedo e passava até dez horas seguidas confessando os fiéis. Não era considerado um eloquente orador, mas com a sua força carismática conseguia impregnar os devotos e adentrar na comunidade rural (os povoados e cidades do Nordeste), percorrendo mais de seis décadas, pregando o Evangelho e suavizando o sofrimento dos devotos. Na concepção da teóloga Helguera (1984, p. 49-55):

[...] os ritos, festas, costumes dos nossos povos refletem sua consciência do mistério da vida, seu desejo de participação nesse mistério e também os caminhos pelos quais, como sujeitos de sua história, tencionam redimir a dor, transformar a morte em vida. Caminhos de fé, porque sabem que Deus está com eles. Aproximarmo-nos da religiosidade popular é receber a grande lição de nossos povos, é fazermos-nos discípulos de sua sabedoria cristã. [...]: a fé cristã na América Latina nasce marcada pela atitude indígena do mero ‘estar aí’. A consciência da própria indigência, de viver à beira da morte, na pobreza, na injustiça, coloca nossos povos numa ligação especial com Deus. É uma aliança, uma pertença, um viver muito despojado, muito simples, diante de Deus.

Corroborando com a ideia de Certeau (2008, p. 76):

Por outro lado, distinto desse espaço *polemológico* e que apresenta à perspicácia dos lavradores uma rede inumerável de conflitos, escondida sob o manto da língua falada, havia um espaço *utópico* onde se afirmava, em relatos religiosos, um possível por definição milagroso: Frei Damião era o seu centro quase imóvel sem cessar qualificado pelas histórias sucessivas dos castigos do céu que atingiam seus inimigos.

Os devotos têm uma fé dinâmica, enriquecida por meio dos símbolos, beleza estética e sabedoria de vida que nem sempre são compreendidos pela hierarquia eclesiástica. Esta fé chamamos de popular e, portanto, tem a sua fixação nas áreas: social (os desassistidos materialmente), cultural (os denominados “incultos”, com menos acesso à cultura e à educação) e eclesial (marcados por uma certa independência da instituição e sua teologia). Segundo Souza (2019, p. 13-32), “a piedade que se denomina popular é aquela proveniente das “classes

excluídas do ter, do poder e do saber”.

A sociologia oferece alguns parâmetros que auxiliam a situar o povo do sertão nordestino. São os desvalidos. Os desvalidos só existem enquanto existe o assistido socialmente. São partes distintas e complementares do todo. Os desvalidos sofrem a mais cruel exclusão social com a escassez de água e a perda da terra, como alerta Hoornaert (1997, p. 14-15), “sobretudo depois da Lei das Terras de 1850, que fez com que tudo fosse parar nas mãos dos que conseguiram – e Deus sabe como – registro no Cartório Civil”. Segundo Ribeiro (1995), tratando sobre a Lei das Terras do Brasil (1850), em artigo na Folha de São Paulo diz que:

[...] o desafio que enfrentamos é reformar essa lei para reverter ao domínio público como fundo de colonização, toda a imensidão de terras tidas e havidas pelo latifúndio improdutivo, mas não usadas agora por eles, nem utilizáveis em qualquer tempo, tão incommensuráveis são. A imensa maiores desses latifúndios foi obtida através da grilagem e chicanas cartoriais, sem qualquer base de legalidade ou de legitimidade. São acatados e mantidos porque a ordem vigente, com seu sistema de elaboração de leis e de garantias de justiça, existe de fato para manter e consagrar estes privilégios, doa a quem doer (Ribeiro, 1995).

Como saída, os desvalidos recorrem às rezas para aliviar os momentos de dificuldade que existem na vida dos camponeses. Fazem clamor aos santos e a Deus para salvá-los. Isto porque a temática do catolicismo popular é diversificada. A prática missionária de Frei Damião se deu basicamente na região do sertão, no semiárido nordestino. Sua atuação foi realizada em todos os Estados do Nordeste; apesar de o início da missão de Pernambuco ficasse circunscrita nos determinados Estados do Nordeste: Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. Isto quer dizer que a delimitação espacial não o impediu de missionar em outros Estados, como em Sergipe, Bahia e Ceará.

A sua atividade missionária se estende desde as cidades e os povoados. Das zonas do sertão ao litoral, passando pelas terras úmidas do agreste, Frei Damião deu sequência às suas missões, em uma região desprovida de assistência do poder público e marcada historicamente pela imensa desigualdade social, por questões relacionadas ao grande latifúndio e, sem dúvida, na exploração dos desassistidos por meio do modo de produção agrária capitalista.

O movimento missionário da Igreja Católica foi conduzido pela Sagrada Congregação de Propaganda da Fé (*Propaganda Fide*), fundada em 1622, pelo Papa Gregório XV (1621-1623), com a incumbência e responsabilidade de promover e coordenar as missões espalhadas pelo mundo e de regular os assuntos eclesiásticos nos países católicos ou não católicos. A Congregação, segundo Alberigo (1995, p. 356), “exprime a vontade do sumo pontífice de ter em sua mão o controle da expansão missionária em países longínquos bem como nas terras

protestantes a serem reconquistadas”. Isto porque a medida tomada é por conta dos “invasores hereges e desvios doutrinários ou morais do catolicismo”, não sem tensões e conflitos.

Não há dúvida de que os capuchinhos franceses Frei Martinho de Nantes e Bernardo de Nantes merecem relevo - e os padres oratorianos⁴⁰ -, nos fins do século XVII, porque foram eles que conduziram com vitalidade as missões do rio São Francisco e sertões adjacentes, exercendo um profícuo trabalho junto às aldeias dos povos indígenas. Os capuchinhos italianos Apolônio de Todi, Clemente de Adorno, Carlos José de Spezia, Naibal de Gênova. Os capuchinhos são os sucessores dos jesuítas na evangelização dos indígenas durante o período do Brasil-Colônia, conquistando a simpatia da população pela sua atuação contra os holandeses. Com a expulsão dos holandeses do Nordeste brasileiro, os capuchinhos adentraram no sertão do rio São Francisco para evangelizar os indígenas da cultura do cariri ou quiriri nas pequenas ilhas existentes no curso das margens deste rio.

Por volta de 1780 havia um consenso no Nordeste brasileiro de que os únicos religiosos destinados às missões populares eram os capuchinhos italianos. O campo missionário ficou quase totalmente aberto aos religiosos estrangeiros. Quanto à brasilidade e conservação do campo missionário no Nordeste, deve-se, em parte, aos Padres diocesanos, pois toda a ação missionária estava nas mãos dos capuchinhos italianos e/ou dos lazaristas franceses. Uma parte dos capuchinhos que ancoram ao Brasil durante o século XIX veio por um chamado explícito do governo, após a primeira onda de missionários.

A atividade missionária dos Padres diocesanos brasileiros no século XIX é uma referência evidente, como o Padre José Antônio de Maria Ibiapina (1806-1883), cearense, nascido na fazenda Morro da Jaibara, Sobral (CE); do mesmo modo se tem notícia da atuação missionária do padre Hermenegildo Herculano Vieira da Costa (1820-1885), cearense de Quixadá, no Ceará. “Algo também se sabe do Pe. Francisco José Correia Albuquerque, grande missionário nos sertões pernambucanos, e que pode ser considerado um verdadeiro precursor do Pe. Ibiapina” (Costa, 1985/1986, p. 51). Hoornaert (2008, p. 46) diz que:

É preciso, pois, relativizar bastante a influência real dos movimentos missionários clássicos no Brasil: outras influências houveram, menos reconhecidas, menos valorizadas pela historiografia, a influência de mucamas e donas-de-casa, de violeiros e cantadores populares, de eremitas e irmãos, beatos e beatas, mesmo de quilombolas

⁴⁰ Como ilustração temos o padre oratoriano João Álvares da Encarnação que viveu por trinta anos, na segunda metade do século XVII, na aldeia de Tapessurama no Ceará, construindo trinta e duas igrejas na região (Hoornaert, 2008, p. 28). Cabe esclarecer que também em outros lugarejos do Brasil-Colônia houve ação missionária, como por exemplo, o padre jesuíta João de Almeida (1572-1653) que já realizou de novembro 1617 a 1619 uma “missão dos carijós” na atual região de Santa Catarina, contudo, não percebemos estas ações como *movimentos missionários* de certa amplitude e duração (Hoornaert, 2008, p. 43).

e cangaceiros, que talvez pesaram mais na formação do catolicismo realmente vivido pela grande maioria do povo brasileiro.

A partir do século XVII, tornou-se comum no sertão do Nordeste brasileiro as pregações dos penitentes “missionários”: eram grupos de religiosos leigos constituídos por populares das atividades agrárias, conhecidos como Ordem dos Penitentes da Cruz. Quando o missionário visitava uma comunidade, pregava a Lei de Deus e o Dia do Juízo, combatia o vício da bebida, o jogo e a infidelidade no casamento. Promovendo a reconciliação dos inimigos e a conversão dos pecadores. Era um catolicismo tridentino expresso em matizes que iam desde o apocalíptico ao supersticioso, com raras exceções.

Em Moura (1978, p. 45-54), no seu livro “Frei Damião e os Impasses da Religião Popular”, a partir de uma pesquisa feita por estudantes do Instituto de Teologia do Recife (ITER), em 1971, certificamos das “interpretações do fenômeno religioso em torno de Frei Damião”, cuja figura é incisiva na história do catolicismo popular no Nordeste. Segundo o autor, o povo se identificava com a pregação do capuchinho, que defendia e valorizava a cultura sertaneja ameaçada pela modernização e pelo avanço do intelectualismo entre a população mais escolarizada. Não há uma explicação sistemática do fenômeno religioso em torno do frade. As interpretações variam nas suas vertentes. São três eixos como tentativas de elucidação do fenômeno: o fanatismo, a ciência e a santidade. Cada uma dessas interpretações têm os seus limites. Passamos a percorrer os três eixos:

1. A primeira é uma interpretação mais conhecida dentro da hierarquia eclesiástica, entre pessoas de formação universitária, porque analisam Frei Damião em função do fanatismo do povo. Passo então à explicação desta primeira interpretação por meio da hierarquia eclesiástica que quer implantar no Brasil a catequese renovada, sobretudo aos fiéis do catolicismo popular do Nordeste.

2. O segundo eixo nasce da cultura moderna, que não acolhe com facilidade fenômenos miraculosos. Este eixo é a ciência e subdividido em várias outras, de acordo com o avanço do conhecimento da fenomenologia da religião. Abordaremos as duas interpretações mais habituais. **a)** A interpretação econômica é difundida por meio da teoria da religião de Karl Marx (1818-1883). Pode-se distinguir nos escritos de Marx dois enfoques bem diferentes acerca da religião. O primeiro está no “jovem Marx” e tem caráter filosófico, na esteira de Feuerbach, que vê na religião a projeção idealizada do ser humano alienado. Marx o critica por não ver o ser humano como coletividade, e sim como pessoa individual, mas, aproveita e desenvolve a ideia da alienação aplicando-a às classes oprimidas que anseiam por sua realização como pessoa humana. O ser humano não pode ser examinado fora da sociedade na qual vive. Dessa forma,

superada a crença no que está além da verdade, a missão da história consiste em averiguar a verdade daquilo que nos circunda.

A miséria religiosa é, de um lado, a demonstração da miséria real e, de outro, o protesto contra ela. A religião é o lamento da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração. O pensamento marxista vê na religião o grito espontâneo do oprimido. Já é consenso na sociologia do conhecimento que o fenômeno religioso, na configuração concreta no tempo e no espaço humano, cabe ao domínio das representações que a pessoa opera para dar sentido à sua existência diante do mundo. A representação não é um mecanismo transparente de expressão de algum suposto referente.

A representação é “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (Silva, 2011, p. 91). Sem pretensão de “reduzir” qualquer representação, inclusive religiosa, aos diferentes aspectos de situação-no-mundo. Pois, segundo esta interpretação (teoria), o povo do Nordeste brasileiro que não satisfaz suas necessidades econômicas, que não dispõe de terra para plantar e colher (cultivar) e que não tem nenhuma consciência crítica para perceber as verdadeiras causas de sua miséria, somente pode interpretar o mundo com mitos religiosos.

Com seu esquema pronto de missão capuchinha, Frei Damião traz um discurso carregado de ideologias e, conseqüentemente, de poder, edificando representações e, além disso, construindo as já existentes no Nordeste. Os sistemas religiosos estão inseridos na realidade social, com um arcabouço linguístico próprio e padrões que desembocam em relações de domínio e poder. Na interseção com a História Cultural, Chartier (2002, p. 17) acertadamente enfatiza que:

[...] as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.

A presença do missionário tinha uma grande consequência na vida das pessoas, porque os devotos o tinham como um “santo”. Tal hipótese apoia-se sobre o argumento de que o fenômeno em torno de Frei Damião se justificaria pela estrutura social injusta dos nordestinos. Um alento à vida atormentada. O homem do sertão, mais do que qualquer outro, está em função imediata da

terra. A tutela do sobrenatural é uma necessidade que não seria tão imperiosa. Observe que o caso de Frei Damião é marcado pela ambiguidade da função do missionário, porquanto, para Moura (1978, p. 50), “se um dia se mudarem estas condições mudarão também as representações que o povo faz de Frei Damião”. Portanto, segue a outra interpretação que é mais frequente. **b)** A interpretação psicológica é conhecida pelo estudioso do tema religioso, Sigmund Freud (1856-1939), sobretudo em duas das suas obras dedicadas ao fenômeno religioso: “Totem e Tabu” (1912) e “O Futuro de uma ilusão” (1927). Em ambas, Freud dedica atenção ao fenômeno religioso. É aceitável que Freud tenha compreendido que não se pode separar cultura e psicologia. Ninguém consegue crescer fora da cultura. Segundo ele, as ideias religiosas são oriundas de desejos mais antigos da humanidade. Essa experiência religiosa, assevera Gruen (2004, p. 381), “é pré-categorial, pré-conceitual, até mesmo pré-cultural. É uma experiência que pode encontrar as raízes mais profundas da condição humana, porque a vida é marcada pela dimensão do sagrado e o vaivém de suas mediações”.

Nesse sentido, “a experiência religiosa parte de uma fantasia de onipotência, provocada pelo desejo de imortalidade, de absoluto diante da frustração e da angústia criadas pela realidade” (Ávila, 2007, p. 34). O que Marx assenta em termos econômicos, Freud coloca em termos psicológicos. O primeiro considera a atividade econômica como a matriz das relações sociais. O segundo considera o sentimento de culpabilidade como origem da religião. Ambos têm traços comuns, ao demonstrarem que a religião e os fenômenos ligados a ela se elucidam em termos de projeções e representações de desejos frustrados. No caso de Frei Damião como conselheiro, seria a passagem desses desejos “na pessoa do santo humilhado, Damião, que possa erguer-se graças aos golpes desferidos pelo céu contra os adversários”, no entendimento de Certeau (2008, p. 76). Porque completariam, em parte, as necessidades de segurança psicológica que o povo deseja. May (2013, p. 71-72) acentua que:

O aconselhador trabalha basicamente utilizando o processo da empatia. Tanto o aconselhando quanto o aconselhador saem de si mesmos e fundem-se numa entidade psíquica única. A vontade e as emoções de ambos passam a fazer parte desta nova entidade psíquica. Consequentemente o problema do aconselhando é transferido para essa “nova pessoa” e o aconselhador arca com sua metade do problema. E a estabilidade psicológica do esclarecimento, coragem e força de vontade do aconselhador se transferirão para o aconselhando, prestando-lhe grande assistência na luta de sua personalidade.

Fica patente que as necessidades psicológicas dão origem a fenômenos dessa natureza. Nesse contexto, situa-se, além dessas duas interpretações, a sociológica, devedora de fluxos científicos, de Émile Durkheim (1858-1917), em “As formas elementares da vida religiosa”,

publicada em 1912. O autor resolveu estudar as relações indivíduo-sociedade, percebendo-as como coisas, fatos. Assim procedendo, tem a religião como qualquer outro fato social. Para ele, a religião se explica dentro do fenômeno social. Até porque “as entidades sagradas são feitas à imagem e semelhança do grupo humano que as produz, porque a religião é a representação idealizada daquela sociedade” (Oliveira, 2008, p. 45). Há outros autores que ambicionam explicar a demanda por razões de ordem histórica. As interpretações apresentam verdades, sim, mas nunca absolutas. Abertas para as novas interpretações. A explicação dos fenômenos religiosos de cada grupo encontrar-se-ia em sua própria história. Como disse Ferry (2007, p. 237): “Cada um deles procurou desvendar o que há por trás de nossa crença nos ídolos, as lógicas escondidas, inconscientes, que nos determinam a despeito de nossa vontade”.

O estudo comparado das religiões guia o cientista a praticar o “ateísmo metodológico”, que rege a relativizar as verdades da fé. Em última análise, todas as religiões, sem exceção, seriam sistemas de alienação que remetem para a esfera celestial o que é da vida terrena. Isso porque a religião é produto da cultura humana. Além disso, a filosofia, a economia, a psicologia, a história, a sociologia e a antropologia, de uma forma ou de outra, oferecem reflexões para compreender o fenômeno religioso. A explicação do fenômeno Frei Damião pode receber atribuições de todas as ciências, as quais trazem a grande vantagem de examinar o fenômeno além das aparências imediatas, como fenômeno global, inter-relacionado com uma teia de outros fenômenos que o influenciam, modificam ou determinam. Segue a última interpretação trivial entre os devotos que admiram Frei Damião.

3. A santidade é a terceira e última vertente interpretativa sobre o fenômeno religioso em torno do missionário. Essa interpretação concentra-se na própria figura do frade. O nordestino, sobretudo aquele que vive no semiárido, no sertão, analfabeto, aprende as orações ditas pelos pais, avós e benzedeira. Na esteira de Alves (2017, p. 42-43), em seu livro “Terapêutica popular: a “cura” pelas benzedadeiras enquanto modo de cuidado”, assegura que:

[...] as palavras mágicas, rezas, terços, santos e a sabedoria ancestral das benzedadeiras mantêm viva uma tradição, que recebemos dos antigos colonizadores europeus e africanos. Os elementos utilizados em suas práticas fazem parte de um rico território de saberes e simbologias construídas ao seu entorno, onde as ervas e os ramos verdes fazem do dia-a-dia, sendo cultivados em suas hortas ou quintais de casa. O ritual da benzeção é realizado nesse ambiente de saberes domésticos e ricos em significados.

Em Frei Damião, o povo fixou o temor ao Deus vivo e a forma mais comovente da revelação. E sua própria conformação física, pequenina, seu sorriso, seus olhos pequenos, a barba encanecida, a voz enrouquecida pelo esforço da pregação, favoreceu a adesão visual dos

devotos nordestinos. O devoto gosta de rezar e acredita em fortes orações contra o inimigo, a inveja, o mau-olhado, o quebranto, a carne quebrada, a espinhela caída, o bom parto etc. Todo esclarecimento se aplica na figura do capuchinho, nas suas virtudes pessoais, no seu poder e na sua força, nos seus conselhos e no simbolismo de sua personalidade diante do devoto.

a) *Análise das Virtudes pessoais de Frei Damião por admiradores*

A voz do povo. Os testemunhos são quase uníssonos: “Frei Damião é um santo, um homem virtuoso.” Em relação aos outros Padres, ou missionários, ele é considerado diferente. “Ele é diferente dos outros, porque é bem mais calmo que os outros, parece um santo e é só nele que eu acredito” (Agricultor, 50 anos, Crato, CE) (Moura, 1978, p. 11-18). Os devotos acreditam e têm fé em Frei Damião como acreditam em Santo Antônio, São Francisco de Assis ou Padre Cícero. Suas virtudes e sacrifícios são notórios. Dizem que quase não dorme. Os lençóis da cama aparecem muitas vezes como foram colocados na noite anterior. Falam de seus olhos, de seus passos curtos e rápidos, que muitos não conseguem acompanhar. Suas vestes desbotadas impressionam os admiradores. São passos, olhos, vestes de santo!

As missões de Frei Damião quebravam a monotonia do lugar e serviam para amenizar a dureza da vida cotidiana, alimentadas pelos gestos do capuchinho com demonstração de que a sua santidade é feita de adesão, de renúncia, de caridade, de fé e de esperança. A consciência adormecida do devoto adquiriu um porta-voz com uma fé comprovada, da santidade verdadeira. Por isso, Frei Damião passa a ser para o fiel o seu conselheiro.

b) *Poder e força de Frei Damião por admiradores*

Os milagres confirmam e autenticam as suas virtudes pessoais. São apontados os milagres e os castigos. Averiguando a narrativa desses milagres, Moura (1978, p. 21-34), que acompanhou durante quatro anos Frei Damião em suas pregações, ouvindo diversos devotos, conseguiu contabilizar oitenta milagres. Dez milagres de castigo – oito mortes súbitas, uma morte lenta e um alvoroço de multidão – cinco milagres de cura e três de prosperidade econômica. A configuração como as pessoas narram os milagres é para levar e exaltar o interlocutor à fé em Frei Damião de Bozzano. Desacreditar em Frei Damião ou de seus milagres caracteriza falta de fé. Existem algumas restrições quanto ao alcance de alguns milagres, mas as restrições são contra quem exagera, não contra o poder e a força do frade capuchinho.

c) Conselhos e bênçãos

Alguns vigários do interior e bispos confirmam terem recebidos testemunhas de conversão devido aos conselhos de Frei Damião. O bispo Dom Costa, de Caruaru (PE), deu o seguinte depoimento:

O italiano continua sendo o missionário que prega pelo testemunho. Chego mesmo a pensar que Frei Damião teve influência na minha vocação, apesar de nunca ter pensado em ser missionário. O que me encantava em Damião de Bozzano era a sua pregação. Eu dizia: vou ser padre como ele (Oliveira, 1997, p. 86).

São conselhos de um homem santo e virtuoso. Quem se encontra com problemas, procura e é ouvido. O povo sente necessidade de pedir-lhe conselhos. Os pais sugerem que os filhos o procurem, e vice-versa, os amigos propõem aos conhecidos que o consultem nas aflições.

d) Pregação

Por que a pregação de Frei Damião reafirma os valores do povo? Por que o povo conta que Frei Damião faz milagres? Embora houvesse sempre pregações nas missões, os devotos pouco se recordam dos conteúdos de seus sermões. Suas palavras são lembradas por causa dos conselhos, histórias e ameaças. Nas missões, as pessoas querem tocá-lo, vê-lo, senti-lo. As pregações eram de cunho apocalíptico, centrada na pregação dos fins últimos. Frei Damião pregava um catolicismo que o povo entendia, de acordo com a formação do Concílio de Trento (1545-1563). O povo vê no missionário o homem de Deus, uma alma pura, luminosa, reta, uma vida santa. Daí que aceita e guarda sua palavra. A pregação do capuchinho possibilitava ao fiel encontrar sentido diante das contradições que vida lhes impõe. Adotava como método de evangelização a ameaça do “fogo do inverno” para os pecadores. Suas pregações tinham um conteúdo moralizante que ia ao encontro com a cosmovisão do devoto: como explicar as calamidades, as secas, a pobreza, a fome, o desemprego, a violência, como castigos de Deus.

Há probabilidade de que as pregações apocalípticas ditas por Frei Damião aos nordestinos sejam oriundas da tradição da missão capuchinha vinda Itália. Como alguém que compreende a cultura nordestina, o frade prega sobre o céu, a bondade, o pecado mortal, de um jeito que o fiel entende e segue, repercutindo ao longo dos anos na memória do povo nordestino.

2.1.1 Missão e os seus diversos significados

Missão vem do latim “*mittere*” e significa enviar. É uma palavra que congrega diversos significados. A missão popular pregada por Padres missionários em paróquias e comunidades é tradicionalmente chamada de Santa Missão. A Igreja Católica, com seu corpo hierárquico e na obrigação de fazer cumprir efetivamente o anúncio do Evangelho aos não cristãos, justifica-se no mandamento de Jesus ressuscitado (Mc 16, 15). Esta missão além-fronteiras ia frequentemente acompanhada com a política de expansão de governos cristãos ocidentais e causava inúmeros problemas entre estes e a igreja. Segundo Oliveira (1985, p. 31-32):

É a partir de 1548 que a Coroa Portuguesa toma em mãos a empresa colonial, enviando ao Brasil um governador-geral que retoma os poderes delegados aos capitães e inicia o processo de submissão dos indígenas. Submeter os indígenas ao domínio colonial, é a primeira condição para a colonização efetiva do Brasil. Nesse processo, o papel da religião é chave. Em sua primeira carta ao governador-geral, diz o Rei: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse a nossa santa fé católica.” Com o governador-geral chegam os jesuítas, encarregados da conversão dos índios ao catolicismo. Num primeiro momento essa tarefa lhes parece ser fácil, pois os índios se mostram atentos à pregação e parecem acolher docilmente a fé católica. A primeira carta do superior dos jesuítas no Brasil mostra um grande otimismo [...] Os missionários percebem que se os índios acolhem facilmente a fé católica, também facilmente a abandonam. Um missionário compara-os à areia das praias: escreve-se nelas o que se quer, mas basta que suba a maré para que tudo se apague e retorne ao estado anterior. O índio que fazia pensar no mito do bom selvagem, puro mas ignorante, passa a ser visto como um bruto que só pela força das armas pode ser submetido à fé católica.

Os indígenas foram obrigados a renunciar à sua crença original. A missão, como processo de inculturação, requer o conhecimento das necessidades fundamentais dos seres humanos, para poder testemunhar o Evangelho como proposta de vida. A história da missão é a história da própria Igreja. Na realidade brasileira, o empreendimento missionário foi realizado de várias formas no decorrer dos três primeiros séculos de história. O trabalho missionário dos aldeamentos, que buscou distanciar o mundo indígena do mundo colonial, levou aos poucos a uma experiência de convivência que teve grandes consequências. O das “missões populares”, que prolongava no Brasil uma linha pastoral muito desenvolvida na Europa após o Concílio de Trento.

Frei Damião convivia com dois mundos: o catolicismo popular e o catolicismo da hierarquia eclesiástica, até as tratativas do Vaticano II. Chega a ser dicotômico. Na Introdução do texto sobre “As missões populares, momento forte da expressão religiosa do povo”, Costa (1985/1986, p. 45), descreve que existem:

[...] os dois momentos mais fortes da alma religiosa do povo simples do Nordeste foram a Semana da Paixão e as Santas Missões. A experiência religiosa, que o homem do povo vivencia nessas duas ocasiões, corresponde uma realidade profunda do íntimo do seu ser. Se, em ambas, há um traço comum, expressivo da religiosidade do povo – uma religião penitencial –, no entanto, há nelas algo de mais abrangente e de mais complexo.

Retornando ao tema da estrutura das missões de Frei Damião, que acompanha as antigas tradições dos velhos missionários itinerantes pelo Nordeste, em especial da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Sousa Neto (2011, p. 25-26), membro dos capuchinhos da Província São Francisco das Chagas do Ceará e Piauí, no seu livro “Frei Damião: o missionário”, relata que:

[...] após seus sessenta anos de atividade missionária, é difícil encontrar nos estados nordestinos de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte uma cidade de população superior a cinco mil habitantes que não tenha recebido uma Santa Missão de frei Damião. E na maioria das capitais nordestinas ele pregou missões mais de uma vez. Mas o que há de diferente na pessoa desse frade pequeno-grande, e como, mesmo sendo estrangeiro, conseguiu captar a alma do sertanejo ao ponto de deixar-se identificar com a religiosidade dos nordestinos? Sobre quais pilares construiu sua pregação e vida apostólica numa terra que não era a sua?

Frei Damião andou a cavalo em um sertão empoeirado sem estradas, sem energia elétrica na maioria dos povoados, sem meios de comunicação e sem transporte acessível. O frade não se furtou em acompanhar a “tradição da oratória franciscano-capuchinho de ‘anunciar a pena e a glória, os vícios e as virtudes, para utilidade e edificação do povo’” (Sousa Neto, 2011), fazendo procissões de velas acesas, talvez, quem sabe, para clarear os caminhos escuros do semiárido nordestino. O trabalho missionário consistia em celebrar, pregar, batizar, crismar, casar, assistir os enfermos, confessar e aconselhar. Tinha também como missão promover a paz entre as famílias, como sinaliza Maior (1998, p. 65), quando diz que:

Na cidade de Belém de São Francisco, em 1981, a contenda, entre as famílias Benvindo e Gonçalves, se arrastava durante uma década, com mais de vinte vítimas, inclusive, pessoas inocentes, que nada tinham a ver com a história. [...] O Dr. Geraldo Lustosa de Carvalho, médico e ex-prefeito do município, teve a ideia de resolver o conflito por intermédio da fé, convicto de que Frei Damião era a pessoa certa para convencer as famílias num pacto de paz.

Frei Damião tinha um esquema de missão pronto na cabeça. Apresentava o conteúdo da pregação dentro de uma estrutura lógica. Em primeiro lugar vinha uma motivação, em segundo, a tese, em terceiro, as objeções, e, em quarto, as provas racionais, bíblicas e da tradição; e terminando com aplicação práticas. Sendo assim, cumpria a função da missão de fortalecer o catolicismo militante. Sua mentalidade católica era de inspiração tridentina. Seu modelo de

pregação missionária era bem preparado, sem qualquer alteração na forma, inclusive, decorava todos os sermões, segundo Hoornaert (1997, p. 116), numa perspectiva histórica, “Era costume, entre os pregadores populares, anotar e decorar textos já traduzidos do italiano pelos próprios capuchinhos. Assim ainda trabalhou até bem pouco tempo atrás Frei Damião de Bozzano.” O capuchinho sempre iniciava os trabalhos entoando o canto “Abençoa está missão”, fazendo o sinal da cruz e rezando uma Ave-Maria. Havia missa e pregação. A missão tinha aspecto de festa na comunidade, com anúncio pelo alto-falante. Ele solicitava que durante a missa homens e mulheres ficassem separados.

As missões de Frei Damião duravam, em média, sete dias. Sempre havia uma caminhada às quatro horas da manhã e missa às sete horas. Depois, ele tomava um café e atendia às confissões, das oito horas ao meio-dia. Parava para almoçar e fazia um breve repouso. Retomava com as confissões, das quinze horas às dezoito horas, sempre dando preferência aos homens. Este esquema de missão manteve continuamente por mais de seis décadas, com obstinação e afeição. Onde quer que fosse, uma multidão de fiéis o cercava para vê-lo, dada sua pequena estatura. Abordando sobre “as grandes manifestações de fé”, Azzi (2008, p. 423-424) revela que:

[...] as missões populares tiveram sua etapa de expansão com o processo de romanização da fé, a partir de meados do século XIX. [...] Nas missões populares, o centro religioso é constituído pela matriz da paróquia, onde o padre atua como ministro de Deus. No período em que se realizam as missões, pregadas pelos religiosos, a igreja se transforma num local de reavivamento da fé, sobretudo através da recepção dos sacramentos, entre os quais merecem destaque especial a confissão e a comunhão. A finalidade específica das missões populares era a difusão e o fortalecimento do catolicismo romanizado, formando católicos praticantes.

A missão de Frei Damião era especialmente dar assistência aos devotos a todo o tempo, realizando aconselhamentos individuais. O atendimento das confissões acontecia tanto pela manhã quanto à tarde, com prioridade para aos homens. Os devotos eram despertados com o tocar de sinos e músicas para a missa de madrugada. Durante as missões, o fiel levava água, ramos e objetos para serem abençoados pelo religioso capuchinho. Também acontecia a bênção do Santíssimo Sacramento. A base estrutural de suas missões consistia em uma pregação do catolicismo à moda antiga⁴¹, em linguagem acessível sobre a morte, o pecado, o julgamento-juízo de Deus e o inferno, apesar do forte sotaque italiano. As suas pregações giravam em torno

⁴¹ O termo tem relação com a noção de “os missionários procuravam afastar do tempo sagrado das Santas Missões todas as diversões “profanas”: os bailes, as danças, os jogos etc. Fazia parte do ritual de uma Santa Missão a queima, numa grande fogueira, dos símbolos e objetos de vaidade e de diversões, que poderiam arruinar a vida das famílias: as violas, as rebecas, os violões, os baralhos, as bonecas, os vestidos “ímorais” (Fragoso, 1985, p. 48).

da punição de Deus e a Terra como o Purgatório, “onde mediante a conformidade com a vontade punitiva de Deus, suportando-se a injustiça, a escravidão, a pobreza, se conseguiria a felicidade na outra vida” (Costa, 1985, p. 47). Quando terminava uma missão, Frei Damião partia para outra localidade, prosseguindo com seu trabalho missionário, percorrendo longas distâncias e visitando cidades, povoados e vilarejos para pregar e confessar a massa de devotos.

2.1.2 O conteúdo das pregações nas missões de Frei Damião

Não obstante houvesse sempre as pregações nas missões de Frei Damião, os devotos pouco se lembram do conteúdo dos seus sermões, referindo-se sempre aos seus conselhos. Marangon (2006, p. 58) refere-se a um sermão de Frei Damião combatendo o adultério quando diz que:

[...] um homem casado no religioso, que abandona sua mulher para casar no civil com outra, vai tirar um passaporte para o inferno. [...] Procurando outra transgride a Lei de Deus e atrai sobre si os seus castigos, castigos que não tardarão a vir como a experiência de cada dia no-lo ensina.

Ficou evidente que não há alteração no conteúdo das pregações, que são sempre os mesmos; a respeito do inferno, da pílula, o adultério, etc. Frei Damião era alguém que compreendia a cultura nordestina, pregava sobre o Céu, a vida, o pecado mortal de maneira tão simples que o povo conseguia entender, ressoando ao longo do tempo na memória do sertanejo nordestino. Silva (1997, p. 141), que acompanhou Frei Damião durante anos pelos Estados do Nordeste, declara que “A religião do povo nasceu e permanece no seu sentimento de infância, na candura do seu esperar. Ela não é exigente. É simples. Tão simples que o violeiro pode ser o seu portador. Uma novena, a sua roupagem. Uma promessa a sua resposta”. Segundo Libânio (2002, p. 55), “a religião dá sentido a uma dimensão profunda das pessoas. Enquanto tal, ela se organiza num sistema de ritos, doutrinas e práticas.” Sendo assim, a religião dos “brasileiros” adquire uma linha social e a vida social assume uma dimensão basicamente religiosa. São elementos caracteristicamente medievais, como a intercessão dos santos, as devoções, as promessas, as festas, etc.

Para o biógrafo Oliveira (1997, p. 201), Frei Damião:

[...] fala de um Deus justiceiro que criou os anjos e demônios, o céu e o inferno e instaurou a Igreja fora da qual não há salvação. Ele apresenta uma moral de certezas que define claramente o limite do bem e do mal e quais são os pecados veniais, que levam ao purgatório, e os mortais, que condenam ao inferno e quais são as obras meritórias para o Céu.

Após vinte anos convivendo com o povo nas missões do Nordeste, Frei Damião resolveu escrever o seu livro “Em Defesa da Fé” (1953), como será abordado no terceiro capítulo desta tese. Chamo a atenção para o fato de que a maioria dos biógrafos não costumam incluir as andanças missionárias de Frei Damião em Sergipe, sobretudo nas cidades do alto sertão sergipano. Maior (1998, p. 21):

Nas suas santas missões, Frei Damião pregava um catolicismo que o povo entendia, um catolicismo à moda antiga, de conformidade com os moldes do Concílio de Trento (1545-1563), o que resultou num choque entre a Igreja Católica medieval e a moderna, com missa rezada e cantada em português para os fiéis. Frei Damião pregava um Inferno pintado de cores fortes, labaredas de fogo consumindo os pecadores que levavam uma vida dissoluta, esquecidos dos ensinamentos de Deus.

Frei Damião viveu em pleno século XX, mas a “sua formação intelectual e teológica fora influenciada pelos concílios do Vaticano I e de Trento e pela proclamação da infabilidade papal” (Marangon, 2006, p. 37). Ele era contra certos hábitos modernos como o uso de calças compridas, minissaia. Para o frade, não se pode colocar dúvida acerca do poder papal, pois, para o capuchinho, a Igreja Católica não pode afastar-se de uma sequência de identidades doutrinárias sem rupturas entre o primeiro papa, São Pedro, e o último papa. Sendo assim, o frade absolve sem nenhuma crítica e aplica uma determinada formação histórica de uma Igreja hierarquizada, autoritária e centralizadora surgida na Idade Média e ratificada nos Concílios de Trento e Vaticano I.

Ele não permitia que um casal vivesse sob o mesmo teto como marido e mulher sem serem unidos pelo sacramento do matrimônio. Muitos líderes de outras religiões que seguiram a caminhada missionária de Frei Damião no Nordeste brasileiro ou conheceram o trabalho que realizou têm ideias distintas acerca da atuação do missionário. Frei Damião, um religioso capuchinho com profundo carisma, dedicava-se nas missões que realizava para alçar a multidão de devotos contra o protestantismo, dentro do espírito tridentino. Desse modo, estabelece o que Delumeau (2003, p. 283) classifica como “pastoral do medo”, cuja conotação é “um discurso culpabilizante frequentemente ligado ao medo”. Praticando uma pastoral de acordo com os moldes do Concílio de Trento (1545-1563), Frei Damião diz pretender com os seus sermões “salvar as almas, levar cada dia mais almas para Deus”.

Apresentaremos uma síntese, do pensamento tridentino de Frei Damião, através de conceitos e opiniões extraídos de seus sermões e entrevistas.

1. **MINISSAIA** – “Eu condeno sempre a minissaia. Minissaia não presta. É causa de muitos pecados. Muitos homens já perderam a cabeça por causa desse exagero das

mulheres.”

2. **CONCUBINATO** – “Uma pessoa que vive com outra sem casar entrará no Inferno de cabeça para baixo.”
3. **ADULTÉRIO** – “O adultério é um pecado tão nefasto que os povos sempre puniram com os mais tremendos castigos. E como se pune o adultério depois da morte? Com o Inferno! Homem que mantém relações com uma coruja fora de casa, aos infernos!”
4. **INFERNO** – “No Inferno só há sofrimento. Lá o calor é bilhões de vezes pior que no Nordeste. As labaredas sobem e queimam sem parar o corpo dos adúlteros, das prostitutas, dos afeminados, dos criminosos. Lá é o lugar onde vive o Demônio.”
5. **CONFISSÕES** – “Confessai vossos pecados. Se não tiverdes pecados graves, confessai então os pecados já confessados. O que não pode haver é confissão sem pecados.”
6. **NAMORO** – “Só na frente dos pais, com uma pessoa solteira. E deve ser breve, com casamento à vista.”
7. **DANÇA** – “A dança é um elemento de perdição. Quando um homem e uma mulher se juntam para dançar, não pode sair nada bom disso tudo. Então, sobrevêm os maus pensamentos, os desejos pecaminosos, o pecado.”
8. **BEIJO** – “Um beijo no rosto da namorada, como um beijo dado numa parenta, não tem nada de mais, estão ouvindo? Agora, um beijo na boca, um beijo de língua. Isso, não; é pecado.”
9. **CASAMENTO** – “viver com uma mulher sem ser casado com ele na Igreja, está errado. O casamento na Justiça não é o bastante. Deus não confia nessa união, ela não existe. Estão ouvindo? Tem que casar na Igreja.”
10. **OS JOVENS** – “Fazem o que não deveria ser feito, em pecados, prazeres sinistros, desonestidades, conversas inúteis, visitas supérfluas, danças, jogos, divertimentos.”
11. **PÍLULA** – “A pílula não é boa. Deus não gosta. Para evitardes filhos, podeis, apenas, não usar dos vossos direitos matrimoniais. E podeis fazer isso, se quiserdes, a vida inteira, de comum acordo com os vossos maridos.”
12. **DIVÓRCIO** – “O matrimônio só é quebrado por morte da esposa ou do esposo. Quem deixa o casamento para casar com outro no civil, entrará no Inferno de cabeça para baixo.”
13. **CALÇAS COMPRIDAS** – “Para vós, mulheres que usam calças compridas, está reservado um lugar bem fundo no Inferno.”
14. **VIDA** – “Vivemos hoje como se eterna devesse ser nossa morada sobre a Terra. Que outra coisa faz a maior parte de nós? Grande parte da vida empregamos em fazer o mal

– outra grande parte, em fazer-nada, e toda ela em fazer aquilo que não deveria ser feito, em pecados, prazeres sinistros, desonestidades.”

15. **POLÍTICOS** – “Os políticos prometem muito e nem sempre cumprem, mas de que valem essas promessas que são para coisas materiais? Devemos pensar nas coisas da alma.”
16. **SOFRIMENTO** – “Sofrimento não é indiferença de Deus. Esta vida é apenas uma preparação para a outra. Esta sim, é importante. Daí, precisamos sofrer nessa existência para termos merecimento na outra.”
17. **DEMÔNIO** – “O Demônio existe, está ouvindo? Ele existe. Em Mirandiba, entrei numa casa abandonada e ele me jogou sete pedras. ”
18. **MILAGRE** – “O povo inventa milagre. É o sentimento religioso, popular. Os sertanejos dizem que sou responsável pelos resultados que nossas orações conjuntas trazem. Mas o milagre só vem com o merecimento e a fé.”
19. **PROTESTANTISMO** – “A religião protestante é cristianismo, mas cristianismo mutilado. Eles separaram da Igreja Católica no século XVI. Conservaram muitas verdades da religião católica e rejeitaram outras. Por exemplo, que o Papa não é o vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, que Maria não é mãe de Deus, que o purgatório não existe. Eles admitem que cada qual leia a Bíblia e entenda como quiser. Nós, pelo contrário, achamos que a Bíblia deve ser entendida como manda a Igreja Católica.”
20. **FIDELIDADE** – “A fidelidade consiste em manter os compromissos formados na hora do casamento. Essa fidelidade é quebrada quando os esposos, geralmente os maridos, se entregam às imundícies da carne e quando procuram pessoas estranhas para satisfazer os baixos instintos, pecado esse que se chama adultério.”
21. **MUDANÇAS RELIGIOSAS** – “Ouvi falar de muitas mudanças na religião e nos praticantes das grandes cidades. No entanto, não posso falar nada delas porque continuo a fazer o que sempre fiz e, depois, vou muito pouco nas capitais. Parece que todos estão buscando mais os valores materiais do que os espirituais. Isso é ruim.”
22. **BRASIL** – “O país é ótimo. Muito tranquilo, não tem comunismo.”
23. **TRADIÇÃO RELIGIOSAS** – “As tradições, que vêm dos apóstolos, sempre continuam. Se dizem respeito à fé, não serão mudadas, não. Outras leis disciplinares da Igreja podem mudar.”
24. **OBJETIVO DE SUAS MISSÕES PARA OS SERTANEJOS** – “Livrá-los do demônio, que queria afastá-lo da Igreja, fazê-los abraçar outro credo. Muitos que viviam amancebados, ajustaram casamento. Homens casados que pecavam com outras

mulheres, voltaram para casa a fim de cumprir o matrimônio perfeito, fugindo das tentações da carne. [...] Quero bem ao povo, com carinho, aconselhando para o bem.”

25. RESPONDENDO ATOS DE ALGUNS BISPOS DO NORDESTE QUE LHE PROIBIRAM DE PREGAR NAS PARÓQUIAS DAS DIOCESES – “Quem manda

em casa é o dono da casa e o bispo manda na diocese. Sou muito obediente. E quero que o povo obedeça ao seu bispo. Nunca falei, nunca me levantei contra as ordens de qualquer bispo. Eles são os sucessos dos apóstolos. Então, vou para outro lugar e falo, ensino o caminho do céu, como se deve amar ao próximo como a si mesmo.”

São conselhos de vida espiritual, conforme Frei Lazzari (2003, p. 113):

Todos os missionários que tiveram seguidores e se estabeleceram como homens de Deus exerceram uma função orientadora sobre o povo. Sua sábia palavra, considerada um oráculo, com o tempo assumiu forma de “conselho”, gênero literário que fez fortuna entre a população pobre e analfabeta do sertão nordestino. Na esteira de homens famosos como Pedro Batista, Antônio Conselheiro e Padre Cícero, Frei Damião também criou uma reputação e uma clientela que o sinalizou para as massas como o homem de conselho.

Os conselhos ditos pelo Frei tinham um conteúdo moralista que ecoava no coração do devoto. Há probabilidade de que os conteúdos apocalípticos pregados no sertão nordestino sejam oriundos da antiga tradição capuchinha vinda da Itália. Como exímio conhecedor da cultura nordestina, o frade capuchinho prega sobre o Céu, o Inferno, a bondade, o pecado mortal, de uma forma que o povo entende, que ele reafirmava sempre em seus conselhos, ressoando ao longo do tempo na memória do povo sertanejo.

2.2 A tradição das Santas Missões Populares

Quem são os capuchinhos?⁴²

A Ordem franciscana foi fundada em 16 de abril de 1209 por Francisco de Assis (santo) que a constituiu tendo como um de seus objetivos a missão do apostolado entre os “infiéis e pagãos”. Seu esquema, formado por frades missionários, obedecia aos princípios da “Regra de São Francisco”, redigida em 1223. Os franciscanos sempre estiveram presentes nos movimentos de expansão imperial. O Santo de Assis, fundador da Ordem, foi quem iniciou as missões no Oriente. Com o apoio franciscano, Cristóvão Colombo conseguiu sua viagem à América (dois franciscanos teriam participado da expedição). Fazia parte da rotina da

⁴² Sobre a Ordem dos Frades Menores Capuchinos baseamo-nos em autores: Elias (1948), Miranda (1976) e Azzi (1977), cujas obras constam nas referências.

navegação portuguesa ter um capelão. Dessa maneira, chegaram ao Brasil, na expedição de Pedro Álvares Cabral, oito franciscanos, em companhia de Frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira missa. Em seguida chegaram outros franciscanos em Porto Seguro (BA), em 1515 e São Vicente (SP), em 1523 e 1538. Porém, o estabelecimento mesmo da ordem franciscana no Brasil está ligado à conquista da Paraíba, por volta de 1580, dedicando-se à catequese dos povos indígenas e servindo como capelães aos colonos portugueses.

O “Regulamento Missionário” assinado pela junta custodial (reunião superior de um conjunto de conventos) em 27 de outubro de 1606, em Olinda (PE), e aprovado pelo Capítulo Provincial de Lisboa (reunião de três em três anos dos superiores da província e dos conventos) em 21 de julho de 1607, vigorou em todas as missões do Brasil. O regulamento estabelece advertências gerais para as doutrinas e normas de conduta do missionário. Entre estas normas, o “Regulamento Missionário” fala da gravidade com que deve ser pregada a doutrina aos indígenas “exortando com exemplos de Santos e fazendo-os esquecer seus ritos gentílicos”.

E sobre os castigos, ao uso da palmatória e do tronco, o “Regulamento” estabelecia condições especiais, tanto para os idosos chefes quanto para as mulheres. A Ordem Franciscana, a partir do século XVI, sofreu divisões entre seus membros, motivadas pela interpretação mais ou menos rigorosa da “Regra de São Francisco”, sobretudo no que diz respeito à pobreza. Daí surgirem os “Conventualistas” e os “Observantes”, estes últimos, como o próprio nome sugere, sendo mais rigorosos seguidores dos preceitos de São Francisco.

A terceira divisão entre os franciscanos surgiu quando o frade observante Mateus de Bascio (1495-1552), fundou na Itália, em 1525, o ramo da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, designação escolhida pelo fato de usarem um capuz/capucho⁴³ quadrado. No começo, os Capuchinhos foram mal interpretados e até perseguidos por outros frades. Contudo, encontraram uma poderosa protetora na Duquesa de Camerino, sobrinha do papa, e, em 1528, obtiveram a bula “*Religionis Zelus*” (Zelo Religioso) que os reconhecia como família franciscana à parte.

Frei Mateus e os primeiros fundadores resolveram abandonar os Capuchinhos. Em seguida, a Ordem recebia do Papa Paulo III uma proibição de se expandir fora da Itália. Tal proibição só foi suspensa, em 1574, pelo Papa Gregório XII, quando os Capuchinhos somavam 18 províncias, 300 conventos e mais três mil frades. A Ordem Capuchinha, na sua qualidade

⁴³ O uso do capuz ou capucho tem provavelmente origem nórdicas, para defender-se do frio intenso que faz nos países do norte e centro da Europa. Generalizou-se na Idade Média, especialmente entre as ordens religiosas. Na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, é um distintivo característico e inconfundível. Usa-se cosido à túnica ou hábito, e de ordinário pende sobre as costas. Só podem usá-lo aqueles que já professaram os votos da Ordem (Elias, 1948, p. 77).

de franciscana, igualmente como a Observante e Conventual, conservou a Regra como carta fundamental. E assim foi necessário traçar algumas normas práticas, particulares e mais detalhadas, que regessem a vida ordinária conventual e de apostolado. Estas normas, chamadas “Constituições”, são o distintivo de cada uma das famílias franciscanas.

Os capuchinhos chegaram ao Brasil no dia 8 de dezembro de 1612, para missionar junto aos povos originários e às populações pobres do interior. Essa linha de atuação se mantém até os dias hoje. No decênio de 1770-1780 aportam, no Brasil, capuchinhos italianos, imbuídos da missão evangelizadora e renovadora dos costumes do clero secular no Nordeste. Os capuchinhos são originários da ordem mendicante, que surgiu na Idade Média como reação à queda do fervor da fé católica e da degradação dos quadros hierárquicos da Igreja romana. Foi durante o período pontifício de Bento XIV (1740-1758) que os capuchinhos ganharam expressão, em tarefas missionárias no Novo Mundo ultramarino. A fim de converter os pagãos e de implantar uma fé verdadeira.

Em meados do século XVIII, inúmeros capuchinhos italianos foram enviados em missão popular para o Nordeste brasileiro. Durante suas pregações, dramatizavam sobre o fogo do inferno para aqueles que incorriam no pecado. A história mostra que, assim como os jesuítas, os capuchinhos exerciam as funções de pacificar e intermediar entre as forças do governo e os grupos religiosos de protesto social. Oliveira (1997, 34) afirma que:

Era assim que o conselheiro Pires da Motta costumava referir-se a frei Caetano de Messina: “Só ele fez muito pela pacificação do interior de Pernambuco e Ceará do que poderia fazer um exército de 20 mil homens, com a preciosa circunstância de não haver derramado uma só gota de sangue.

Entre os grandes missionários capuchinhos que ganharam notória influência na cultura nordestina, para citar alguns deles: Frei Caetano de Messina, Frei Apolônio Di Todi, Frei Mantinho de Nantes, Claude d’Evreux e Ivo d’Evreux, Frei João Evangelista de Monte Marciano, entre outros, eram capuchinhos que desempenhavam a função de padres nas duas importantes vertentes de missão: os que partiam para lugares longínquos e de difícil acesso para atender aos povos indígenas, e os que iam para as missões de cidades e vilas povoadas por gente de fé católica.

As santas missões populares administradas pelos frades Capuchinhos italianos no Brasil primeiramente, reduziam-se à conversão do indígena por meio dos aldeamentos, “tornando-se “cristãos, deviam tornar-se igualmente “civilizados”. E tornar-se “civilizado” era deixar os costumes “selvagens” e assumir os costumes “europeus”. (Costa, 1992, p. 170). Merece

esclarecer que a atividade missionária dos Capuchinhos no Brasil se deu por meio de contrato com o Governo imperial, tornando-se sujeitos ao plano indigenista do contratante.

2.3 O fenômeno Frei Damião à confissão e o aconselhamento público

Frei Damião é possivelmente o derradeiro grande conselheiro do povo com sua rígida disciplina do catolicismo tridentino, que dava muita atenção à confissão e ao aconselhamento público em seus sermões. As indagações são recorrentes a respeito da função do conselheiro, conforme descrição de Hoornaert (1969, p. 592), porque:

[...] nesta visão do padre como mediano entre o céu e a terra se enquadra a função do padre como “conselheiro”, provavelmente enraizada em estruturas ameríndias. Interessante observar como os padres da história nordestina que até os dias de hoje tiveram mais ascendência sobre o povo – os membros da famosa “dinastia”: Padre Ibiapina, Padre Cícero, Frei Damião – são apreciados antes de tudo como conselheiros, não como pregadores ou milagreiros.

Apesar de terem vivido em diferentes contextos históricos e sociológicos, o sertão nordestino tem sido palco de uma “estirpe” ou “linhagem” de conselheiros cuja função parece ser muito importante. Por quê? A confiança que a pessoa deposita no conselheiro pode representar um confronto à cultura da modernidade, como espaço de oposição à lógica racionalista e instrumental. Frei Damião, como conselheiro, merece atenção, porque sobre ele gira ambiguidade. Graças também a essa contradição, o devoto o reconhece pelas suas qualidades de conselheiro. Soube desculpar as fraquezas humanas, dando-lhes o perdão, pois “certamente a falta de absolvição deixa o problema sem solução, à espera de uma conclusão feliz” (Lazzari, 2003, p. 50-51).

Frei Damião era um conselheiro em sintonia com as velhas práticas – confissão auricular -, dentro de um contexto social e religioso que ainda permitia aquele tipo de comportamento, aproveitando as confissões para levantar os sertanejos contra os avanços do protestantismo. Ele foi o último conselheiro representante de um catolicismo antigo, alimentando um clima de incompreensão entre grupos diferentes, ainda que cristãos.

Dois grandes estudiosos da cultura nordestina – Eduardo Diatahy B. de Menezes (1996, p. 2) e Eduardo Hoornaert (1997) - fazem referência à “estirpe” ou “linhagem” de grandes conselheiros inaugurado pelo Pe. José Antônio de Maria Ibiapina. A exemplo do Padre Cícero que com acolhimento e atitude de conselheiro ia arrebanhando uma multidão de nordestinos que recorre ao Juazeiro do Norte (CE), para pedir conselho, como era corriqueiro. A figura do

Padre Ibiapina influenciou o agir do Padre Cícero Romão. Este seguiu o exemplo pastoral do Padre Ibiapina, recrutando inúmeras mulheres solteiras ou viúvas para o povoado, na maioria das vezes, algumas delas tinham sido beatas do Padre Mestre Ibiapina, nas Casas de Caridade.

Frei Damião abriu suas atividades missionárias no meio do povo três anos antes, em 1931, da morte do Padre Cícero Romão Batista, em 20 de julho de 1934 (aos 90 anos de idade), e muitas pessoas acreditam, que ele é o continuador do padrinho. O Padre Azarias Sobreira (1969, p. 46), em seu livro “O Patriarca de Juazeiro”, admite que:

Frei Damião, capuchinho italiano, simples e austero com os antigos monges do deserto, foi e ainda hoje é acolhido, por muitas almas ingênuas dos Estados nordestinos, como se fosse o próprio Padre Cícero, que debaixo de outro invólucro, tivesse regressado à terra. Aliás, na esfera do povo israelita, igual juízo andaram fazendo do Divino Mestre, em cuja pessoa inúmeros populares queriam ver São João Batista, Jeremias ou outro grande Profeta da antiguidade, falecido alguns séculos para atrás.

Um ponto em comum dos dois é a sensibilidade para com os pobres, além do uso de uma linguagem simples. Não é só isso. Ambos são amantes dos filhos do Nordeste, cuja sorte consagraram os dois até as suas existências. O zelo deles os impulsionava a passar, dia após dia, dez, doze horas sentados no confessionário, onde se operavam conversões entre os seus devotos. Aliás, quantas intrigas desfeitas. Quantos casais reconciliados.

De acordo com o Concílio Vaticano II (1962-1965), por meio das discussões da Constituição dogmática, na *Lumen Gentium*, - a confissão -, é um dos sete sacramentos e, acrescenta, que: “[...] aqueles que se aproximam dele detêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e, ao mesmo tempo, são reconciliados com a Igreja que feriram, pecando, e a qual colabora para a conversão com caridade e orações” (LG 11).

Portanto, na Igreja Católica, os presbíteros representam Deus, dando a bênção, perdoadando o pecador ajoelhado e propagando a Palavra de Deus. Ao perdoar os pecados no confessionário, o sacerdote simboliza a comunidade que se reconcilia com o cristão convertido. No cumprimento da confissão e comunhão pascal, o cânone *Ultriusque Sexus*, publicado pelo IV Concílio de Latrão, em 1215, preceitua que a todo fiel que tenha alcançado a idade da razão deve recorrer pelo menos uma vez por ano ao sacramento da penitência. Este inclui a confissão da culpa e o ato de contrição. Em seguida, o pecador recebe sua penitência e a absolvição.

Para os devotos que chegavam ao confessionário, o Frei era homem de Deus e, fazedor de milagres, ameaçador do inferno. Porque ser ameaçado, xingado e perdoado pelo capuchinho trazia segurança e amparo do fogo do inferno ao penitente, pois tem a certeza de ser reconciliado com Deus. Muitos homens que confessavam infidelidade conjugal, o Frei Damião dava um tapa

forte no rosto – interpretado como castigo de Deus que, assim, encerrava a questão do problema passado – para poder recomeçar contratando outra dívida até o próximo tapa. Diz o Frei Lazzari (2003, p. 51) que “os maiores obstáculos que Frei Damião encontrou foram na confissão dos homens, que eram geralmente mais duros e menos sensíveis aos valores religiosos”.

O costume da absolvição dos pecados é um tema que merece ser melhor compreendido. Na linha do que é confissão e o que deve ser entendido por caráter judicial, o professor Giraudo (2015, p. 48) conduz que:

[...] embora a absolvição dada pelo sacerdote seja a doação de um benefício que provém de outro, ela não é apenas o simples ministério de anunciar o Evangelho ou de declarar que os pecados estão perdoados, mas *é como um ato judicial (ad instar actus iudicialis)*, com o qual a sentença é pronunciada pelo sacerdote *como se ele fosse um juiz (velut a iudice)*.

No Nordeste brasileiro, com frequência, a manualística se regozijava em identificar a figura do confessor com o do juiz e em presumir a absolvição como um ato judicial em sentido restrito, de acordo com os casos, voltados a absolvição ou condenar o acusado. O Concílio de Trento tinha por objetivos coibir todos os excessos da Reforma Protestante, através de uma ortodoxia centralizadora. Um sistema político e social que apela para Deus como princípio imediato de valores e normas para os indivíduos, os grupos e a sociedade.

Por volta de 1936, no tempo de suas primeiras missões ambulantes, nas cidades de Cajazeiras e de Patos, ambas da Paraíba, formavam uma única diocese, o missionário no sertão do Nordeste pintava um paraíso longe do alcance do horizonte mental do povo. Frei Damião exercia o papel de conselheiro “pacificador, coibindo “revoltas” populares. Seus conselhos tinham a finalidade do reavivamento da prática sacramental. Insistindo na confissão e na comunhão.

2.4 A amizade de Frei Fernando Rossi e Frei Damião

Guiseppe Rossi, nome de batismo do capuchinho italiano Frei Fernando Rossi (1918-2013), natural de Massa, na Itália. Nasceu no dia 20 de julho de 1918, filho do casal Sr. Frederico Rossi e D. Ana Lúcia. Guiseppe despertou para a vocação religiosa depois de 13 anos de dedicação aos estudos religiosos. Ordenou-se Padre capuchinho no dia 29 de fevereiro de 1942, tornando-se um seguidor de São Francisco de Assis. Seguiu uma vida missionária e itinerante, porque seus superiores italianos o enviaram ao Brasil, exatamente, para Recife (PE), ancorando em 1947, recebendo a incumbência para acompanhar o missionário Frei Damião nas

viagens para as missões por todo Nordeste brasileiro.

No dia 26 de novembro de 2011, Frei Fernando Rossi concedeu uma entrevista para Everaldo Damião⁴⁴, do blog da Tribuna do Sertão (AL), que segue na íntegra um pouco da biografia do frade Rossi.

Tribuna do Sertão: Como se deu sua ida para o Convento Franciscano?

Frei Fernando: Eu estava com 8 anos de idade. Na minha cidade [Massa-Carrara] tinha um Convento dos “Capuchinhos”, onde morava Frei Damião. Eu era “coroinha” do convento. Todos os dias eu ia ajudar na missa. Frei Damião muito calado, fechado, falava comigo e eu não gostava dele, porque todo menino gosta de padre alegre. Eu me escondia dele, na sacristia, para não ajudar na missa. Quando eu chegava em casa minha mãe me repreendia, dizendo: “Você não ajudou na missa de Frei Damião?” Ela me castigava e me mandava para a escola, sem tomar café. E dizia: “Amanhã, se você não ajudar Frei Damião na missa, você vai se ver comigo.” [...] Certa vez, eu fui com Frei Damião para o cemitério, aonde ele ia celebrar uma missa. No caminho, ele me perguntou: “Você quer ser frade?” E eu respondi: “Quero não!” E ele indagou: “Por que você não quer ser frade? O que você quer ser, quando crescer? Eu lhe respondi: “Quero ser engenheiro, como meu avô!” Tudo isso ele me contou aqui no Brasil. [...] Em julho de 1929, quando eu tinha 11 anos, fui com minha família para a praia, distante quatro quilômetros. Certo momento, eu estava sozinho numa parte da praia e vi Santo Antônio na minha frente, olhando para mim, bonito, com aquela coroa de frade e um menino no colo. Fiquei extasiado, olhando para ele. E ele desapareceu. Depois, então, desejei ser como ele. contei para minha mãe, para minha avó. Minha avó, disse: “Eu preferia que você fosse padre, porque tem mais dinheiro, tem uma paróquia, e pode sustentar os pais.” E eu lhe disse: “Quero ser frade, quero ser frade.” Voltei ao convento e contei para Frei Constantino e para Frei Damião: “Quero ser frade!” Frei Damião, rindo, revelou: “Você disse que não queria ser frade.” [...] Minha mãe me levou para o seminário em 14 de outubro de 1929. E eu só voltei para a minha cidade em 1942, quando já era sacerdote para “cantar” a primeira missa, porque no seminário não havia férias. [...] A minha vocação se deve a minha visão de Santo Antônio, na praia. [...] Eu acho que fui um predestinado para ser frade (Damião, 2011, grifos nosso).

A mentalidade do capuchinho italiano Frei Fernando Rossi se assemelha ao jansenismo, cuja doutrina se aproxima do calvinismo e defende a predestinação, cujos passos na vida parecem ter sido marcados pelo destino. Era como se Frei Fernando dissesse estou nas mãos de Deus. Na piedade popular, assim como na religião dos orixás, existem diferentes sortilégios para se descobrir parte ou o todo do destino, do futuro de uma pessoa. Certamente que a influência jansenista – moralista - esteve presente nas missões de Frei Damião e, por conseguinte, assessoradas por Frei Fernando Rossi. Seguindo sobre a vida do capuchinho, este revelou para Damião (2011), do blog da Tribuna do Sertão (AL), acerca da sua convalescência quando adolescente na Itália, como veremos na sequência sobre predestinação.

Tribuna do Sertão: Por que o Senhor se considera um predestinado?

Frei Fernando: Aos dois anos de idade, eu tive a difteria [doença contagiosa, toxi-

⁴⁴ Pode ser consultado no <http://sednemendes.blogspot.com/2011/11/entrevista-com-frei-fernando-rossi-os.html>.

infeciosa, transmissível, causada por bactéria que se aloja nas amídalas, na faringe, na laringe, no nariz, em outras mucosas e na pele]. Fiquei entre a vida e morte, por vinte e um dias. No hospital, o médico disse para a minha mãe: “a criança não chega às 11 horas. Não me procure, porque eu vou para o teatro.” Fiquei todo roxo, o coração havia parado. A freira disse para minha mãe: “Dona Ana, seu filho está morto.” Minha mãe abriu a porta, e no corredor viu a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Ela se ajoelhou e disse: “Virgem Santíssima, salve meu filho!” E chorou. [...] Quando ela voltou ao quarto, meus olhos estavam abertos. Passei bem à noite. [...] Naquele tempo toda criança morria. De mil crianças, escapava uma! Tem um grande poeta da Itália, chamado Giosue Carducci [1835-1907], que escreveu uma poesia – A MORTE – retratando a difteria. Uma doença terrível. [...] Pela manhã, chegou o médico e deu logo um grito: “Morreu!” Mas, após me examinar, disse: “Está fora de perigo.” Minha mãe lhe contou que havia “falado” com Nossa Senhora. Ele jogou o chapéu no chão e exclamou: “Não fale em Deus, não fale em Nossa Senhora, porque eu não creio em nada.” Ele era ateu. Isso aconteceu em 1920. [...] Em 1947, já aqui no Brasil, depois que eu contei tudo isso a Frei Damião, ele comentou: “Você estava predestinado a me acompanhar nas Santas Missões, porque para Deus tudo é presente, nada é futuro (Damião, 2011, grifos nosso).

Frei Fernando nos fala por meio das memórias de sua adolescência na província de Massa Carrara, na Itália. Dedicamos este tópico sobre a relação de amizade⁴⁵ entre Frei Fernando Rossi e Frei Damião. Frei Fernando conheceu Frei Damião quando era menino e ajudou missa dele como coroinha em sua cidade natal. Embora Frei Fernando tivesse um temperamento forte, é considerado a antítese da santidade de Frei Damião, porém, não se pensavam as missões ambulantes sem a organização e os limites impostos pelo Frei Rossi. Todos sabem da dedicação pessoal do Frei Fernando, porque acompanhou Frei Damião nas santas missões por todo Nordeste do Brasil, como secretário particular por 50 anos, meio século, ininterruptos.

Em julho de 1947, ano da sua chegada da Itália ao Brasil, sem ainda dominar o português, Frei Fernando inicia a sua caminhada para a primeira missão juntamente com Frei Damião, no município de Açú (RN), onde os dois ficaram por uma semana, tempo de duração de uma missão naquela época. Foi a partir deste primeiro ensaio missionário que Frei Fernando nunca mais se afastou do amigo Frei Damião. Amigo inseparável. Era um amigo impetuoso no trato com as missões. Ai de Frei Damião se não fosse Frei Fernando. Sobre o Frei Fernando Rossi, assevera Silva (1977, p. 195) que ele é:

[...] louco pelo Brasil, particularmente pelo Nordeste. É ele quem marca as Missões, organiza itinerários, cuida da parte financeira destinada ao Educandário Frei Damião de Caruaru. Por sinal, às vezes não é entendido esta sua solicitude. Longe de Frei

⁴⁵ A primeira especulação filosófica em torno da amizade encontra-se na filosofia de Empédocles, com uma componente cosmológico e ontológico. Sócrates leva a questão para o plano ético-antropológico e interpreta a amizade a partir do fundamento da sua nova concepção da essência do homem como *psyché*, conferindo-lhe uma forte marca espiritual. O primeiro tratado sobre a amizade, é sem dúvida, o *Lisis* de Platão, que parte da posição socrática, indo muito além. A amizade difere de Eros porque nela, prevalece o elemento racional, enquanto Eros prevalece o elemento passional. Aprofundamentos ulteriores da concepção de amizade se encontram na *Ética a Nicomaquéia* de Aristóteles que, mais do que a tensão para o transcendente da amizade platônica, põe em relevo seus aspectos mais delicadamente humanos (Reale, 1995, p. 16).

Fernando o espírito mercandante e simoníaco. O que ele é, é um homem prático. Sabe que ninguém pode viver de brisa. Frei Damião ri com suas experiências. Não saberia fazer Missões sem ele.

Frei Fernando era “o anjo da guarda” de Frei Damião, porque viveu, comeu, dormiu sempre ao lado do seu amigo. Era extremamente organizado e com hábitos de cumprir à risca o que foi programado para as missões. Ambos perambularam por quase seis décadas na região do Nordeste. Ambos não tiravam férias. O trabalho missionário era constante. Assim que chegavam de uma missão, já tinham uma outra missão a seguir. Praticamente sem descansar um dia sequer. Torres (2004, p. 122), médico de Frei Damião, para prestigiar sua amizade ao Frei Fernando Rossi, colheu as seguintes palavras dele, que:

[...] quando estou só, as missões são um fracasso. O povo só quer o frei Damião e, apesar do meu esforço em cumprir à risca todos os rituais religiosos que estávamos acostumados a fazer, a quantidade de pessoas que queriam ser abençoadas e ouvir as minhas pregações era sempre pouca. Era um fracasso sem o frei Damião. O povo só queria o frei Damião. A escassa demanda de devotos no confessionário era desmotivante. Eu precisava levar as fitas de vídeo do frei Damião para que aquela gente se acalmasse um pouco. Antes das missões, eu avisava que, por recomendações médicas, não seria possível a ida do frei Damião, mas os padres locais insistiam e me colocavam em uma situação difícil, dizendo que estava tudo preparado havia uma semana, a igreja, a casa paroquial e as pessoas do local, enfim, tudo preparado, só esperando por nós. O povo, diziam os padres, ficava semanas rezando todos os dias para purificar o espírito e receber as missões sagradas do frei Damião. Mantêm-se fiéis, esperando ansiosos pela sua vinda.

Não foi sem base que o capuchinho Frei Fernando Rossi tornou-se uma pessoa polêmica, embora não se queixava em ser ofuscado pelo carisma do amigo frade Damião. Sempre aceitou ser um mero coadjuvante nas missões, ciente da diferença entre ele e o seu estimado amigo. Foi insinuado de que explorava a pessoa de Frei Damião para obter vantagens pecuniárias de políticos e fazendeiros do Nordeste, recebendo críticas de membros da hierarquia eclesiástica. Os maus políticos tinham um modo de se aproximar do frade para aumentar o seu prestígio junto ao povo pobre, que não sabia separar o político aproveitador daquele político dedicado a sua causa. Eram políticos “de feição estritamente personalistas, endeusadores de indivíduos e sem ideologia” (Maciel, 1985, p. 43). Torres (2009, p. 79)⁴⁶, em seu livro “O Médico e o Santo”, ao indagar sobre a amizade dos maus políticos com Frei Damião. Respondeu assim:

⁴⁶ Médico pneumologista que acompanhou frei Damião de Bozzano por muitos anos. Chegou a escrever o livro “O Santo e o Médico”, que usamos como referência nesta tese. O autor formou-se em Medicina do Trabalho pela Universidade Federal de Pernambuco em 1977 e defendeu tese de mestrado e doutorado em pneumologia. O seu livro sintetiza a função da medicina e como deve ser a formação do médico segundo Hipócrates. A relação médico-paciente deve ser baseada em princípios humanitários.

Essas pessoas sempre existirão, porém podemos, através das trevas, encontrar a luz. O que importa não são os meios, e sim os objetivos que devem ser alcançados. Muitas dessas pessoas, você não sabe, se converteram e hoje são fiéis às leis de Deus. Começam assim, mas mudaram, e tantas outras irão mudar, pois todos são filhos de Deus, e seus pecados precisam ser perdoados para que alcancem a graça eterna. A fé remove montanhas, doutor, Não esqueça dessa verdade, ela é eterna. Todos precisam ser agraciados por ela, pois é a salvação.

Certamente, o capuchinho não teve a oportunidade de ler Nicolau Maquiavel⁴⁷, que besteira, porque uma pessoa considerada como “santo” se interessaria em conhecer assuntos desta natureza, conforme os quais é preciso atacar quando for ofendido e usar da malevolência para livrar-se dos maus políticos e dos perigosos. Todos sabem que a aproximação e amizade que o ex-presidente Fernando Collor de Mello nutria por Frei Damião e de outros políticos, foram intermediadas pelo seu amigo e assessor direto, Frei Fernando Rossi, que, por sua vez, “ganhou um carro de presente do ex-presidente Collor, para proporcionar um pouco mais de conforto ao Frei Damião, no auge de sua doença” (Torres, 2009, p. 123).

Os devotos de Frei Damião, na sua maioria de origem camponesa, não sabiam separar “os maus políticos dos bons políticos” e “decorava” o nome da pessoa que estivesse ao seu lado, associando-a a um político digno de toda consideração. Quem fosse político e desejasse se eleger nas eleições, bastava pousar e publicar uma foto abraçado com Frei Damião, porque este, já por volta de 1940, desfrutava de prestígio, respeito e veneração por parte dos nordestinos pobres que viviam nas zonas rurais.

Frei Fernando Rossi nega ser o responsável pela manipulação da imagem performática do amigo Frei Damião por políticos. Torres (2009, p. 123) sai em amparo de Rossi e diz que:

Frei Fernando nunca se apresentou como comentam hoje em dia, como explorador e embusteiro. Ele é um bom homem, honesto, cumpridor dos seus deveres e que tem um sentimento nobre de gratidão por quem faz por ele ou pelos outros, principalmente pelo frei Damião. Ele sempre foi mal compreendido. A sua função secundária no apostolado prejudicou-o bastante, pois há uma tendência de que os louros da vitória sejam dados à pessoa principal, consagrada. Dificilmente é dada importância àquela que se encarrega de preparar a festa, trabalhar por trás dos bastidores para que tudo dê certo, segurar firme nas horas difíceis, enfim, dar o apoio necessário para que a Palavra chegue aos devotos.

Frei Fernando aprecia relembrar momentos de sua longa convivência com Frei Damião, como afirma Oliveira (1997, p. 47-50), em seu livro “O Santo das Missões”, sobre as viagens

⁴⁷ Modernamente, tem-se procurado romper com a tradição de crítica do ponto de vista, ou com a utilização da obra de Maquiavel (1469-1527) como instrumento ideológico. Procura-se mais amplamente determinar a contribuição do mesmo à história das ideias. Foi o primeiro a se destacar como pai da política como ciência no cenário da modernidade.

para as missões, histórias de instantes às vezes descontraídos em meio à rudeza das estradas nordestinas do Brasil, com o velho e bom companheiro Frei Damião. Recorda-se do dia em que reencontrou o missionário no Brasil, em janeiro de 1947: - naquele dia, ele estava indo sozinho para Canhotinho (PE), com a mala na mão, e foi de imediato me convidando para acompanhá-lo nas missões. Rossi diz ter respondido não poder ir por não saber falar português, ao que Frei Damião retrucou: - pois estude! Em julho daquele ano, sem ainda dominar o português, Frei Rossi o acompanhou na primeira missão sem nunca mais deixar.

Na época da atuação do frade, as pessoas viviam aflitas pelo fim do mundo, fim dos tempos⁴⁸. A sua pregação tinha como pano de fundo a “Missão Abreviada”, do Padre Manoel José Gonçalves Couto (1859). O livro é de concepção tridentina e de teor jansenista que foi utilizado por vários missionários do Nordeste do século XIX. Frei Fernando Rossi ficou ao lado do companheiro Frei Damião até a morte, em 31 de maio de 1997. Com o falecimento do companheiro, Frei Rossi fixou estadia no Convento São Félix de Cantalice, no Pina, em Recife (PE), até que o Ministro-Geral da Ordem, John Corriveau, passou a administração para os religiosos capuchinhos brasileiros. Depois disso, ele mudou para a Vila de São Francisco, povoado do município de Quebrangulo, no interior de Alagoas, residindo aí 16 anos. No dia 28 de julho de 2013, com 95 anos de idade, Frei Fernando Rossi chegou a óbito após apresentar complicações devido a uma doença pulmonar obstrutiva crônica e infecção generalizada.

2.5 Peregrinação ao túmulo de Frei Damião na Capela de Nossa Senhora das Graças

Este é um estudo etnográfico sobre a visita ao mausoléu, ocorrida por ocasião da festa⁴⁹ de Frei Damião de Bozzano no Convento de São Félix de Cantalice, no bairro Pina, zona Sul da cidade do Recife (PE), nos dias 28, 29, 30 e 31 de maio de 2009. Uma festa em louvor aos 10 anos de sua morte, em 31 de maio de 1997. Este fenômeno sócio-religioso da peregrinação ao túmulo de Frei Damião é produto de uma história e de uma tradição, abrindo horizontes para pensar o resgate histórico-cultural, a partir das expressões religiosas da devoção popular, dos ritos e dos cultos fúnebres como conexão da morte e da vida no contexto contemporâneo da sociedade brasileira.

A romaria de visitação ao túmulo de Frei Damião traz as práticas e representações do

⁴⁸ Na teologia, como sabemos, o assunto do fim dos tempos é estudado na escatologia. O fim dos tempos é tema da literatura de cordel. O poeta José Costa Leite publicou “O Fim do Mundo está próximo” (Condado, s.d.).

⁴⁹ As festas são uma prática forte do catolicismo popular. As festas levam a uma formação do grupo que projeta num santo padroeiro aquilo que é produto do seu trabalho coletivo (Santana, 2009, p. 69).

catolicismo popular⁵⁰. Os romeiros que visitam o túmulo do capuchinho são oriundos dos Estados do Nordeste: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, conforme constatação que tive durante os quatro dias que permaneci no Convento de São Félix de Cantalice. A romaria para a visitação ao túmulo de Frei Damião não é somente uma grandeza religiosa, mas é também histórica e sociológica.

A palavra romaria, decorre de uma referência a Roma, sede da Igreja Católica Apostólica Romana. Daí o motivo que a palavra romaria é empregada para classificar as peregrinações católicas. Aquele que pratica a romaria é romeiro. Contrariamente ao judaísmo e ao islamismo, a hierarquia da igreja nunca impôs a romaria como um preceito geral para os cristãos. Paradoxalmente, sempre houve romeiros, peregrinos⁵¹. A linguagem do romeiro é carregada de um universo simbólico, diferente da orientação da hierarquia eclesiástica com suas doutrinações. A linguagem do romeiro segue um mecanismo comunitário, pois se constitui numa fraternidade cristã.

Ouvimos os romeiros e observamos as suas práticas, seu envolvimento com o sagrado e com o santo Frei Damião. Isso porque o santo da piedade popular não se reduz aos santos canonizados pela hierarquia da Igreja Católica, já que a ideia tem aspectos muito mais ampliadas, que vão além da concepção canônica, pois o elemento central do catolicismo popular é o santo. Esse catolicismo de culto ao santo é de base leiga e pouco clericalizado.

Ao chegar no Convento a primeira coisa que o romeiro faz é visitar o túmulo do frade para rezar o terço e o ofício de Nossa Senhora. Todos desejam ver o túmulo e tocá-lo e somente depois é que fazem visitas ao museu de Frei Damião, participam das missas e confessam. Muitos dos romeiros usam a mortalha marrom, ou seja, o hábito dos franciscanos. Ao final da festa da visitação ao túmulo, deixam as mortalhas na Capela, onde está enterrado o capuchinho. De acordo com Steil (1996), que retoma Sanchis, diz que:

A romaria não é uma simples reunião de indivíduos que participam numa mesma visão de mundo, nem um ato puramente religioso, tomado num sentido moderno, de uma esfera das outras dimensões da vida humana. Aparece como uma espécie de espaço ritual capaz de acomodar sentidos e práticas diversas (Sanchis *apud* Steil, 1996, p. 71).

⁵⁰ Sobre o catolicismo popular tradicional, um dos maiores pesquisadores é o professor Dr. Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira. Comunico que as informações aqui descritas são das anotações feitas nas aulas de Sociologia da Religião na PUC Minas (2008/2010), da sua orientação da dissertação de mestrado em Ciências da Religião, com a pesquisa “**FREI DAMIÃO**: a figura do conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro” e leitura de seu livro “**Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil” Petrópolis: Vozes, 1985.

⁵¹ Na Idade Média da Europa, havia diversos tipos de peregrinos: os que iam a Roma (romeiros) usavam como distintivos as duas chaves de São Pedro ou o pano da Verônica (veronca); os que iam à Terra Santa (palmeiros) carregavam uma palma de Jericó; os peregrinos que iam a Santiago de Compostela (Espanha) (Poel, 2013, p. 916).

Uma observação geral, pois não encontramos dados estatísticos que possam dar a dimensão exata, mostra que os romeiros são, na sua maioria, trabalhadores rurais, aposentados, crianças e jovens. São pessoas simples que confiam muito em Frei Damião, como um santo protetor e conselheiro dos devotos, porque “o romeiro tem a sua manifestação religiosa de maneira tátil” (Barreto, 2003, p. 49). Querem ver, querem tocar no túmulo e sentir a presença de Frei Damião. Os romeiros rezam e pagam suas promessas na pequena Capela de Nossa Senhora das Graças, espaço de sepultamento do corpo do frade capuchinho. O Convento agrega vários espaços de visitação, mas a Capela é o local mais visitado pelos romeiros. O romeiro gosta de ficar em silêncio, rezando ou mesmo cantando na Capela de Nossa Senhora das Graças como espaço santificado. A Capela é o local mais desejado pelos romeiros para descansar, dormir à noite. Espalham colchões no chão da Capela e dormem ao lado do santo Frei Damião. O espaço é para o romeiro o lugar de acolhimento de seus sofrimentos, de suas lágrimas e de renovação de esperança.

O ritual da visitação ao túmulo leva o romeiro⁵² a recordar da romaria para o Juazeiro do Norte, no Ceará, para pedir a bênção ao padrinho Cícero Romão Batista e a Mãe das Dores. Os antigos missionários frades e padres adentraram ao Nordeste do Brasil e fizeram as primeiras veredas romeiras. A memória romeira ainda está viva nos dias de hoje, pois todos os romeiros ficam hospedados nas repartições do Convento de São Félix de Cantalice, que se enchem de um calor humano agradável. Eles se percebem “como povo caminhante, itinerante, em luta permanente e à procura de um sentido que se lhe apresenta no fluxo mesmo de sua existência” (Barreto, 2003, p. 47).

As três refeições são servidas para todos os romeiros pelos religiosos capuchinhos e demais voluntários da festa, mas, mesmo assim, cada romeiro e romeira traz da sua comunidade, farinha, carne, laranja, banana, doce de leite, cocada, rapadura e senta no espaço do refeitório do Convento para repartir o que come juntos. É o mesmo que dizer “quando um partilha, o outro participa” (Poel, 2013, p. 777). Assim foram os primeiros cristãos que repartiam os seus bens e não havia necessidade entre eles (At 2, 44). É admirável uma pessoa viver com a radicalidade evangélica, aprendendo a dividir, a colocar em comum, a repartir, a partilhar tanto a vida quanto as coisas produzidas pelo nosso trabalho e suor.

⁵² A revisão da função do político Padrinho, com historiografia canônica que sempre foi visto como o clérigo investido dos poderes de coronel e patriarca do sertão. Em “O joazeiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero”, Francisco Salatiel de Alencar Barbosa diz que “Nessa revisão, é bem possível que a figura do Padrinho Conselheiro se abra para a função profética de construtor e guia de seu povo, como o Moisés bíblico, que tinha uma palavra eficaz para direcionar os rumos de seus seguidores, abençoando, aconselhando, curando. Mais do que construtor de uma cidade, o Padrinho Cícero, Conselheiro, é o construtor do povo romeiro” (Barbosa, 2007, p. 34).

Há os cantos de viagens, chegada, louvação, beijo e despedida. Os romeiros caminham. A própria saída, viagem do romeiro provoca o aumento para a sensibilidade dos mistérios da vida, da morte, do presente e do passado, do real e do imaginário. Recorre às orações, aos ritos, uma cultura sertaneja que se orienta dentro da tradição do catolicismo popular, muito embora algumas expressões se distanciam do catolicismo romanizado.

Padre de Sá Barreto (1984), vigário de Juazeiro do Norte (CE) disse que “A estrada é do povo, é escola do romeiro, é experiência de fraternidade, de purificação, de aproximação do sagrado, é mediação do corpo todo, e não só da mente, é oração gestuada, é dramatização do sentido da vida nos espaços do mundo” (Barreto, 1984, 12). A romaria favorece o encontro entre universos diferentes, entre o tradicional e o moderno.

Rolim (1976, p. 160-161) escreveu:

Santo que o povo cria e festeja, está nos lugares que o povo escolhe. Os centros de romaria, quero dizer, o lugar do santuário, principalmente a casa ou o local dos ex-votos, tornam-se lugares santos para o povo, lugares dele, onde se sente à vontade, porque o povo os faz como focos irradiadores do poder sagrado. [...] O nordestino corta sua semana de trabalho para ir à romaria, hoje de ônibus ou caminhão, antigamente a pé ou a cavalo. O tempo para o santo não é sobra de tempo. A semana investida de poder sagrado. O cansaço da viagem, como as horas de trabalho não pagas, não tem importância. O que conta é o santo na vida dos romeiros.

Muitos romeiros são pagadores de promessa. A fidelidade à promessa dá dignidade ao romeiro, porque a sua vida é geralmente marcada pelo sofrimento, mas revigorada de esperança. Os romeiros “encontram na promessa e na fidelidade a ela motivo de dignidade e engrandecimento” (Hoornaert, 1976, p. 196). Os romeiros se tornam uma só família. Ninguém ali é estranho. A solidariedade é uma qualidade substancial dos romeiros. Dividem o pouco que trazem de casa com os demais. Portanto, a romaria de visitação ao túmulo de Frei Damião constitui numa recordação das santas missões: “momento forte da expressão religiosa do povo” (Costa, 1985, p. 45) do sertão do Nordeste brasileiro.

No pátio do Convento foi armada uma enorme tenda para a celebração das missas. Foram instaladas dentro do Convento cabines com ar condicionado para o atendimento das confissões. As confissões marcaram profundamente a vida dos devotos e consequentemente a vida de Frei Damião como conselheiro no catolicismo popular sertanejo. Os ensinamentos do capuchinho são lembrados até os dias atuais, como ilustração, “Quem pecou, não pegue mais; quem roubou, não roube mais. As pessoas que furtam vão para as profundezas do inferno” (Moura, 1978, p. 19). Os conselhos foram dados pelo “Padre Cícero conselheiro do povo” (Sobreira, 1969, p. 51) e Frei Damião continuava dando os mesmos conselhos, confirmando

esse substrato religioso que foi passando de geração em geração, com o mesmo ofício, porque os conselhos do “*Padim Ciço*” foram incorporados ao trabalho de Frei Damião. O devoto tem um enorme apreço por Frei Damião como patrimônio dos antigos conselheiros de seu acervo religioso, como alguém que protege seus filhos. Por esse motivo e entre outros, a devoção ao Frei Damião permanece com as visitas ao seu túmulo.

A festa teve o seu início com a Missa e a Procissão Luminosa saindo da Igreja Matriz do Pina para o Convento. No dia seguinte à Missa, Bênção do Santíssimo e Confissões. O terceiro dia da festa foi marcado por Missas, Ofício de Nossa Senhora, Encontro Mariano e Vigília de Pentecostes. No dia 31 de maio de 2009, houve Ofício de Pentecostes, Missa, Bênção aos devotos, Voluntários e Patrocinadores da festa. Dessa forma, durante a festa, observamos que a organização dos capuchinhos no Convento de São Félix de Cantalice, por seu estilo empresarial, reflete uma tendência de distanciamento entre os agentes religiosos e os leigos⁵³. Conforme Bourdieu (2007, p. 39), em “A economia das trocas simbólicas”, descreve que:

[...] enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpus*’ *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal.

Na maioria das vezes, os agentes religiosos especializados tentam estabelecer uma disciplina nas manifestações de fé dos devotos. A romaria também é palco de conflito. Espaço adequado de contestação e de luta entre opositores. No catolicismo popular o trabalho religioso é produzido pelo povo, dirigido por leigos.

É possível equacionar um conjunto de manifestações religiosas por parte dos romeiros, na busca do encontro com “o sagrado, pois é, assim, o sentimento religioso que aflora” (Brandão, 2015, p. 39). O romeiro tem a sua fé, cultua os símbolos que dão sentido a sua vida, canta o bendito da romaria e reza o ofício. Para os romeiros, a festa em homenagem ao Frei

⁵³ A palavra é de origem grega, “laos” e significa povo. Membro do povo de Deus, batizado, fiel, cristão. Em outras palavras, aquele que não pertence ao clero. No Brasil colonial, a igreja começou como um catolicismo de leigo. Havia algumas dioceses, pouquíssimas paróquias e um número reduzido de padres. Os leigos, reunidos em irmandades e ordens terceiras. Se antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) o leigo na igreja era problema para os “especialistas religiosos” e objeto de pastoral específica, depois do concílio o próprio clero tornou-se um problema. O nosso catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro continua tendo um forte caráter leigo, nos moldes familiares. Já a romanização concentrou o poder nas mãos do clero. Os eixos de atuação dos leigos, hoje, são: vida familiar, comunidades carismáticas, comunidades eclesiais de base (CEBs) e movimentos leigos dedicados aos mais variados setores da vida social e cultural (Poel, 2013, p. 565).

Damião é o lugar de encontro com o santo protetor e conselheiro das missões. Os fiéis desejam celebrar a vida por meio dos símbolos. Desse modo, a peregrinação ao seu mausoléu em Recife (PE) é visitado diariamente por inúmeros romeiros. A romaria de visitação ao túmulo constitui uma recordação como se estivessem na fila do confessionário para ouvir os seus conselhos. Romaria é um modo popular de viver e de dar significados à vida. A festa de visitação ao túmulo do capuchinho expressa simbolicamente as dores e as esperanças dos romeiros.

Nessa direção, o catolicismo popular é conduzido pelos leigos. A devoção aos santos é primordial nessas práticas religiosas. Para o devoto, Frei Damião é um santo que faz a intermediação entre ele e Deus. Na atualidade a devoção ao Venerável Frei Damião vem aumentando consideravelmente com as visitas ao seu túmulo. A fé do povo nordestino continua mais viva do que nunca em relação ao missionário capuchinho italiano. O Frei continua alimentando a fé de milhares de devotos, espalhados por todos os estados do Nordeste, trazendo esperança e força de resistência aos sertanejos.

A quantidade de devotos tem aumentado, e pensa-se na transferência dos restos mortais para a cidade interiorana de Caruaru (PE), onde seria um espaço mais amplo e de fácil acesso aos devotos e romeiros de Frei Damião. A figura do capuchinho ultrapassa as fronteiras tradicionais dos fenômenos religiosos e se consolida como um novo mito cada vez mais popular e uma provocação para a Evangelização da Igreja do Brasil. E em termos de beatificação, exclusivamente, está faltando o “milagre”; enquanto o milagre não vem, ele permanece como venerável. Como segue adiante.

2.6 Venerabilidade de Frei Damião de Bozzano, OFMCap

Desde a morte de Frei Damião de Bozzano, no dia 31 de maio de 1997⁵⁴, biógrafos, cientistas da religião, teólogos e historiadores têm procurado ressaltar a importância desse missionário capuchinho na evangelização do povo do Nordeste brasileiro. As motivações são pertinentes, pois desde muito cedo, ainda em vida, Frei Damião tornou-se santo popular para os fiéis nordestinos. Eis é a razão pela qual, no dia 31 de janeiro de 2003, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, deram entrada no Vaticano, com o processo de Beatificação e de Canonização do Servo de Deus Frei Damião de Bozzano.

Existem alguns passos que são presumíveis para o processo de Canonização. Nessa

⁵⁴ Dr. Blancard Torres comunicou a morte de Frei Damião de Bozzano, às 19h20m, do dia 31 de maio de 1997, aos religiosos presentes no Hospital Português, em Recife (PE).

direção, segue o passo a passo, dando os devidos esclarecimentos acerca do que a Igreja determina para que uma pessoa seja declarada beata e santa. Sendo assim, quando alguém morre e carrega consigo fama de bondade, sempre preocupada com os outros, empenhada na edificação do reino de Deus e com poder milagroso, o Bispo do lugar onde faleceu a pessoa ouve o parecer da Igreja local.

Depois nomeia uma comissão em História e outra em Teologia com a finalidade de se impetrar um testemunho consistente da vida rigorosa do candidato a santo e, por Decreto, indica um Postulador para a Causa. A função do Postulador é de muita importância, porque se interessará por tudo o que diz respeito a ela, recolherá os escritos editados, os escritos inéditos (cartas, escritos pessoais etc.), os documentos do candidato (sua história), seus pertences, testemunhos daqueles que na investigação diocesana darão seu testemunho, sobretudo, pessoas que conviveram mais próximo e recolherá o que foi publicado acerca do candidato e elaborará uma Biografia de cunho histórico do candidato; como também se encarregará do acolhimento e registro dos romeiros-peregrinos⁵⁵, assegurando a continuidade da fama de Santidade.

O Postulador arquivará as graças alcançadas e os possíveis milagres⁵⁶. Segundo Gruen (1984, p. 48):

[...] milagre é algo que nos chama atenção de tal modo que a gente abre os olhos para a presença de Deus na nossa vida. O homem sofre fome, doença, opressão, o peso das forças do mal, a morte de entes queridos e a aproximação da própria; pois, também nessas situações ele é convidado a enxergar a presença libertadora de Deus.

É importante esclarecer que o candidato a santo deve ser membro de um Instituto Religioso, a partir daí, é o mesmo Instituto que pede ao Bispo oficialmente, por meio do “*Supplex Libellus*”, que significa literalmente, “O pedido por escrito”, que dê início à mesma causa. Ao Bispo compete, com pedido por escrito recebido, promover um Decreto de nomeação do Postulador, uma Biografia de relevância histórica do candidato, seus Escritos editados e uma lista de testemunhas. O Bispo local faz uma consulta a Conferência Regional dos Bispos, no caso do Brasil, é a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e, uma vez tendo o parecer positivo, remete o pedido à Santa Sé por meio da Congregação para a Causa dos Santos, a fim de receber o Decreto de “*Nihil Obstat*”, que quer dizer, “nada fica no caminho”.

⁵⁵ Do latim “*per agros*”, pelos campos. O peregrino deixa para trás laços e ocupações cotidianas em busca de um lugar santo ou uma pessoa considerada santa. Há os peregrinos que procuram conselhos (Poel, 2013, p. 800).

⁵⁶ Do latim “*miraculum*”, coisa admirável. De “*mirari*”, olhar, contemplar. A etimologia explica: o milagre é visto. Pela fé, enxergamos o milagre (MT, 15, 31). Na Bíblia, o milagre não é simplesmente uma coisa impossível pelas leis da natureza, mas que acontece pelo poder de Deus. O milagre não tem nada a ver com magia, nem se parece com ela. Muito menos sinônimo de magia (Poel, 2013, p. 641).

Nessa direção, depois de obtido o decreto, anuncia um Decreto Oficial de abertura do Processo e instituição de um tribunal para a investigação diocesana, que tem como finalidade recolher tudo o que prove as virtudes e fama de santidade do candidato e seus possíveis milagres. O Bispo nomeia uma Delegação Episcopal, um Promotor de Justiça e um Notário que, com o auxílio do Postulador, começam a ouvir as testemunhas e consultam todos os escritos do candidato (auxiliados, se necessário, por peritos teólogos e historiadores).

Durante a investigação diocesana, se for preciso, para maior segurança dos restos mortais do candidato e recolhimento de relíquias, uma exumação e possível traslado. Com o encerramento da fase diocesana, celebra-se o término do processo e o envio deste à Congregação das Causas dos Santos com o objetivo de remeter um Decreto de Validade do Processo, o que dá início à fase Romana. Daí é nomeado um Relator na Sagrada Congregação, que acompanhará junto ao Postulador, todos os passos do Processo. Nesta etapa do Processo é preparada a “*Positio*” – Postura; são também solicitados o parecer dos consultores teólogos da mesma Congregação e o parecer da Comissão Cardinalícia; caminhando favoravelmente, é expedido o Decreto do Papa acerca das virtudes heroicas do candidato.

Desse modo, inicia-se o estudo sobre um milagre para a Beatificação. Aqui nasce um novo processo que é feita a apresentação do presumível milagre aos consultores médicos e teólogos; se for favorável, é expedido o Decreto do Papa acerca do milagre e a Beatificação; o mesmo processo que dará para a Canonização, constatando-se um novo milagre – o que será prova da intercessão do Beato junto a Deus e de seus méritos às honras dos altares. Porque o beato na hierarquia eclesiástica é uma espécie de Santo e que possui poderes taumatúrgicos e que tem autoridade para interceder pelos homens e mulheres junto a Deus.

A veneração dos santos na Igreja católica confere à salvação uma dimensão histórica encarnada e comprova a fé do povo na ressurreição. Santo é o que se refere à presença divina ou à memória desta presença. De acordo com a interpretação moralista, o santo é quem viveu com virtudes e sem pecados. No catolicismo popular, segundo a convicção do povo, o santo tem poder e é milagroso. O santo é representante de Deus todo-poderoso aqui na terra. Faz milagres, alguns em vida, como foi o caso de Frei Damião⁵⁷, outros após morte. Da mesma forma acontece no catolicismo oficial, a santidade é sancionada quando ocorre milagres.

Desde o Concílio de Trento (1545-1563), a função do procedimento é confiada a Congregação das Causas dos Santos, esta fundada em 1594, no Vaticano. Em 1734, o

⁵⁷ Em “Os milagres de frei Damião”, Abdalaziz de Moura descreve que os milagres são divididos em três categorias: a) milagres de castigo; b) milagres de salvação; c) milagres de domínio da natureza/adivinhação (Moura, 1978, p. 21-34).

documento “Da Beatificação dos Servos de Deus e da Canonização dos Beatos”, do Papa Bento XIV, regulamentou o processo minuciosamente. Nos dias atuais, o “Processo de Estudo e Beatificação” consta de quatro fases: a) “Servo de Deus”, b) “Venerável”, c) “Beato”, d) “Santo”. O novo santo deve ter pelo menos dois milagres reconhecidos pelo Vaticano. Raramente um leigo, uma pessoa do sertão, chegará lá.

O pesquisador Silva (2019, p. 224) chama-nos atenção para o fato de que as datas de adoecimento de Frei Damião no dia 07 de maio de 1997⁵⁸ e a data de morte no dia 31 de maio de 1997 são significativas para o mundo católico. Porque o mês de maio é o mês dedicado a Maria⁵⁹. O dia da morte de Frei Damião é uma data representativa para o catolicismo popular do Nordeste brasileiro, porque nesse dia, 31 de maio, se festeja o encerramento do mês mariano, com a tradicional coroação de Nossa Senhora em milhares de paróquias.

Frei Damião era devoto e fiel a Maria. Entre os elementos do catolicismo tridentino, ao qual Frei Damião era fiel, a devoção a Maria é uma das colunas de sustentação da fé, pois suas missões pelo Nordeste, foram realizadas, preferencialmente, no mês de maio. Acompanhe o povoamento de significados:

O dia 13 de maio, dia em que teve o AVC, é o dia da aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos e, após o desfecho de sua saga, no dia de seu óbito, anunciado, oficialmente, pelo seu médico particular, era 31 de maio, um sábado, logo após o Ângelus. Pela tradição da Igreja, no primeiro Sábado Santo, em que Maria viveu sem ter Jesus vivo, foi considerado o sábado da solidão, do deserto, da morte e do luto. Foi o dia em Maria chorou e sofreu pela ausência de seu Filho. Foi no sábado que precedeu a ressurreição de Jesus que a Maria viveu o mistério da dor, profetizado por Simeão, em Lucas 2, 35: “E uma espada transpassará a tua alma”. Ela, todavia, manteve-se firme na fé, com esperança inabalável, aguardando a ressurreição de Jesus. No sábado, após a morte de Jesus na cruz, Maria, sozinha, era a Igreja; por isso guarda-se a sua memória no sábado. O 31 de maio de 1997 foi, exatamente, em um sábado, dia de Nossa Senhora para a tradição católica (Silva, 2019, p. 224).

Quem sabe esses elementos e outros pesaram para o religioso capuchinho, a hierarquia

⁵⁸ Nesta data foi internado, na madrugada do dia 07 de maio de 1997, no Hospital Português, porque estava com falta de ar, tendo seu quadro agravado no dia 13 de maio, quando já não respondia aos comandos e reagia pouco aos estímulos mais leves o que, segundo Torres (2014, p. 173), seria indicativo de um acidente vascular cerebral. Seu estado evoluiu, em 48 horas, para um coma de grau II, intubação, ventilação traqueal, que viria a evoluir para a sua morte cerebral, decretado no dia 28 de maio, contudo, a falência geral e a decretação da morte só viriam no dia 31 de maio (Silva, 2019, p. 224).

⁵⁹ A tradição nasceu na antiga Grécia pagã. O mês de maio era dedicado a Artemisa, deusa da fecundidade. Algo semelhante ocorreu na antiga Roma, pois Maio era dedicado a Flora, deusa da vegetação. Naquela época, celebravam os *Iudi florals* (jogos florais) no fim do mês de abril e pediram sua intercessão. Na época medieval abundaram costumes similares, tudo centrado na chegada do bom clima e o afastamento do inverno. O dia 1º de maio era considerado como o apogeu da primavera. Durante este período, antes do século XII, entrou em vigor a tradição de *Tricesimum* ou a devoção de trinta dias à Maria. A ideia de um mês dedicado especificamente a Maria remonta aos tempos barrocos – século XVII. Este costume dobrou durante o século XIX e é praticado até os dias atuais (Silva, 2019, p. 224).

eclesiástica e os devotos que o acompanhavam seriam sinais evidentes que se tratava de uma intervenção divina. O que interessa para o fiel é que Frei Damião é santo. Os dias de convalescência do religioso capuchinho, no Hospital Português, foram seguidos de um grande número de fiéis no pátio do hospital. Houve deslocamento de caravanas de fiéis em direção à capital pernambucana vindas de inúmeras cidades nordestinas. Deslocaram-se centenas de romeiros e se juntaram aos que já estavam em frente à unidade cardiológica, todos rezando pela vida do “Padim” Damião. Romeiros e demais curiosos, de longe e de lugares próximos, não mediram distâncias e vieram fazer as suas últimas orações pela vida do peregrino das missões.

A saúde do religioso fica cada vez mais fragilizada e seu estado se agrava. Seu corpo curvado pela escoliose demandava o uso de poltronas e cuidados médicos especiais. O capuchinho entra em estado de coma sob respiração artificial e uma grave infecção bacteriana no sistema respiratório. Torres (2004, p. 161) faz uma minuciosa descrição do seu paciente, pois “desde que comecei a acompanhar o Frei Damião, no final de 1989, ele fora internado pelo menos dezoito vezes”, porém,

[...] agora, tratava-se do antigo problema de mecânica respiratória devido à compressão que a sua cabeça, praticamente colada ao tórax, exercia na traqueia – um canal imediatamente abaixo da laringe, que leva o ar ambiente para ser trocado com os pulmões, função básica do sistema respiratório. Com compressão, o calibre desse órgão oco diminuía acentuadamente e, em determinadas posições, esta via aérea praticamente fechava, provocando desconforto respiratório.

Oliveira (1997, p. 123) relata que o lavrador Luiz Barbosa, da cidade de Serrita, em Pernambuco, percorreu por volta de 535 Km, para ir até o Hospital Português. De joelhos prostrados no chão e, portanto, chorando dizia que:

[...] ele me curou de um câncer de próstata e me fez alcançar muitas graças do mesmo modo a romeira Ana Lima dos Santos, de 57 anos insistia: Vou ficar aqui até a sua situação se decidir. Dona Ana alegava ter seguido o missionário por trinta anos. Assegurando ficar em jejum até o fim, a dona da casa Julieta Santos, 72, acabou se sentindo mal e precisou ser atendida por médicos do hospital. Entre os mais fervorosos, Maria de Lourdes Torres, 63, residente em São Paulo, informa: Logo que soube da notícia do padim, peguei um ônibus e vim. Ele é um santo, me curou de um câncer na garganta.

Frei Damião despedia-se da vida no Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco, mas, os romeiros não paravam de chegar de diversas localidades e fixaram em frente ao Convento de São Félix de Cantalice, no Pina, e também no Hospital Português, na região central do Recife. Durante os seus últimos dias vida do missionário capuchinho, recebeu visita de autoridades religiosas e civis, políticos, além de amigos, entre eles, o provincial dos

capuchinhos em Lucca, na Itália, Frei Natale Cocci e escoltado do ex-provincial Antônio Landi. Entre estes, o Arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho; o Arcebispo Emérito das duas cidades, dom Helder Câmara; o vice-presidente da República Marco Maciel; o governador de Pernambuco, Miguel Arraes; o prefeito do Recife, Roberto Magalhães; e o cônsul da Itália, Paolo Miraglia. “Era mesmo um velhinho resistente. Dessa vez, foram 25 dias de internamento” (Oliveira, 1997, p. 124).

Não obstante de todos os esforços e cuidados de toda equipe médica, a vida de Frei Damião de Bozzano chega ao seu fim, em um dia de sábado, de 31 de maio de 1997, às 19h20m. Segundo Blancard Torres (2004, p. 187-188), “o coração de Frei Damião deixou de funcionar. O aparelho que registrava continuamente o traçado eletrocardiográfico ficou isoelétrico. Nesse momento, declarei a morte de meu paciente”. No Hospital Português, a tristeza toma conta da equipe médica, enfermeiros e funcionários. Frei Fernando Rossi comovido com a perda do seu amigo de todas horas, lamenta não ter estado ao lado do capuchinho em seus últimos momentos, ainda que estivesse no Hospital. Frei Rossi tenta se consolar recordando que “Frei Damião foi levado por Nossa Senhora, de quem era devoto, justamente no último dia de maio”.

As emissoras de televisão, os jornais e os rádios dedicaram amplo espaço na sua programação ao capuchinho Frei Damião, destacando consideravelmente suas virtudes e seu imenso trabalho missionário no Nordeste. O repórter Hélder Duarte, da frente do hospital, anunciou aos fiéis os encaminhamentos da morte e os trâmites do velório e sepultamento.

No Brasil foi decretado luto oficial de três dias nas esferas federal, estadual em Pernambuco, e municipal em Recife. Os principais jornais italianos destacam a sua morte⁶⁰. A rádio do Vaticano dá a notícia de morte do capuchinho. Também em Londres, a BBC pela rádio e televisão deram notícias da morte do religioso italiano para os demais países europeus. Tornou-se um evento mundial.

Desse modo, no sábado do dia 31 de maio de 1997, às 21h30m, logo após ser embalsado, o corpo do frade italiano foi transportado para a Basílica da Penha, no centro da cidade de Recife, onde foi velado, uma cerimônia foi reservada aos confrades e depois aberto por três dias “tumultuados para os fiéis de Frei Damião, para os frades capuchinhos e um prato cheio para a imprensa propagar o definhamento e a morte de um capuchinho, mitificado e tido como santo, aos olhos do povo, que vive do sertão ao litoral nordestino” (Silva, 2019, p. 34).

⁶⁰ O jornal *Il Tirreno*, Livorno do dia 29/05/1997 anuncia a sua morte “A última batalha de frei Damião: no Brasil, pobres e poderosos à cabeceira do frade toscano” (SOUSA NETO, 2011, p. 95).

Segundo Sousa Neto (2011, p. 97):

Dia 4 de junho realizou-se o encerramento dos funerais e o sepultamento. Por conta da multidão que se previa, a missa de despedida seria no estádio de futebol José do Rego Maciel, em Recife. Começava o grande adeus após uma última missa para os familiares presentes numa vasta representação dos parentes de frei Damião vindos da Itália, bem como frades capuchinhos de várias partes do mundo, inclusive os superiores maiores. [...]. Pessoas portavam consigo radinho de pilhas para participar mais ativamente de tudo o que ocorria e orientar-se na multidão, como se faz normalmente nas grandes partidas de futebol. Por toda parte distribuíam-se livretos, pôsteres e cartões com fotografias e estampas de frei Damião.

Frei Damião foi sepultado no Convento de São Félix de Cantalice, em Recife, Pernambuco, na Capela de Nossa Senhora das Graças. A Capela é, na atualidade, ponto forte de peregrinação dos fiéis, oriundos dos Estados do Nordeste, especialmente no mês de maio, mês de aniversário da sua morte. O capuchinho Frei Damião que missionou por 66 anos pelos estados do Nordeste do Brasil é Venerável. O Santo “ao vivo e em cores”, foi a expressão mais oportuna, de Sousa Neto (2011, p. 78):

Assim, frei Damião, sem pressa ou alarmismo, com a serenidade de sempre, caminhou para a conclusão de sua jornada sobre a terra: com sua vida exposta e revista como num filme, uma existência esmiuçada por olhos e inteligências de todo tipo, uma doença acompanhada passo a passo pela mídia e pelo povo, uma morte e funeral dignos de um herói. Permanecia a multidão que sempre o seguira com admiração e respeito, que ouvira seus sermões e recebera sua bênção e absolvição, que seguira seus conselhos e orientações.

Logo após a licença da Igreja para começar os estudos, deu-se início a fase diocesana do processo, com recolhimento de depoimentos de testemunhas de pessoas que relataram milagres graças à intermediação do frade capuchinho. Essa etapa é a mais relevante do processo, porque inclui a pesquisa completa sobre a vida e obras do postulante a santo. Nesse período, duas comissões foram fundadas: uma histórica e outra teológica e saíram em busca dos relatos da vida pessoal e religiosa do Frei Damião pelos estados do Nordeste do Brasil, em nove anos, dezenas de testemunhos de supostos milagres foram ouvidos e analisados por uma comissão. Na etapa final da pesquisa, cinco dos milagres foram escolhidos como fundamentais e apresentados como relevantes ao Vaticano como prova da santidade do Frei.

Tudo isso faz parte da história do catolicismo popular do Nordeste brasileiro, que vem sendo ocupada pela figura de Frei Damião (1898-1997), um nonagenário conselheiro na sucessão e concorrendo com as de Padre Ibiapina, do beato Antônio Conselheiro, do Padre Cícero e entre outros. Esse catolicismo sobrevive na vivência de milhões de nordestinos, particularmente aos pobres sertanejos. O trabalho do Frei serviu de base à pregação às populações do Nordeste, com seu admirável esquema tridentino que se fundamentou no

acatamento aos fenômenos da religiosidade popular.

Seu trabalho religioso consistia em celebrar, pregar, casar, crismar e confessar. Em suas atividades exibia uma moral de certezas que decide o limite do bem e do mal e quais são os pecados veniais, que levam ao purgatório, e mortais, ao inferno, e quais as obras meritórias para o céu. Viveu a simplicidade e alheio às intrigas, por vezes vítimas de políticos aproveitadores. Demonstrava ser alguém imune ao ambiente pecaminoso que os cercava. Eis que surge o Concílio Vaticano II, e com ele o reflorescimento de algumas tentativas de renovação na Igreja Católica e em algumas dioceses do Nordeste brasileiro. Frei Damião, conforme Moura (1978, p. 63) é a pessoa mais indicada para defender a cultura ameaçada, o único que a valoriza e não estimula a outra. Não estimula as ideias preconizadas no Vaticano II e desempenha um papel contraditório: é um defensor do patrimônio cultural do sertanejo, mas favorece sua opressão, por vincular a salvação da alma à conformidade com o lugar social onde a pessoa foi colocada por Deus. Fica demonstrado que – num clima religioso de renovação pós-conciliar e de oposição de importantes setores eclesiais à ditadura militar – a postura tridentina e anticomunista do prestigiado capuchinho era uma fonte permanente de tensões religiosas e políticas.

Cabe avançar na hipótese que o sucesso de Frei Damião como conselheiro se deve mais ao modo de abordar as pessoas – sua voz calma e forte, sua fala ao pé do ouvido, sua capacidade de convencer os devotos de serem capazes de superar as dificuldades – do que ao seu conteúdo. A cultura sertaneja – na qual se registra (também) o catolicismo popular – trouxe o catolicismo romano trazido da Itália pelo capuchinho. Ele viera como missionário para plasmar na população os mandamentos do catolicismo em sua forma tridentina – obrigando os fiéis à estrita obediência ao papa e à prática sacramental frequente – transformando-se por aquela população em legatário do Padre Cícero na “estirpe” de conselheiros nordestinos inaugurada pelo Padre Ibiapina. No capítulo que segue mergulharemos na hipótese da tese.

CAPÍTULO 3: FREI DAMIÃO COMO CONSELHEIRO TRIDENTINO

*Que Conselheiro? O Conselheiro.
Não lhe ponha nome algum,
que é sair da poesia e do mistério.
(Machado de Assis).*

Este capítulo configura de forma mais incidente a hipótese do estudo: Frei Damião de Bozzano como conselheiro tridentino⁶¹ situado na cultura nordestina. O conceito de identidade tridentina é amplo, porque baseia-se na sólida estrutura do Concílio de Trento (1545-1563) e quando aplicado na figura do conselheiro capuchinho não pretende ser uma interpretação pejorativa. Averiguamos que os conselhos de Frei Damião estão presentes na memória dos devotos e romeiros, incorporados à cultura local. O capuchinho é uma figura decisiva na história do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro do século XX. Depois de missionar pelos estados do Nordeste, foi interpretado pelo povo como uma figura tradicional do conselheiro, o que se pode constatar por meio dos relatos das pessoas. Quando perguntamos às pessoas “o que você se lembra do que aprendeu com Frei Damião?”, a resposta é que aprenderam com seus conselhos sobre o bem, a fidelidade, entre outros. Dos ensinamentos do capuchinho “o que mais se guardou foram os conselhos”. Os conselhos são na maioria genéricos: conselhos para o bem, para os casais, a lembrança do inferno” (Moura, 1978, p. 19).

Face a sua formação, de bases tridentinas, assinala passagens de interpretação desse seu atributo. Traçamos um perfil do religioso através da História Cultural. Por isso, foram manuseados documentos pessoais (cartas, bilhetes, áudios), periódicos, revistas, publicação do seu único livro “Em Defesa da Fé”⁶² (Bozzano, 1953), memórias, em teses acadêmicas, nos recortes de jornais, na literatura de cordel, nos biógrafos, nos historiadores, nos teólogos e nas entrevistas realizadas com pessoas que conheceram a vida e a obra do religioso italiano.

O objetivo é compreender a figura do conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX. É Sísifo⁶³, difícil, que se refaz a cada releitura como

⁶¹ Sobre o conselheiro tridentino baseamo-nos: Hoornaert (1976), Libânio (1983), Menezes (1996), Barbosa (2007) e Denzinger (2007), cujas obras constam nas referências.

⁶² O livro em “Defesa da Fé” (1953) teve várias edições, onde numa linguagem escolástica e apologética defende as verdades católicas contra os protestantes (Moura, 1978, p. 38).

⁶³ Remonta ao mito grego, que Albert Camus (1942) não especula somente sobre a tragédia do castigo imposto pelos deuses ao mortal que ousou, mas retrata também a esperança e, inclusive, a felicidade de Sísifo, um herói que não desiste da luta, pois ela é contínua.

“criação”. Com essa, certamente ocorrerá algumas inevitáveis repetições, mas, se ganhará em lógica e clareza de ideias.

Assim, seguindo uma tradição, “no caso dos capuchinhos, estão estabelecidos no Brasil desde o início do século XVII” (Hoornaert, 1992), já que, tomam parte na história da Igreja no Brasil e na vida da população do Nordeste, sobretudo no interior, como figuras presentes no “imaginário social religioso” (Libânio, 1983, p. 75), pois é o elemento mais importante da identidade tridentina. Ele ocupa o interior das consciências e do inconsciente dos sujeitos sócios-históricos e também da coletividade católica.

Sem desconsiderar, evidentemente, a presença do capuchinho em todas as direções possíveis do Nordeste, foi no interior, nas pequenas e médias cidades interioranas do agreste (médio sertão) e no semiárido (alto sertão) que Frei Damião disseminou os conceitos tridentinos, por meio da oralidade, ao pé do ouvido, aconselhando populares. O clero e os fiéis são dois outros pilares de sustentação da identidade tridentina. Acentua a historiadora o seguinte:

A memória desta presença dos capuchinhos é mais consistente nas **cidades interioranas**, onde eles estiveram presentes especialmente através do esquema de Santas Missões, que fora uma prática comum até por volta da década de 1970. As Santas Missões simbolizaram por muito tempo, uma forma de presença da Igreja entre o povo nos lugares onde a assistência religiosa era ameaçada pela falta dos agentes especializados (Silva, 2015, p. 107, grifo nosso).

As missões aconteciam de paróquia em paróquia, na maioria das vezes, sem intervalo de ao menos dois dias para descanso. Segundo Hoornaert (1992, p. 65), nesse caso, os capuchinhos italianos, introduziram no Brasil uma maneira própria de missão, baseada na “teologia e na pastoral do Concílio de Trento (1545-1563).” A tradição das missões ambulantes no Nordeste do Brasil, que teve repercussão entre os séculos XVIII, XIX e XX, foi acompanhada por missionários das diferentes ordens religiosas estrangeiras, todavia, foram os capuchinhos italianos quem aperfeiçoaram este método.

Nesse sentido, Frei Damião deu prosseguimento ao modelo tridentino adotado, com essa postura apologética, com o rigor doutrinário, passa a aconselhar sobre assuntos do cotidiano das pessoas, materializando uma face do catolicismo popular sertanejo, frente aos avanços do protestantismo, do pluralismo cultural e do religioso mundo moderno.

Na concepção do biógrafo Oliveira (1997, p. 53):

Frei Damião era uma figura carismática, dentro de uma realidade social e religiosa que ainda permitia aquele tipo de comportamento, aproveitando as missões para levantar os sertanejos contra os avanços do protestantismo. Ele foi o último

representante de um catolicismo antigo, alimentando um clima de incompreensão entre grupos diferentes, ainda que cristãos.

Para aquilatarmos deste asserto, aqui bate um traço característico da “identidade tridentina” (Libânio, 1983) e no qual teve papel importante nas santas missões do Nordeste, é o que chamamos de “*Novíssimos*”, a palavra é latina e significa “últimas realidades”, cujos temas são os favoritos de Frei Damião, dentre eles: a morte -, o juízo particular -, o purgatório, o inferno, o céu, o limbo – e às coletividades – juízo final -, ressurreição dos mortos, destruição do mundo pelo fogo. Esses temas eram disseminados por Frei Damião com enorme vigor simbólico, de forma que sacudia a consciência do fiel, atormentando-o com o espectro da condenação ou apontando-lhe o caminho da salvação pela conversão, pelo sacramento da confissão e pelo arrependimento dos pecados.

O capuchinho coerente com a pedagogia do medo de Trento, pregava o binômio purgatório-inferno. Era uma pregação que realçava a culpa, a dor e o temor de Deus. É importante acrescentar que por volta das décadas de 1940 a 1950 Frei Damião já era admirado como santo pelo fiel nordestino. Seus exemplos, sua austeridade, seu espírito de penitente e de peregrino, faziam com que os conselhos adquirissem enorme relevância na consciência do fiel.

Ao longo de 66 anos de missões, passando por centenas de cidades do Nordeste e “distantes povoados, seu devotamento à religião e aos fiéis e sua escuta constante fizeram-no conhecido em poucos anos” (Silva, 2015, p. 108). Andou por quase toda região nordestina e tornou-se conhecido nacionalmente e internacionalmente por suas pregações doutrinárias e alheio às intrigas do mundo. E foi assim que Frei Damião encontrou resistências frente à modernização da sociedade e às mudanças eclesiais, especialmente a partir da renovação da Igreja Católica Apostólica Romana acrescida com o período de *aggiornamento* vivido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).

O fenômeno religioso que surge e se concretiza a partir da segunda metade do século XX em torno de Frei Damião remonta ao acontecimento da proibição, ou ao menos desaconselhado que fosse convidado para as atividades missionárias em determinadas paróquias e dioceses, com o argumento de que o mesmo atrapalhava o trabalho de evangelização do povo. Por isso, no tópico seguinte, elucidaremos algumas reações da hierarquia eclesiástica, que depois do Concílio Vaticano II, Frei Damião passou a ser objeto de discussão entre o clero e as elites cristãs. Foi uma figura polêmica dentro da Igreja católica devido à tolerância à sua manipulação por políticos inescrupulosos e por ignorar a renovação pastoral.

3.1 A figura de Frei Damião no contexto eclesial brasileiro do século XX

Neste tópico, analisamos Frei Damião (1898-1997) no contexto das controvérsias da hierarquia eclesiástica da Igreja Católica acerca da sua pessoa, da ambiguidade, de sua ação pastoral e a manipulação de sua imagem feita por políticos para tirar proveito à sua custa. Aqui “a igreja é entendida como instituição, como um campo em que as relações sociais se estabelecem com tensões, lutas, disputas, contradições” (Libânio, 1982, p. 33), tal como foi descrito pelo Jornal do *Commercio*, de 20 de setembro de 1996, estampada na primeira página, a seguinte notícia acerca de Frei Damião:

A imagem de Frei Damião está sendo utilizada em cartazes e gravações de campanha do candidato a prefeito de Missão Velha-CE, José Landim – PSD. Na cidade circula a notícia de que Frei Fernando teria ganho 20 mil reais para colocar o frade junto ao candidato (Costa, 1998, p. 91).

E foi assim, que se tornou, lugar comum a rima: “*político com dinheiro e Frei Damião não tem perigo de perder eleição*”. Em que pese Frei Damião afirmar não “*entender de política*”, há indícios de que ele tivesse preferências políticas, pois a depender da filiação dos candidatos a cargos eletivos ou executivos, ele se posicionava. Chegavam a produzir folhinhas, calendários, fotos de Frei Damião em “*santinhos*” ao lado dos políticos. Vale lembrar que ficar perto dele, ao lado, ou aparecer numa fotografia por ele acompanhado, sempre estabeleceu para os candidatos respeitável trunfo em suas campanhas eleitorais.

Nas entrevistas⁶⁴ efetivadas em meio à elaboração dessa pesquisa, pessoas que conheceram Frei Damião atestam que Frei Fernando Rossi era o intermediário entre o frade e os políticos mediante pagamento. Segundo o pesquisador:

O franciscano revelou preferência por políticos que sustentaram o regime ditatorial, ou seja, que matou, torturou e criou cemitérios clandestinos e, além disso, em troca de apoio a governadores e ao governo federal recebiam concessões de rádio e outras benesses que em nada beneficiavam o povo (Marangon, 2006, p. 124).

Frei Damião não se empenhou na luta em prol dos direitos humanos. O frade gozava de uma popularidade extraordinária entre os fiéis católicos empobrecidos do Nordeste, com poderes carismáticos, devotado às missões, ele não teve o interesse, tão pouco, coragem de

⁶⁴ Das entrevistas realizadas na segunda quinzena de 2021, em trabalho de campo, foram entre professores, pesquisadores sociais, padres, cordelistas, políticos, benzedeiras, parteiras e outros, nas cidades de Poço Redondo (SE), Malhadas dos Bois (SE), Gravatá (PE), Caruaru (PE), Juazeiro do Norte (CE) e Crato (CE), cujas as narrativas dos entrevistados sobre a vida de Frei Damião se encontram na íntegra nos Anexos da tese.

demarcar oposição aos regimes ditatoriais da história republicana brasileira e que existiram em dois momentos: o Estado Novo (1937-1945) e o Regime Militar (1964-1985).

O trabalho missionário de Frei Damião no Nordeste se deu numa época de pluralismo, portanto, os novos movimentos sociais exigiam uma catequese renovada, por parte da Igreja Católica, para acompanhar e atender à formação dos movimentos organizativos dos trabalhadores do Brasil, na segunda metade do século XX. Seguindo a pista aberta por Francisco Rolim (1976), os antagonismos políticos, sociais e religiosos, impulsionaram novas cosmovisões de mundo, tendo como colunas os movimentos dos trabalhadores rurais e urbanos da Zona da Mata do Nordeste e a ideologia liberal, liderada pela classe dominante.

No dia 06 de junho de 1982, numa entrevista ao *Diário de Pernambuco*, em Recife, sobre as eleições do referido ano, Frei Damião afirmou princípios democráticos que não condiziam com o apoio que externou aos políticos da base de ratificação aos governos ditatoriais, vejamos o que diz ele:

O voto era livre e o povo do Nordeste deve votar em quem quiser. Este assunto é político e naturalmente não é de minha área, mas, o exercício do voto é uma conquista do homem, sob inspiração divina, e cada cidadão deve exercê-lo na sua plenitude (Diário de Pernambuco, Recife, 1982).

Frei Damião foi instrumentalizado por alguns políticos, principalmente pelo Ex-Presidente Fernando Collor de Mello, que, segundo Sousa Neto (2011, p. 84): “Candidatos a cargos eletivos e executivos usaram o nome e a imagem do religioso, inclusive, saindo abraçado com ele em fotografias”. Por outro lado, não consta nenhum registro, notícias, comentários, abraços e fotos do capuchinho com candidatos de políticos de esquerda, porque, segundo a interpretação de Lazzari (2003, p. 121), “Frei Damião era ferrenho adversário do comunismo”. A despeito de nada escrever em relação ao comunismo, Frei Damião acompanhou uma cruzada anticomunista da Igreja⁶⁵. E isto parece ser consequência de sua ambivalência. Assim como são ambivalentes as atitudes das religiões populares. O Padre Reginaldo Veloso disse ao *Diário de Pernambuco*⁶⁶, em Recife: “é ridículo a vergonhosa utilização da religião e da ingenuidade de um ancião por político esperto que tem enganado a boa-fé da maioria dos brasileiros” (*Diário de Pernambuco*, Recife, 25 nov. 1989). O frade foi homenageado por políticos e autoridades,

⁶⁵ No dia 30 de junho de 1949, o Papa Pio XII (1939-1958), condenou os comunistas por meio do Decreto de Excomunhão, em audiência ordinária, concedida ao Exmo, assessor do Santo Ofício, aprovou a decisão dos eminentíssimos cardeais que a apresentaram, confirmou-a e mandou que a mesma fosse publicada no Comentário Oficial dos Atos da Santa Sé Apostólica.

⁶⁶ Diário de Pernambuco, Recife, 25 nov. 1989.

recebeu títulos de cidadão honorário em 26 cidades nordestinas.

Não é de estranhar o reconhecimento entre historiadores, teólogos, jornalistas e biógrafos de que o político que mais se aproximou do religioso Frei Damião foi Fernando Collor de Mello⁶⁷, que este teria se aproveitado da fama e da bondade do Frei, aparecendo juntos em eventos, comícios, fotografias e nos guias eleitorais. Em 1989 foi veiculado no *Diário de Pernambuco* uma concelebração de uma missa em Alagoas, marcada por Collor de Mello, como uma promessa pelo fato do candidato ter sido vitorioso no 1º turno das eleições Presidenciais. A celebração da missa provocou um alvoroço de grandes proporções no espaço eclesiástico. A controvérsia entre o frade e os religiosos, que antes estava limitada a interpretações religiosas, passou para o terreno político. Frei Fernando Rossi, argumentou que “há muito tempo Frei Damião mantém laços de amizade com a família Collor de Mello, principalmente com o pai do candidato a presidente da República” (Maior, 1998, p. 121).

Figura 5 - O Sr. Presidente da República, Fernando Collor de Mello recebe a visita de Frei Damião e Frei Fernando Rossi, em Brasília



Fonte: Foto de José Luiz Silva (1991).

⁶⁷ Descrevo aqui uma informação fornecida por Frei Luiz Carlos Susin, no dia 24 de outubro de 2023, através do WhatsApp, o seguinte comentário, ao qual segue na íntegra: “Bah, isso é chocante, Quando frei Damião foi levado para um comício do Collor em Alagoas, no pleito Lula-Collor de 1989, em nome do Ministro Geral fiquei encarregado de dizer ao guardião, ou melhor, ao Frei Fernando – que Deus o tenha! – para que não fizessem isso, e foi a única vez que alguém desligou o telefone me deixando a ver navios... era muita manipulação”.

Apesar de extenso, vale a pena reproduzir o relato do então, Frei Francisco, OFMCap, na época Provincial dos Capuchinhos em Pernambuco, conhecido como Frei Chico, para entender a polêmica:

Em várias oportunidades, inclusive, é bom contar uma, o Fernando Collor nos tempos da política, me parece que foi nos anos de 1989, na inauguração de uma Capela na cidade de Maceió, no bairro Vergel do Lago. E ele fez de tudo, era um tempo de política, para levar o Frei Damião, o amigo, para essas celebrações de missa, quando nem podia. Naquele tempo era muito rigoroso na Diocese de Maceió à realização dessas celebrações fora de local devido e sem autorização explícita da autoridade eclesiástica. E nessa celebração de inauguração da Capela da Virgem dos Pobres e para a celebração de inauguração, nessa missa, houve uma certa polêmica. Alguns padres de Maceió e de outros lugares, porque ele se tornou conhecido nacionalmente pela imprensa, de que não devia e outros achavam que porque era o Presidente Collor ia facilitar aquelas coisas todas que existem internamente. Mas chegou um momento, nas vésperas, havia uma apreensão sobre a atenção que estava colocada sobre a autoridade eclesiástica, que era o Arcebispo da Diocese de Maceió Dom Edvaldo Gonçalves Amaral, como se pronunciar. Ele ia permitir ou não o acontecimento. Mas na véspera, Dom Edvaldo Amaral fez uma ligação para o Provincial dos Capuchinho em Pernambuco, naquele tempo a sede da Província era em Caruaru (PE), e querendo conversar com o Provincial, Frei Francisco, sou eu mesmo. (risos) Dom Edvaldo ligou em uma conversa telefônica dizendo que a situação precisava de uma atitude e que ele deixaria nas mãos do Provincial Capuchinho para tomar a decisão de autorizar ou proibir a missa, e tomou uma iniciativa, assumindo a responsabilidade de que a decisão que fosse tomada pelos Capuchinhos, através do Provincial, ele acataria. Assim foi feito, os Capuchinhos fizeram uma carta, Frei Damião estava pregando missão em Alagoas mesmo, no interior em Canafistula, é, próximo de Palmeira dos Índios (AL) e de lá ele se dirigia, seria um intervalo que ele se dirigia dessa missão para celebrar a missa em Maceió e ele retornaria. O Presidente Collor providenciaria o transporte, sem prejuízo da missão. Que realmente foi feito através de helicóptero rapidinho, ele foi e fez aquilo e sem o cansaço da viagem. Fizemos uma carta pedindo a Frei Damião para não celebrar a missa, para não ir aquele local, usando os argumentos porque ele não deveria ir que seria feito uso político, o momento era político, era inoportuno e nós tomamos uma decisão de que, como Provincial não o apoiaria nem permitiríamos que ele celebrasse essa missa e tínhamos o apoio inclusive do Arcebispo da cidade (Informação Verbal).⁶⁸

O frade parecia não se preocupar com as consequências de sua aparição junto aos políticos. No “escorregadio” terreno político, o médico de Frei Damião, Blancard Torres, interrogava porque o frade se deixaria levar por “espíritos malévolos”, por “politiqueiros”, questionando diretamente ao religioso sobre o que ele pensava a respeito dos que se aproveitavam da religião. Tendo o Frei respondido:

Essas pessoas sempre existirão, porém podemos, através das trevas, encontrar a luz. O que importa não são os meios, e sim os objetivos que devem ser abençoados. Muitos dessas pessoas, você não sabe, se converteram e hoje são fiéis às leis de Deus. Começaram assim, mas mudaram, e tantas outras irão mudar, pois todos são filhos de Deus, e seus pecados precisam ser perdoados para que alcancem a graça eterna. A fé remove montanhas, doutor. Não esqueça dessa verdade, ela é eterna. Todos precisam ser agraciados por ele, pois é a salvação (Torres, 2004, p. 79).

⁶⁸ Entrevista concedida pelo capuchinho Frei Francisco, na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, bairro Pina, em Recife (PE), no dia 30 de maio de 2009.

Prossegue ainda Blancard Torres (2004, p. 80) que Frei Damião mencionava políticos que, no passado, faziam parte da ditadura militar e que hoje em dia admitem outros contornos de bondade e de amor ao próximo. E assim acrescentava o missionário: “Todos merecemos o perdão do Senhor, desde que reconheçamos que somos pecadores e não pequemos mais” (Torres, 2004, p. 80).

O frade polemizou, com intensidade, contra outras igrejas cristãs, por meio de uma posição intransigente e, sem tergiversações doutrinárias, cujo comportamento foi censurado por religiosos, após o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) e contestado por algumas dioceses do Nordeste⁶⁹. Abdalaziz de Moura (1978, p. 10) pontua alguns elementos fundamentais para compreender o fenômeno religioso em torno do frade capuchinho. E assim ele descreve que este conflito não é um caso isolado, porque ele se localiza como uma amostra de outros episódios, quase contínuo de tensão que se instaurou entre o clero e o povo.

Eis aí o estado da questão: parte da Igreja oficial e parte das pessoas empenhadas na renovação conciliar entraram em conflito com um homem muito querido pelo povo, gerando muita confusão. Este fenômeno não é novo na Igreja, nem no Nordeste. [...]. O povo quer Frei Damião, os bispos e os padres não. Uma diocese aceita Frei Damião e outra não. As mentes entram em choque e os meios de comunicação de massa se encarregam de espalhar a centelha, perturbando as consciências de seus admiradores, que são a grande maioria do povo.

Na concepção de Marangon (2006, p. 11): “Os fiéis aceitaram as afirmações do frade, mas vários religiosos educados numa linha pluralista procuraram mais o entendimento do que a confrontação. Veríssimo de Melo (1973, p. 45), no livro “Ensaio de Antropologia Brasileira”, no capítulo dedicado à Frei Damião, diz que o capuchinho, merece referência especial, desde as expressões messiânicas⁷⁰ do Nordeste. Frei Damião perambulou por mais sessenta anos os sertões do Nordeste e, nas suas procissões, marchas e pregações têm algo messiânico ou pelo menos para-messiânica ou pré-messiânica.

⁶⁹ Sobre o estado da questão, é Abdalaziz de Moura (1976, p. 202) quem nos fala da proibição da Diocese do Crato em 1968. E Moura prossegue acrescentando que até o Concílio Vaticano II, poucas pessoas o censuravam, Frei Damião ou ao seu trabalho missionário. Contudo, depois do Concílio e os esforços da renovação conciliar, a partir dessa situação, começa-se a entrar em conflito com a pregação do capuchinho. De início alguns padres isolados, depois presbíteros inteiros e dioceses começaram a se pronunciar contra a presença de Frei Damião em suas áreas pastorais. No entanto, somente por volta do ano de 1974 que a questão ultrapassou as fronteiras da região do Nordeste do Brasil e se tornou notícia na imprensa regional e nacional.

⁷⁰ Uma breve distinção entre movimentos messiânicos e devoções populares. Os dois fenômenos sociais têm pontos de contato. O primeiro fenômeno é dinâmico. O segundo, é estático. O que caracteriza o movimento messiânico é o comando de um líder, apóstolo, adeptos, todos visando transformar a ordem estabelecida, prometendo um paraíso terrestre num sentido espiritual ou político. Na devoção popular há crença no sobrenatural num santo ou pessoa já desaparecida, que estaria operando milagres. A devoção é localizada em alguma Igreja, Capela, Cruz de estrada ou qualquer recanto ligado ao fato milagreiro (Melo, 1973, p. 46).

O que ele promete às populações? O céu, - se todos seguirem seus conselhos. E aos que não quiserem ouvir e segui-lo? O inferno!

Muitos o recebem como se fosse um santo. Sua linguagem, nas pregações, é, às vezes, áspera contra protestantes e espíritas, principalmente. [...]. Uma ideia messiânica está clara no livro de Frei Damião, quando escreve: “E de resto, quando ela (a bíblia) nos diz que não voltará Jesus a este mundo, senão no fim dos séculos, fala de sua vinda gloriosa, mas não exclui outras vindas, tanto assim que nos fala da aparição de Jesus a São Paulo, no caminho de Damasco”.

Não sabemos se seria lícito interpretar, no texto bíblico, uma, duas ou três vindas de Jesus à terra, que não fossem gloriosas. E, se escrevendo Frei Damião acena com um paraíso na terra, com a vinda do Messias, é possível que divulgue essa ideia em suas pregações (Melo, 1973, p. 46).

O que não se pode desconhecer é o seu prestígio entre as massas sertanejas, apesar de deploráveis acontecimentos que ocorreram no Nordeste brasileiro, sob sua influência, a destruição de duas igrejas protestantes, em Patos, na Paraíba, no ano de 1954. Na cidade do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, teve Frei Damião atrito com o juiz de direito local, porque afirmava que o casamento civil, sem sacramento religioso, era apenas “o casamento do gato com a gata” (Melo, 1973, p. 46).

Marangon (2006, p. 11), na introdução de sua dissertação de mestrado: “Frei Damião: diversidade e identidades culturais”, coloca em evidência e ao alcance do leitor sobre a cosmovisão do capuchinho diante dos protestantes no Nordeste:

As diferentes interpretações das relações entre católicos-protestantes colocaram Frei Damião a defender posições doutrinárias do Papa Pio XII e de seus antecessores, desconsiderando a nova produção religiosa do Concílio Vaticano II da década de 60, do papa João XXIII e dos bispos nordestinos. O frade não analisou, com profundidade, as mudanças que aconteciam. Ele continuou com a mesma tradição religiosa do Concílio Vaticano I e dos papas Pio que marcaram a vida religiosa católica da primeira metade do século XX.

Comprova a análise de seu livro, “Em Defesa da Fé” (Bozzano, 1953), quando revela um missionário arrebatado pela consagração do catolicismo versus protestantismo, por meio de posições doutrinárias e, inclusive, polêmicas, sem desculpas ou rodeios. No entanto, tal posição foi abertamente criticada por alguns religiosos, sobretudo após o Concílio Vaticano II, a exemplo do religioso Leon Gregório⁷¹.

⁷¹ Padre Léon Lambert Joseph Grégoire nasceu em 25 de março de 1925, na região Barchon (Bélgica) e viveu parte de sua juventude em um ambiente marcado pela II Guerra Mundial. Depois dos estudos secundários interrompidos por sua participação no exército secreto belga, recebeu, em 1947, o hábito dos missionários redentoristas. Em 1948, consagrou-se pelos votos evangélicos e ordenado no dia 15 de setembro de 1953. Atuou como missionário e professor na cidade europeia até o ano de 1965, onde foi convidado por Dom José Brandão de Castro, bispo Fundador da Diocese de Propriá (SE), para desempenhar seu ofício em terras sergipanas. Atuou como Pároco nos municípios de Canhoba, Amparo do São Francisco, Telha e Propriá (SE) até 1971, juntamente com o Pe. Nestor, desenvolvendo pastorais sociais na região, do qual se pode destacar, dentre outras obras, a Fundação do Colégio Santo Antônio e da Igreja São Pedro. Em 21 de março de 1971, assumiu a Paróquia de Nossa

No dia 12 de março de 2010, em uma entrevista concedida pelo Padre da Redentorista Leon Gregório, da Paróquia de Nossa Senhora da Glória (SE), assegurando a polêmica em torno do capuchino, que declarou-me discordar do modo como ele desenvolvia suas missões populares. Ele disse que quando era Pároco da cidade Propriá (SE), em 1968, houve uma missão no então povoado de Telha, hoje cidade. Em detalhes, o Padre Leon Gregório relatou que:

Em 1968, quando eu era Pároco de Propriá, em um povoado da Paróquia, Telha, promoveu uma Santa Missão com Frei Damião. Fazia oito anos que não tinham colhido arroz (enchentes do rio São Francisco) e feito a promessa (religiosidade popular: Deus comerciante) de chamar Frei Damião para uma santa missão. Foi assim que o conheci mais de perto, convivendo alguns dias com ele e assistindo às barbaridades das celebrações mais supersticiosas do que religiosa, sem nada de verdadeiramente cristão. Quando algumas pessoas mais evoluídas de Propriá (SE) vinham assistir às missões, elas concordavam comigo no espantamento e tristeza. Tomei a decisão de nunca mais o convidar. As pessoas de Nossa Senhora da Glória, Monte Alegre de Sergipe, Poço Redondo e Canindé do São Francisco me perguntavam por que não chamava o Frei Damião, eu respondi – Deus não me enviou aqui para colocar vocês para trás e tratar-lhes como um grupo de idiotas atrasados, mas para respeitar vocês e ajudar-lhes a ir para frente. Quando passou o cometa Halley, o Frei Damião anunciou três dias de escuridão como castigo de Deus, e em qualquer lugar onde ia celebrar, eu encontrava uma mesa com uma montanha de velas e de fósforos para abençoar, que o Frei Damião tinha ameaçado que “só velas e fósforos abençoados iam funcionar naqueles dias”. Eu acalmava o povo, explicando o que era um Cometa e que não ia acontecer nada. Depois, era bom para mim, eu perguntava ao povo: “Quem foi que mentiu a vocês e quem foi que lhes disse a verdade? Houve três dias de escuro? Estão vendo, quem falou a verdade a vocês foi eu. Assim também, sou eu que falo a verdade quando explico a vocês que Deus quer filhos e filhas responsáveis quanto ao número de filhos que vocês devem ter, bem criados e preparados para o futuro e não um magote criados de qualquer jeito, vocês se deixando escravizar pelas leis da natureza bruta”. O povo ficava perplexo, o que já era um começo de libertação de uma religião alienante (Informação Verbal)⁷².

O enunciado acima exprime a interpretação de alguém do clero da Congregação do Santíssimo Redentor, conhecida como Redentorista e que soube conduzir a mensagem aos fiéis de forma racionalista e de bom senso, sensível aos problemas sociais da região sergipana do Baixo São Francisco.

A década de 1930 no Brasil foi reanimada pela reconfiguração no cenário nacional, qualificado pela ordenação de uma identidade nacional do povo brasileiro. Também foi nessa época, segundo Azzi (2008), que a hierarquia eclesiástica reafirmou seus princípios nos diversos setores da sociedade brasileira. Portanto, isso se deu, precisamente com a atitude da

Senhora da Glória, que à época abrangia os municípios de Monte Alegre de Sergipe, Poço Redondo e Canindé do São Francisco, e permaneceu com sua administração até fevereiro de 2000, tornando-se Pároco Emérito. No dia 03 de janeiro de 2011, aos 85 anos de vida, já com o organismo debilitado, deixou a vida terrena.

⁷² Entrevista concedida pelo Padre Redentorista Leon Gregório, Paróquia de Nossa Senhora da Glória (SE), em 12 de março de 2010 e pode ser conferido em Cruz, João Everton da. **Frei Damião**: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Igreja nas mais diversas áreas da assistência à saúde, na área da educação, da família e em ações pastorais com os povos originários, com o movimento negro, grupos de mulheres e movimentos dos trabalhadores do campo e da cidade.

Quando Frei Damião foi proibido, por alguns bispos do Nordeste, de realizar missões nas Dioceses de Afogados da Ingazeira (PE), Palmeira dos Índios (AL), Campina Grande (PB) e Crato (CE), muitos políticos, amigos do capuchinho, homenagearam com “diplomas de cidadania” e foram além, proferiram discurso em favor do Frei, como constatamos no “Discurso do deputado Almeida Filho em defesa de Frei Damião” que decorreu em cordel, de autoria de Euclides Pereira da Silva:

Por isto eu estou aqui
Defendendo este pastor
Que muitas vezes pelo mato
Seu sermão pregou
quem é contra um frade deste
é contra nosso senhor.

Começou no Ceará
A grande revolução
O Crato sempre contra
Ao Padre Cícero Romão
O mesmo querem fazer
Com o frade Frei Damião.

Ceará berço sagrado
Do Padre Cícero Romão
Aquele que virou
Lá prá eterna mansão
Entregou todo romeiro
Ao frade Frei Damião.

Essa revolta dos bispos
Que já vem de outro Estado
Foi pra câmara e pra Assembleia
Foi pra as mãos dos deputados
Foi quando Almeidinha Filho
Falou entusiasmado.

Quando chegou sua vez
Almeidinha assim falou
Sou católico adoro o frade
Por ele sou defensor
Pois ele é mensageiro
Das ordens do criador.

Almeidinha na Assembleia
Todos lhe deram razão
Eu defendo a vida pública
Do frade Frei Damião
Fez entrevista nos rádios
E até na televisão.

Nesse cenário de renovação pastoral da Igreja Católica, onde se exigiam os cumprimentos das determinações do Concílio Vaticano II, Frei Damião se mantinha firme nas suas posições de uma identidade tridentina, manifestando em seus comentários “já me acostumei assim” (Silva, 1977, p. 37). Tal conduta causava tensões entre clero e o povo, que, segundo Moura (1978, p. 9):

[...] permanecem em termos diocesanos ou provinciais até 1975, quando surge em plano regional e até nacional outra nova polêmica, ao reafirmar a diocese de Crato a proibição de atividades de Frei Damião em sua área. [...]: parte da Igreja Oficial e parte das pessoas empenhadas na renovação conciliar entraram em conflito com um homem muito querido pelo povo, gerando muita confusão. Este fenômeno não é novo na Igreja, nem no Nordeste. Como é que vamos explicá-lo? Quais as implicações que ele encerra? O aprofundamento da matéria traria alguma luz para a pastoral da Igreja no Nordeste e no Brasil?

Este conflito não é um caso separado e excepcional, também não é característica apenas das populações nordestinas, embora tenha surgido no Nordeste do Brasil casos mais incidentes como Canudos (BA) e Juazeiro do Norte (CE). Frei Damião é uma figura decisiva para as multidões e, para outros, “uma pedra de tropeço” (Moura, 1978, p. 7). A pregação de Frei Damião passou a ser considerada conservadora por alguns membros do clero da renovação conciliar e, portanto, entraram em tensão com a pregação do capuchinho. A história do catolicismo popular do Nordeste está repleta de exemplos, ilustrando os conflitos dentro do mesmo espaço “sagrado”. No Nordeste ampliou-se, no tempo, os conflitos que ocultavam divergências.

A atuação missionária de Frei Damião começou “[...] na maior parte do tempo, quando a Igreja no Brasil vivia fortemente influenciada pelo Concílio de Trento” (Sousa Neto, 2011, p. 14). Este perfil missionário deve ser compreendido dentro de seu ângulo sócio, histórico e cultural. Pois nestas ocasiões, de acordo com Francisco de Rocha (1976, p. 11):

No interior nordestino, a população era pouca durante os tempos coloniais, as distâncias enormes, o clima impiedoso, as estradas precárias. Nestas circunstâncias, a religião trazida pelos bandeirantes, por criadores de gado e vaqueiros portugueses, por fazendeiros e caixeiros viajantes, ficou quase inalterada: **uma religião católica tipicamente medieval**, marcada por um tradicionalismo característico de situações em que o contato com os centros de **reflexão e pastoral**, praticamente não existe (Grifo nosso).

A partir da segunda metade do século XIX, poucos foram os missionários que tiveram disposição para adentrar na vida do povo do interior. Porque, segundo Rocha, “Preferiam ficar nas cidades litorâneas, ou estabelecerem-se como “vigários” sedentários em alguma paróquia”

(Rocha, 1976, p. 11). Disponível, foi nesse catolicismo do interior nordestino, em pleno século XX, que o estrangeiro Frei Damião abraçou às missões populares. Esse fiel religioso de contornos da cultura nordestina, com atitudes nacionalistas e obediente as normativas da Igreja romana continuava com suas pregações populares na defesa da ordem eclesiástica baseada nos documentos papais, como o *Syllabus errorum*⁷³, publicado por Pio IX em 1864 e, paradoxalmente, avesso à modernidade, incentivava a prática dos “bons costumes” e limitando-se à pregação, à admoestação e a recomendação para o acatamento dos Sacramentos – especialmente o da confissão.

O historiador Marangon (2016, p. 64) expõe que:

Frei Damião não percebia, ou não queria constatar, essas mudanças na vida da Igreja e nem as que aconteceram, no mesmo ano, no campo social em Pernambuco. Durante o Concílio, foi nomeado o arcebispo do Recife, Dom Hélder Câmara. Nesse meio, foi possível, para a Igreja do Recife, a superação do anticomunismo e o encontro de meios para uma coexistência pacífica ou, até mesmo, de colaboração no plano social com os movimentos camponeses.

O religioso capuchinho com sua preleção “[...] reforçava a presença do ortodoxismo no seio desse mesmo povo” (Silva, 2015, 94) do Nordeste. Ainda Silva⁷⁴ (2015, p. 94):

Suas missões possuíam caráter conservador, se assemelhando muito às missões levadas aos camponeses europeus da Idade Moderna. Mas por que essa identificação de discurso com uma época tão distante cronologicamente? O que explica essa conduta foi um processo internacional iniciado a partir da Santa Sé, liderado pelos papas Pio IX e Leão XIII, que procurou retomar as determinações do Concílio de Trento (1545-1563). Surgido na metade do século XIX, este processo ficou conhecido como romanização da Igreja. Foi uma reação ao avanço de correntes ideológicas e políticas que questionavam princípios defendidos pela Igreja, como o socialismo e o comunismo, por exemplo, mas principalmente a maçonaria e o protestantismo. Consistia em reforçar a estrutura hierárquica da Igreja, revigorar o trabalho missionário, moralizar o clero e diminuir das irmandades leigas. Frei Damião chegou ao Recife influenciado por esta mentalidade.

Apesar da habilidade do religioso em pregar conceitos e ideias de outras épocas bem como tornar contemporâneas pessoas de séculos de distância, sua atuação foi marcada pela disciplina e rigidez, e diante de um horizonte de pluralismo cultural e religioso, ele manteve um discurso incompatível com a aura de renovação litúrgica e pastoral na Igreja que se aprofundou e se desenvolveu após o Vaticano II (1962-1965).

⁷³ *Syllabus Errorum* – é uma carta pastoral enviada a todos os bispos do mundo. Tem como Língua Oficial o Latim. Em cada país é feita a tradução em Língua nacional. Significa “Sílabo dos Erros de Nossa Época”

⁷⁴ Nasceu em 1978, no Recife (PE), licenciada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e participou como membro da Comissão Histórica de Beatificação e Canonização de Frei Damião de Bozzano.

A eficácia de seu ofício em terras brasileiras, perante todas as classes sociais, sem exceção, se deu pelos arquétipos simbólicos do “imaginário social religioso” (Libânio, 1983, p. 75); o anseio da consciência e da inconsciência coletiva por respostas divinas se realizou na figura austera e piedosa de Frei Damião, o Frei sacrificava seu próprio corpo em nome da fé, narrado nas páginas no sugestivo livro autoral, “Em Defesa da Fé”, (Bozzano, 1953), que abordaremos no tópico 3.3 – Análise da obra teológica de Frei Damião. Segundo José Luiz (Silva, 1977, p. 53), “Em Defesa da Fé” é o primeiro livro de Teologia popular escrito no Brasil”. E para Costa (1994, p. 80-81):

Frei Damião de Bozzano, desde que chegou ao Brasil em 1931, vem obtendo adeptos e inimigos [...]. E tem como método de doutrinação a ameaça do “fogo do inferno” para os pecadores. O último profeta do Nordeste, com o trabalho de missões, não é aceito para realizar suas pregações, por dezenas de paróquias do Nordeste, principalmente as que têm os padres “progressistas” na liderança religiosa. O Capuchinho já recebeu vários carros de políticos. É sempre acompanhado, em suas missões de vendedores de fotografias e orações com a sua efígie. Foi muito chamado para benzer e inaugurar obras de prefeituras, como a Delegacia de Taquaritinga do Norte/PE, na presença do delegado Irineu Barros. Na cidade de Sousa/PB em 13 de novembro de 1976 inaugurou uma “sua” estátua de cinco metros de altura na Administração do prefeito Gilberto Sarmento. Já esteve proibido de pregar em Floresta dos Navios, Afogados da Ingazeira, (Pernambuco), Crato (Ceará), Palmeira dos Índios (Alagoas) e Campina Grande (Paraíba). Ao contrário de Dom Frei (Capuchinho) Vital Maria Gonçalves de Oliveira que fora condenado a quatro anos de prisão e trabalhos forçados por combater a maçonaria e o governo imperial, o **Frei Damião nunca falou mal de governo ou político algum no Brasil, desde que aqui chegou** (Grifo nosso).

O frade italiano é pela sua biografia, formação e obra, um religioso obediente à ortodoxia teológica e moral. O seu encantamento pessoal e seu esforço nem sempre foram bem apreciados, nesse sentido, a sua forma de atuação pastoral na transmissão da fé católica suscitaram alguns questionamentos. Entre eles, o fato de suas pregações serem “retrógradas” e até mesmo de “mau gosto”, conforme ensaio “Quem tem medo de frei Damião”, de autoria de Roberto Pompeu⁷⁵, publicado na revista *Veja*:

Frei Damião era antiquado na forma e no conteúdo. Falava de diabo, de Juízo Final. E proibia as mulheres de usar calça comprida (...). Além do mais dava-se à companhia de pessoas como Fernando Collor. No entanto, reconheça-se, conseguiu uma ligação direta com o povo sertanejo. Que linguagem tinha que outros não têm? Que mensagem está faltando, da parte dos outros, mais atualizados, qual o segredo de sua sintonia fina com os deserdados? (Toledo, 1997, p. 134).

O missionário foi acusado de “retrógrado”, “místico”, “milagreiro”, “fanatizador”

⁷⁵ Ensaio do jornalista Roberto Pompeu de Toledo, na última página da revista *Veja*, datado de 11 de junho de 1997, p. 134.

(Costa, 1994, p. 81). Surge na imprensa nacional, como propagou parte da intelectualidade brasileira no ensaio acima mencionado, o destaque pela contundente crítica à pessoa do capuchinho e a forma fixa de transmitir os conteúdos religiosos, em formato de conselhos, ao mesmo tempo reconhece sua identidade com os devotos.

A devoção em torno de Frei Damião nasce e se materializa por volta da segunda metade do século XX, através de sua atividade missionária. Mas os relatos de milagres e curas atribuídos ao religioso são encontrados já na primeira década de missão no Nordeste brasileiro. A crença de santidade de Frei Damião vem desde 1933, segundo Frei Fernando, em uma missão que foi realizar em Itabaiana, na Paraíba, a convite do Mons. Coelho. É dessa época a crença de que “ele dormia no chão e de que ele quase não comia” (Silva, 2015, p. 107).

Silva (2015, p. 109) encontra um inusitado “aviso interessante” publicado na Revista “A Ordem”, do Centro Dom Vital, da edição de 1937, uma nota proibitiva quanto à divulgação de um fenômeno devocional entre estratos da população do Nordeste do Brasil, a respeito das orações que estariam circulando na comunidade católica da Paraíba, com devotamento a Frei Damião de Bozzano. Curiosamente, a nota avisa que:

Circulam orações milagrosas de Frei Damião, na Paraíba e noutros Estados, assim como orações a Santa Marta com obrigação de copiar e enviar a outras pessoas, a cadeia de S. Antônio, etc., declaramos tudo isto absurdo, reprovado da Igreja Católica e proibidas. É exploração judaica-protestante para tirar dinheiro da simplicidade dos matutos. Ninguém compre, acredite, ou faça uso delas (Silva, 2015, p. 109).

Vale ainda salientar que outras orações impressas circularam nas décadas subsequentes estimulando e exaltando a fé no poder miraculoso do capuchinho Frei Damião, dando ênfase numa santidade pessoal e na exaltação de devoção sobrenatural, uma típica postura da “tridentinização” do catolicismo brasileiro. Claro que o arquétipo de santidade popular analisado na edificação do devotamento a Frei Damião se deu com ele ainda vivo e foi logo no início de suas peregrinações no Nordeste.

Isso pode ser explicado, em parte, porque o capuchinho era enérgico em sua obrigação, permanecendo até o final de sua vida dedicado à causa de suas missões populares. Na jornada de 66 anos de missão pelo Nordeste e em total abnegação, Frei Damião conviveu com um povo concreto e histórico, ensinando e aprendendo, enraizando-se na cultura local ao ponto de desobrigar-se de padrões da hierarquia eclesiástica. Como podemos observar, nos estudos de Frei Sousa Neto (2011, p. 35):

A Igreja no Brasil, adequando-se aos novos tempos, adotou um discurso de formação da consciência social, justiça, inculturação e consequentemente, apoiada pelo Vaticano II, de ecumenismo e respeito às outras correntes cristãs e a outros credos. Frei Damião certamente conhecia e havia lido os documentos do Magistério e as Diretrizes da Conferência Episcopal, porém, ele mesmo confessa, com uma boa dose de humor, como seria difícil mudá-lo depois de tanto tempo: “o pouco que posso fazer, somente assim posso fazê-lo. Procurar mudar-me agora seria como querer desentortar as pernas de um cachorro”.

Nota-se que em decorrência da dissonância entre “[...] o pensamento e a pregação pastoral do episcopado de então revelariam que o estilo e as reflexões de Frei Damião eram outros, [...]” (Sousa Neto, 2011, p. 35), e assim alguns bispos, como já apontado, declararam preocupação com as incursões das missões de Frei Damião. Embora a temática da fé fosse o fio condutor da vida espiritual de Frei Damião, na atmosfera social e econômica, a sua atuação foi discreta, preferindo dedicar-se aos ritualismos, repercutindo fortemente no seio dos fiéis. Em seus sermões e entrevistas, anunciava com disciplina a Palavra de Deus que se assemelha com a Tradição da Igreja, manteve sempre uma irrestrita fidelidade ao Papa, “orientava práticas contraceptivas, condenava o uso da minissaia e da calça cumprida” (Oliveira, 1997, p. 81-83). O biógrafo Lazzari, (2003, p. 51, tradução nossa), no capítulo quinto do seu livro “Padre Damiano de Bozzano: Apóstolo da Reconciliação e Mestre da Vida Espiritual”, ratifica que:

Quanto aos fiéis penitentes, é preciso dizer também que Frei Damião não tinha preferência de pessoa. Para ele não havia nem homens nem mulheres, mas apenas irmãos implorando por ajuda. Porém, seu serviço era diversificado de acordo com a condição do penitente. De fato, um aspecto particular do ministério de Frei Damião foi a confissão daquelas mulheres que se aproximavam dele com as saias demasiadas curtas com os braços abertos, decotado e, em qualquer caso, vestido indecentemente. O Frei recusou-se a ouvir a sua confissão. A uns dizia: “Vá vestir-se (vai se vestir), a outros mandava descosturar a bainha da saia. [...]. Frei Damião defendia e protegia a santidade do casamento. Para ele, a embriaguez, o jogo e a dança já eram um problema. Na moral conjugal o método de regulação dos nascimentos era o natural, baseado na distinção entre período férteis e inférteis. Com isso proibiu o uso da pílula e qualquer outra intervenção externa para impedir a procriação.

Com sua base ideológica apoiada na doutrina do Concílio de Trento (1545-1563), Frei Damião preconizava a superioridade da fé no conhecimento das verdades inatingíveis, ou seja, um fideísta, que defendia os fiéis de deploráveis desvios, por isso, de forma incisiva salvaguardava os hábitos e os costumes herdados em família. Ele mesmo aconselha, com uma boa dosagem de moralização dos costumes, (especialmente no campo da sexualidade) e da doutrinação do povo, conforme o incisivo trecho abaixo:

A pílula não é boa. Deus não gosta. Para evitardes filhos, podeis apenas não usar dos vossos direitos matrimoniais. E podeis fazer isso, se quiserdes, pela vida inteira, de

comum acordo com os vossos maridos.
 Para vós (mulheres que usam calças cumpridas) está reservado um lugar bem fundo
 no inferno (Oliveira, 1997, p. 82).

Em diálogo com a exposição de Oliveira (1997, p. 81) sob o aspecto de protetor, em seu discurso deixava transparecer que o ideal é que a natureza humana desenvolvesse o seu ritmo orgânico de procriação sem intervenções. Por outro lado, sob o aspecto do protegido, as massas resistiam em torno de seus dramas existências, posto que viam o Frei como guia espiritual e conselheiro de que precisavam.

Para esclarecer essa posição, Moura (1978, p. 64) na tentativa de interpretação do fenômeno assinala que “Frei Damião diz justamente o que muitos precisam escutar para se sentirem seguros”. Portanto, em Frei Damião, o capuchinho ligado às crenças religiosas tradicionais, o povo avaliou ter encontrado o seu conselheiro “que conservava as tradições, apesar da rigidez moral do missionário que ameaçava com o fogo do inferno os amancebados, as minissaias e os costumes transviados” (Marangon, 2016, p. 85).

Na concepção do escritor José Luiz Silva (*apud* Costa, 1994, p. 88): “Diante de Frei Damião, o nordestino se sente na sua fé inabalável, como felizes foram os nossos pais diante da força profética e taumaturga do Padre Cícero”. Para Cava (*apud* Costa, 1994, p. 89): “O missionário Capuchinho italiano, Frei Damião... foi proibido de pregar em vários lugares do Nordeste por causa da apregoada crença das classes inferiores de ser o frade estrangeiro a reencarnação do Padre Cícero”.

Não é difícil de entender que os desvalidos só existem enquanto existe o assistido socialmente. Os primeiros desvalidos são os povos originários. São partes distintas e complementares do todo. São pequenos proprietários de roça, lavradores e lavradoras, sem-terra, artesãos, ferreiros, vaqueiros, parteiras, benzedadeiras, penitentes e pequenos comerciantes e sem emprego determinado. Os desvalidos sofrem a mais cruel exclusão social e com a escassez de água e a perda da terra, como diz Hoornaert (1997, p. 14-15), “sobretudo depois da Lei das Terras de 1850, que fez com que tudo fosse parar nas mãos dos que conseguiram – e Deus sabe como – um registro do cartório Civil”. Como afirma Ribeiro (1995):

o que se chama reforma agrária é tão-somente a revisão da lei fundiária, vigente no Brasil há um século e meio. Lei que não reconhece o direito de posse, como ocorre na América do Norte, mas consagra os poderes burocráticos e cartoriais de esbanjar as terras públicas. O desafio que enfrentamos é reformar essa lei para reverter ao domínio público como fundo de colonização, toda a imensidão de terras tidas e havidas pelo latifúndio improdutivo, mas não usadas agora por eles, nem utilizáveis em qualquer tempo, tão incomensuráveis são. A imensa maioria desses latifúndios foi obtida através de grilagens e chicanas cartoriais, sem qualquer base de legalidade ou de legitimidade. São acatados a mantidos porque a ordem vigente, com seu sistema de

elaboração de leis e de garantias de justiça, existe de fato para manter e consagrar estes privilégios, doa a quem doer. [...] (Ribeiro, 1995).⁷⁶

Uma das saídas possíveis foi a criação das Ligas Camponesas do Nordeste⁷⁷. As Ligas demonstraram que os trabalhadores rurais têm capacidade de se organizarem para garantir uma vida com dignidade. Vale a pena dizer que as “Ligas surgiram a partir da irmandade das almas, que existia numa cidadezinha da Paraíba e que tinha como principal objetivo os sete palmos de terra de que a pessoa precisava para ser sepultada” (Santos, 1985, p. 7-8).

O frade não tomou lado em favor dos movimentos camponeses do Nordeste, sobretudo para com a Arquidiocese de Olinda e de Recife (PE), que procurou colaborar com a pauta reivindicatória dos movimentos sociais por meio do Arcebispo Dom Helder Pessoa Camara (1909-1999)⁷⁸, que esteve à frente da Arquidiocese entre 1964 a 1985. Ainda que essa extemporaneidade do capuchinho, as crenças dos devotos que os consideravam um santo milagreiro, desde as primeiras narrações, foram potencializadas pela vasta literatura de cordel (Costa, 1998), cuja produção disseminou os conselhos e os supostos milagres atribuídos a ele, como demonstraremos no quarto capítulo da tese, no tópico 4. 2 – Frei Damião na literatura de cordel como conselheiro tridentino.

⁷⁶ Pode ser conferido por meio da Folha de São Paulo. 09 out. 1995.

⁷⁷ As Ligas Camponesas nasceram como uma organização dos trabalhadores rurais para lutar em favor da distribuição de terras aos camponeses e da extensão das leis trabalhistas ao setor rural do Nordeste brasileiro. As Ligas vinham sendo criadas desde meados de 1950 com o objetivo de conscientizar e mobilizar o trabalhador rural na defesa da reforma agrária. Foi durante o governo de João Goulart (1961-1964), que o número dessas organizações cresceu muito e, junto com elas também se multiplicaram os sindicatos rurais. Foi nesta época, que o escritor e político pernambucano Francisco Julião dedicou-se ao movimento. Porém, foram extintas pela ditadura militar em 1964 (Julião, Francisco. **Que são ligas camponesas?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. (Cadernos do povo brasileiro, nº 1).

⁷⁸ Dom Helder P. Camara, nasceu no dia 7 de fevereiro de 1909 na cidade de Fortaleza e faleceu no dia 27 de agosto de 1999 no Recife. Foi um bispo católico, arcebispo de Olinda e Recife, fundador da Conferência dos Bispos do Brasil e defensor dos direitos humanos durante a ditadura no Brasil (Helder [...], 2023).

Figura 6 - Convento de São Félix de Cantalice, Pina, Recife (PE)



Fonte: Foto do Museu de Frei Damião

O historiador Marangon (2006, p. 9-10), que pesquisou e escreveu sobre Frei Damião, chama à reflexão para o fato de que:

[...] foi nesse espaço de tempo de sua vida que o processo de secularização avançou, ameaçando as manifestações tradicionais da religião que perderam o seu valor sob o exame crítico da percepção moderna. A religião, além das formas clericais históricas, começou a ensaiar práticas secularizadas, especialmente nos centros urbanos. O apego à doutrina papal, sobretudo a Pio XII que excomungou os comunistas, distanciou o frei dos movimentos de organização dos trabalhadores urbanos e rurais que surgiram nas terras nordestinas, mantendo, por isso, sua fama de santo milagreiro mais nas aldeias do sertão do que nos grandes centros urbanos e na zona canavieira. Os documentos encontrados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), produzidos pelo advogado das Ligas Camponesas de Pesca, datados de 1959, revelam um Frei Damião contrário às organizações de trabalhadores rurais, considerando-as movimentos contrários à fé cristã.

Por isso, as Ligas Camponesas de Pesqueira (PE), mostraram um Frei Damião totalmente avesso às organizações de trabalhadores rurais, mantendo-se numa tradição religiosa conformista. Essa ambivalência, que orienta a função social dos agentes religiosos, é recontada pelo Giddens (2005, p. 55) desta forma:

A religião poder ser uma força conservadora como inovadora na vida social. Algumas formas de crenças e práticas religiosas atuaram como um freio contra a mudança, destacando, sobretudo a necessidade de se aderir a rituais e valores tradicionais. Ainda assim, como enfatizou Max Weber, as convicções religiosas frequentemente desempenharam um papel mobilizador em pressões por mudança social.

Como paradigma dessa questão, de que a religião foi instrumentalizada, citamos excertos de uma Carta enviada ao Frei Damião pelo Advogado da Liga Camponesa⁷⁹:

[...] soubemos para surpresa nossa, que V. Revma. Fez propaganda contra a ‘Liga Camponesa’, ou seja, a Associação dos Agricultores de Pesqueira [...]. E fomos informados de que V. Revma. Subiu nestes dias semi-úmidos de primavera a Serra do Urubá, transpondo caminhos acidentados para fazer sermões, embora no mesmo lugar estivéssemos falando aos agricultores, cujos caminhos cortam os latifúndios por imprudência de gente que sonhou como homens livres [...]. Essa Serra, outrora, pertencia aos índios, mas estes a venderam em pedaços a troco de cachaça. Habitam hoje a Serra caboclos trabalhadores que discordam dos erros dos seus antepassados, caboclos que não dispõem de terra para trabalhar porque elas foram invadidas pelos bois. Hoje, a Serra mantém uma escravidão, porém diferente da outra porque é a submissão da terra pelo boi, que vive mais bem tratado do que seres humanos que habitam aquela região conquistada pela astúcia do homem branco. [...]. Foi ali que estivestes, Frei Damião, também, onde pregaste a palavra do Mestre. Mas, proferistes uma palavra diferente porque combatestes uma organização de homens que desejam melhor salário, sindicalização [...]. Fazemos generoso apelo a V. Revma. para que ajude a colocar mais uma pedra sobre as pedras da obra social existente na cidade de Pesqueira, de vez que a Igreja não pode ficar ausente dessa batalha de redenção do homem da foice, do machado e da enxada. O convite está lançado e, como nunca será tarde demais para acertar-se com o caminho da verdade, esperam os camponeses sem terra que a V. Revma. empreste sua valorosa colaboração, pregando a Reforma Agrária por essa imensa região do Nordeste (Pereira, 1969).

Costa Pereira (1969) evidencia o posicionamento de que Frei Damião, nas suas andanças missionárias e de suas pregações aconselhava os trabalhadores a não participarem das Ligas Camponesas de Pesqueira (PE), que lutavam por melhores condições de salários. Desse modo, “a sua insensibilidade com relação às Ligas tinha como justificativa que elas não eram ‘democráticas’, mas sim um movimento de camponeses desordeiros e comunistas” (Marangon, 2016, p. 11). Sua pregação naturalizava as desigualdades sociais e era avessa à organização de

⁷⁹ A “Carta Aberta ao Frei Damião – Grande Homem de Fé” foi escrita pelo Advogado Costa Pereira, da Liga Camponesa de Pesqueira, Pernambuco, no dia 5 de novembro de 1960 e publicada no jornal “O Semanário”, do Rio de Janeiro. Coincidência ou não, a data do dia 5 de novembro é comemorada o nascimento de Pio Giannotti, o que viria ser Frei Damião de Bozzano.

trabalhadores rurais como as Ligas Camponesas de Pernambuco, “que ele considerava um movimento de camponeses desordeiros e comunistas” (Pereira, 1969, p. 2).

Não seria cansativo e por demasiado repetir que Frei Damião tinha uma personalidade multifacetada e caracterizada pela prática do catolicismo popular tradicional, cujo contexto se misturavam com diferentes formas de ele enxergar o mundo, com pregações tridentinas, sem ponderar nas solicitações penitenciais típicas do mundo medieval.

Tal posição desencadeou em duas cartas, uma endereçada ao Frei Damião e outra ao seu Superior da Custódia Geral de Pernambuco, ambas escritas por um bispo do Nordeste. A primeira carta foi transcrita por Abdalaziz de Moura (1978) sem a identificação do bispo nem da Diocese, que ora, transcrevemos. Vejamos a primeira carta datada do dia 1º de setembro de 1968.

....., 1º de setembro de 1968

Revmo. Pe. Frei Damião, O.F.M.

Desejamos que V. Revma. compreenda o sentido das palavras desta carta e nos ajude na pastoral que procuramos seguir em nossa diocese. Depois de consultar o nosso presbitério diocesano, sentimos ainda mais a necessidade de um impulso renovador da pastoral dita popular. Como V. Revma. muito compreende, o nosso povo é muito levado ao fanatismo, que é um desvio religioso. Este, em vez de favorecer a mensagem evangélica, impede a expansão do conhecimento e do amor autenticamente cristãos. Sabemos que não é culpa de V. Revma., e somos testemunhas de sua boa vontade. Mas, infelizmente, há uma deturpação por parte dos fiéis que ouvem a V. Revma. Queríamos que esta atitude do povo não fosse acentuada por meio de sua pessoa. Por isso expressamos o nosso desejo de que V. Revma. não aceite convite para as missões ou para outro tipo de movimento que congrega muita gente, em nossa diocese.

Certos de sermos atendidos, nos firmamos em Cristo Nosso Senhor!

(ass.)(Moura, 1978, p. 46-47).

Observamos que a saída apontada pelo agente religioso da hierarquia eclesiástica foi lançar a culpa ao povo, pois, é o fanatismo do povo que conseguiria criar esse misticismo em torno do missionário e, assim, deturpar a sua mensagem evangélica.

A opinião dada pelo bispo isenta completamente a figura de Frei Damião e consequentemente revela uma maneira de compreender o fenômeno religioso em torno do frade: é o povo que vê milagres em tudo e que mistifica as pessoas e as coisas. Contudo, o fenômeno se explicaria pela disposição popular ao fanatismo religioso.

Frei Damião, nesse caso, não se discute, é virtuoso e respeitado. Porém, o povo é que carece de ser discutido e colocado em suspeita. A explicação dada pelo bispo pode ser interpretada em função de uma cultura moderna que não acata e não admite com tranquilidade manifestações miraculosas, espontâneas que atravessam regras e realimentam uma fé.

Por isso que a explicação levantada pelo bispo sobre o fenômeno é reduzida a uma

questão simples. Porque é como se Frei Damião, admitindo de não mais ir às missões, fizesse desaparecer o suposto fanatismo do povo. Em outras palavras: os que dão essa explicação apenas consideram o povo, não o capuchinho que atrai multidões por seu carisma.

Não dão conta do mecanismo psíquico que produz tal ato do povo, pois nenhuma causa é levada em consideração e importância. Por trás da devoção a Frei Damião, existia também um sinal de protesto e de contestação da cultura abastada e da religião dominante que lutava para defender o seu patrimônio contra a destruição de sua cultura. Privar-se dessa cultura e de Frei Damião, seria cair na insegurança e no vazio, ficar sem esperanças.

Aliás, esses fenômenos não são novidades, basta lembrar o movimento sociorreligioso da segunda metade do século XIX, com o emblemático episódio de Canudos (BA) que ficou conhecido devido à repressão militar ao movimento – nele a questão do fanatismo popular foi amplamente destacada pelo jornalista Euclides de Cunha em “Os Sertões”. O movimento surgiu em torno do beato Antônio Vicente Mendes Maciel (1828-1897), o Conselheiro, que foi considerado como um caso típico de fanatismo, na opinião de alguns, evidentemente. Outro exemplo clássico ocorreu no início do século XX na região do Contestado, hoje Santa Catarina, com os três “Monges” João Maria⁸⁰. Estes tinham um enorme prestígio popular por suas santidades pessoais, mas também por seus conselhos e prática de curandeirismo, hábitos típicos da religião popular.

Vejamos então a segunda carta enviada pelo mesmo bispo, em 1968, destinada agora ao Superior de Frei Damião, que na época esta circunscrição ainda não era “Província”, mas chamada de Custódia Geral de Pernambuco⁸¹. O referido ano de envio da carta foi período transitório no governo da Custódia: cessava o governo de Frei Rafael de União dos Palmares

⁸⁰ João Maria é o nome pelo qual ficaram conhecidos três monges que passaram pela região sul do Brasil entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Tinham o caráter de conselheiros e curandeiros. O primeiro deles, o monge João Maria de Agostini, era de origem italiana. Nascido em Sizzano em julho de 1801. O segundo monge, João Maria de Jesus, surgiu também misteriosamente, no Paraná e Santa Catarina, tendo vivido entre os anos de 1886 e 1908, havendo, na ocasião, uma identificação com o primeiro, de quem utilizava os mesmos métodos, com curas por ervas, conselhos e água de fontes. O terceiro monge, José Maria, surgiu em 1911, no município de Campos Novos (SC), um ex-militar. Dizia ser irmão do primeiro monge. Utilizava os mesmos métodos de cura, conselhos e organizava agrupamentos, fundando os “Quadros Santos”, acampamentos com vida própria, e os “Pares de França”, uma guarda especial formada por 24 homens que o acompanhavam. A região onde era palco de disputas por limites e, sob a alegação de que o monge queria voltar com a monarquia.

⁸¹ Segundo o Frei Lazzari (2003, p. 145, tradução nossa): Após solicitação formal encaminhada à Cúria Geral da Ordem com indicação de áreas preferenciais, o Ministro Geral dos Capuchinhos, em 12/12/1930, confiou a missão de Pernambuco no Nordeste do Brasil aos Frades Capuchinhos de Lucca (Itália). O primeiro missionário que embarcou para aquelas terras no dia 15 de janeiro de 1931 foi o Frei Felice da Olivola, que chegou ao Recife no dia 30 de abril de 1931, depois de passar pela Bahia. A transferência dos Capuchinhos de Nápoles ocorreu com a chegada de outros três missionários, na pessoa de Frei Damião de Bozzano, Frei Ignazio da Carrara e Frei Benedetto da Terrinca. Os Capuchinhos de Lucca instalaram-se imediatamente no Convento anexo à Basílica de Nossa Senhora da Penha (Recife), tendo como superior regular o Frei Felice da Olivola. No ano seguinte, a estes quatro primeiros juntaram-se ao Frei Antônio da Terrinca e o Frei Bartolomeo da Querceta.

(1966-1968), em Alagoas e iniciava o do Frei Urbano de Sertânia (1968-1971). Vale observar, onde nota-se um tom restritivo em relação as atividades missionárias:

Comunico a V. Revma. que escrevi ao Frei Damião para que procurasse evitar a acentuação de um fanatismo em nossa diocese, pedindo que ele não aceitasse mais convites para pregações e missões populares dentro do território de nossa diocese. Sem mais, firmamos em Cristo Jesus
(ass.) (Moura, 1978, p. 47).

A despeito do contexto eclesial brasileiro, no início do século XX, 15 anos antes da chegada de Frei Damião ao Brasil, especificamente em 1916, Dom Sebastião Leme (1882-1942) em sua “Carta Pastoral Saudando a sua Arhidioocese”⁸² aponta o fanatismo religioso como o grande defeito da religião popular ao lado da ignorância. Em “A Volta à Grande Disciplina”, sobre a prática popular, Libânio (1983, p. 31) diz que:

Esta ignorância religiosa manifesta-se sobretudo através de uma mentalidade mística e supersticiosa. As fronteiras entre o espírito e a matéria se confundiam. A incapacidade, que tinha o homem de dominar as forças da natureza, colocava-o impotente diante delas. Pululam crenças sobrenaturais com reações religiosas tipicamente mágicas e supersticiosas. Temia-se o mau olhado, o mau sopro. As palavras assumiam um poder próprio pela força de sua materialidade. A pregação cristã mistura-se com esse pano de fundo pagão, animista.

Essa qualificação dada pelo bispo influenciou o clero e o laicato na maneira de ver as questões da religião popular, suscitando dúvidas acerca da validade das crenças e práticas populares e concomitantemente enaltecendo as práticas do catolicismo oficial romano. Nas palavras do bispo acima descritas, o esclarecimento dado coloca Frei Damião em uma situação agasalhada em relação ao comportamento religioso de seus devotos, pois eles praticavam uma devoção fora dos padrões católicos oficiais, isto é, os penitentes eram movidos por um forte imaginário social e acreditavam que o capuchinho era um santo, enviado por Deus. Foi a impressão que ficou depois da leitura das cartas. O Frei sofreu com estas proibições⁸³, como enfatiza Silva (1977, p. 35) que recebeu centenas de cartas escritas por Frei Damião, e numa

⁸² A Carta foi publicada na cidade do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1916, durante as festividades em homenagem a Nossa Senhora do Carmo. O texto é composto por 135 páginas, dividido em quatro partes, com temas relacionados à situação dos poderes políticos e eclesiástico no Brasil, a “ignorância religiosa” dos literatos, dos intelectuais e dos homens públicos, os meios pensados pelo bispo para combater a partir política dos católicos, a organização do ensino religioso, divulgação de obras literárias e as saudações aos fiéis do seu novo espaço de atuação (Moura, 2016).

⁸³ A proibição por parte da diocese do Crato data de 1968. Porém, só no ano de 1975 ultrapassou da região e se tornou manchete na imprensa regional e até nacional. Cf. Revista Veja nº 372 (22-10-75) 49-50; manchete nº 1.228 (1º-11-75) 112-114; Diário de Pernambuco, dias 10 e 14-10-75, 19-11-75; Jornal do Comércio, 8-10-75; O Globo, 13-10-75; O Povo (Fortaleza) 7-10-75 e muitos outros jornais e revistas de 1975 (Moura, 1978, p. 98).

delas ele diz que:

Quando a minha ida a Juazeiro, peço-lhe que dispense, pois haveria concentração de muita gente e o Bispo na carta que me enviou, proíbe isto. Não diga a ninguém que há esta proibição: se alguém lhe perguntar, diga somente que não posso por causa dos compromissos de missões que tenho tomado.

Fica, contudo, demonstrado na citação acima, que Frei toma conhecimento da proibição de sua chegada ao Juazeiro do Norte (CE) e região, chega, inclusive, a sugerir outros esclarecimentos para evitar polêmicas e outras interpretações envolvendo a sua pessoa e o bispo do Crato (CE). Mas para o penitente o que importava era a presença de Frei Damião, sobretudo depois do falecimento do Padre Cícero, em 1934.

Em novembro de 2021 estive no Juazeiro do Norte (CE) interessado em estabelecer relações entre o Padre Cícero e Frei Damião. A minha primeira medida foi visitar o Horto, onde a estátua do Padre Cícero abençoa a cidade, no verde vale do Cariri. Conversei com várias pessoas dos diversos estados do Nordeste. O que eu ouvira dos romeiros estabelecia, prontamente, uma relação de transferência entre Padre Cícero e Frei Damião. Não era, porém, uma transferência de personalidade, porque não se dizia que Frei Damião era a pessoa do Padre Cícero, mas que ambos eram uma coisa só – que eu ousaria a interpretar como semelhantes. E que a personalidade de Frei Damião retribuiu ao desejo do povo do Nordeste, ressignificando o discurso tridentino do Frei, encontrando respostas para seus problemas mais pessoais.

Além disso, Silva (1977, p. 199-213) destaca sobre o fato “viagem” que o Padre Cícero sempre advertia que, um dia, teria de fazer. Vejamos o depoimento:

Todos os antigos antes de morrer diziam que ele ia fazer uma viagem e tornar a voltar outra vez. O povo dizia que ele vinha com o nome mudado, depois de dois anos, com o nome dum home que tinha uma loja na praça chamado **Damião**. Quando chegou Frei Damião o povo já sabia, já tava com a notícia. Meu **padrinho** foi quem disse que vinha com o nome dum home da praça.

Correspondeu que em 1934, quando Padre Cícero morreu, Frei Damião iniciava a trabalhar nas Santas Missões no Nordeste brasileiro, precisamente no Juazeiro do Norte (CE), para onde afluíam milhares de romeiros buscando a esperança de um milagre. Assim, por exemplo, depois de “desaparecido” o Padre Cícero, o povo, facilmente,

[...] transferiu sua carga mística para um novo messias, Frei Damião, sob a proteção das lendas, das histórias e das ameaças criadas a partir da concepção da morte do padrinho Cícero Romão como uma viagem ou mudança, de onde voltaria renovado.

O Padre Francisco Murilo de Sá Barreto conta que “o povo não quer que seu líder morra e encontra sempre uma nova forma de mantê-lo vivo entre ele” (Silva, 1977, p. 201). Portanto, na pessoa de Frei Damião, nas suas virtudes pessoais, no seu poder, nos seus conselhos e no imaginário simbólico de sua personalidade, alguém desacreditar nele ou em seus milagres pode caracterizar uma grande ausência de fé e uma ofensa contra Deus. E assim configura que o povo entende mais o que ele é do que aquilo que diz em suas pregações e presença física.

No entanto, Frei Damião, seguindo as novas orientações do movimento brasileiro de reforma católica do século XIX e facilitando-se da fama adquirida do “herói santo do Nordeste brasileiro” (Flores Filho, 2013, p. 109), reforçou a necessidade da monopolização dos bens de salvação nas mãos do clero e a consecutivamente desapropriação das irmandades e confrarias da gestão dos bens sagrados, frente a uma inicial e crescente pluralização.

3.2 Frei Damião, um remanescente da disciplina tridentina

Esta caracterização da “identidade tridentina católica” (Libânio, 1983, p. 23-77) é o núcleo porque configura uma hipótese do presente estudo de caso: Frei Damião de Bozzano como conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX. A este propósito, é importante ressaltar que o conceito de identidade tridentina é complexo, pois se baseia na longa e sólida estrutura do Concílio de Trento e em algumas de suas premissas que quando aplicado na pessoa do capuchinho não pretende ser uma interpretação pejorativa e, sim uma demonstração de sua cosmovisão na medida em que replica elementos simbólicos de um passado tão presente ou ainda persiste no presente.

O Concílio de Trento foi o Concílio mais longo – teve intervalo - da história da Igreja Católica, de 13 de dezembro de 1545 a 04 de dezembro de 1563 propôs reformas gerais e específicas na estrutura eclesiástica. Uma das principais características de Trento foi criar um novo imaginário social, reforçando a consciência eclesial para a importância de sua qualificação interna, para o enfrentamento da modernidade, para o combate ao protestantismo e realizando atos de capitalização da fé católica, com auxílio de ordens religiosas, tentando cada vez mais se aproximar dos fiéis.

Fato é que a Igreja buscou difundir e implantar as resoluções conciliares. Em seu livro “O que é Pastoral”, Libânio (1982, p. 39), referindo-se à Igreja tridentina na Europa, afirma que:

Ela é fundamentalmente devedora à forte entrada do espírito de Trento em nosso país a partir da segunda metade do século passado, numa prolongação do que foi a grande tarefa missionária realizada na Europa nos séculos XVI e XVII. A performance pastoral na nossa matriz eclesiástica nos dois séculos seguintes ao Concílio de Trento

(1545-1563) pode dar-nos ideia do que significou esse processo de transformação religiosa da Europa pós-medieval.

E sobre a implantação da pastoral tridentina no Brasil foi fortemente introduzida similares aos mesmos moldes da Europa, pois, no final do século XIX e no início do século XX, foram vários missionários europeus que deram o ponta pé inicial nessa tarefa, centrando-se no tema dogmático e moral. Estes são os eixos de sustentação dos princípios básicos e do material direto para a edificação da identidade tridentina.

No nosso Continente, a implantação das normas tridentinas para um catolicismo renovado adotou critérios doutrinários e disciplinares, passando necessariamente pela demonização da vida cotidiana, com a imposição da cristianização sobre o argumento de uma missão salvacionista. No que toca a questão do medo da condenação eterna, Delumeau (2009, p. 35) contribui com o seguinte ensinamento:

O espírito humano fabrica permanentemente o medo para evitar uma angústia mórbida que resultaria na abolição do eu. É esse processo que reencontraremos no estágio de uma civilização. Em uma sequência longa de traumatismo coletivo, o Ocidente venceu a angústia nomeando, isto é, identificando, ou até fabricando medos particulares.

É importante reiterar que as ordens religiosas, em conjunto com o episcopado, foram os principais agentes promotores dessa nova cultura. Segundo Vasconcellos (2017, p. 64) é fortemente percebido que o catolicismo trazido a estas terras pelos ibéricos era carregado de referências e medos do diabo, que tiveram na Renascença um incremento todo particular. Para Roberto Muchembled (2001, p. 143): “a Europa dos séculos XVI e XVII passou por uma verdadeira vaga diabólica. Nunca o Príncipe das Trevas havia adquirido tamanha importância no imaginário ocidental”. Foi nesse cenário que o catolicismo renovado de Trento é passo a passo assimilado a partir da segunda metade do século XIX, o que pode ser conferido através do fenômeno “Frei Damião e os Impasses da Religião Popular” (Moura, 1976, p. 202-225). Nele predomina os predicados de que Frei Damião é um propagador do catolicismo tridentino pela Universidade onde estudou, pela origem, pela congregação. E além disso, ele é instrumentalizado pelo poder, político e religioso.

Enfim, resumidamente, os ditames tridentinos trouxeram implicações nos hábitos, nas práticas e nas obrigações cotidianas dos clérigos e dos fiéis, influenciando rituais, imaginário, linguagem, prolongando o mundo sobrenatural para além da morte, promovendo o deslocamento do acento do corpo para a alma, que necessita ser salva.

Nessa direção, verifica-se que tardiamente, quatro séculos depois, Frei Damião chegou no

Brasil em 1931, impregnado de princípios do Concílio de Trento, com intuito de fortalecer o catolicismo oficial onde o catolicismo popular luso brasileiro de devoção aos santos se desenvolverá por séculos, o capuchinho por meio de suas missões e de seus aconselhamentos pregava verdades doutrinárias, moralização dos leigos, respeito à hierarquia eclesiástica, a Infalibilidade do Papa, o combate ao protestantismo e às ideias modernistas, sem esquecer que despretensiosamente, o seu próprio exemplo de vida disciplinada inspirou a formação de novos sacerdotes.

Moura (1976, p. 221) assevera que há um quadro comparativo do Catecismo de Trento, da Missão abreviada, dos Esquemas de Santo Afonso e das pregações do capuchinho Frei Damião. E podemos acrescentar uma outra coluna, que seria o modelo de pregações pentecostais. As preocupações, os conteúdos, os pontos de referências são parecidos: salvação individual, morte, inferno etc.

Frei Damião oriundo de uma formação clássica, católica e romana, com forte motivação institucional, teve como principais objetivos reafirmar a fé católica frente à disseminação do protestantismo, os ensinamentos morais, a conversão, o comportamento prático com relação ao universo dos Sacramentos, precisamente o Sacramento da confissão, indispensável, portanto, à salvação⁸⁴, e assim sublinhando traços tridentinos reforçou o imaginário social e religioso do povo nordestino, cuja estratégia: “o horror do inferno povoará a fantasia dos fiéis, como terrível força na luta contra o vício e o pecado” (Libânio, 1983, p. 43). Essas visões foram incorporadas à tradição cristã e promoveram, entre outras coisas, para ratificar para os católicos sua própria identificação com Deus e endemoninhar seus adversários.

A pesquisadora Helgen (2020, p. 128, tradução nossa) em seu livro “Conflito religioso no Brasil: protestantes, católicos e a ascensão do pluralismo religioso no início do século XX” defende a seguinte tese:

Que o antiprotestantismo restauracionista não foi apenas um projeto discursivo, pois promoveu, facilitou e moldou conflitos religiosos entre protestantes e católicos em nível local. [...]. Em paróquias e dioceses de todo o Brasil, bispos, padres e frades católicos organizaram intensas campanhas contra o protestantismo, reformulando estrategicamente os religiosos intolerantes como corolário necessário ao projeto nacionalista e modernizador da Restauração Católica. [...]. O nacionalismo católico e o surgimento de uma identidade católica nordestina não foram os únicos fatores que impulsionaram a natureza e o crescimento do sentimento antiprotestante no Nordeste (tradução nossa).

⁸⁴ Porque “o inferno atrai sobretudo as atenções. Nutrindo-se de detalhes bem arcaicos de narrativas fantásticas vindos do Oriente, tais como a Visão de São Paulo ou de lendas irlandesas como a Visão de Tungal, o imaginário social alenta-se com sempre novas imagens. Evidentemente a imagem do fogo sobressai, seja sob a forma de lago ou fogueira ardente, seja como chumbo derretido vertido sobre os condenados, seja como tições acesos penetrando os órgãos, sobretudo sexuais. O horror do inferno povoará a fantasia dos fiéis, como terrível força na luta contra o vício, o pecado (Libânio, 1983, p. 43).

Aerton Alexander de Carvalho Silva, em tese,⁸⁵ apresentada pela Universidade Católica de Pernambuco, cuja pesquisa traça a vida missionária e, em um determinado tópico, apresenta o capuchinho com uma indagação, “Frei Damião, Confessor Tridentino?” Em sua análise de pesquisa, demonstra com fineza de detalhes, que após ser ordenado sacerdote, no dia 05 de agosto de 1923 e feito o juramento antimodernista de São Pio X, Frei Damião estava pronto para confessar e, até mesmo, já tinha memorizado a forma da absolvição, das penitências, da maneira de confessar e das normas do lugar de confissão, conforme a tradição tridentina, que prosseguiu por 400 anos. No século do seu nascimento, mais precisamente aos 18 de dezembro de 1864, o Papa Pio IX, havia publicado a Encíclica *Quanta Cura*⁸⁶, que apresentava, o *Syllabus errorum*, 80 proposições, com erros filosóficos-religiosos modernos condenados, pela fé católica.

Frei Damião manteve ao longo de sua vida a teologia tridentina aprendida no Seminário ao modelo do Concílio de Trento e também de um Código de Direito Canônico de 1917. E além de tudo, de uma postura legalista da fé. Então, foi assim, que capuchinho viveu a sua época, ao trabalho da confissão, estava seguro dos seus conteúdos, da forma, do local, da matéria, da penitência a ser cumprida pelo fiel, como promessa e satisfação pelo pecado cometido. Com o contínuo trabalho apostólico, viveu na simplicidade, por vezes avaliado de forma impiedosa e não se arredava das missões, do atendimento às confissões particulares e do zelo pela salvação da alma.

Esta ação leva-nos a interpretar o fenômeno Frei Damião a partir das análises de Libânio (1983, p. 63-64) a partir das práticas da identidade católica de Trento:

As missões populares, sobretudo nas regiões rurais, constituem outra peça básica desse empreendimento tridentino [...]. Missionários em grupo trabalham intensamente durante o período longo, suficiente para conseguir atingir a todos, de modo que frequentemente somente deixavam o lugar, quando o último homem se confessasse. Horas intermináveis de confessorário. [...]. Criou-se verdadeira técnica de conversão, onde ritmo, horários, temas, maneira de falar eram sugeridos através de manuais de missão. Além disso, os missionários tinham objetivos claros e os perseguiam com tenacidade. Ensinar ao povo as orações básicas, induzi-lo ao hábito da oração da manhã e da noite, introduzir o costume do exame de consciência à luz das verdades eternas, inculcar o medo salutar do pecado, do inferno, do purgatório, do juízo de Deus, levar o fiel à confissão geral.

⁸⁵ Silva, Aerton Alexander de Carvalho. A construção de um taumaturgo: a prática missionária de Frei Damião de Bozzano no nordeste brasileiro (1931-1997). 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

⁸⁶ § I. Panteísmo, Naturalismo e Racionalismo Absoluto; § II. Racionalismo Moderado; § III. Indiferentismo, Latitudinarismo; § IV. Socialismo, Comunismo, Sociedades Secretas, Sociedades Bíblicas, Sociedades Clérigo-Liberales; § V. Erros Sobre a Igreja e os Seus Direitos; § VI. Erros de Sociedade Civil, tanto Considerada em Si, como nas Suas Relações com a Igreja; § VII. Erros acerca da Moral Natural e a Moral Cristã; § VIII. Erros acerca do Matrimônio Cristão; § IX. Erros acerca do Principado Civil do Pontífice Romano; § X. Erros referentes ao liberalismo de hoje (Pio IX, Carta Encíclica *Quanta Cura*, 1964).

Frei Damião, com a pregação do Evangelho manteve práticas repetitivas e rigorosa obediência na aplicação dos preceitos de Trento buscando disseminar e uniformizar a fé católica. De fato, o religioso italiano chegou ao Brasil com uma formação madura, alicerçada em conceitos tridentinos sólidos. Contudo, a partir de 1968, ou seja, após 37 anos de missão pelo Nordeste adentro, com uma rotina severa, repetindo um esquema de missão pronta, totalmente convalidado pelos fiéis, não soa estranho a recusa dele em readaptar seus métodos de missão ao Concílio Vaticano II (1962-1965).

Negando-se a uma renovação eclesial o frade gerou um impasse com a hierarquia, mantendo-se fiel à sua formação original e potencializando sua remanescência tridentina sem perder a adesão popular, mesmo esquecendo da noção do mundo real, garantindo uma tradição religiosa conformista, com pregação condenando modas escandalosas, jogos, bebedeiras e amasiados. O fenômeno de Frei Damião está ligado ao que ele prega. Se mudasse a pregação, perderia o prestígio junto ao povo.

Cumprir destacar que no contexto de extrema pobreza do povo nordestino, vítima de muitas carências materiais: saúde, educação, moradia, alimentação, água, para os fiéis a única saída é rezar, fazer penitência e procissões, confessar e receber o refúgio, o conforto espiritual e o perdão de Frei Damião, na certeza da salvação depois da morte. E sob este aspecto, ele o religioso é “atualizado”,⁸⁷ evidenciando a presença de ser “onímoda da Fé” (Silva, 1977, p. 17-19). O perfil tipicamente católico e de cunho eminentemente tridentino do capuchinho acendeu uma divergência sobre o conteúdo e a forma de praticar a evangelização, contudo, cumprindo fielmente ao “ideal”⁸⁸ que o trouxera às terras brasileiras, foi convertido de missionário à conselheiro, como veremos no capítulo subsequente.

O biógrafo José Luiz Silva, diz em ter recebido algumas considerações de Dom Inácio Magalhães sobre o perfil de Frei Damião. Leiamos o que afirma:

Meu caro José Luiz,
Frei Damião é místico da linhagem de Frei Vidal da Penha, Padre Ibiapina, Padre Cícero e tantos outros luminares que pisaram o solo da monarquia nordestina.
Ele é a voz do Concílio de Trento num Nordeste ainda tridentino.

⁸⁷ Sobre a “Reação da Hierarquia Eclesiástica depois do Vaticano II”, em sua tese de doutorado (Roma), Francisco de Assis Magalhães Rocha traz o depoimento colhido da Revista Veja (22/10/1975), autoria de Frei Pacífico de Holanda Soares, na época, provincial capuchinho em Fortaleza (CE), declara que a pregação de Frei Damião, “não pode sequer ser considerada anacrônica”, e ainda vai mais além: “Ele (Frei Damião) não responde às preocupações de uma Igreja evoluída, como a da Holanda ou da França. Fala aos brasileiros do interior do Nordeste; e acho que, sob este ponto de vista, é até atualizado” (Rocha, 1976, p. 23).

⁸⁸ Sobre esse “ideal”, já comentou José H. das Flores Filhos (2013, p. 104): Esse “ideal” de vida, de certa forma com traços estoicos, enfatizava as virtudes da simplicidade e da abnegação do mundo. Os sofrimentos e misérias são aceitos com resignação, e a pobreza é vista, nesse discurso, até como aliada para aquele que renuncia às riquezas e aos prazeres da vida mundana em prol do “Reino de Deus”.

Ele é a voz profética nesta Judá cactuosa da onça Caetana, do Boi Mandingueiro e do Pavão-sempre Misterioso.

Ficamos com o Concílio Vaticano II quando quer uma religião adulta e consciente, livre da magia e da alienação. Mas não podemos eliminar de vez a medievalidade, porque nesta terra, meus senhores, ainda correm os Doze Pares de França e luta o valente Roldão com o gigante Ferrabrás. Mouras Tortas gemem nas quebradas e os lobisomens correm enlurados.

Ele é o profeta que dá a vida pelo “Sagrado” quando certos sacerdotes engordam na mesma sacralidade.

O grande perigo para a fé é o salto demasiado alto que possa se dar decretando Reformas que violentaram a alma popular fazendo o Povo tomar o atalho das Heresias. A medida que o povo vai se educando (se é que ainda existe tal coisa) será o caso tridentino.

E no final nada a Igreja tem a temer nem a perder porque quando ela erra no grosso acerta no varejo e vice-versa.

Continue meu padrinho Frei Damião, acordando o Povo na manhã nordestina, cantando com o Povo pobre e sofrido. “Formosa é, e, Queremos Deus”. Continue a voz de Deus ao alcance dos pobres, sendo cometa luminoso que fulgurando vai por vales e montanhas serrotes, e chapadas, clarificando e abrindo as portas do céu ao povo nordestino (Silva, 1977, p. 35-36).

Na elaboração desta tese, percorri algumas cidades dos estados de Sergipe, de Pernambuco e do Ceará, entrevistando pessoas, participando da peregrinação ao túmulo de Frei Damião, ouvindo os romeiros e as romeiras de uma parte do Nordeste, exemplo do Juazeiro do Norte (CE). Constatei por meio da transmissão oral, que os romeiros falam do milagre e da cura que recebeu de Frei Damião.

Portanto, desde os idos de 1940, o capuchinho já era reconhecido como pregador, confessor e conselheiro despertando a atenção dos humildes sertanejos devido ao seu dom da escuta, seguindo a confissão auricular, sempre sentado em uma cadeira e frente a frente com o penitente. O Frei Lazzari (2003, p. 41-45, tradução nossa), em sua tese defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, intitulada “Padre Damião, Apóstolo da Reconciliação e Mestre da Vida Espiritual: Padre Pio do Brasil”, oferece-nos uma obra que avaliza Frei Damião como confessor, traçando com profundidade a espiritualidade capuchinha:

Foi especialmente a sua disponibilidade para em cada pessoa que caracterizou sua relação com o povo [...] enquanto as grandes celebrações da missão eram realizadas ao ar livre, menos em caso de chuva, as confissões aconteciam na igreja, mesmo fora do confessionário, para facilitar a escuta. Frei Damião aproximando-se ao ouvido do penitente fazia várias perguntas [...] escutava as confissões sentado em uma cadeira, estendendo os pés sobre um travesseiro para repousar as pernas doentes de erisipela. Não obstante o grande número de penitentes, Frei Damião não tinha pressa [...] quando exausto pelo cansaço mostrava seu heroísmo confessando em pé [...].

Para Sylvana Brandão Aguiar (2015, p. 462), escuta e consolo foram atributos que marcaram a vida de Frei Damião, no contato constante com o povo e na terapia “alimentar das confissões”, como sinaliza:

Como disse o Fr. André, frei Damião escutava as pessoas, sabia de suas angústias: “para pessoas que ninguém tinha tempo e vontade de escutar, Frei Damião se torna então o homem de absoluta disponibilidade, pronto a todas as necessidades, as necessidades de todos”. Corroborar com esta assertiva Hoornaert (1997) ao dizer que a aplicação ao confessorário tornou frei Damião um ‘conselheiro do povo’.⁸⁹

O missionário como conselheiro tridentino no Nordeste brasileiro do século XX nos proporciona algumas questões. Muitas delas emergiram por conta de que no decorrer de suas primeiras e grandes incumbências, Frei Damião se deparou com o clima profundamente marcado pela autoridade do Vigário em cada Paróquia, possuindo ao mesmo tempo poder temporal e espiritual. Era o tempo das excomunhões, das indulgências, dos escapulários, das Semanas Santas rigorosas com jejum, abstinência e mortificações. O diabo e as tentações tinham grande impacto no imaginário social e religioso dos fiéis. Quando chegava o período de Carnaval, a recomendação do capuchinho era que os fiéis católicos se recolhessem em retiros, fazendo atos de reparação e desagravo.

Segundo o Vice Postulador da Causa de beatificação e canonização de Frei Damião, o Frei Jociel João Gomes da Silva (2013, p. 21), “o frade gostava de confessar, próximo das pessoas, não era muito afeito aos tradicionais confessorários”. E também era solicitado ao Frei Damião que fosse confessar alguém enfermo nos hospitais e nos lares de famílias católicas, o que fazia com dedicação.

Neste contexto, a entrevista com Frei Enoque Salvador de Melo, da Associação dos Missionários do Nordeste (AMINE) e ex-prefeito do município de Poço Redondo (SE) traz uma apreciação qualificada:

Olhe, eu fico assim à vontade, porque estive com ele, inclusive convocado pela Comissão que está estudando a Beatificação dele, para dar alguns depoimentos. Na verdade, Frei Damião era visto pelo povo como aquele que tem intimidade com Deus e, portanto, pedindo a ele ou pedindo a Deus, as coisas aconteciam. Então muitos milagres, mesmo aqueles que não eram milagres, eram vistos naquele sentido. Então os seus conselhos são dentro desse contexto todo. Que você deve entender os tipos de conselhos. Uma vez eu vi aqui, em Canindé do São Francisco, um senhor perguntando: “Meu padrinho, eu quero ir pra São Paulo, eu vou me dar bem?” Ele parou, pensou. “Tem dinheiro? Tem dinheiro da passagem? Tem família lá?” Tenho, meu padrinho. Tem parente que já me arrumou emprego lá”. “Então vá, vá”. Quer dizer, ele fazia as pessoas refletirem sobre a possibilidade. Se você tem parente lá, tem o dinheiro da passagem e se você já vai com um parente tem tudo pra dar certo. Quer dizer, era um homem assim muito conselheiro e às vezes muito carinhoso, chamava as pessoas pra junto dele e às vezes também muito severo. Então ele não tinha tempo de fazer pastoral, pastoral assim com a gente entende hoje. A pastoral dele era a catequese, os dez mandamentos, o céu, o inferno e o purgatório, eram as verdades fundamentais da Igreja. A relação dele com os evangélicos era péssima. Ele tinha inclusive um livro, *Em Defesa da Fé* em que é pra refutar e rebater tudo, pra mostrar os erros dos evangélicos. Mas ele mesmo, depois do Vaticano II, ele não atacava mais os evangélicos, crentes, mas guardava pra si aquela fidelidade com a Igreja. O diálogo

⁸⁹ Pode ser conferido na **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, p. 445-466, jul./dez. 2015.

era a conversão. Ele achava que a salvação dos evangélicos estava na conversão à Igreja Católica, na Virgem Maria, nos santos. E os evangélicos achavam que a conversão dos católicos estava exatamente na negação disso. Então talvez essa posição, que não é nova, vem do Concílio de Trento, veio basicamente para isso (Informal Verbal)⁹⁰.

Nos anos finais de sua vida, Frei Damião conservou-se ficar reclinado em uma poltrona, com os pés descansando em um encosto mais elevado, passava a maior parte do dia confessando e rezando com os fiéis, com aquela mesma sensibilidade que o acompanhou por longos anos de obra missionária pelo Nordeste brasileiro e que nos ofertou com o livro de teologia “Em Defesa da Fé”, como demonstraremos em seguida.

3.3 Frei Damião, “Em Defesa da Fé”: escritor

O escritor Frei Damião de Bozzano, com o único livro, intitulado “Em Defesa da Fé” (1953), buscou desenvolver uma apologética da doutrina da Igreja proclamada no Concílio de Trento (século XVI) do Concílio Vaticano I (século XIX), colaborando, para a ampla difusão da teologia romanizada sobre as instituições sociais, como a infabilidade papal, o aborto, o casamento, o divórcio, o celibato, o vestuário das mulheres e as práticas pastorais preconizadas pelo Concílio Vaticano I (1868-1870) e continuadas pelos sucessores do Papa Pio IX.

Frei Damião, segundo Abdalaziz de Moura (1978, p. 38), escreveu também uma Cartilha “Caminhos do Céu”. É um livreto devocional, composto de verbetes catequéticos sobre a fé cristã católica, músicas e orações. O seu livro é mais consistente. Teve várias edições, onde de forma simples de perguntas e respostas, numa linguagem apologética defende as verdades católicas contra os protestantes e espíritas.

A referida obra “Em Defesa da Fé” (Bozzano, 1953) recebeu o *imprimatur*⁹¹ em 20 de agosto de 1953 e publicada pelas edições Paulinas. Frei Otávio de Terrinca, cuja pessoa foi quem desenvolveu o prefácio do alusivo livro de Frei Damião (1953, p. 5), e ali o prefaciador nos alerta dizendo que:

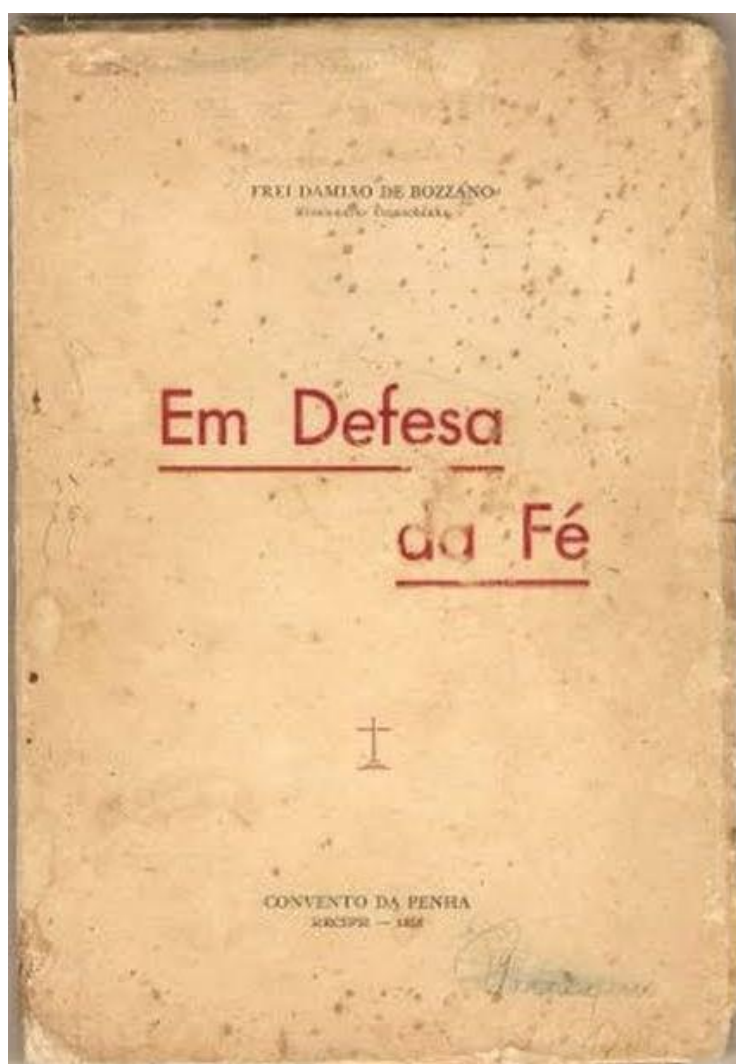
Lendo este trabalho temos a impressão de ver realmente a bondosa austera figura do grande Capuchinho e ouvir o tom profético de suas candentes apóstrofes aos pecadores, amancebados adúlteras, protestantes, espíritas, acenando-lhes com voz vibrante a consequência inevitável de suas vidas transviadas: o Inferno.

⁹⁰ A entrevista foi concedida por Frei Enoque Salvador de Melo, Poço Redondo (SE), em 15/07/2008.

⁹¹ *Imprimatur*. [Do lat. *Imprimatur*, “imprima-se”] s.m. Permissão de autoridade religiosa para imprimir texto que foi submetido à censura (Ferreira, 2004, p. 1081).

O livro é composto por 26 capítulos com os consequentes conteúdos, são eles: I A Verdadeira Regra de Fé; II Regra de fé protestante; III A verdadeira Igreja; IV Perpetuidade do primado; V Infabilidade do Papa; VI Os Sacramentos; VII O Batismo; VIII Confirmação ou Crisma; IX A Eucaristia – Palavras da Promessa; X A Eucaristia – Palavra da Instituição; XI A Eucaristia e a Tradição; XII A Comunhão sob as duas espécies; XIII O Santo Sacrifício da Missa; XIV Confissão – Palavras da Instituição; XV Confissão – sua instituição divina provada pela tradição e pela Igreja; XVI Extrema Unção; XVII Ordem; XVIII O Santo Sacramento do Matrimônio; XIX Indissolubilidade do Matrimônio à luz da fé; XX Indissolubilidade do Matrimônio à luz da razão; XXI O Culto de Deus, dos Santos e das imagens; XXII Intercessão da Virgem Santíssima e dos Santos; XXIII Divina Maternidade da Virgem Santíssima; XXIV Virgindade de Nossa Senhora; XXV A Imaculada; XXVI O Purgatório.

Figura 7 - Livro original Em Defesa da Fé



Fonte: Arquivo pessoal em PNG.

Nomeadamente no livro de 190 páginas, “Em Defesa da Fé”, o escritor Frei Damião tentou argumentar, de acordo com as diretrizes da doutrina católica como a única regra de fé e de expressão da verdade, apregoando uma visão clerical de mundo fundamentado por preceitos da identidade tridentina, a exemplo, da infabilidade papal acima de qualquer outro dogma e a unidade da revelação de Deus sob o axioma de que “fora da Igreja não há salvação”, apelando para o antigo princípio “*extra ecclesiam nulla salus*”.

Em sua obra, Frei Damião examina a Regra de Fé Protestante e compreende como que defendem que os pilares da fé se encontram exclusivamente na Bíblia, porém, para a Igreja Católica, os preceitos fundantes estão no Magistério e na Tradição, posto que escreveu Frei Damião (1953, p. 16):

Os protestantes dizem, em primeiro lugar, que o meio, pelo qual podemos conhecer a doutrina de Nosso Senhor é tão somente a Bíblia. Respondo: Se assim fosse, dever-se-ia encontrar na Bíblia essa verdade, visto como seria de suma importância conhecê-la. Ora, pelo contrário, ninguém até hoje encontrou nem jamais encontrará, porque a Bíblia não figura. É, pois, esta uma afirmação gratuita dos protestantes. – Se Nosso Senhor pretendesse nos deixar a Bíblia como Regra de fé, isto é, como meio para conhecermos a sua doutrina, deveria ter dito aos Apóstolos: Ide, escrevei Bíblias para todas as nações; pelo contrário disse: “Ide por todo mundo, pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15). Não foi, pois, sua intenção deixar-nos a Bíblia como Regra de fé. E confirmou-o também com exemplo.

Segundo Silva (1977, p. 53), “Em Defesa da Fé” é o primeiro livro de Teologia popular escrito no Brasil. Escrito no plano da argumentação clássica, em conformidade com os tradicionais métodos de refutação e pelas mesmas razões que a teologia desenvolveu a visão do mundo dos fiéis, em especial, dos católicos, face aos elementos doutrinários expressos em perguntas e respostas.

O livro traz 24 citações veterotestamentárias e 138 neotestamentárias, das quais 72 são dos Evangelhos. Além disso, existem autoridades que são referidas no livro, como os Padres da Igreja, com 48 citações, cujo os mais citados são eles: Cipriano de Cartago, Tertuliano de Cartago, Jerônimo de Stridon, Justino de Flavia Neapolis, Clemente Romano, Ambrósio de Milão, Santo Agostinho de Hipona, Clemente de Alexandria, Orígenes da Escola de Alexandria, Gregório de Naziano e Gregório de Nissa. Houve referência aos Concílios, com 2 menções importantes, e os Papas, com 7, o capuchinho também se refere aos três autores contemporâneos: Wiseman, Pearson (Protestante) e Thiamer Thoth (Bozzano, 1953, p. 133).

Os vestígios das fontes da doutrina expostas são por Frei Damião mencionadas: o livro de Teologia Dogmática, do alemão Thiamer Thoth, a Bíblia, que foi citada em todos os capítulos, incluindo a Patrística e os decretos dos Concílios. A narrativa do livro acompanha a

sistemática da apologética católica, destacando a racionalidade e a sistematização da doutrina cristã, conjecturando que todas religiões devam ter esse quadro conceitual, negando qualquer sabedoria a uma tradição de fé diferente, a exemplo, do campo religioso brasileiro.

Frei Damião ao afirmar que o Catolicismo é a única doutrina verdadeira, acaba estabelecendo uma polêmica com os católicos ecumênicos. Mas, ele, não há dúvidas sobre a verdadeira fé, chegando a condenar com o fogo do inferno, os que não abraçassem a doutrina revelada pela Igreja Católica Apostólica Romana (Bozzano, 1953, p. 25-36).

Para o capuchinho, a lei católica é a única expressão da verdade sob o comando do Papa, não havendo brechas para dúvidas, ambiguidades ou múltiplas interpretações. Essa posição hierárquica é revestida de caráter sacral. Ora, segundo o Frei Damião, só existe um único intérprete distinto das escrituras e da revelação de Deus: o próprio Papa.

Ao defender que a Igreja Católica é a verdadeira e única Igreja de Cristo, assim afirma que “vimos que, para conhecer a doutrina de Jesus Cristo, devemos ouvir a sua Igreja, e não simplesmente folhear a Bíblia, interpretando-a livremente, como pretendem os protestantes” (Bozzano, 1953, p. 25). Suas explicações seguem os preceitos dos Concílios de Trento e Vaticano I. O livro explica aos fiéis a verdadeira doutrina católica, alertando sobre as teorias protestantes, assegurando a infalibilidade papal e, portanto, apresentando os Sacramentos.

Eis que ali se lê, por exemplo:

O Papa será sempre o chefe visível da Igreja de Cristo, por ser o sucessor de Pedro na Sede de Roma e no primado. Infalibilidade não é o mesmo que impecabilidade, porquanto infalibilidade significa impossibilidade de errar; impecabilidade, ao contrário, impossibilidade de pecar. O Papa é infalível, mas não é impecável, e por isso mesmo ele também, como todos os fiéis, se confessa dos seus pecados. Na Igreja sempre se reconheceu a infalibilidade do Papa. Roma, isto é, o Papa falou e a causa está terminada, toda dúvida cessa. Por quê? Porque o Papa é infalível, não pode errar (Bozzano, 1953, p. 49).

Como podemos observar, por meio da citação, o escrito do Frei reverbera aspectos da identidade tridentina. Por isso, Frei Damião (1953, p. 7), adverte, logo no início do livro: “A regra de fé é meio lógico, objetivo, pelo qual podemos conhecer as verdades reveladas por Deus”. Para Marangon (2006, p. 27-28), nesse aspecto, “a sua concepção ontológica do ser é explicitada em termos de *Logos*. Parece que o ser humano é definido apenas pela racionalidade, sendo privado das emoções, vontades, intuições e dos sentimentos”.

As reflexões bíblicas que aparecem nas páginas do livro constituem toda a teologia por ele estudada. Nessa direção, afirmava que a demonstração lógica seria nula sem a sanção bíblica. Na concepção do capuchinho, a doutrina de Jesus Cristo só pode ser descoberta na

Igreja hierarquicamente simbolizada pelo Papa (Bozzano, 1953, p. 63). O capuchinho debruça sobre o conhecimento da doutrina de Jesus que tem como “guia e infalível o magistério vivo da Igreja” (Bozzano, 1953, p. 44), suprimindo a epistemologia do mundo contemporâneo que assevera que o ser humano não tem acesso à realidade das coisas e, portanto, à verdade absoluta, a não ser por meio de elaborações mentais, de imagens e de representações (Marangon, 2006, p. 32).

Conforme Marangon (2006, 31), de fato, Frei Damião não reconhece a teoria epistemológica como verdadeira, porque, ele adota o que lhe ensinaram na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, para o Frei, a verdade é a “*adaequatio rei et intellectus*” – “correspondência entre a coisa e a compreensão intelectual” (Gilson, 2004, p. 473), logo, o resto é relativo.

Sendo assim, então, as pregações teológicas de Frei Damião não se equiparavam mais com as pregações de outros teólogos, por isso ele não teve afeição para com o Concílio Vaticano II e as interpretações do mundo moderno, expondo a doutrina luterana, no capítulo II, de “Em Defesa da Fé”. O frade estabeleceu uma oposição para com os protestantes, mas não foi uma prerrogativa somente dele, pois também a Igreja enquanto instituição.

O italiano escreve sobre a necessidade de uma autoridade, o Papa, para interferir nos assuntos da fé, dessa maneira propôs “refutar a doutrina protestante” (Bozzano, 1953, p. 15). Na concepção de Frei Damião, a Bíblia, a Tradição e o Magistério da Igreja compõem a presença reveladora de Deus em Jesus Cristo, de outro modo, Deus está plenamente presente em Jesus, de forma única e incomparável. Refutando, em razão disso, a lei do protestantismo de que a revelação estaria contida de todo somente na Bíblia e ainda o que é instruído e praticado por outras denominações religiosas, defendendo o monopólio da fé católica, como verdade única.

Diante de sua perseguição contra os protestantes, o Frei Damião foi denominado de “Martelo dos Protestantes” (Marangon, 2006, p. 32) no relatório do Provincial Padre Isidoro Chiantelli. Para Lazzari (2003, p. 82, tradução nossa) que escreveu a respeito das relações de Frei Damião com os protestantes:

A luta mais longa e mais dura que Frei Damião tenha travado, foi indubitavelmente aquela conduzida contra as várias confissões protestantes, segundo as formas e o espírito da época. O missionário não lidava com populações de antiga tradição cristã, habituadas por séculos a frequentar a Igreja e usufruir do serviço dos sacerdotes; não, o povo a que se devia anunciar a palavra de Deus e administrar os sacramentos era muitas vezes gente abandonada. Uma catequese insuficiente e uma presença rara nem sempre positiva do sacerdote, constituía o terreno adaptado a tantas e diferentes seitas e ao prosperar do espiritismo e outros sincretismos religiosos.

A partir da década de 1970, as novas diretrizes e ações pastorais da Igreja do Nordeste não despertaram no religioso e escritor Frei Damião (1953, p. 24), por quê?

E, para dizermos tudo numa palavra, não há crime e abominação que não tenha encontrado sua pretendida justificação em qualquer texto da Bíblia interpretado pelo espírito privado, fora da autoridade tutelar da Igreja Católica. Façamos aqui ponto e seja essa a nossa conclusão: A única regra de fé não é a Bíblia, interpretada como cada qual entender. A única regra de fé é o magistério da Igreja; e as fontes, onde ela vai haurir os ensinamentos de Jesus, são a Bíblia e a Tradição. Felizes os que seguem esta Doutrina.

Essa inflexibilidade em relação a quem ajuizasse de modo diverso é um traço característico de Frei Damião. Lazzari (2003, p. 98-99, tradução nossa) descreve uma contenda religiosa envolvendo o capuchinho e o protestante, que citamos na íntegra o episódio:

Acenamos brevemente a alguns aspectos da controvérsia religiosa de Campina Grande, que se interpõem por algumas particularidades.

Antes de tudo estamos no ano de 1935 com Frei Damião ainda jovem e recém-formado. A sua formação universitária de tipo apologética e o exercício ao ensino o habilitam a descer em campo com um discreto entusiasmo antes inédito.

“Venha, pastor, discutir comigo. A primeira pergunta que lhe farei é saber o que é a Bíblia. Se responderá exatamente a esta minha pergunta, eu também me tornarei protestante”.

O Rink Park foi teatro em 23 de abril de 1935 de um maravilhoso espetáculo em que se confrontaram o sábio missionário capuchinho Frei Damião de Bozzano e o pastor evangélico Sinezio Lyra, na presença de mil pessoas amontoadas no interior e outras três mil acomodadas do lado de fora.

A presidir foi chamado o Dr. Hortensio de Souza Ribeiro. Tema da discussão o dogma da Transubstanciação e da Presença Real de Nosso Senhor na Eucaristia. Tempo de discussão duas horas.

Para manter a ordem estava presente o chefe da polícia.

Naturalmente o eco de tal controvérsia passou à imprensa, na qual todos se declararam vencedores e ninguém perdedor.

Segundo Marangon (2006, p. 35), também o poeta Agostino Lopes dos Santos, publicou, em um folheto de 16 páginas, a discussão do capuchinho com o pastor protestante Sinésio Lyra, em Campina Grande, na Paraíba, conferindo vitória aos argumentos de Frei Damião. Retornando com a Infalibilidade Papal, Frei Damião esclareceu que o Papa não podia ensinar o erro, “porque em vez de dar a vitória à Igreja, arrastá-la-ia à derrota. Logo é impossível que ensine o erro” (Bozzano, 1953, p. 44).

No capítulo IV do livro versa da Perpetuidade do Primado Papal e, junte-se a isso, no capítulo V, Frei Damião (1953, p. 43) assegura a Infalibilidade do Papa, acentuada pelo Concílio Vaticano I:

A Infalibilidade pode ser absoluta e relativa. É absoluta quando alguém não pode errar em qualquer gênero de verdade; é relativa quando alguém não pode errar com relação a certas verdades. A primeira é própria de Deus; ao Papa compete a segunda. E quais são as verdades acerca das quais não pode errar? São as verdades de fé e de costumes, isto é, as verdades que pertencem ao depósito da revelação.

Recapitulemos: Frei Damião defendeu a Infalibilidade Papal em 14 páginas das 190 que constituem a sua obra. Apesar do frade viver no século XX, sua formação intelectual e teológica fora influenciada pelos Concílios de Trento e do Vaticano I. A Infalibilidade do Papa, para Frei Damião era imprescindível aos homens que assim podiam, sem inquietações, descobrir o caminho certo para Deus sem perda de tempo.

A centralização da reforma e a definição da Infalibilidade Papal torna Frei Damião um instrumento importante do processo por meio do qual o aparelho eclesiástico, segundo Ribeiro (1985, p. 143-160), - é o corpo de agentes religiosos institucionalmente qualificado para a direção dos fiéis católicos – assumiu o controle efetivo do religioso no seu todo, fortemente hierarquizado, cujas as bases locais foram verticalmente integradas às instituições eclesiásticas: associações religiosas, capelas, paróquias e Santa Sé. Assim, Frei Damião reforçou, a instituição eclesiástica e o sacerdote como intermediário entre o fiel e Deus.

É interessante notar que o capuchinho seguramente não imagina a ideia de que entre o ser humano e Deus pode não haver mediadores. É sintomático perceber que o fiel sente uma identificação enorme com Frei Damião. Para o fiel a salvação passa pela mediação do religioso. Pois este exerce muita importância na relação entre o penitente e o santo. O fiel diante de Frei Damião sente-se em presença da pessoa do santo. Ou, ainda, como disse Durkheim (1989, p. 595) em “As formas elementares de vida religiosa”:

O fiel que comungou com seu Deus não é só um homem que vê verdades novas que o descrente ignora; é um homem que pode mais. [...] Ele foi elevado acima das misérias humanas porque foi elevado acima de sua condição de homem; ele crê que está salvo do mal, seja qual for a forma como concebe o mal. O primeiro artigo de todo credo propõe acreditar na salvação pela fé.

Nos capítulos seguintes da obra “Em Defesa da Fé” consistem em descrever sobre o sacramento da Extrema Unção e na sequência sobre o sacramento da Ordem. Já os demais capítulos XVIII, XIX e XX são dedicados à Indissolubilidade Matrimonial. Frei Damião, avalizou, como princípio doutrinário, a indissolubilidade do matrimônio e as desgraças do inferno para quem não cumprisse as promessas feitas na cerimônia do casamento. Segundo a teóloga Uta Ranke-Heinemann (1999, p. 49) em “Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica”:

Só em 1563 o Concílio de Trento proclamou de forma inequívoca que o novo casamento de pessoas divorciadas por qualquer motivo estava proibido. O Cânon 7, que assim determina, foi, entretanto, abrandando um pouco por solicitação de Veneza. Os venezianos, que eram, então, uma força colonial, receavam dificuldades com os membros da Igreja Ortodoxa Grega nas ilhas de Creta, Chipre e Corfú; e em sua petição ao concílio chamavam atenção para o fato de que “todos sabem que os gregos mantiveram o costume de repudiar a esposa adúltera e se casarem com outra. Assim, dizem eles, estão seguindo um costume muito antigo de seus ancestrais. Nunca foram condenados por qualquer concílio por esse motivo, embora tal costume fosse bem conhecido da Igreja Romana.

É evidente que o Concílio de Trento teve uma contribuição substancial para a doutrina canônica do sacramento do matrimônio. A disposição do texto original, escrito pelo Concílio, asseverava que quem dissesse que alguém poderia tornar a se casar, no caso de adultério, seria excomungado. Em decorrência da intervenção veneziana, hoje se lê no Cânon 7: “quem disser que a Igreja erra em seu ensinamento segundo o qual a pessoa não pode tornar a se casar será excomungado”.

A influência da antiga República de Veneza alcançou mitigar os rigores doutrinários do Concílio de Trento, alegando antigos costumes da Igreja Ortodoxa, nas ilhas de população grega dominadas pela Sereníssima República. E ainda prosseguindo com o pensamento da teóloga Ranke (1999, p. 52):

A prática grega do segundo casamento não foi condenada nesse Concílio, mas só a pessoa que dissesse que a Igreja católica estava errada. Para os papas sua infalibilidade é ainda mais importante do que seu rigor com as pessoas que tornam a se casar.

Efetivamente, o Sacramento do Matrimônio, para Frei Damião, torna digno, além do casal, a figura do padre porque os ritos de culto têm o potencial de reforçar a fé religiosa das pessoas e exaltar a imagem de Deus e dos Santos. Nessa direção, a função da evangelização é a de educar na fé de modo a levar cada cristão a experimentar os sacramentos como verdadeiros sacramentos da fé, e não o receber de maneira passiva, sem expressar qualquer mudança de atitude ou mesmo de conversão. Contudo, em diálogo com o pensamento de Frei Damião (1953, p. 132) é demonstrado que:

Com muita razão, pois, o concílio de Trento declara que é herege excomungado quem se atreve a negar que o matrimônio é um dos sete sacramentos por Nosso Senhor. E agora se me permita fazer uma aplicação desta doutrina à vida prática: Se o matrimônio é uma coisa sagrada, ou melhor, um sacramento, a que autoridade deverá estar sujeito? As coisas sagradas estão sujeitas tão somente a Deus e àquela autoridade que Ele constitui sua legítima representante na terra, isto é, a Igreja. Se, pois, o matrimônio é uma coisa sagrada, ou melhor, um sacramento, só à Igreja está sujeito, e só ela pode administrá-lo validamente.

E assim basta observar no caso de o padre colocar-se ao lado do altar durante as celebrações, enquanto os leigos ficam dele afastados. Ora, essa posição fala mais e melhor acerca da importância do presbítero na religião do que qualquer sermão sobre a dignidade do sacerdote. Quando a Pastoral Coletiva persiste na obrigação de frequentar os Sacramentos e atos de culto da Igreja, ela faz mais do que permanecer no dever de prestar culto a Deus e aos Santos: essa pastoral está propondo um meio de fortalecer, nos fiéis, a doutrina católica embutida nesses rituais religiosos.

Nasce daí, também, que os atos de culto sem padre, assim como acontecem nas capelas do interior do Nordeste, são acompanhados com alguma reserva por alguns bispos: ao invés de veicularem a doutrina do catolicismo oficial, reforçam as representações religiosas do catolicismo popular. Frei Damião advertiu sobre os Sacramentos da Eucaristia – da Penitência e do Matrimônio – não porque divulgam a doutrina, todavia, por imprimir deveres, porque, ainda mais que os outros Sacramentos, são capazes de associar o estado de graça em discordância ao de pecado. É por isso, também, que segundo o capuchinho, o magistério da Igreja Católica é explícito quanto aos Sacramentos. O religioso não acolhe a tese protestante que assegura que os Sacramentos surgiram com o Concílio de Trento. Sobre o Pecado Original, Frei Damião, em seu livro, no capítulo XXV, defende o dogma, proclamado por Pio IX, acerca da Imaculada Conceição de Maria. O religioso capuchinho sustentou a tese do pecado original, dizendo que:

Instigados por Satanás desobedeceram e por isso perderam esta graça tanto para si mesmos como para nós também. Jesus veio para no-la restituir e para tal fim derramou todo seu preciosíssimo sangue...Esta privação da graça santificada, na qual todos nós somos concebidos, é o que se chama justamente pecado original e que todos contraímos por sermos filhos de Adão e Eva.

Criatura alguma foi preservada deste pecado? Sim. Dele foi preservada Nossa Senhora e isto é o que queremos significar quando a chamamos de Imaculada. Ela não contraiu o pecado original em vista dos merecimentos de Jesus seu Filho; portanto, isto quer dizer que desde o primeiro instante da sua existência foi bela e santa aos olhos de Deus (Bozzano, 1953, p. 169).

Em presença dessa passagem, o capuchinho italiano, defendeu a “salvação” do pecado original, chamando o legado da tradição judaica que esclarece a queda dos primeiros homens “Adão e Eva”. A ideia central do texto literário é que toda a espécie humana tenha sua elevação nesse hipotético, primeiro casal, designado diretamente por Deus e colocado no “Jardim do Paraíso”. Para tanto, tal casal, na percepção de Frei Damião, “instigado por Satanás”, transgrediu às leis de Deus ganhando, por essa razão, castigo que chegou, sem distinção, todos os seus descendentes.

A combinação do legado judaico da queda do mencionado casal desponta para a busca da salvação em um de seus descendentes. Na cosmovisão do mundo moderno ocidental, a descrição do relato bíblico foi reinterpretada como narrativa mitológica. Considera-se que o mito é um produto do imaginário e, portanto, desponta-se sob configurações simbólicas.

Na esteira de Marangon (2006, p. 47), um simbolismo decorrido pela racionalidade, mas também uma racionalidade carregada de simbolismo. E ainda, nesse simbolismo, demonstra-se uma indeterminação entre imagem e mundo, entre representação e realidade, entre o sentido e a coisa. Para Frei Damião (1953, p. 174), a narrativa da constituição do gênero humano, não é um símbolo, mas um fato histórico realmente acontecido, a exemplo do que ele explica:

Depois que nossos primeiros pais desobedeceram e perderam o estado de inocência, Deus os chamou às contas. Primeiro perguntou a Adão porque lhe tinha desobedecido, e este se desculpou, acusando a Eva. Em seguida, perguntando a esta lhe tinha desobedecido, disse-lhe a mesma que fora seduzida pela serpente. Então pronunciou Deus a sentença contra os três e quando chegou a vez da serpente, disse: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a dela. Ela te esmagará a cabeça”. Segundo a interpretação comum dos Padres e Doutores da Igreja, a serpente aqui é o demônio e a mulher é Maria SSma.; a semente do demônio é o pecado e a posteridade da Virgem SSma. é Jesus Cristo.

Sem dúvida, segundo o capuchinho, a narrativa bíblica é o relato de um evento histórico passado, de um diálogo entre Deus e o Homem. A partir dessa compreensão conservadora do religioso, em contraposição, a corrente racionalista crítica moderna, sobretudo a partir do filósofo alemão do século XVIII, Immanuel Kant⁹², afirma que o relato bíblico das origens, desde as interpretações de Kant, é definido como mito que expressa crenças e símbolos esclarecedores sobre a gênese humana. Nesta altura, Kant define no que consiste uma história conjectural. Ela não pode ser confundida com a história propriamente dita, composta a partir de relatos do passado. Sendo assim, de acordo com Kant (1990, p. 39), “os progenitores foram criaturas inocentes, de vida simples, obedecendo a seu instinto que é como a voz de Deus”. Evidentemente, a narrativa bíblica não fala de um pecado, mas do acesso a uma nova luz segundo a qual a razão começa a julgar.

Frei Damião, a despeito de escrever mais de um século depois, selecionou textos dos primeiros intérpretes cristãos sobre a origem, avaliando essa narrativa como fato histórico que acarretou consequências para todo gênero humano. Explico: porque, para o capuchinho, o

⁹² Pode ser aprofundado em Kant, I. “*Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*”. Trad. de Ricardo Terra e Rodrigo Naves. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 6-8 [VIII 20-21]. Também pode ser conferido em Kant, I. “*Começo conjectural da história humana*”. Trad. de Bruno Nadai. In. *Cadernos de filosofia alemã*, nº 13. São Paulo, 2009, p. 117, nota [VIII 117].

pecado original acabou induzindo uma imagem negativa da natureza humana, privada de sua santidade original. E assim, segundo o frade, somente Jesus Cristo, ao redimir a humanidade, restituiria a esperança nos seres humanos.

No que tange ao capítulo XV sobre Imaculada Conceição de Maria, Frei Damião tratou da integridade de Maria em meio ao pecado original, bem como da imagem da Virgem como figura de culto entre católicos e ortodoxos.⁹³ Nas justificações das teses teológicas marianas, Frei Damião revelou a crença na cultura católica tradicional, a exemplo, da Divina Maternidade de Maria e o novo culto instaurado pelo Papa Pio IX: a “Imaculada Conceição de Maria”. Esta espiritualidade concentra na devoção aos novos dogmas marianos. Muito embora, cada devoção tem suas formas, porém, há um estilo comum: a devoção consiste em consagrações, ladainhas, novenas ou oitavas, santuários dedicados aos mistérios. A esse assunto, Frei Damião (1953, p. 176) registrou:

A Igreja sempre acreditou nesta verdade: Os Santos Padres e Doutores desde os primeiros séculos escreveram sobre a Virgem em tais termos que os seus louvores e as suas declarações exprimem exatamente este singular privilégio. A Igreja o reconheceu, instituindo a festa da Imaculada Conceição e animando os fiéis a invocarem a Maria sob este título. Finalmente Pio IX, aos 8 de dezembro de 1854 proclamava a Imaculada Conceição de Maria, verdade e dogma de fé, com esta solene definição: “Para glória da SSma. Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo; pela autoridade de Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e nossa, declaramos, decretamos, definimos ser verdade revelada que a Virgem SSma. por singular privilégio e graça de Deus, em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, Redentor do gênero humano, desde o primeiro instante da sua Conceição foi preservada da culpa original”.

Em seus argumentos, minuciosamente, Frei Damião esclareceu, o relato da devoção à Maria, é formidável, segundo ele, quando a primeira mulher, Eva, que desviou o homem ao pecado e deveria ser superada em Maria, a mulher que foi isenta do pecado. Maria, para o capuchinho, é o símbolo das mulheres e aconselhou aos fiéis a resignação de si mesmo e a abdicação dos desejos em prol de uma pureza cujo modelo era a virgindade. Para o frade, Maria e os santos são modelos de virtudes postos à imitação de todos os seres humanos, contudo, também têm carga o poder sobre os fiéis que os invocam porque, além de vender os combates contra o demônio, foram destinados por Deus a proteger os seus filhos.

Por conseguinte, o mundo tornou-se, desde o princípio, o espaço onde se desenvolve permanentemente uma batalha entre Deus e Lúcifer. É a luta entre Deus (o bem) e Satanás (o mal). Pois, segundo Elaine Pagels (1996, p. 33):

⁹³ Ortodoxos: a ortodoxia significa em grego doutrina que professa dogmas determinados nos concílios. Foram as Igrejas Orientais que assim se definiram, no sentido contrário à Igreja Romana, que teria se afastado dos Concílios (Nicéia, Constantinopla).

Todos os evangelhos do Novo Testamento, com grandes variações, descrevem a execução de Jesus como a culminação da luta entre o bem e o mal – entre Deus e Satanás – que começou no seu batismo.

Satanás, embora pouco apareça no palco nesses relatos, ainda assim desempenha um papel fundamental no drama divino, pois os autores dos evangelhos compreenderam que a história que tinham para contar pouco sentido faria *sem* Satanás. [...]. Violência tipificada na execução de Jesus, que Mateus vê como a culminação de todo o mal (grifo da autora).

Deus almejando conduzir os seres humanos ao Paraíso. Satanás atormentado em mover os seres humanos para o fogo infernal. A intervenção de Deus querendo salvar os seres humanos do poder do maligno é uma realidade dada, para Frei Damião (1953, p. 157-158). Ele assim apresentou:

Os Santos e Maria venceram na luta contra o demônio, contra a carne, contra as paixões e guardaram até o fim as palavras divinas. Logo governam as nações, o mundo. E se governam o mundo é claro que conhecem os acontecimentos do mundo. Os Santos conhecem até mesmo os nossos pensamentos, desejos e afetos. Os Santos conhecem os acontecimentos da terra, de fato lemos no Apocalipse (2, 26): “Aquele que vencer e guardar as minhas palavras até o fim, dar-lhes-ei poder sobre todas as nações e as governará”. Ora, os anjos conhecem nossos pensamentos, desejos e afetos [...] E que os anjos conheçam nossos pensamentos, desejos e afetos é claro pelo testemunho do próprio Jesus Cristo, pois, declara que há alegria entre os anjos de Deus, quando um pecador faz penitências.

A penitência é um afeto interior da alma e os anjos o podem ver, porque se regozijam quando um pecador faz penitência. Portanto veem o que se passa na alma, no coração, daquele pecador.

O seu livro revela que os Santos e Maria são capazes de protegerem os fiéis e alcançarem, com mais facilidades, os favores celestiais e ou graças para os seres humanos. O frade relata a sacralização da corte celestial de Deus, Maria, a mãe de Cristo, estimulando os fiéis para o Culto Mariano. Na concepção do capuchinho, Deus é a única verdade à qual tudo se submete. Esse Deus conserva os aspectos de um pai rancoroso, implacável e vingativo que castiga os pecados com o fogo do inferno.

De qualquer modo, Frei Damião revela um missionário dedicado às missões da Igreja que gostava do que fazia e se empenhava, com todas as suas forças, para pregar, rezar e confessar. Essas características foram reconhecidas pelos penitentes e, inclusive, até pelos bispos que proibiram as missões de Frei Damião em suas respectivas dioceses, criticando a sua ausência de compromisso para com as pastorais sociais do Nordeste brasileiro. O Concílio Vaticano I (1869-1870) fala do primado e da infalibilidade do Papa, resultando com as atividades pastorais conhecidas no Brasil, tal como a romanização da Igreja Católica.

Com efeito, Frei Damião era a ligação desse catolicismo que reforçava o poder da cúria romana. A sua prática pastoral está bem demarcada em sua obra teológica “Em Defesa da Fé”

que, em 1958, já se encontrava na sua quarta edição pela Edições União Gráfica S/A. Essa edição corresponde a 130 mil exemplares do livro. Utilizando, além da firmeza de doutrina, uma linguagem simples e compreensível na sua argumentação e nas conclusões claras e ao alcance de todos, sobretudo no se refere a salvação das almas por meio da Confissão e perdão dos pecados dos devotos que renunciavam os prazeres do mundo para merecer a vida eterna no céu.

O fiel encontrava no capuchinho o defensor do substrato religioso e cultural presente no catolicismo popular, pois enxergava nele o conselheiro que precisava. E por isso, resultou na metamorfose do missionário em conselheiro, tal como cuidaremos de apresentar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4:

FREI DAMIÃO: A METAFORMOSE DO MISSIONÁRIO

*Antropofagia.
Absorção do inimigo sacro.
Para transformá-lo em totem.
(Oswald de Andrade, 1928).*

O ponto central da pesquisa consiste em demonstrar uma hipótese de ter sido o missionário Frei Damião de Bozzano (1898-1997) reinterpretado pela cultura sertaneja como uma herança de grandes conselheiros tridentinos; na tradição iniciada pelo Padre José Antônio de Maria Ibiapina (1806-1883) e que obteve no Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) sua referência maior. Este último foi marcado por uma devoção intensa, típica do catolicismo popular⁹⁴, tendo como fenômenos “o milagre” da hóstia consagrada vertida em sangue na boca da beata Maria de Araújo⁹⁵ e as romarias do Juazeiro do Norte (CE) e após ser suspenso de ordens, limitou-se a pregar, a dar a bênção e a aconselhar os fiéis. Já o Frei Damião que é um italiano, não um nordestino, também foi marcado por uma devoção que assemelha à de Padre Cícero, “mas nasce de uma configuração diferente” (Flores Filho, 2013, p. 74). Tal perspectiva revitaliza a memória da tradição dos conselheiros do Nordeste brasileiro, preservando a herança simbólica do catolicismo popular sertanejo.

Cabe a este capítulo desenvolver uma apreciação dessa metamorfose do missionário em

⁹⁴ O termo “catolicismo popular” é polissêmico e passivo de análise sob vários vieses. Como percebe, trata-se de um termo de grande extensão e pode ser visto sob diferentes aspectos e abranger amplo campo. Vamos restringir-nos aqui o conceito de “catolicismo popular” para designar à sua forma católica, ainda que, pode ser definido como a confluência de inúmeras correntes religiosas. Algumas vêm da Idade Média, sobretudo nas suas formas de catolicismo milagreiro germânico, penitencial irlandês e celta, que os portugueses nos trouxeram (A. Mirgeler, *Cristianismo e Ocidente*, trad. brasileira, São Paulo, 1967). Os portugueses trouxeram-nos também um catolicismo guerreiro, cujos sinais permanecem até hoje (E. Hoornaert, 1991). As características desse nosso catolicismo tradicional são: luso-brasileiro, leigo, devocional, vivido de modo público na sociedade, familiar (R. Azzi, 1976). Nele predomina as constelações devocional e protetora (Pedro R. de Oliveira, 1997). Sobre esse lastro profundo, outras formas de catolicismo mais recentes vão provocando modificações de maior ou menos profundidade. Assim o catolicismo renovado de Trento é lentamente assimilado a partir sobretudo da segunda metade do século passado (Cf. Azzi e o caso de Frei Damião: A. Moura, REB (1976, p. 202-225). [...] Portanto, o catolicismo vivido pelo povo é um amálgama de inúmeros elementos que se somaram, sem falar da influência africana e ameríndia. Na nossa pesquisa, vamos debruçar sobre Frei Damião como conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX. O catolicismo popular sertanejo “manteve-se assim muito mais próximo daquele que havia sido trazido pelos portugueses nos dois primeiros séculos da colonização, e evoluiu por assim dizer fechado sobre si mesmo” (QUEIROZ, 1965, p. 107). Contudo, o catolicismo popular merece ainda maior precisão (Libânio, 1977, p. 29-38), cujas obras constam nas referências.

⁹⁵ No dia 1º de março de 1889, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (1860-1914) era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer todos os dias (Cava, 2014, p. 84).

conselheiro, tendo como subsídios, a metáfora literária oswaldiana, a literatura de cordel, as entrevistas e as práticas religiosas de Frei Damião via o substrato religioso de tradição oral.

O que importa é a metamorfose de Frei Damião, missionário capuchinho, da cultura europeia e que chega ao Nordeste do Brasil em 1931 para difundir um catolicismo romano – “que seria aquele conjunto de práticas e representações religiosas marcadas pela ênfase nos Sacramentos, onde a figura central é o padre, ministro dos Sacramentos” (Oliveira, 1976, p. 141). Ao debruçar acerca dessa metamorfose do missionário em conselheiro, surge a ideia do “Manifesto Antropófago” de Oswald de Andrade (Andrade, 1928, p. 7), como uma metáfora, tal como desenvolveremos no item 4.1 seguintes. A metáfora oswaldiana serve como uma chave de leitura para o fenômeno religioso do missionário Frei Damião remodelado em conselheiro tridentino do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro do século XX. Mais uma vez desponta essa metamorfose cultural, dado o referencial de conselheiro que Frei Damião representou e, ainda hoje, representa para uma multidão de católicos nordestinos. Os conselhos do capuchinho só eram levados em consideração, por sua santidade⁹⁶, pela devoção dos fiéis penitentes e pelo seu ininterrupto trabalho apostólico ao confessionário.

Por esse motivo, no tocante as confissões, especialmente nos atendimentos às confissões auriculares⁹⁷ que Frei Damião rotineiramente realizava os fiéis simultaneamente praticavam o sacramento da penitência, onde o penitente se entrega ao ato, uma experiência de doação de si mesmo para o reconhecimento perante o confessor que transmite o perdão. Como adverte o próprio confessor Frei Damião, “Eis porque Deus quer a confissão: para curar o nosso orgulho” (Bozzano, 1953, p. 114). Convém ressaltar que para que uma confissão fosse completa, o penitente deveria fazer previamente um criterioso exame de consciência e, em contrapartida, o confessor, em uma ação efetiva, guiava o pecador nas práticas da penitência. Jean Delumeau (1991, p. 34-41) tratando da confissão católica dos séculos XIII ao século XVIII, argumenta que para atrair o pecador ao confessionário, a pastoral tridentina se esforça por apresentar o confessor sob aspectos tranquilizadores, porque o discurso apaziguador da Igreja romana acerca

⁹⁶ A gênese e significado do conceito de santidade encontra-se na maior parte das grandes religiões onde assume um significado ambivalente: evoca, de fato, algo de terrífico, que implica uma separação radical da condição humana, mas também a possibilidade de uma relação com o Divino susceptível de efeitos purificadores. Como demonstrou Rudolf Otto (1917), a característica do santo é a de ser ao mesmo tempo totalmente diferente e extremamente próximo do homem; todavia, consoante as épocas, evidenciou-se mais ou menos em um ou outro polo desta definição (Cf. Vauchez, André. **Santidade**. In: Enciclopédia Einaudi (1987, p. 287).

⁹⁷ Segundo Jean Delumeau (1991, p. 36-37), as duas reformas religiosas do século XVI – a protestante e a romana – procuraram apaziguar uma angústia crescente (que a própria Igreja havia suscitado) quanto à salvação no além. Ao grande temor do inferno, dois remédios concorrentes foram oferecidos. Um foi a justificação pela simples fé: o homem pecador não poder ter méritos por si mesmo, mas já está salvo se crê na palavra de perdão de seu Salvador. Ao que Roma replicou: os méritos contam para a salvação. Mas é verdade que caímos com frequência. Então recorramos aos sacramentos, especialmente à confissão.

da confissão expõe assim aos fiéis que Deus perdoa tudo, que o sacramento da penitência apaga todas as faltas, tantas quantas vezes isso for preciso.

No item 4.2 veremos que a presença de Frei Damião na literatura de cordel define, em parte, evidentemente a hipótese da pesquisa, demonstrando no que se refere aos conselhos que foram dados por Frei Damião, em versos e estrofes que o missionário foi percebido e reinterpretado pela cultura sertaneja “conselheiro”. Em seguida, o item 4.3 são as práticas devocionais e as entrevistas semiestruturadas das pessoas que o conheceram ou ouviram falar de Frei Damião que ao longo de seis décadas esteve e está “presente” na memória dos devotos, incorporado à cultura dos nordestinos. Em “Fontes Históricas”, organizado por Carla B. Pinsky (2005) substanciam também este trabalho. As entrevistas foram divididas em três etapas: preparação das entrevistas, realização e tratamento. Elas foram realizadas na segunda quinzena de novembro de 2021 com pessoas dos municípios de Poço Redondo (SE), Malhada dos Bois (SE), Gravatá (PE), Garanhuns (PE), Juazeiro do Norte (CE) e Crato (CE).

Impressionou-me, no decorrer do estudo sobre o religioso capuchinho Frei Damião, as lendas e os depoimentos que surgiram em torno de sua figura. Também me espantou a complexidade dessa função aparentemente tão simples. E por esse motivo e outros, foi no confessionalário que Frei Damião demonstrou seu perfil de conselheiro tridentino.

4.1 Frei Damião e a “Antropofagia” cultural

A literatura tem sido um espaço motivador de problematização do processo de produção da existência humana. São muitos e variados os problemas com os quais nos defrontamos diariamente na prática literária. Cada um desses problemas exige discernimento para compreendê-los.

Essa procura nos remete incessantemente ao escritor franco-argelino Albert Camus (1989), que “reserva a categoria de herói absurdo por excelência para o criador, e, de todas as formas de criação reservará para o artista um papel especial”. Conforme aponta Camus (*apud* Espínola, 1985, p. 85), esse universo, “a obra é a única maneira de se manter a consciência e de a fixar-lhe em suas aventuras. Criar é viver duas vezes”.

O Brasil do fim do século XIX e início do século XX foi marcado de grandes mudanças políticas, culturais e econômicas, mas no Nordeste - a região onde Frei Damião esteve nas

missões⁹⁸ - sucediam em um outro ritmo e contexto, porque a região do país era predominantemente rural. Além disso, era “a cultura moderna e sofisticada dos centros urbanos do litoral e, de outro, a cultura arcaica e atrasada do interior rural abandonado. A visão dualista da sociedade brasileira ainda persiste” (Cava, 2014, p. 50). Existiam pessoas que por várias gerações permaneceram quase sem ligação com as instituições eclesiais, por estarem longe, dispersas, em regiões afastadas e sem clero.

Como afirma Comblin (1978, p. 199), “em muitas regiões rurais podemos observar que de fato a família transmitiu a autêntica fé cristã, mesmo sem a atuação das estruturas eclesiais ou com atuação que se reduzia ao batismo ou pouco mais que o batismo”. Além do mais, para Leers (1977, p. 19), “[...] o mundo rural do Brasil é um mundo mesmo, tão grandes são as distâncias humanas entre as várias regiões e tão imediatamente observável é a heterogeneidade”.

Foi um período de crescimento da indústria e da urbanização. As manifestações culturais ainda confessavam fortemente padrões do século XIX, dando seguimento os gostos de uma elite econômica conservadora que valorizava e imitava as manifestações tradicionais europeias. Não é por acaso que Portugal é a matriz principal, porque foi ele o maior abastecedor de nossos hábitos e costumes enriquecidos com as contribuições afro-ameríndios, ciganos e judaicos; estes dois últimos não menos relevantes. Daí que é preciso repetir para não esquecer que somos legatários da cultura africana e indígena. O conselheiro é pessoa onde habita muita sabedoria.

Antes de aprofundar diretamente o tema da metamorfose do missionário Frei Damião, parece-nos importante ter presente o panorama geral em que se desenvolveu o catolicismo do Brasil, apontando para algumas de suas tipologias mais específicas, onde reside a figura do conselheiro. Por razões históricas e geográficas, escreve Lazzari (2002, p. 71, tradução nossa):

O Nordeste se apresenta como uma mistura de raças e povos com suas próprias crenças e bagagem cultural: aos indígenas primitivos (Xucurù, Xocó, Xarapotò, Canelas, Tabajaras, Caipé, Cariri...) primeiro reuniram os europeus, principalmente os portugueses, depois os escravos da África negra (“para enxugar as lágrimas da América, mandavam verter torrentes da África”) com as relativas travessias e ondas migratórias internas e externas. No plano religioso não é de estranhar que desta coexistência de grupos humanos resulte uma religião em mosaico ou um mosaico de religiões difícil de definir, quer pela falta de documentos escritos, quer pela barreira social entre as classes de onde provêm preconceitos.

Contudo, sobre esse universo do catolicismo brasileiro, assegura Azzi (1976, p. 96):

⁹⁸ A missão de Frei Damião era uma temporada de pregações feita basicamente com o objetivo de eliminar os vícios porventura praticados pelos que a assistem. Os seus sermões foram falas baseadas nos esquemas de Santo Afonso e no “Catecismo para os Párocos da Missão Abreviada” (1884 – 12ª Edição) (Maurício; Cirano; Almeida, 1977, p. 26).

De modo geral, que em toda história religiosa do Brasil notamos dois tipos distintos de catolicismo que influenciam em nossa formação religiosa: um catolicismo tradicional e um catolicismo renovado. Deve-se ter presente desde o início que a religião implantada pelo Governo português no Brasil é muito mais próxima do catolicismo tradicional do que do catolicismo renovado. O catolicismo estritamente popular, por sua vez, recebe influência tanto de um como do outro, embora tenha surgido efetivamente dentro do contexto do catolicismo tradicional. Em algumas fases históricas, existe coexistência pacífica entre o catolicismo tradicional e o catolicismo renovado, os quais se justapõem ou superpõem um ao outro. Em outras fases, existem atritos frequentes, chegando até mesmo ao conflito declarado (Azzi, 1976, p. 96).

É nas práticas e nas representações do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro que se inscreve a metamorfose do missionário em conselheiro. Essa metamorfose do missionário Frei Damião não deve ser subestimada: trata-se de uma forma de resistência encontrada pelo povo do sertão nordestino, cuja finalidade é resguardar a sua herança cultural, sobretudo os valores religiosos, em especial na sociedade rural ou rústica. O frade se apresenta para o fiel como um conselheiro que o valoriza, que comprova o valor das práticas religiosas que receberam de seus antepassados por meio da oralidade.

O fenômeno Frei Damião como conselheiro tridentino está dentro do contexto do catolicismo luso-brasileiro trazido, produzidos pelas instituições eclesiásticas de Portugal para o Brasil, contudo, “anterior ao processo de romanização do catolicismo brasileiro, isto é, que tinham como agentes os leigos” (Oliveira, 1976, p. 137), tais como, as promessas e os atos devocionais, hábitos pelas romarias, procissões e peregrinações, além da crença nos milagres. Trata-se, portanto, da devoção aos Santos, dos quais se esperam vantagens materiais e soluções para os problemas espirituais.

É claro que a parte mais apreciada e solicitada da missão de Frei Damião é o “conselho, para isso recebe em média 100 cartas por dia”, conta o capuchinho Lazzari (2002, p. 74). Ele representa para o povo a sua identidade histórica; nos seus conselhos, o fiel encontra uma “bandeira de resistência”. Pois “os fiéis relembram o que seus antepassados lhes ensinaram. [...] Por isso, as pessoas sentem necessidade de escutar Frei Damião do que um pregador da renovação conciliar” (Moura, 1976, p. 216). A mentalidade tridentina do capuchinho robustecia a missão da Igreja numa linha de salvação eterna, se ocupando com a alma dos fiéis. Pois ele fala do Deus justiceiro que instituiu os anjos e os demônios.

A ambivalência do capuchinho Frei Damião fica mais saliente: se, por um lado, sua condição de sacerdote fazia dele um representante da instituição eclesiástica, por outro lado, sua fixação pastoral a uma forma de catolicismo era rejeitada pelo Concílio Ecumênico

Vaticano II⁹⁹, que o colocava em posição oposta às principais autoridades eclesiais, e que impunham para uma pastoral renovada conforme o rigor lógico das diretrizes romanas. Mas a massa popular não assimilava as inovações religiosas na liturgia, na catequese e na pastoral dos sacramentos.

Como se não bastasse, Frei Damião é confrontado com a figura do Padre Cícero Romão Batista¹⁰⁰, do Juazeiro do Norte (CE), quando estes são associados com as personalidades de Antônio Conselheiro e do Beato José Lourenço de Caldeirão (Ceará), sob cuja liderança o fiel teve espaço próprio para fazer explodir suas aspirações de liberdade cultural, social e econômica. A comprovação do paradoxo entre os primeiros e estes se encontram no fato de que tanto o Padre Cícero como Frei Damião serem considerados pessoas da cultura dominante como os seus aliados, enquanto o Antônio Conselheiro e o Beato Lourenço foram perseguidos e exterminados juntamente com todos os seus seguidores. Frei Damião e Padre Cícero puderam ser instrumentalizados, por outro lado, o Conselheiro e o Beato José Lourenço Gomes da Silva não. Para estes últimos a alternativa foi o combate e a morte.

E assim, na sua ambivalência, Frei Damião, era ao mesmo tempo, um missionário capuchinho italiano, “um cuidador dos pobres, em suas dores existenciais e espirituais, por outro lado, ele deixava de acompanhar as premissas conciliares e a doutrina social da Igreja” (Silva, 2019, p. 196). Desta forma, a sua imagem tornou-se polêmica e julgada, ultrapassando as fronteiras da hierarquia eclesial.

Para Costa (1998, p. 17-18), “O frade foi polêmico em vários aspectos, mas os poetas do povo os entenderam e o glorificaram em seus versos, diferentemente dos chamados “eruditos”. Mesmo com a idade já adiantada e com sérios problemas de saúde¹⁰¹, o Frei continuou em sua missão confortando os fiéis com seus inúmeros conselhos.

Os fiéis acreditam que os conselhos individuais de Frei Damião tinham eficácia na medida em que continha os mesmos conselhos dados por seus pais e avós. E assim decorrendo,

⁹⁹ Concílio Vaticano II: atualização da Igreja. Realizado de 1962 a 1965: muitas mudanças, 4 essenciais: **Liturgia** (*S. Concilium*): forma de expressar a Fé da comunidade; **Diálogo com o mundo** (*G. Spes*): não Igreja regendo a sociedade; **Igreja é Povo de Deus** (*L. Gentium*): pelo Batismo, não é hierarquia que governa e laicato que obedece ordens; **Palavra de Deus** (*D. Verbum*) acessível a todo Povo de Deus. Superar a Igreja cristandade (aliada ao Estado, garantia da civilização). Ecumenismo, opção pelos pobres e CEBs (ALeC), Igreja particular, pastoral de conjunto (conferências episcopais), Teologias da Libertação. Rio represado durante o século dos Pios IX a XII extravasou (A Igreja..., 2023).

¹⁰⁰ Lira Neto diz que “a exemplo dos pajés das antigas nações do cariris, cujo sangue lhe corria nas veias misturado aos dos ancestrais portugueses, Cícero passará a acumular as funções de conselheiro, benzedor e curandeiro” (Neto, 2009, p. 281).

¹⁰¹ Com o passar dos anos, a intensa vida de peregrino produziu-lhe uma progressiva deformação causada por problemas de cifose (corcunda) e escoliose, que lhe causou dificuldades na fala e na respiração. Desde jovem ele sofria de insuficiência cardiovascular periférica e erisipela, doenças que se agravaram ao longo do tempo, devido as longas peregrinações por várias cidades do Nordeste (Torres, 2004, p. 35).

ele servia à cultura dominante e procurava romanizar as práticas religiosas populares, recusando as instâncias da modernidade.

Diante de tudo isto que apontamos, soa contraditório, mas Frei Damião foi a figura mais apreciada para salvar a cultura ameaçada. Ele foi a expressão máxima da cultura dominada, como diz Moura (1976, p. 219): “estatura baixa, profundamente corcunda, sofrido, sacrificado, doado, voltado a Deus e o próximo, dedicado à oração e aos sacrifícios”. O capuchinho, segundo Marangon (2006, p. 66-67):

[..], ao mesmo tempo em que fortalecia as práticas religiosas da cristandade luso-brasileira recebida pelos fiéis de seus avós, tentava romanizá-la, revivendo-as sem concessões aos tempos modernos. E era pela identificação com essa religiosidade, juntamente com a fama de taumaturgo, que as multidões o seguiam. [...]. A modernidade tem características urbanas e surge nos centros metropolitanos, lugar em que as atividades laborais trazem inovações nas relações econômicas, sociais e culturais em relação à sociedade onde prevalecia a ordem rural.

Com a perspectiva de trabalhar por um mundo de mais fraternidade religiosa, racial e social absorvia a pastoral de alguns bispos do Brasil que não podiam mais acolher as missões de Frei Damião, que não consentia os pluralismos.

Passos (2020, p. 8) dedicou estudo à análise dos tradicionalismos¹⁰² e suas expressões que circundam “nas suas várias vertentes, foi construído como uma espécie de antídoto da modernidade, ou a várias causas e a alguns dos efeitos dessa época”. Com efeito, Frei Damião não aprofundou o conteúdo da fé no lugar onde ele agiu e no tempo em que viveu junto ao povo, em especial, aos mais pobres do Nordeste.¹⁰³ Moura (1978, p. 75), tece uma incisiva crítica aos

¹⁰² Na verdade, desde as primeiras rejeições aos resultados dos tempos modernos, existem concretamente tradicionalismos, no plural. Os movimentos de reação aos ideais e projetos da chamada modernidade compõem um leque de posturas e ideias que atravessam não somente o catolicismo, mas também o cristianismo, outras tradições religiosas e a própria sociedade secularizada (Passos, 2020, p. 9).

¹⁰³ **Educação:** em 1971, constatou-se 25 por cento de déficit na escolaridade, nas quatro primeiras séries do primeiro grau (hoje ensino fundamental menor), para a faixa etária de 7 a 10 anos, na zona urbana; e de 78 por cento para a faixa etária de 7 a 14 anos. Isto significa, em termos absolutos, 3. 171.617 crianças sem acesso à escola, em todo o Nordeste. Este apresentou, em 1970, os mais altos índices de mortalidade do País, resultantes enterites e outras doenças diarreicas (indicador de baixas condições sanitárias e nutricionais), atingindo uma média de 138, 2 mortes por 100 mil habitantes, enquanto que nas regiões Sudoeste e Sul esse índice foi de 42, 8 e 45, 3 por 100 mil habitantes, respectivamente. A expectativa de vida do nordestino é de 54 anos e, em todos os índices gerais de mortalidade, o grupo de menores de cinco anos quase sempre participa com 50 por cento do total. **Estrutura agrária:** com 978.291 quilômetros quadrados, representando 62 por cento do espaço regional, o chamado Polígono das Secas, que abrange as duas mais extensas sub-regiões do Nordeste – o sertão e o agreste (Informações do Plano Diretor do CEMME-1973), tem 12 milhões de habitantes, a maioria dispersa por fazendas e vilarejos. O Polígono é uma área de clima seco, onde precipitação pluviométrica média anual varia de 300 a 1.000 mm, sujeita a secas cíclicas. A vegetação que ali predomina é a caatinga, planta adaptada ao clima seco, capaz de viver vários meses sem água. Conforme o cadastramento do IBRA de 1975 (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária), perto de 35 por cento de toda a área rural nordestina é formada de latifúndios com mais de 1. 000 hectares. Apenas 2, 3 por cento dos estabelecimentos agropecuários representam 1/3 de toda a área apropriada. A economia do Polígono das Secas é sustentada pela pecuária extensiva de bois magros e pequenos criados soltos

conflitos da época do pós-Concílio Vaticano II, pode ser encontrado na dimensão do catolicismo popular sertanejo expresso pela figura multifacetada e “poliédrica”¹⁰⁴ de Frei Damião, se coligava com os poderosos do Nordeste e com a cultura dominante. A sua atuação como conselheiro tridentino, mantinha o povo devotado para a salvação individual da alma. Observa-se estas motivações nos ritos, nas promessas, orações e devoções.

Há um elemento de ambiguidade nesta relação. Moura (1976, p. 209-210) o ilustra muito bem ao anular a tensão surgida, pois “o que ele aconselha, faz, realiza, é devido à sua santidade. Se ele não fosse um santo, não seria o que é, nem teria o significado que tem”.

Na fronteira, espera-se que o conselheiro dê sinais de santidade porque nela reside o valor do conselho, cujo fenômeno da santidade (Vauchez, 1987, p. 292) e do culto aos santos como um modelo antropológico, porque ultrapassa tempos, lugares, climas e estruturas religiosas.

No caso de Frei Damião, “a explicação da santidade do frade é comum entre o povo que o admira e se concentra nas suas virtudes pessoais, no seu poder e força, nos seus conselhos e no simbolismo de sua personalidade” (Moura, 1979, p. 52-54). Em outros termos, isso não quer dizer que essa pessoa não tinha defeitos, mas que ela tinha intimidade com o fenômeno do sagrado. A função do conselheiro independe da ordenação sacerdotal, porque a palavra do conselheiro é recebida como palavra divina. É por sua sabedoria e por sua santidade pessoal que ele cultiva o perdão, restaura laços familiares e dá nova vitalidade ao fiel e à comunidade local. Oliveira (1985, p. 169-203), “o declínio da cultura sertaneja faz que esses agentes religiosos tão importantes no passado e se tornem nos dias atuais figuras da memória popular ou personagens da história religiosa”.

Portanto, Frei Damião é provavelmente o último remanescente dessa linhagem de conselheiros do povo do Nordeste que teve o Padre Ibiapina como o precursor, seguido por Antônio Conselheiro e Padre Cícero, que diferentemente do capuchinho representavam o catolicismo brasileiro mestiço que marcaram o sertão nordestino.

No entanto, Frei Damião em continuidade ao trabalho de Padre Cícero se distinguia por manter-se centralizado na romanização do catolicismo, como os autores descrevem, sobretudo

na caatinga e pela cultura do algodão, ambos extremamente resistentes às secas. O Algodão é plantado em consórcio com o milho, o feijão, o jerimum e a melancia – as chamadas culturas de subsistência fornecedoras da alimentação básica do sertanejo, junto com a rapadura e a farinha de mandioca (Maurício; Cirano; Almeida, 1977, p. 25).

¹⁰⁴ A figura “poliédrica” de Frei Damião é para caracterizá-lo como alguém que contém várias faces diferentes que se complementam. É uma figura que pode ser interpretada de diversas formas, porque é complexa e multifacetada, marcada por elementos ambivalentes (Lazzari, 2002, p. 5).

através dos sacramentos. Um ou outro conselheiro¹⁰⁵ ainda atuante nos lugares interioranos serão as exceções que confirmam a regra. Isso não significa, contudo, o fim dessa antiga tradição religiosa, porque a cultura urbana contém a figura do conselheiro. Basta pensar no sacerdote que no confessionário faz mais do que perdoar pecados e em tantas religiosas – notadamente as de vida contemplativa – que são procuradas por quem se encontra em dificuldade. Essas duas figuras, porém, embora inseridas na cultura urbana compõem o quadro tradicional do catolicismo tridentino.

Quando o fiel escuta ou vê Frei Damião, o sentimento é de confiança, pois ele aconselha precisamente o que o devoto precisa escutar para se sentir mais seguro. O frade se apresenta para os fiéis como o elemento de valorização das práticas e representações religiosas que receberam dos antigos, passado de geração para geração. Frei Damião é o fiel depositário da longa herança cultural do povo do sertão, onde o bom senso e religião são inseparáveis.

O brasileiro comum sente dificuldade em interpretar com garantia a longa tradição católica na qual ele está inserido. Não é sem razão que esse catolicismo de acomodação no Brasil, foi acumulando influências dos povos indígenas e dos africanos de diferentes etnias. Estes povos originários são referências na compreensão da herança de conselheiros na cultura popular sertaneja – na qual se registra o catolicismo devocional e popular – que deglutiu o catolicismo romano trazido da Itália pelo piedoso capuchinho de Bozzano.

Como se previsse essa metamorfose, Oswald de Andrade (1928, p. 7)¹⁰⁶ fala de “Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem”. Ao peregrinar pelo Nordeste brasileiro, vivendo e transpirando aquelas práticas simplórias e ricas, Frei Damião foi “antropofagizado” pelos devotos, ao mesmo tempo em que deixava registrado no imaginário social a sua disciplina para com o ato da confissão. Tal movimento é marcado por sensações de fascinação e temor reverente.

¹⁰⁵ Conhecemos alguns e podemos nomeá-los, como o José Cesário da Silva Irmão, de alcunha Frei Damião do sertão de Itabira (PE), Dona Antônia Duda Vieira, romeira de Juazeiro do Norte (CE), Maria Garcia Vieira, moradora de Nossa Senhora das Dores (SE) e a parteira Josefa da Guia, da cidade de Poço Redondo (SE) (Cruz, 2010, p. 67).

¹⁰⁶ A antropofagia foi tomada por Andrade (1928, p. 7) em seu *Manifesto Antropófago* como uma metáfora para uma teoria sobre a identidade brasileira e sua relação com a cultura estrangeira, que pode ser aplicada ao caso estudado. Assim como o primeiro bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha, que chegou a Salvador em 1551, vindo de Portugal. Sua trajetória ficou marcada na história do Brasil por ter sido devorado pelos Tupinambás, em um ritual de antropofagia, no litoral do Nordeste brasileiro, em 1556. Também o Venerado Frei Damião de Bozzano ao longo de seis décadas saciou a fome espiritual da população sertaneja do Nordeste brasileiro. Porém, o fez menos através dos Sacramentos da Igreja Católica, como era seu trabalho inicial, do que por ter sido incorporado à cultura sertaneja que fez dele o último de seus grandes conselheiros. Essa metamorfose cultural foi objeto de pesquisa na dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas em 2010, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira e merece ser examinada mais de perto porque revela essa dimensão ainda pouco estudada do catolicismo popular brasileiro: a figura do conselheiro.

Pode-se compreender parcialmente o fenômeno que se sucedeu por meio das estátuas de Frei Damião que atualmente estão espalhadas em várias cidades nordestinas, como poderosos totens¹⁰⁷. Nesse sentido, fica nítida a proposta de Andrade (1928) de que ao invés de recusar o que vem de fora, deve-se fazer uma assimilação e devoração simbólica das ideologias e das influências estrangeiras e, conseqüentemente deixar surgir uma “identidade” nacional.

Mori (2022, p. 305), seu artigo intitulado “Antropofagia e Teologia” utilizando o método da correlação propõe analisar o percurso da metáfora da Antropofagia em uma reflexão sobre o fazer teológico brasileiro. Vejamos o que assinala o autor:

[...] a antropofagia é, [...] símbolo da devoração e funciona como metáfora, diagnóstico e terapêutica: metáfora, por se inspirar na cerimônia guerreira dos tupis, que imolavam o inimigo valente, preso em combate, e o devoravam, absorvendo o que deve ser repudiado, assimilado e superado, em vista da conquista da autonomia intelectual; diagnóstico, por descobrir na repressão colonizadora, começada com o interdito jesuíta do ritual tupi, a incapacidade de pensar por si; terapêutica, por fazer da reação violenta e sistemática contra os mecanismos geradores da mentalidade colonizada, cuja causa exemplar é a catequese, uma catarse imaginária do espírito nacional, tornando-se tônico reconstituente para a convalescência intelectual do país e vitamina ativadora de seu desenvolvimento futuro. A palavra “antropófago” é utilizada no texto oswaldiano com sentido emocional, exortativo e referencial, e tem em vista duas pautas semânticas: a etnográfica remetendo aos tupis no período anterior à colonização; e a história, apontando para a prática de rebeldia individual contra os interditos e tabus da sociedade brasileira.

Assim como para Andrade (1928) o desejo era de devorar o que vinha de fora, assimilar a cultura alheia, não negar a cultura estrangeira, pelo contrário: absorvê-la, degluti-la, processá-la e misturá-la para dar origem ao que é nosso. Foi assim também para com os fiéis de Frei Damião que devorou e assimilou o seu estilo de conselheiro católico formal e rígido, de padrões europeus, que misturado com cultura popular sertaneja, devolveu como resposta uma devoção extraordinária, tornando-o um ídolo, um autêntico totem de culto, onde quer que chegasse. Assim a imagem de Frei Damião estava ao alcance direto de qualquer devoto, sem mediadores institucionais entre eles, mantendo vivo o laço religioso, compartilhando convicções religiosas e formas de adoração.

Nas palavras de Silva (2019, p. 167) podemos conferir:

Que Frei Damião já tinha fama de santo em vida, está claro e dito pelos próprios devotos. Seus discursos e gestos revelaram e ainda revelam a certeza de que conheceram um santo em vida e que, após sua morte, têm um intercessor no céu. É

¹⁰⁷ Somente no fim do século XVIII é que a palavra totem aparece na literatura etnográfica. Encontramo-la, pela primeira vez, no livro de um intérprete indiano, J. Long, publicado em Londres em 1791. Durante aproximadamente meio século, o totemismo só foi conhecido como instituição exclusivamente americana (Durkheim, 1989, p. 124-135).

importante salientar que o encontro desse santo com os seus devotos deu-se em um lugar geográfico muito peculiar, o Nordeste. Terreno fecundo para devoções, histórias mirabolantes e cultura característica, sempre teve, nas representações figurativas de imagens de argila ou madeira talhada, pinturas de traços simples ou rebuscados, gestos e memórias das suas devoções e crenças mais íntimas. A busca e o encontro desse povo nordestino com o sagrado deram-se sempre da mesma forma que tentou sobreviver dos anos de estiagem e da ausência do poder público.

Dessa forma, as estátuas e imagens, são os elementos das devoções e da iconografia que aparecem como mais um poderoso totem para o devoto e também para a religiosidade de um catolicismo popular sertanejo do Nordeste do Brasil. Para Durkheim (1989, p. 124-135) esse fenômeno do *totem* é a expressão mais evidente da unidade e da solidariedade do grupo social.

A fé adotada pelo devoto faz ressoar ao instinto mais imediato de sobrevivência e que sozinho, sem grupo social jamais conseguiria manter a sua identidade cultural, sua herança recebida. A prática do totemismo como religião consolida o sistema solidário de crenças e de práticas que unifica uma mesma comunidade moral e, assim, por meio das “crenças totêmicas constituíam a base e fundavam a unidade de sistema religioso completo” (Durkheim, 1989, p. 128).

Na perspectiva de Flores Filho (2012, p. 141), na edificação do totem a Frei Damião destacam-se “sobretudo valores motivacionais que levam peregrinos, romeiros e turistas [...] à construção colossal e gigantesca que são os santuários de Frei Damião”, reconhecendo-o como seu poderoso totem da devoção popular do Nordeste. Por isso é comum presenciar nas casas dos devotos que sempre guardaram e, com certeza, ainda preservam, estampas, quadros e imagens de Frei Damião – como confirmação materializada em diferentes matizações vivas da fé, cultivando um oratório em seu recanto da vida familiar, cuja esfera é doméstica e privada.

Essa privatização da religiosidade se dá de modo tão marcante no catolicismo popular, que Oliveira (1972, p. 358) o determina como aquele no qual as constelações de atos, crenças e valores de cunho privatizante (as dimensões que ele define de “devocional” e “protetora”) ocupam lugar central na vida religiosa, relegando os elementos mais enfatizados pela Igreja oficial (as dimensões “sacramental”, “bíblica” e, adicionamos nós, a “sócio-política”) a um segundo plano acidental e comumente apenas esporádico.

Nesta avaliação a palavra “popular” de religiosidade popular não se refere à camada social inferior e na maioria das vezes analfabeta. O romeiro brasileiro continua venerando os “seus” santos e os “seus” protetores (Padre Cícero Romão, Frei Damião), como demonstrou Valle (1977, p. 75). Por isso, Frei Damião passa a ser para o devoto uma espécie de defesa, porque ele fala o que os pais e os avós passaram aos seus filhos.

Há um fio condutor que perpassa psicologicamente as figuras do padre, do padrinho, do

santo e do conselheiro. Partindo dessa perspectiva é possível entender as relações que se estabelecem entre o devoto e as suas figuras protetoras, no céu (Frei Damião, Nossa Senhora, Padre Cícero, São Jorge, etc.), ou na terra (o padre, o pastor, o pai de santo etc.).

A sua força parece prover de sua imagem multiforme e dos hábitos “devocionais tradicionais de origem exclusivamente clerical o elemento da segurança da salvação após a morte é apropriado para atrair o povo” (Leers, 1977, p. 99) e quase ao mesmo tempo, estátuas dedicadas a Frei Damião se multiplicam pelo Nordeste afora, sobretudo nos santuários¹⁰⁸, nas praças, na estrada das cidades e nos memoriais que, até os dias atuais, foram edificadas e tornaram-se espaço de peregrinação¹⁰⁹ dos romeiros.

Frei Damião como conselheiro tem a característica da imutabilidade dos conceitos anunciados nas missões, pois agia notadamente, ratificando o binômio santo e devoto, protetor e protegido. O frade anunciava que a luta verdadeira é do homem consigo mesmo; o inimigo é o próprio corpo. Isso ocorre porque o capuchinho prosseguia suas pregações defendendo uma cosmovisão católica tridentina, um sistema doutrinal, com preceitos definidos, que não foi contextualizado à realidade brasileira.

O religioso capuchinho continuava convencido de que estava cumprindo a função de sacerdote e de missionário ao difundir o único catolicismo legítimo, mas o Frei, porém, não percebia que a mentalidade da cultura popular¹¹⁰ dos sertanejos do Nordeste brasileiro do século XX digeriria aquela cultura estrangeira vinda da Europa para conformá-la a sua vontade e necessidade.

¹⁰⁸ Em nota de rodapé pontua Aerton (2019, p.168): A instituição Igreja Católica compreende o santuário “antes de tudo, lugar da memória da ação poderosa de Deus na história, que está na origem do povo da aliança e da fé de cada um dos crentes” (Conselho Pontifício para a pastoral dos migrantes e imigrantes. O Santuário Memória, Presença e Profecia do Deus vivo. Cidade do Vaticano, 1999. I, 4). Assim também o Código de Direito Canônico (n. 1230) que declara: “Sob o nome de santuário, entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações, com a aprovação Ordinário local”.

¹⁰⁹ Acerca dos impactos promovidos através do processo de beatificação de Frei Damião de Bozzano, no Nordeste brasileiro, tem aumentado consideravelmente o movimento de oportunidades mercadológicas e do turismo religioso geradas pelo fluxo de romeiros e de devotos do religioso capuchinho. É importante destacar para os novos desafios dos órgãos públicos, na gestão e na possibilidade de crescimento, a partir dessa demanda, como atrativo para o desenvolvimento do turismo religioso da região do Nordeste (Chaves, 2013).

¹¹⁰ A noção geral de popular, em meados do século XIX, era a de tudo que representasse o supersticioso, o grosseiro, curioso, vulgar. O interesse dos etnólogos que primeiro trataram do assunto estava associado à tentativa de romper com o sentido pejorativo dado às manifestações e produções do mundo *popular*. Tentando dar resposta ao que se denomina de “mentalidade popular”, Marcel Mauss o fez através da análise da oposição popular e oficial. Portanto, o mesmo critério será acompanhado no capítulo 4 da tese, utilizando sob a categoria de oposições: popular e erudito, sagrado e secular, popular e oficial, rural e urbano. Não se pretende encontrar definições – que afinal têm sobretudo a capacidade de uma limitação que acaba por esconder toda a riqueza de uma análise que supõe a operação de vários fatores, numa contínua relação dialética (para usar uma expressão comum em Peter Berger). Como bem indicou Michel de Certeau, não há um “discurso global” que permita à pastoral cobrir um conhecimento técnico dos meios populares; mas há uma diversidade de discursos, sem que nenhum deles englobe ou supere os outros (Cesar, 1976, p. 5-18).

A aplicação ao confessionalismo marcou a vida do capuchinho e gerou do missionário estrangeiro um conselheiro do povo nordestino. Este fenômeno, pode ser observado na vertente do catolicismo popular, ainda dominante naquele período, pois se debruça para a salvação da alma.

Assim, tal como o bispo Sardinha deglutido pela sociedade tupinambá, o peregrino Frei Damião foi incorporado na herança cultural do povo como a derradeira figura da estirpe de conselheiros do povo do semiárido nordestino. Isso não elimina o fim dessa antiga tradição religiosa, porque a cultura urbana inclui a figura do próprio confessor católico. O capuchinho faz parte do grandioso número de sacerdotes católicos e da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, conhecidos pelo mundo como “confessores”.

Na Província do Nordeste do Brasil, sem desmerecer nenhum sacerdote, destacaram-se alguns deles que marcaram seu ministério pelo fato de dedicarem por muito tempo e eficácia na realização deste sacramento da confissão, são eles: Frei Otávio de Terrina, Frei André Babboni, Frei Fernando Rossi, Frei Alberto Fonseca, Frei Antônio Malafaia, Frei Miguel de Anadia. Um aspecto da vida de Frei Damião, entre tantos, um dos mais fortes é a sua dedicação ao Sacramento da Penitência ou Confissão. Tornou-se um santo, padrinho, guia e milagreiro ocupando o imaginário do povo que o existirá ainda por muito tempo como perfeito exemplo de confessor-conselheiro, porque soube ser entendido, acolhendo quem dele se aproximava.

Foi assim que o devoto nordestino ao longo dos anos apropriou-se dessa figura do conselheiro via substrato religioso, sobretudo nas classes populares por meio da presença marcante dos antigos missionários, leigos e beatos, sendo o Padre Ibiapina essa figura matricial de uma sucessão de conselheiros do povo. Agora é o momento de demonstrar Frei Damião na literatura de cordel como conselheiro tridentino no catolicismo popular do Nordeste brasileiro do século XX.

4.2 Frei Damião na Literatura de Cordel¹¹¹

A Literatura de Cordel¹¹², no 19 de setembro de 2018, foi reconhecida pelo Conselho Consultivo, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, 2018) e também no exterior. A presença de Frei Damião, na literatura de cordel, foi motivo de inspiração para muitos poetas e escritores cordelistas, que

¹¹¹ Neste subtítulo baseamo-nos em Silva (1977), Costa (1998), Maior (1998), Gaspar (2003), Lima (2008) e IPHAN (2018), cujas as obras estão citadas nas referências bibliográficas.

¹¹² Na maioria das vezes os folhetos são publicados sem data.

escreveram centenas de folhetos relatando a sua vida missionária, seus milagres, seus conselhos e testemunhos sobre seu prestígio popular junto ao povo do Nordeste.

O folheto é um livrinho, amigo das horas de solidão sertaneja e referência nas divertidas conversas de família em calçadas, debaixo de árvores e telheiros de fazendas nordestinas em noites de candeeiro. Chama-se cordel porque os folhetos são pendurados em cordões nas feiras livres das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Segundo Maior (1998, p.55-59), “foram publicados numerosos folhetos de cordel sobre a vida de Frei Damião no Nordeste brasileiro. São muitas obras em verso que contam episódios das missões populares, das profecias e dos milagres etc.” Os cordéis edificam em versos sobre o religioso e seus conselhos exemplares, na sua grande maioria.

O religioso Frei Damião, antes de falecer, já vinha sendo pesquisado pelo folclorista Costa (1998, p. 17) que elabora as seguintes observações:

Frei Damião de Bozzano, a inspiração da presente pesquisa, se figura na posição de terceiro colocado pelo “tema” de preferência dos leitores dos folhetos de cordéis – perderia, pode-se dizer, apenas para dois nordestinos: um cangaceiro “Lampião” e o outro religioso corrente “Padre Cícero Romão”, que tiveram e têm uma incalculável tiragem de folhetos sobre suas vidas /ou em torno da fama, popularmente conquistada.

A justificativa é que os cordelistas estão presentes e fazem parte da vida simples do povo e da religiosidade do povo nordestino. Na citação o autor apresenta de forma expressiva, além de enaltecer sem retoques, nem distorções dos fatos que Frei Damião é uma figura de relevo na tiragem de folhetos de cordel. Por isso, é importante observar que no Nordeste brasileiro, qualquer pesquisador logo se dará conta da presença de Frei Damião nos versos da literatura de cordel, inclusive como conselheiro.

Nos últimos tempos a história do catolicismo popular sertanejo do Nordeste vem tornando-se ocupada pela figura do Venerável capuchinho italiano Frei Damião de Bozzano (1898-1997), disputando com as de Padre Ibiapina, do Padre Cícero, do Beato Antônio Conselheiro, da Beata Maria de Araújo, dos “monges”, Frei João Maria, da Beata Nhá Chica, entre outras. Todos eles terem possuído conduta católica, os valores de seus respectivos conselhos e discursos são um tanto particularizados.

O cordel, sem distinção, é um gênero de escrever cantando, que influenciou o estilo do repente que compõem as rimas em duelos nas manifestações culturais e laborais: nas vaquejadas, nos mercados, nas feiras livres, (caixeiros-viajantes), nas quermesses, nas peças de artesanatos (madeira, barro etc.) e nas diversas cantorias mais originais e populares – que conta e canta figuras lendárias, demiurgos, heróis, cangaceiros, beatos, conselheiros, missionários,

personagens reais, ícones e ídolos de maneira particular e singular.

O apontamento escrito é o jeito mais demorado de prolongar no tempo uma mensagem que se ambicione transmitir a outras pessoas ou para outras gerações. Nasce daí a pergunta: o que é literatura? Certamente que não há uma única resposta. Porque a sua terminologia pode ser usada em sentidos diferentes. Para tanto, podemos defini-la de uma forma simples: é uma arte verbal. A literatura pertence ao domínio das artes, em contraposição com o campo científico. Por outro lado, sua ferramenta de expressão é a palavra, em contraste com as artes visuais da pintura e da escultura ou com os sons musicais.

A literatura de cordel deu uma projeção e crescimento importante à cultura da oralidade “e, portanto, mais distanciada dos pruridos ufanistas e da frivolidade etnocentrista” (Costa, 1998, p. 14). A temática religiosa na literatura de cordel explica-se pelo caráter popular dessa poesia; os poetas populares narram em seus versos os acontecimentos locais, dando voz a tudo que ouvem do povo, não havendo uma linha para divisar nas narrações o que é real e o que é imaginário. O cordel tem origem na literatura oral, nos fatos narrados pelas pessoas que em sua maior parte estão estabelecidas na zona rural e, na sua maioria, não sabem ler.

Maxado (1980, p. 125-128): as raízes da literatura de cordel remontam à Europa do século XVIII¹¹³. Porém, no senso comum, sejam associados ao estilo de escrita e divulgação, na região do Nordeste brasileiro. Como explica Lúcia Gaspar (2003, *n.p.*):

A tradição dessas publicações populares, geralmente em versos, vem da Europa. No século XVIII, já era comum entre os portugueses a expressão literatura de cego, por causa da lei promulgada por Dom João V, em 1789, permitindo à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com esse tipo de publicação. Esse tipo de literatura não existe no Brasil, mas, também, na Sicília (Itália), na Espanha, no México e em Portugal. Na Espanha é chamada de pliego de cordel e pliegos sueltos (folhas soltas). Em todos esses locais há literatura popular em versos.

Os cordelistas populares e repentistas são os comunicadores do Nordeste do Brasil. Por meio dos cordelistas os folhetos de cordel tornam o jornal que circula entre a população sertaneja e de toda a região. O cordel tem a sua gênese no universo da oralidade com seus diversos dialetos, nos acontecimentos narrados pelas pessoas que em sua maior parte estão estabelecidas em lugares distantes dos grandes centros urbanos.

¹¹³ A tradição por um fio. Na Europa, onde o cordel nasceu, já sumiu. Causas como interiorização dos meios de comunicação, indústrias e a massificação vão matando o artesanato e o primitivismo. Talvez, somente se encontre algo ainda no Alentejo português, no sul da Espanha e na Sicília e Calábria italianas. Ali, algumas manifestações atualizadas do cordel podem ser registradas, pois há poetas-atores que circulam em camionetes portando palcos improvisados, declamando em microfones e vendendo as canções e livretos. Como um pequeno circo (Maxado, 1980, p. 123).

Os folhetos são meios de comunicação entre as classes populares. Essa literatura serve para reforçar o patrimônio cultural de identidade comum, bem como para falar dos fatos na região, no país e no mundo.

Com efeito, religião e literatura de cordel desenvolvem uma função social e religiosa imprescindíveis. Pois, conforme Maxado (1980, p. 71-74):

O misticismo é uma das características do nordestino. Logo, sua literatura também deve refletir esse aspecto, sendo então a religiosidade um dos ciclos mais importantes da sua poesia. [...]. Os exemplos bíblicos e a vida de Jesus ensejaram a **formação de beatos e conselheiros**. Também, a peregrinação de sacerdotes pelos sertões, realizando missões, com o fim de ministrar os sacramentos da religião católica aos seus fiéis distantes, além de levar-lhes os exemplos das Sagradas Escrituras ou do Testamento. Muitos foram esses pregadores, porém tiveram suas passagens bem marcadas, o frei Serafim de Catania, o frei Herculano, **o frei Ibiapina, o monge José Maria (no Sul), Antônio Conselheiro, o padre Cícero Romão Batista, o beato Lourenço, entre outros. Atualmente, há o frei Damião** (Grifo nosso).

Lima (2008, p. 9) em sua tese intitulada “Permanência do ciclo místico-religioso na literatura de cordel e sua correção com os níveis de construção textual” desenvolveu um fecundo estudo sobre a “permanência” da temática religiosa e mística na Literatura de Cordel.

A religião não desprezou a poesia como arte, nem a fez desmerecer como expressão viva e emocional da espécie humana. Assim se aplica que a religião pode cumprir com sua função social de subsidiar conteúdos e temas, dos mais consistentes e multiformes, para a literatura de cordel. Essa cultura popular de transmissão oral se expressa nas mais variadas formas, logo, são pensamentos, gestos e criações padronizadas o que produz formas culturais de longa permanência. Com a curiosidade de apresentar uma pesquisa sobre qual é o ponto de vista religioso difundido pela literatura de cordel na cultura popular do Nordeste brasileiro e seus eixos teológicos, Caldas Filho (2005, p. 65-77) expressa:

Recentemente em muitos círculos acadêmicos, no Brasil e em diversos outros países, tem sido crescente o interesse na pesquisa na interface religião-literatura (e também teologia-literatura). Em tempos ditos pós-modernos disciplinas ligadas ao estudo da literatura ocupam lugar de destaque na academia. De fato, estudos de crítica literária e de literatura comparada têm enriquecido pesquisas sobre diferentes possibilidades do fenômeno religioso. [...]. Portanto, respeitadas as escolas e centros de pesquisa em teologia e em ciência (s) da religião, no Brasil e no mundo estão levando cada vez mais a sério esta interface.

A literatura popular em versos ou de cordel é uma das demonstrações mais legítimas de comunicação social do povo nordestino. Os conselhos, por esta razão, na cultura popular nordestina têm na religiosidade um de seus fundamentos principais, e por meio da disseminação da literatura de cordel é cabível destacar alguns elementos desta religiosidade. Contudo, no

exame desta temática, optamos pelos cordéis que demonstram o nosso objetivo central: Frei Damião como conselheiro tridentino.

Selecionamos alguns títulos que se referem aos conselhos que foram dados nas missões por Frei Damião e confirmam como os cordelistas interpretam, absorvem e recontam o capuchinho na tipologia de conselheiro. Para elucidar a hipótese da tese, priorizamos alguns livros da literatura de cordel, de forma adaptada em versos e estrofes com a intenção de alcançar o objetivo da pesquisa, aqueles que evidenciam Frei Damião como conselheiro no catolicismo popular do Nordeste brasileiro. E assim, são eles: “Conselhos e sermão de Frei Damião”, de José Costa Leite (S. d.), “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”, de Olegário Fernandes da Silva (S.d.), “A voz de Frei Damião”, de José Costa Leite (S.d.), “Verdadeiro aviso de Frei Damião”, de José Francisco Borges (S.d.) e “A vida de Frei Damião”, Manoel Belarmino (S.d.) e entre outros, como seguem ao longo do texto.

O cordelista sergipano e residente na cidade de Poço Redondo (SE), Manoel Belarmino que em seus versos traz o Cordel intitulado “A vida de Frei Damião”, cuja atividade apreciada de Frei Damião era a confissão. Para elucidar a hipótese da tese, desse modo, os versos transparecem:

Eu me sinto muito honrado
E com bastante emoção,
Ao escrever em cordel
Para o povo do sertão
Sobre a vida de um frade,
O nosso Frei Damião.

[...]
Fome, seca e desespero...
Nordeste desgovernado.
O povo sem esperança
No sertão abandonado.
Conselheiro, Padre Cícero,
Lampião em bando armado...

[...]
Foi na Semana Santa
De trinta e seis enviado,
Pro Estado da Paraíba
E pra Itabaiana levado
Pra fazer pregações
E o povo ser confessado.

[...]
Frei Damião confessava
Noite e dia sem parar
E na hora do sermão
Sabia entusiasmar
Porque pregava bem forte
Para o povo motivar.

[...]
 O forte de seu trabalho
 Foram sempre as confissões
 Por mais de setenta anos
 No Nordeste e nos sertões
 Frei Damião e nas missões.

Frei Damião, na confissão,
 Tocava profundamente
 Na alma do nordestino.
 E sempre, frequentemente,
 Aconselhava os que bebiam
 E amancebo indecente (Belarmino, *S.d.*).

Como vimos, dado o referencial de inspiração poética do autor, é a valorização e o reconhecimento do capuchinho pelo seu trabalho de conselheiro consagrado pelo cordelista. A cada livro de cordel, Frei Damião é um ser “atípico” no que se refere à disponibilidade para atender as confissões individuais, consagrado “santo poderoso”, “supremo”, “milagroso” e também “conselheiro” paciente do povo nordestino.

O capuchinho é inspiração em folhetos e também em canções. Como se vê na música “Andarilho do Sertão” que se tornou um hino para muitos nordestinos e demais devotos, quem sabe pelo fato de ter sido homenageado por Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, que popularizou cantando e tocando sanfona ao ritmo regional do baião. É o que identificamos como defesa da identidade cultural do povo brasileiro.

Entretanto, Frei Damião que veio disposto como missionário da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos para o Novo Mundo, cujo objetivo era plasmar as práticas e as representações religiosas populares, teve uma reviravolta conduzida pelos devotos em uma espécie de antropofagia sertaneja, devorando o Velho Mundo, transformando-o em “em totem”¹¹⁴, o missionário em conselheiro. Temos, portanto, na canção de Gonzaga essa produção da metamorfose cultural:

Frei Damião, onde andarás frei Damião
 Deu-lhe o destino viver nordestino
 É hoje o nosso irmão
 Quando galo canta na madrugada
 Já toda gente de pé benze na procissão
 Numa marcha santa dentro da alvorada
 Vai na frente o homem, o quase santo frei Damião
 Oh, reza e canta, desperta, canta

¹¹⁴ No Nordeste como se pode observar costuma-se construir grandes estátuas, que surgem no ambiente desse catolicismo popular tradicional em homenagem e adoração aos santos. Portanto, a estátua de Frei Damião de Bozzano em Guarabira foi edificada com uma altura de 34 metros, que logo foi alardeada como a segunda maior estátua do Brasil, maior do que a do Padre Cícero Romão Batista em Juazeiro do Norte (CE). Também na cidade de Caruaru (PE) e entre outras cidades, surgem novos santuários dedicado ao capuchinho (Flores Filho, 2013, p. 141-188).

Já chegou o tempo, ninguém fica ateu, vamos pras missões
 Pecador se ajoelha
 Em Deus quem se espelha
 Só pode ter de frei Damião sua proteção
 Frei Damião, meu bom frei Damião
 O seu perdão numa confissão faz um bom cristão
 Frei Damião, meu frei Damião
 Eu sou nordestino, eu estou pedindo a sua benção
 Pé que pisa a terra, sem caminhos erra
 Este beco testa-nos e a gente está nas missões
 Quer saber do inverso, quer fugir do inferno
 Quem tem devoção, com frei Damião não tem provação
 Frei Damião, meu bom frei Damião
 Eu sou nordestino, eu estou pedindo a sua benção (bis)
 Frei Damião...Frei Damião (Jornal Nosso Tempo, 2002, p. 10).

Nos versos de Luiz Gonzaga, a nossa percepção é, que a sua canonização popular foi o suficiente em termos de reconhecimento de sua santidade, pois resume a vida disciplinada e rígida do capuchinho, sobretudo quando narra a sua ação pastoral na madrugada, antes do cantar do galo, antes do nascer do sol; ressaltando a bondade de Frei Damião nas missões e esperança para os crentes católicos.

Frei Damião é um religioso além-paróquia. De acordo com Frei Enoque, o capuchinho “não tinha atrás dele o peso de uma Paróquia” (Cruz, 2010, p. 102). O frade era um andarilho sisudo na sua pedagogia. Seu contato direto com o povo lhe permitiu, a longo prazo, construir nome e reputação de bom confessor. Sua forma típica de conduzir o povo para a salvação da alma é aliada à oração.

Há conexões, afinidades interdisciplinares entre a temática religiosa e literatura. A linguagem, portanto, não esgota a grandeza das expressões religiosas (são criações culturais diversas, múltiplas). Os poetas improvisam os “achados” do cotidiano e elaboram histórias, maculadas de ambiguidades e tensões. O pesquisador não tem muitos indícios, porque eles são compostos de pormenores e detalhes que raramente são registrados.

O cordelista não deixa de fazer os seus improvisos diante da devoção do povo que tem em Frei Damião o continuador do Padre Cícero como Conselheiro. Este enfoque foi devidamente explorado na literatura de cordel pelos poetas e dificilmente um folheto sobre Frei Damião como conselheiro, deixa de fazer alguma referência ao Padre Cícero Romão Batista. Há uma gama de cordéis que homenageiam o frade como milagreiro.

Cordéis de títulos escabrosos e narrativas inverossímeis. E que Frei Damião não apreciava. Assim como não apreciava imagens. Nem santinhos. Nem qualquer uma das efígies que o canonizava antes mesmo de sua morte. Mas ele não parecia negar sua fama de milagreiro, mesmo quando dizia que era só instrumento. “Deus faz o milagre”, segundo ele. Os fiéis não pareciam concordar. E são eles, ainda mais após sua morte, que ajudam a alimentar essa indústria informal. Indústria, afinal, que

parecia operar em queima de estoque durante três dias do velório. Houve quem, vendendo livretos a dois reais, faturasse no fim do seu expediente mais de cem reais (“Como baterista ganho R\$ 50, 00 por show”, dizia o vendedor). Os objetos mais caros custavam cerca de três reais. Não era hora de explorar demais a tristeza popular. Os próprios vendedores também são devotos. E ninguém na multidão ou mesmo atrás daquelas barraquinhas gostaria de virar título de cordel: “O Explorador que virou cachorro ou A Vingança de São Frei Damião” (Coleção Luzes do Caminho, [19--?], p. 7-8).

São inúmeras as histórias contidas nos cordéis, até mesmo os chamados “Milagres de Castigo”, a exemplo do Cordel: “O Protestante que Virou num urubu Porque Quiz matar Frei Damião”, “A Moça que Virou Cachorro Porque Deu Banana ao Padre Frei Damião”, “Grande Exemplo da Moça que Cantou na Hora do Sermão do Frei Damião” (Coleção Luzes do Caminho, [19--?], p. 36). Em termos pela hierarquia eclesiástica, apesar dos aborrecimentos, essa devoção ao Frei Damião não desobriga de aproveitamento e exploração de sua imagem. Para seu enorme desgosto, no cordel, de Severino Carlos, intitulado “Conselhos de Frei Damião aos Romeiros do Norte”, o autor é categórico em confrontar Frei Damião com o Padre Cícero, na dinastia de conselheiro:

Lá na Igreja do Horto
Fiquei prestando atenção
A uma bonita estátua
do Padre Cícero Romão
característico indicado
sinal de recordação
No ano de trinta e quatro
terminou sua missão
Deixou como sucessor
padinho Frei Damião
conselheiro da nação (Carlos, *S.d.*).

No fragmento acima, fica evidente a relação que os cordelistas fazem dos símbolos modelos de santidade que frequentemente é associado aos de Frei Damião com os de Padre Cícero Romão. Este último chegou ao distrito do Tabuleiro Grande, hoje Juazeiro do Norte (CE) em 1872 e logo chamou a atenção com os milagres atribuídos a seu nome. Inclusive, ambos já foram canonizados pelos cordelistas. Eis que os poetas fazem uma decodificação da categoria de santo. Ninguém nunca matizou referência, da menor desconfiança à pureza e à retidão consagrada de Frei Damião de Bozzano.

A literatura de cordel é uma fonte importante para apreciar traços da personalidade de Frei Damião, que conseguiu unificar, ainda em vida, o calendário católico para suas pregações habituais e aconselhamentos individualizados. E soube ser conduzido pelos costumes que incluem os devotos durante as tradicionais missões populares no Nordeste brasileiro do século

XX.

O cordel é um excelente registro dos seus feitos nas andanças pelo território nordestino, sobretudo pela sua figura inconfundível e notada pela prática do atendimento ao confessor, “em cujo cotidiano se misturavam as diversas formas de enxergar o mundo, indo [...] aos sermões tridentinos, sem falar nos apelos penitenciais típicos da Idade Média” (Costa, 1998, p. 15).

Muitos folhetos foram publicados relatando em versos a retidão, os milagres, a imutabilidade, o radicalismo missional, de tal maneira que desacertaram o ritmo das transformações, que para os poetas, Frei Damião se transforma num objeto de curiosidade. O frade é essencialmente paradoxal. Contudo, o paradoxo é uma das características dos homens, e dos santos. No que tange aos conselhos que foram proferidos por Frei Damião, abrangemos uma diversidade de cordéis. Escolhemos os folhetos que fazem alusão a Frei Damião como conselheiro. Porém, sem se tornar enfadonho e recorrente, analisemos cada livrinho, cujo cordelista é Severino Carlos, folheto sem data, como o tema “Conselhos de Frei Damião aos Romeiros do Norte”:

Você pode se salvar
Vindo pra religião
De Deus todo poderoso
Amando-o de coração
Obedecendo os conselhos
Do nosso Frei Damião (Carlos, S. d.).

Existem folhetos que tratam do tema dos avisos proféticos de Frei Damião, na cosmovisão do cordelista, assunto tratado em praticamente todos dos cordéis. Nos livrinhos em que são narrados a vida e os milagres do capuchinho, inúmeros títulos foram publicados. Os avisos proféticos estão integrados com as advertências, os castigos e aos conselhos.

Nos versos do poeta popular José Costa Leite (S. d.) após a morte de Frei Damião. Citamos duas estrofes que valorizam o trabalho do capuchinho como conselheiro:

Frei Damião de Bozzano
Um santo homem de Deus
Nos ensinamentos seus
Aconselhava sem engano
A todo gênero humano
Na sua Santa Missão
Ao povo da região
A dor é imensa agora
O Nordeste todo chora
A morte de frei Damião

Ele só fazia o bem
 Aconselhava na Ribeira
 Rapaz e moça solteira
 Por perto por mais além
 Aos adultos também
 Dava a sua opinião
 Na santa religião
 Nas andanças de outrora
 O Nordeste todo chora
 A morte de frei Damião (Leite, S. d.).

Os poetas cordelistas mostram, de modo original, diferente e pitoresco, cômico ou mesmo trágico, casos verdadeiros ou fantásticos episódios sobre o capuchinho Frei Damião de Bozzano. Moura (1978, p. 12) colheu de um sujeito de pesquisa da cidade de Lavras de Mangabeira (CE) o seguinte depoimento que vale a pena ser descrito:

O que se conta de Frei Damião – milagres, histórias – não passam de invencionices. Os poetas populares, por ignorância ou por espírito mercenário, contam casos de que ouvem falar e inventam outros tantos. A literatura de cordel tem entre nós o aspecto sumamente negativo de narrar fatos, milagres e profecias imaginárias, contribuindo preponderantemente para o recrudescimento do fanatismo religioso.

Da vitalidade dessa poesia popular, antes mesmo de seu falecimento, no dia 31 de maio de 1997, Frei Damião já vinha sendo notícia na imensa tiragem da literatura de cordel. Em folheto intitulado “Frei Damião – o missionário do Nordeste”, o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1986) defende a ideia em estrofes:

Dizem que o trovador
 Do Nordeste tudo inventa
 Mesmo no caso verídico
 O próprio poeta comenta...
 Não passa de uma quimera,
 Se o trovador exagera
 Porque o povo comenta (Cavalcante, S. d.).

Percebe-se nas estrofes que o trovador e o povo têm uma expectativa de mundo comum, onde as influências são recorrentes. Em alguns casos, o cordelista também é devoto do frade. Os devotos influenciam os poetas e esses, por sua vez, formam a mentalidade popular, conservando as identidades culturais e os fenômenos religiosos do passado, colocando nessas tradições os seus valores.

Por outro lado, os poetas populares vivem *vis-à-vis* com a fome, com a seca, com a corrupção política e com a fé do povo mais simples. Para tanto, no tocante aos conselhos que foram proferidos pelo frei, o cordelista Olegário Fernandes da Silva, em seu folheto de oito

páginas e sem data¹¹⁵, intitulado “Conselhos e sermão de Frei Damião”, produz versos, que ora apresentamos, apesar da sua extensão, com surpreendentes detalhes e a imaginação do autor:

Leitores quem for Romeiro
Da Virgem de Conceição
Acredita que há um Deus
O autor da criação
Venha ouvir os conselhos
Do frade Frei Damião

Sabemos que o Padre Cícero
Foi um grande conselheiro
Tinha boas intimidades
Como nosso pai verdadeiro
Por esse meio remia
Todas as classes de romeiros
Agora no Juazeiro
Eu ouvi Frei Damião
Aconselhando ao povo
Botando a santa benção
Tirando do caminho do mal
E mostrando a salvação (Silva, S. d.).

Como notamos, as histórias escritas nos cordéis e mesmo no boca-a-boca do devoto corroboram toda essa visão de Frei Damião como conselheiro tridentino¹¹⁶. Ele sempre tinha tempo para ouvir as pessoas, como se soubesse que popularidade e receptividade andam juntas. Os versos de Olegário convidam os leitores para ouvir seus conselhos, colocando Padre Cícero como seu antecessor na matriz dos conselheiros. Ele também se referiu aos conselhos que foram dados por Frei Damião aos devotos do Padrinho Cícero. Ambos são figuras capazes de manterem as massas sob controle em momentos de dificuldades, com a propagação verbal de seus conselhos.

O poeta popular José Francisco Borges, da cidade de Bezerros, Pernambuco, em folheto sem data e com seis páginas, intitulado “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”, inicia seus versos dizendo que Frei Damião aconselhava “os filhos de Maria”, isto é, todos os católicos, e acrescenta que tem poder de aconselhar porque ficou no lugar do Padre Cícero

¹¹⁵ Na maioria das vezes os folhetos são publicados sem data.

¹¹⁶ Existem uma enorme variedade de folhetos publicados que se referem aos “conselhos e avisos proféticos” de Frei Damião. No entanto, para não se tornar enfadonho, observamos os folhetos: “Conselhos de Frei Damião aos Romeiros do Norte, cujo autor é o poeta Severino Carlos (S. d.); “A Voz de Frei Damião”, de autoria de José Costa Leite (S. d.); “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”, do poeta José Francisco Borges (S. d.) e “O Verdadeiro aviso de Frei Damião, de José Francisco Borges (S. d.), cujas as obras estão citadas nas referências. Os folhetos que tratam do tema dessa identificação “tridentina” de Frei Damião como conselheiro. Se não aborda diretamente dessa “identidade tridentina”, porém, identificam em Frei Damião a figura do conselheiro.

Romão. Portanto, com o objetivo de demonstrar o que disse o cordelista, observe com atenção os versos:

Aqui eu peço a vocês
que perante a mim estão
para ouvirem os conselhos
do frade Frei Damião
é quem pode aconselhar
porque está no lugar
do padre Cícero Romão
Deu a comunhão a todos
falou num longo sermão
disse eu aconselho em nome
do padre Cícero Romão
apesar dêle ser morto
mas quem 3 vezes no horto
tem por certo a salvação

Aconselho ao bom filho
para não ir de encontro aos pais
não desobedeça as ordens
dos conselhos paternais
a seus pais não façam guerra
sendo bom filho na terra
Deus lhe ajudará mais (Borges, S.d.).

O cordelista José Costa Leite, com o folheto “A voz de Frei Damião”, de sete páginas e sem data de publicação, também menciona em versos que:

Ele é considerado
Pelo Santo do sertão
Nas missões ele aconselha
Ao povo sem distinção
E aonde ele chegar
Vai preenchendo o lugar
Do padre Cícero Romão.

Ele disse que: Quem não
Ouvir os conselhos seus
É uma pessoa sem fé
Pior do que os ateus
Não gosta da poesia
E nem crer na Virgem Maria
A Bendita Mãe de Deus

Quem matou, não tire mais
A vida do seu irmão
Vá a missa, se confesse
Dê esmolas, estenda a mão
Quem não roubou não roube mais
E peça a Deus Pai dos pais
Um meio de salvação (Leite, S. d.).

Ainda com o poeta José Francisco Borges, esse apresenta no folheto “O Verdadeiro

Aviso de Frei Damião”, com oito páginas. Apreciemos os versos:

Fui ao Juazeiro e lá
falei com Frei Damião
fui a igreja do horto
lá assisti um sermão
sai de lá com saudade
trouxe esta novidade
vou ler e quero atenção

Meus católicos romanos
daqui e de mais além
leia este divino aviso
que a todos nos convém
me preste bem atenção
quem manda é Frei Damião
o conselheiro do bem
Pra cada país do mundo
deixou ele um conselheiro
e para nosso Brasileira se está no feminino,
veio ao Santo Juazeiro
o Padre Cícero Romão
morreu e Frei Damião
assumiu bem prazenteiro (Borges, S. d.).

O autor do folheto de Cordel diz que foi ao Juazeiro e falou com Frei Damião, trazendo o tema de que os devotos associam Frei Damião ao Padre Cícero Romão. O cordelista fala do Juazeiro como um espaço sagrado para os romeiros. A cidade de Juazeiro do Norte (CE) foi considerada um lugar sagrado após as primeiras crenças religiosas em torno do milagre acontecido em 1889, um lugar de destaque para a redenção e a salvação dos homens, nutridas através dos rituais das romarias.

Outro lugar sagrado é a Serra do Catolé, o Horto, que desde o século XIX já era considerado pelos romeiros e também pela população local um espaço sagrado; o nome horto foi dado pelo próprio Padre Cícero, fazendo alusão ao Horto das Oliveiras, lugar onde Jesus de Nazaré passou as últimas horas de sofrimento espiritual antes de ser levado para ser preso, condenado à morte e crucificado.

Para Silva (1977), Frei Damião com os seus ensinamentos foi um conservador, embora para os sertanejos isso seja o que menos importa. O essencial, para eles, é que Frei Damião é um santo e um autêntico sucessor de Padre Cícero como conselheiro. Daí que o cordel retrata essa realidade, ou seja, os versos relatam as suas missões populares, com seus conselhos, operando milagres e fazendo profecias.

No dia 27 de novembro de 2021, em contato com o cordelista José Mauro Matos, residente e domiciliado na cidade de Juazeiro do Norte (CE), adquiri um primoroso depoimento que nos revela conhecimento, detalhes e imaginação dos fatos, que ora apresentamos:

E dentro das histórias dos cordéis, eu tenho um diferencial, no qual todos os meus cordéis, eles narram histórias e fatos que aconteceram. Os cordéis são míticos. Os cordéis são fabricados. São poemas feitos em cima de histórias como o Abraão Batista, que é um grande nome, montado na cacunda do furacão. Nem furacão tem cacunda, nem o cabra monta no furacão, mas tem a poesia que fala daquela história.

“A chegada de Lampião no inferno”, então, são fatos que os poetas, os cordelistas cantam e contam na literatura. E eu, desde cedo, meu avô dizia que a literatura de cordel é um jornal que publica o que o jornal não publica. Então, tudo, que um cordel tem, é da boca do povo. É a linguagem popular. É a raiz do seio do povo, a matriz da linguagem. Certo? Do nosso linguajar poético vem através da poesia, da literatura de cordel. O cordel é, para nós, uma linguagem onde você fala, narra, e as pessoas têm uma sede de buscar.

Quando tem um cordel novo, as pessoas partem para ver, estudar, ler, recitar. É muito aceita a linguagem cordelística. E na minha realidade é essa. É fazer a literatura de cordel em cima de fatos que realmente aconteceram. E, dentro desses fatos, tem a história do Padre Cícero, tem a história do beato José Lourenço, tem a história do Caldeirão, a história do Boi Mansinho, a história do Frei Damião que onde entra a narrativa, onde as pessoas acreditam que o Frei Damião é a continuidade do passo a passo que o Padre Cícero deu continuidade aqui.

Por exemplo, o Padre Cícero, ele tinha uma forma carinhosa de atender as pessoas e todo mundo queria que o Padre Cícero tivesse um afilhado: o seu filho você dava pra ele. A maioria das pessoas de Juazeiro davam o filho pro padre ser padrinho. Então, ele é o padre e o padrinho Cícero. Por isso, que vem o padrinho porque ele apadrinhou muita gente aqui. E após o desencarne do Padre Cícero, no surgimento do Frei Damião, esse mesmo fato de as pessoas levarem os filhos para batizar, o Frei Damião batizou muita gente e ficou também conhecido como padrinho Frei Damião. Então, o padrinho Frei Damião, consecutivamente, na linguagem popular, dentro do seio da fé do povo, é a reencarnação do Padre Cícero, uma manifestação espiritual que veio para orientar o nordestino.

Então, o Padre Cícero, a história dele, quando a Igreja tentou acabar, tentou denegrir a imagem do Padre Cícero por conta dos milagres que acontecia aqui, que, na realidade, quem é o santo na história é a Beata, a Maria de Araújo, ela é que era santa. Ela é que viu Jesus Cristo. Ela é que avisava o que ia acontecer.

É tanto que quando houve a reforma da Igreja lá do Socorro, que foram ver o túmulo, os restos mortais dela estão sumidos. Não porque mexeram. Foi por encanto. Não houve participação da mão humana. Até então, quando foram mexer lá, acreditavam que o corpo estava lá. Aí, depois vieram dizer que o corpo foi tirado, foi mexido. Deram fim aos restos mortais, mas nada disso se comprova. O que a gente sabe, na realidade, as pessoas mais próximas sabe, que foi surpresa geral, o desaparecimento dos restos mortais da beata.

E o Frei Damião era um tipo de pastor, de missionário, de frade, da ordem religiosa dele, que ele não deixava as coisas se misturar os assuntos. Era como se ele não quisesse que aquilo ali viesse à baila, mas ele se favorecia disso, porque os empresários da região do Cariri, por exemplo, o Severino Duarte, Antônio Duarte, que tinha uma grande indústria de sandálias aqui, ia buscar ele em Pernambuco pra ele celebrar missa aqui. E pagavam a ele divinamente bem, com hospedagem, com regalias, com comidas boas.

E o capuchinho, ele tinha uma particularidade, ele conhecia as pessoas melhor do que você imaginava. Você chegava lá pra resolver um problema e ele dizia uma coisa que estava acontecendo lá na cozinha de sua casa, o Frei Damião. Muitas vezes chegou gente pra se casar com ele e ele dizia: se for amancebado, eu abençoo o casamento porque amancebado não entra no céu. E muitas pessoas que viviam juntas, que eram tidos como amancebamento, como juntou. Sabe? Esses acasalamentos naturais que se dá, que eram condenados pela sociedade. Ele casava as pessoas para acabar com aquele preconceito, pra acabar com aquele estigma de que o casamento, que não foi abençoado, era uma coisa do satanás. Entendeu? E por conta de ele fazer muito isso, atribuíram a ele esses dotes que ele tinha espirituais, que ele herdou do Santo Padre Cícero (José Mauro Matos, 2021).¹¹⁷

O cordelista no seu estilo que lhe é peculiar, fala da trajetória, das virtudes e da vida encantada de Padre Cícero; da Beata Maria de Araújo e a dúvida acerca de seus restos mortais; de Frei Damião e seu trabalho rígido de evangelização católica, com pregações apocalípticas, tais como “os avisos do fim do mundo; os sinais dos tempos para os blasfemadores, infiéis, ateus e errados se emendarem e temerem os castigos que virão” (Costa, 1998, p. 26) e ainda seu cuidado especial em relação ao sacramento do casamento, tudo isso consolidando o perfil de conselheiro tridentino. O escritor ressalta ainda o valor da literatura de cordel enquanto arte e informação, que o cordel chega em muitos lugares, transmite mensagens do cotidiano, faz pensar e aprender.

4.3 Práticas devocionais: depoimentos sobre Frei Damião

A obra “Fontes Históricas”, organizado por Pinsky (2008) oferece pistas para quem está manuseando, conhecendo arquivos, ouvindo depoimentos, examinando os sinais da cultura material ou simbólica, interpretando as experiências ancestrais, compreendendo e discernindo os desafios do próprio fazer História. Visto que:

[...] as vinculações da História Oral com os postulados da História do tempo presente, as teorias da memória e com o retorno da narrativa e do sujeito da história. Esmiúça, com conhecimento de causa, os equívocos da História militante que pretendia chegar à verdadeira história popular e as disputas ideológicas em torno do conhecimento da validade de pesquisas como fontes subjetivas: *Opondo-se à História positivista do século XIX, a História oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação)* (Pinsky, 2008, p. 19, grifo da autora)

As entrevistas procuraram colher depoimentos tanto de pessoas que consideram que Frei Damião foi um conselheiro – e fizeram referência aos conselhos que receberam dele – quanto

¹¹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 27 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

de autoridades eclesiásticas. As indagações estabelecidas foram direcionadas a essas pessoas conforme sua experiência em relação a Frei Damião.

As respostas foram gravadas e transcritas, ficando a documentação com o autor. As entrevistas foram realizadas em novembro e dezembro de 2021 e janeiro de 2022. Por meio dessas entrevistas reunimos várias versões de acontecimentos envolvendo a pessoa do conselheiro Frei Damião presente na cultura nordestina. Nessa direção, no campo da pesquisa, cada entrevistado, por meio dos depoimentos recolhidos, relatou uma experiência e uma visão particular sobre a trajetória do missionário.

Para isto, acrescentarei algumas entrevistas concedidas que foram realizadas em julho de 2008 e em meados de 2009 por ocasião da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela PUC Minas em 2010¹¹⁸. As questões foram formulas para as pessoas que conheceram Frei Damião, que ocorreram no mês de julho de 2008 e nos dias 28, 29, 30 e 31 de maio de 2009. No primeiro momento nas cidades de Nossa Senhora das Dores (SE), Poço Redondo (SE), Aracaju (SE) e no segundo momento em Recife (PE), no Convento de São Félix de Cantalice, por ocasião da 12ª Festa de Frei Damião de Bozzano.

A transmissão oral diversifica a verdade dos fatos, mas existe o bom senso que é feito o discernimento, para colocar as coisas nos seus devidos lugares. E foi assim que a partir dos depoimentos das pessoas, podemos alcançar a nossa pergunta central da tese: Frei Damião conselheiro tridentino do Nordeste brasileiro?

A figura do conselheiro está aí, com todos os seus fenômenos rurais e urbanos, quer se trate do catolicismo, das religiões de matriz africana ou dos povos indígenas. A presença do conselheiro parece existir em todos os movimentos religiosos da história como uma busca ansiosa de suas origens. Porque todos sentem necessidade de um conselheiro que os identifique com seus antepassados mais próximos ou remotos. Por isso, as pessoas sentem necessidade de escutar o santo conselheiro do que a um pregador da renovação conciliar.

A partir dessas entrevistas reunimos várias versões de acontecimentos envolvendo a figura do conselheiro Frei Damião. Nesse sentido, no campo da pesquisa, cada entrevistado, por meio dos depoimentos recolhidos, relatou uma experiência e uma visão particular sobre a trajetória do missionário.

Ao professor aposentado da Universidade Federal do Ceará (UFC), Dr. Antônio Renato Soares de Casimiro¹¹⁹, residente e domiciliado no município de Juazeiro do Norte (CE), fizemos

¹¹⁸ (Cruz, 2010).

¹¹⁹ A entrevista foi realizada no dia 29 de novembro de 2021, no período da manhã, no Centro da cidade de Juazeiro do Norte (CE). O nosso encontro foi devidamente agendado e o horário conveniente para ambos.

cinco perguntas:

- a) O que o senhor diz sobre as crenças e práticas religiosas de Frei Damião?
- b) O que você tem a dizer sobre Frei Damião e Padre Cícero?
- c) Por que o povo gostava de se confessar com Frei Damião?
- d) Essa proximidade de Frei Damião com o povo, tornou uma figura polêmica?
- e) Frei Damião foi usado politicamente?

Ele nos forneceu a seguinte resposta em forma de diálogo:

Olha, eu acho que ele fez parte dessa coisa, assim mais secular da Igreja, no sentido de que toda a prática religiosa tem uma visão, assim, muito conservadora, do ponto de vista dos ritos e, sobretudo, da fidelidade à missão. Então, são coisas, assim, marcantes, né, na questão do padre, do Frei Damião, porque, uma das coisas que sempre foi muito realçada, foi o fato de que a prédica dele, é uma prédica muito incisiva no sentido de uma fidelidade ao rito e, especialmente em coisas, assim, muito expressiva, pra tocar fundo o próprio povo, com relação a essa fidelidade. Então, por exemplo, nisso emerge um discurso, assim, muito incisivo sobre a pena, sobre o pecado, sobre a exigência de que o devoto deve cumpri-la acima de tudo, no sentido de não se desviar da mensagem. Por exemplo, eu acho que, de alguma maneira, como a minha consciência foi um pouco pré-conciliar ao Vaticano II. Ela difere, substancialmente, daquilo que foi, por exemplo, a imagem dita pelos devotos, especialmente, na região do Cariri, sobre a forma como a pregação do Frei Damião incidia muito, assim de uma forma a cobrar do devoto uma fidelidade pelas regras, de uma maneira a não se afastar nunca, sob pena de não ganhar a vida eterna (Antônio Renato Soares de Casimiro).¹²⁰

O professor ressalta o conservadorismo presente nas práticas e nas pregações da rigorosa missão de Frei Damião, sua disciplina e fidelidade aos ritos, suas exigências para a retidão dos devotos às regras da lei católica, sob pena de perderem a vida eterna.

Quando indaguei que após o Vaticano II, Frei Damião foi proibido de missionar em algumas paróquias e dioceses do Nordeste, o professor Renato Casimiro respondeu:

Isso. Eu acho que era uma interpretação bastante consequente, em razão da abertura que se deu para uma série de questões, que, talvez, diante da prédica dele, representasse uma liberdade, ou uma liberalidade, sobre algo que ele não gostaria de abrir mão. Não é? Por exemplo, algumas coisas, que ficaram muito flagrantes, foi no rito da missa, da forma como a missa passou a ser celebrada nessa abertura de contato com o povo: a adoção da linguagem, da língua contemporânea, como algo que permeava mais esse acesso mais livre do devoto, do crente em relação à mensagem da igreja. O Frei Damião carregava essa ortodoxia de não alterar isso daí, como sinal evidente desse compromisso de fidelidade com a Igreja. Então, eu acho que, por aí,

¹²⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

foi visto uma série de questões que pareciam abrir mão dessa maior relação do devoto com a Igreja (Antônio Renato Soares Casimiro).¹²¹

O professor destaca que Frei Damião não se abriu às novas linguagens trazidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), nem nas ações e tão pouco nas pregações, ao contrário ele se manteve fiel aos seus valores oriundos da ortodoxia católica tradicional, pois as determinações do Concílio de Trento deram à Frei Damião fontes doutrinárias claras e seguras, seguindo com rigor as práticas sacramental e litúrgica.

Em seguida perguntei *essa proximidade de Frei Damião com o povo, tornou uma figura polêmica?* O pesquisador Antônio Renato Casimiro ponderou:

Muito. Aqui, no caso do Juazeiro do Norte (CE), teve um primeiro momento que se fez um paralelismo, não é, de tanto que, inclusive, na literatura, você vai encontrar em diversas oportunidades esse paralelismo, visto ora entre **Conselheiro, Ibiapina, Frei Damião, Padre Cícero**. Quer dizer, esses quatro pareciam encarar algo que era aquilo da visão mais conservadora da missão da igreja: dito por uma palavra de que se, por um lado, a igreja é mãe e mestra, não é, por outro lado, ela também cobra, como ela é dentro da fidelidade, um rigor da observância a todos os pressupostos, né, dessa filiação com o catolicismo, que é, por exemplo, a observância clara aos mandamentos, não é. A fidelidade aos ritos, a frequência de determinadas questões, como, por exemplo, as leituras. Um caso muito específico do nordestino que é, particularmente, com a questão da recitação do rosário, como prática religiosa da igreja, dentro da sua própria casa mesmo, né, enfim. Coisas assim que realmente significava que o missionário que pregava, nesse sentido, tinha naturalmente aquela sensação, de fato, de ser um enviado de Deus. Aqueles que não cumpriam isso, sem dúvida, tinham essa segregação, essa diferença, essa indiferença, talvez, de não ser considerado. Acho que veio daí uma certa ruptura. Eu me lembro que isso percorreu até o imaginário popular, do ponto de vista da composição literária de cordel e tal, que passou, mais ainda, a sacramentar a missão de Frei Damião do que combatê-la (Antônio Renato Soares de Casimiro, grifo nosso).¹²²

O professor observa que Frei Damião assim como os outros conselheiros que o antecederam se aproximavam do povo de uma forma especial, sem deixar dúvidas quanto a presença celestial. O paralelismo era evidente, o povo não se sentia desamparado, havia uma sucessão dessa estirpe de conselheiros, de modo que eles conduziam os devotos nas práticas religiosas.

Para o pesquisador, Frei Damião é a adequação das exigências religiosas do catolicismo popular sertanejo, impregnada, de uma cosmovisão mítica. O capuchinho encontrou e também trouxe um catolicismo marcado pela mentalidade dos “concílios do Vaticano I e de Trento” (Marangon, 2006, p. 37). A partir daí é possível colocar em reflexão sobre o caráter imperioso com que foi concretizada a romanização do catolicismo brasileiro. Dando prosseguimento ao

¹²¹ Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

¹²² Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

diálogo em forma de entrevista estabelecido com o pesquisador da história do Juazeiro do Norte (CE), Renato Casimiro, fiz a seguinte pergunta: - *Por que o povo gostava de se confessar com Frei Damião?*

Ele forneceu elementos importantes que colaboraram com a hipótese central da tese. O entrevistado declarou:

Uma presença. Pela sua própria postura física, antes mesmo de ficar tão crítica a própria situação de saúde dele, né, de dependência e tal. Aquilo era um primeiro momento de “**contrição**” dessa relação entre o **confessor** e o **confessado**. Não é. E, pelo que eu ouvia, verbalizado de outras pessoas como era a postura dele: ele era muito assim impositivo, no sentido de que a postura do devoto fosse, efetivamente, da **confissão** sobre aquilo que lhe era mais íntimo. Porque ele, pela linguagem, pela postura, parecia impor essa obrigação. Então, é muito comum que haja declarações da parte de pessoas, falando, até de um certo alívio, de que aquela **confissão** produziu esse efeito, como se fosse um descarrego confidente daquilo que era tão íntimo. Não é? Alguns até, certamente, muito mais rigorosos do que cobraria até a própria igreja, coisas que poderiam estar colocando no hábito da postura humana mesmo, pequenos sinais de desvio de conduta, algumas coisas do temperamento da pessoa, muito mais do que aquilo que fosse um flagrante do pecado, a questão intencional de produzir aquela coisa delituosa...

E o Frei Damião tinha essa postura, no sentido de ser visto dessa maneira, de tal forma que se tornou tão comum. Eu me lembro que, algumas vezes, eu cheguei a ver filas assim intermináveis, não é, na presença dele aqui nos franciscanos. E daí, porque, em vista desses elementos, começa essa identidade, como a questão, assim mais ampla, da própria religiosidade nordestina, que é muito conservadora nessa questão da prática da sua própria religiosidade, que isso foi o elemento marcante dessa interação para fazer, historicamente, uma permanência longa, longa mesmo, não é, de devotos aqui. De tal maneira, que nós temos, aqui, inclusive, na região, algumas pessoas que eram marcantes, né, nesse apoio, nessa logística de favorecer a permanência dele aqui. Eram pessoas até, de certa maneira, assim, bem postas, do ponto de vista socioeconômico, não é, que faziam questão inclusive de acompanhar, de favorecê-lo, assim, com doações para a manutenção das suas obras e tal, o que levava, com uma certa frequência, que ele viesse, voltasse ao trazer. Então, tudo parecia assim conspirar, nesse sentido, né, a permanência dele aqui até que, efetivamente, terminou se reproduzindo, não é, algo de animosidade como foi o caso do Ibiapina, que foi, literalmente, expulso do Ceará (Antônio Renato Soares Casimiro, grifo nosso).¹²³

Segundo o que o professor ouviu, a postura de Frei Damião era muito impositiva, ele fazia um apelo à conversão que levava o fiel a se confessar, falando de todos os assuntos, falando da intimidade, e ao final vivenciando uma sensação de alívio, descarrego emocional, uma renovação, uma sublimação, uma catarse e disposição para o cumprimento da penitência. Essa aplicação prática e entrega de Frei Damião ao confessionário gerava filas enormes para a prática do sacramento.

Quando me reportei ao professor Antônio Renato Soares de Casimiro sobre qual a impressão dele com relação ao devoto que faz menção entre os conselhos de Padre Cícero e os

¹²³ Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

de Frei Damião. O entrevistado deixa transparecer o seu posicionamento face a questão colocada:

Olha, eu acho que é uma leitura deturpada, porque são características muito marcantes e diferenciadas, não é? Eu diria que, por exemplo, a oratória, a maneira de fazer essa exposição sobre o que é a vida e a presença do cristão, diante da realidade, do seu ambiente de vida. No caso do Frei Damião, era algo assim muito marcado por regras de conduta, de sentimento, não é, de observância, muito mais rígida do que a própria. Quando a gente vê, por exemplo, andaram fazendo muitas transcrições de correspondências do Padre Cícero, uma vez que não foi possível, ainda, gravar alguma coisa dele, a não ser na memória de algumas pessoas antigas. Qual era realmente o sentido dessa sua prédica, de como era este ministério pela palavra do Padre Cícero, não é?

Então, a linguagem é mais vista pelo lado dessa familiaridade com a vida sertaneja, né, para dizer coisas como eram aquelas, do tipo assim: **“quem matou, não mate mais”**, **“quem roubou, não roube mais”**. Quer dizer, o Padre Cícero usou de um artifício de linguagem muito mais, eu diria assim, muito mais liberal, no sentido de não abrindo mão da conveniência de que isso é que é, realmente, um sinal evidente da igreja, não é. Diante daquilo que era mais flagrante no Frei Damião. Porque, no caso do Frei Damião, era uma coisa direta, não circunscrita a qualquer tipo de imagem do cotidiano, e era como se fosse algo de uma pessoa que está quase aplicando um **castigo**.

Porque não era o castigo que ele aplicava. Era o castigo que ele antevia pelo fato de as pessoas não seguirem aquelas orientações que ele dava. Nisso, difere muito. Na essência, os dois tiveram, sem dúvida, já que a gente pode falar do período mesmo do exterior, na Itália, e a forma mais clássica da formação eclesial dos seminários brasileiros, aquilo que se chamava a **romanização** (Antônio Renato Soares de Casimiro, grifo nosso).¹²⁴

Ao contrário do Padre Cícero, que tinha uma familiaridade com a linguagem sertaneja, uma forma “carinhosa” de aconselhar, tratando as pessoas com cuidado, Frei Damião já tinha uma postura incisiva, era direto e aplicava penitência. Contudo, curiosamente, a sua linguagem no meio do povo encontrava uma espécie de empatia, sendo então fruto da herança histórica do jeito de ser dos antigos conselheiros do Nordeste com seus hábitos e costumes. Para o devoto de Frei Damião ele ainda “é o continuador do Padre Cícero na função de conselheiro. E mais: Padre Cícero e Frei Damião, são sinais”.

Utilizando-se do conceito de Andrade (1928) sobre a antropofagia cultural, não teria o sertanejo nordestino “deglutido” o missionário europeu? Frei Damião de Bozzano se transformou em conselheiro tridentino do catolicismo popular sertanejo? Quando me referi sobre essa alegoria oswaldiana, aplicada ao caso do missionário em conselheiro, Renato Casimiro, assim se expressou:

Como uma figura de imagem, eu acho que está perfeito. Eu também concordo com isso, ou seja, essa foi a assimilação mais rápida, porque os sinais evidentes dessa empatia, dessa simpatia, dessa adoção, dessa apropriação da mensagem, ela foi muito rápida, muito rápida. O caso, a gente tinha, por exemplo, de **Ibiapina que é a matriz**

¹²⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

de tudo, tem um período relativamente longo, mas associado, que é uma obra social, muito importante e dispersa em vários territórios do Nordeste. Então, isso teve um lado dessa imensa simpatia, no sentido de ser ainda hoje como é. Sobretudo, pelos que se debruçaram mais sobre os estudos dessa missão, de caracterizá-la como a matriz.

Então, diferentemente, em todos eles. Você tem, por exemplo, não só pela **crônica histórica de Euclides da Cunha, a figura messiânica e rústica do conselheiro**, mas com compromisso social extremamente elevado, e eles perceberam isso. Quer dizer que parte da **resistência de Canudos**, e só da maneira violenta, como realmente foi erradicado, mostra claramente a fidelidade com que esse povo assumiu essa mensagem. A permanência dos demais, como é o caso do que hoje ainda se devota a Ibiapina, principalmente, na Zona Norte do Estado do Ceará, mas também na Paraíba. **É o caso mais específico e mais difuso de Frei Damião e Padre Cícero, no sertão do Nordeste**. É bem um atestado dessa identidade, com que o povo viu que, realmente, estava, digamos, sendo introjetado, dentro do devoto de uma forma, assim, definitiva.

Eu acho que essa figura, que você pegou, ela é muito pertinente, nesse sentido, de que **é uma antropofagia**, misto de cultura e religiosidade, dentro da concepção que, provavelmente, eles podem ter usado talvez até um pouco, inconscientemente, para firmar essa relação, com a qual, a fidelidade foi absoluta. Afinal de contas, passados tantos anos, a gente ainda tem a certeza, quem conhece esses locais, assim mais apropriados, como é o caso de Juazeiro do Norte, locais de missões, na Paraíba, ou mesmo na região de Sobral e tal. Ver que é uma história viva. É alguma coisa que não arrefeceu. Ela pode ter mudado de algo assim, aparentemente, da prática pela influência cultural, como é que a sociedade passou a adotar essa convivência da religiosidade, com a dureza do dia a dia, seja por quais razões possa acontecer, mas que eternos: ligações assim impossíveis de serem rompidas. Por exemplo, aqui, no caso do Juazeiro, a gente pode até imaginar que o Juazeiro ainda vai se alterar em todos os elementos da sua atual sobrevivência, mas nunca deixará de ter esse elo fundante. Porque é uma coisa basilar na formação de gerações que se sucederam, carregando viva essa mensagem. Uma mensagem que não passa por livro, por exemplo, ela é tão conservadora, porque ela vai pela **oralidade**, [...] o **Cordel**, por exemplo, uma espécie de reciclagem, de desconhecimento, para que os novos não se percam nisso (Antônio Renato Soares de Casimiro, grifo nosso).¹²⁵

Algo que pode ser destacado na expressão do professor Renato Casimiro é a tese da antropofagia cultural, assunto central deste capítulo, onde o sertanejo nordestino “deglutiu” o missionário europeu, Frei Damião, transformando-o em conselheiro tridentino do catolicismo popular do Nordeste brasileiro. Ainda sobre o depoimento de Renato Casimiro, cabe refletir sobre a “rebeldia” dos devotos do catolicismo popular sertanejo em contraposição e “independência” relativa das teias canônicas do catolicismo romanizado¹²⁶, assim como já foi abordado no primeiro capítulo da tese, garantindo a permanência da figura do conselheiro como espécie de base para as novas e constantes trocas religiosas simbólicas dos nordestinos. E Frei Damião é símbolo desse catolicismo.

Mori (2022, p. 296) em seu artigo, “Antropofagia e Teologia”, escrito segundo ele por

¹²⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 29 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

¹²⁶ “Catolicismo romanizado” tem a ver com perspectiva institucional, que no período era antimoderno com enlances tridentinos (como antiprotestantismo) – há aqui uma contradição na figura de Frei Damião (CALDEIRA, 2023).

uma “convicção de que a antropofagia ainda não fecundou suficientemente a reflexão teológica nacional” permite uma correlação com a figura de Frei Damião, é aquele onde repousa esperança para a alma do sertanejo à obtenção de sua identidade ancestral e que a Igreja Católica seja mais “brasileira” ou quem sabe é o desejo de um catolicismo encarnado nas realidades do país e do povo.

A figura de Frei Damião como conselheiro é *religiosa por excelência*. Ele viveu muito próximo do povo nordestino, da sua vida concreta e de seus sofrimentos. É relevante dizer que o catolicismo popular é um fenômeno religioso da oralidade, porque pertence ao mundo da comunidade oral. Enquanto o catolicismo oficial pertence ao mundo da escrita. Este aspecto revela como o nível oficial e o nível popular se configuram – se relacionam. Pode-se dizer que ela se desenvolve no mundo da imagem e da narração.

E assim para bem pontuar a ideia central do nosso trabalho, prosseguiremos com a descrição da entrevista de Padre João Paulo de Araújo Gomes, na época, residente e domiciliado na cidade de Gravatá (local das primeiras andanças missionárias do capuchinho em 1931, ano de sua chegada ao Nordeste), hoje, pároco da Capela São Sebastião, no município de Caruaru (PE), professor da UNICAP no Recife e doutor da História da Igreja. Realizamos a entrevista com o presbítero no dia 25 de novembro de 2021, na Igreja Matriz de Sant’Ana, em Gravatá. Fizemos a seguinte indagação para ele:

Qual a relação do Frei Damião com o Padre Cícero? O Padre João Paulo explicou:

Não tenho, nenhuma sombra de dúvidas, que Frei Damião é santo, que ele fez muito bem. É um grande missionário, mas não se pode esquecer, na relação com o Padre Cícero, Frei Damião era muito utilizado, por uma ala da Igreja, que queria tentar diminuir o trabalho feito por Padre Cícero. Padre Cícero era um homem que teve uma grande ressonância popular, no tempo dele, um grande líder religioso e que não tinha boa relação com a hierarquia, tanto que era necessário sobrepor, ao Padre Cícero, um outro personagem, que fosse atrelado à hierarquia, que fosse mais ligado a Roma, que combatesse a crença, a religiosidade popular, a superstição, que eram algumas coisas das quais o movimento de Padre Cícero era acusado. Então, por isso, o Padre Cícero e Frei Damião foram muito impulsionados. Tanto que uma questão mesmo estrutural, na cidade do Juazeiro do Norte, foi o incentivo a construção da Igreja de São Francisco. A Igreja de São Francisco precisava ser maior do que a Igreja das Dores, porque, assim, a religiosidade capuchinha, franciscana, do Frei Damião, iria fazer o povo esquecer Padre Cícero. Só que isso não funcionou, porque nem Frei Damião entrou nesse jogo, e nem conseguiu diminuir o fervor da devoção que as pessoas têm ao Padre Cícero. [...]. Só que isso não aconteceu, porque nem o próprio Frei Damião entrou nesse jogo. Então, são personalidades diferentes. E o próprio Frei Damião tem uma abordagem devocional, espiritual, sacramental, que também era contemplada por Padre Cícero, mas que vai além disso. Padre Cícero tinha um forte empenho social. Padre Cícero está muito mais na linha de Padre Ibiapina, que o inspirou, do que de Frei Damião. Não é? Então, Frei Damião, ele ajuda nessa missão de evangelização, mas, por exemplo, Frei Damião não tem uma abordagem social, naquele sentido de Ibiapina, de construir hospital, construir cemitério. Então, a missão de Frei Damião era uma missão espiritual, de **confessar o povo**, de celebrar a missa,

fazia muito bem, mas não era uma missão como a de Ibiapina, porque além do pessoal, de **confessar**, construía açude, construía Casas de Caridade (João Paulo de Araújo Gomes, grifo nosso).¹²⁷

Segundo João Paulo na citação acima, o contexto sociológico onde acontece o fenômeno religioso em torno do Pe. Cícero como conselheiro é o Juazeiro do Norte (CE) em contato com o romeiro é fundamental, pois a partir do momento em que foi privado do exercício do ministério presbiteral, torna-se o “Padim Ciço” o conselheiro e romeiro por antonomásia, em que os romeiros se espelham, tornando-o protetor e guia.

O historiador João Paulo deixa claro que o Padre José Antônio de Maria Ibiapina cimentou a imagem do “grande conselheiro e mediador do povo” do Nordeste. Mas essa é a tônica do catolicismo do Nordeste brasileiro que foi marcado por uma linhagem de conselheiros introduzida pelo Pe. Ibiapina e seguida pelo Beato Antônio, o Conselheiro, Pe. Cícero e, por derradeiro, Frei Damião de Bozzano (1898-1997). Pinto Júnior (2002, p. 197) sugere que:

Pe. Ibiapina (1803-1883) protagonizou, por antecipação, a opção pelos pobres formalizada em Medellín e reassumida em Puebla. Foi um dos seus precursores. A releitura da história do Pe. Ibiapina – seu testemunho de vida, sua pregação, sua atuação missionária, suas iniciativas no âmbito social caritativo - revela seu caráter profético de homem comprometido com a Igreja, capaz de olhar, no entanto, para além do espaço eclesial, onde encontra os pobres, os principais beneficiários de sua ação e razão de ser de seu ministério.

Penso que tal inspiração ainda está por ser melhor examinada e avaliada¹²⁸. Por volta, de 1850, Pe. Ibiapina já era conhecido por circular pelo sertão nordestino montado no lombo de burro, formando um método missionário próprio. Quando chegava a algum lugar, tratava de observar as necessidades do povo e, com a participação de todos, construía o que era necessário, em uma determinada comunidade.

O Frei Damião não aceitava que fosse comparado ao Padre Cícero, ainda nos dias de hoje, no Nordeste, muitos devotos vislumbram semelhanças entre Frei Damião e o Padre Cícero que faleceu em 1934 quando o capuchinho já tinha 36 anos de idade. Repensar esse fenômeno na atualidade é o desafio a que nos propomos, tendo como hipótese de que o missionário Frei Damião foi reinterpretado pela cultura popular como conselheiro.

Não é estranho dizer que o conselheiro está dentro de uma “linhagem” da cultura

¹²⁷ Entrevista concedida por Padre João Paulo de Araújo Gomes, na Igreja de Senhora Sant’Ana, na cidade de Gravataá (PE), em 25. nov. 21.

¹²⁸ Segundo muitos autores, inclusive Otten (1990, p. 284-285), a influência de Ibiapina sobre Antônio Conselheiro, embora não constatada por um contato direto, é indiscutível (veja “Só Deus é Grande...”, p. 265-273).

indígena¹²⁹, onde o conselheiro é uma figura de amplo conhecimento. Na tentativa de estabelecer uma relação entre o Padre Cícero e Frei Damião, porque ao mesmo tempo que se diz que o Padre Cícero não morreu, diz que ele volta como Frei Damião. Assim como o Padre Cícero, Frei Damião foi para o devoto o pai, o padrinho, o conselheiro. Não se pode generalizar, mas pessoas idosas chegam a dizer: “Padre Cícero é Padre e Frei Damião é Frei Damião. Os dois são santos, mas não se confundem” (Oliveira, 1997, p. 73-80). É compreensível que a ligação que o devoto faz entre um e outro é de santidade. A santidade de ambos se manifestaria por meio de caridade. E também uma outra força que é importante é a dos conselhos, o santo dá conselhos. Como se vê, a religiosidade do povo é de base mística, fundamentada em influência sobrenatural direta, deixando a lógica ausente, quando não de pouco valor.

Logo em seguida e de forma dialógica fizemos a seguinte pergunta ao Professor João Paulo.

Após o Vaticano II, Frei Damião foi proibido de missionar em algumas dioceses? Ele nos passou a seguinte a narração, que segue na íntegra.

Olhe, eu acredito que, aqui, você tem que dividir duas coisas: tem que dividir a pessoa de Frei Damião, a missão dele, a santidade dele, a coerência de vida dele, a vida pobre e simples dele, o trabalho que ele fez, evangelizando àqueles que são os esquecidos da sociedade. Então, quando ele chegava numa cidade, ele atraía as pessoas, ele confessava, ele conversava. Então, isso tem um Frei Damião, que, vamos dizer assim, que é o Frei Damião originário, que foi uma coisa boa, que trouxe coisas boas para o Nordeste, que não deixava de ser contraditório com aquele momento da igreja dos pobres. Porque, quem Frei Damião serviu, foram os pobres. É claro que muita gente rica seguia também Frei Damião, mas era os pobres que iam atrás de Frei Damião. E ele escutava os pobres. Ele, muito antes da gente falar em lugar de fala, ele já dava lugar de fala ao pobre, quando ele sentava para escutar confissão. Ele escutava mais do que falava. Então, ele dava um lugar ao pobre falar, o que pobre queria falar, seus dramas, sofrimentos. Então, essa é a pessoa de Frei Damião. Agora é inegável que a pessoa de Frei Damião, a pessoa de Padre Cícero, a pessoa de Ibiapina, tudo são figuras icônicas tão grandes, que elas se tornam manipuláveis por pessoas nas suas ideologias. Então, é inegável que Frei Damião foi usado, como modo de contrapor a uma igreja que fosse mais social, mas era uma manipulação da imagem dele. Não era ele que era assim. Era uma manipulação de sua imagem feita por algumas pessoas que

¹²⁹ Somos herdeiros dessa identidade cultural dos povos africanos e dos povos indígenas, onde o Conselho é primordial na vida; mesmo com as dependências que estabelece, é considerado um grande valor (Moura, 1976, p. 209). E como se não bastasse, segundo Hoornaert (1976, p. 189-190): Os primeiros missionários que abordavam o Brasil estavam imbuídos de uma forte ideologia religiosa que os fez desconhecer a validade e mesmo a existência de uma religião e cultura indígenas. Eram representantes de um catolicismo que desconhece suas fronteiras e só concebe a alteridade da religião dos outros em termos de marginalidade: os indígenas vivem na margem do mundo, nos confins da terra. Este condicionamento cultural pode ser explicado pela formação escolástica destes missionários mas recebe fundamentação mais profunda e convincente pelas exigências culturais do próprio percurso colonial: este percurso real e prático exigia a não-percepção da validade da religião do outro. [...]. Isso não significa que não houvesse, entre os primeiros jesuítas sobretudo, nenhuma percepção da alteridade do indígena brasileiro e da sua irredutibilidade ao sistema escravocrata que os europeus implantaram no Brasil; o padre Luís da Grã discutiu esta questão com Nóbrega, defendendo a tese segundo a qual a Companhia de Jesus não podia possuir escravos nos seus colégios. Mais tarde os padres Gonçalo Leite e Miguel Garcia ficaram escandalizados pela presença de numerosos escravos no colégio de Salvador.

resistiram, mas, por exemplo, ele tinha preocupação de nunca ir em uma diocese que o bispo não autorizasse. Ele perguntava antes se o bispo autorizava. Ele nunca teve problemas. Eu morei em Recife, era Dom Helder Câmara, teve missões em Recife. Nunca Dom Helder foi contra as missões de Frei Damião, mas são abordagens diversas que enriquecem a igreja. Então, Frei Damião, nesse contato pessoal com o pobre, na escuta do drama do pobre. E esses grandes luminares da igreja dos pobres, do Concílio Vaticano II, com essa preocupação maior, não só de cuidar do pobre, mas das causas da pobreza. Na hora de entrar na estrutura da pobreza, aí, Frei Damião, não era o campo dele. Não era o campo que ele trabalhava muito. Já os outros bispos trabalhavam as causas estruturais da pobreza. Então são dois enfoques da mesma problemática (João Paulo de Araújo Gomes).¹³⁰

De sorte que Frei Damião tinha uma atenção para com as pessoas pobres, ele ouvia atentamente suas lamentações, ele tinha enorme apreço por suas almas. Sua imagem ganhou vulto, seu modelo de missão foi muito além, a sua popularidade fez com que a hierarquia eclesiástica tomasse alguma medida de restrição quanto à sua presença junto ao povo.

Uma de suas ações ao aportar no Nordeste foi dialogar com as autoridades locais. E assim iniciava o seu intenso e rotineiro trabalho de andarilho. É com Frei Damião que o devoto sente necessidade de ser assistido na confissão individual, porque tem a certeza de ser escutado e de ser perdoado, tornando-se uma figura popular e de culto entre os seus devotos.

O devoto continua alçando novos conselheiros à santidade. Alargando uma leitura interpretativa dos fatos, é extraordinário saber que o conselheiro nestas regiões tem uma relevância significativa, porque estabelece laços espirituais e sociais entre os seus e isso fica para toda a vida. É aqui, segundo a hipótese, que Frei Damião foi reinterpretado na função de conselheiro, respondendo aos anseios dos crentes devotos.

Dando continuidade com as entrevistas semiestruturadas, indagamos o religioso capuchinho Frei Raimundo Ferreira de Matos¹³¹, OFM Cap, da Diocese do Crato (CE), nas dependências do Santuário São Francisco das Chagas¹³², na cidade de Juazeiro do Norte (CE) -, *por que o povo gostava de se confessar com Frei Damião?*

É, a figura do Frei Damião atraía a multidão. Talvez pela sua popularidade, que se deu no Nordeste, para o tipo de missão que ele deu continuidade, que já era vivenciada

¹³⁰ Entrevista concedida por Padre João Paulo de Araújo Gomes, na Igreja de Senhora Sant'Ana, na cidade de Gravatá (PE), em 25. nov. 21.

¹³¹ Entrevista concedida por Frei Raimundo Ferreira de Matos, no Santuário São Francisco das Chagas, na cidade do Juazeiro do Norte (CE), em 27. nov. 21.

¹³² A Igreja foi inaugurada no dia 6 de janeiro de 1956. O terreno foi doado à Diocese de Crato (CE) pelo proprietário Padre Cícero Romão Batista. A Diocese repassou o terreno para os capuchinhos. A construção do Santuário teve várias mãos envolvidas, inclusive, de romeiros. O local faz parte do circuito religioso do Juazeiro do Norte (CE) e abriga diversos símbolos de referências artísticas e arquitetônicas. Antes da conversa com o Frei Raimundo Ferreira Matos, andei em volta do Santuário e presenciei que detrás da Igreja existe uma Gruta, onde os devotos carregam sua água que é considerada sagrada. É importante registrar que nas noites de quarta-feira, acontece a "Hora da Graça" e que reúne centenas de pessoas para uma tradicional missa fundada por Frei Damião de Bozzano.

por outros capuchinhos missionários, que vieram de outros cantos para evangelizar o Nordeste. **Frei Damião não foi diferente do estilo missionário dos capuchinhos que trouxemos de outras regiões, sobretudo, da Itália.** Ele é um italiano nato e chegou aqui, muito jovem, e conservou esse tipo de missão em todo Nordeste. Me veio à memória que para conservar esse tipo de missão, o Frei Damião, ele vai seguir os passos de outros frades antigos, como, por exemplo, os freis, que começaram a chegar, aqui, em Juazeiro, se consta de 1948. Então, os freis vieram pra cá. Temos revistas históricas que vão mostrar isso, que na praça de Padre Cícero havia uma grande concentração. Ali, os freis usavam da palavra para anunciar o evangelho. E, dentro desta missão, o anúncio, também tem a vivência sacramental, que faz parte do projeto de evangelização. E se contabilizava, anualmente, o número de **confissões**, número de eucaristias entregues, o número de batismos, não é. Então, dada essa realidade histórica, e de vivência, do próprio modo de se fazer a missão capuchinha. Então, o Frei Damião vem para o Nordeste, e faz, continuar essa missão. E o estilo de pregação que foca muito, você tem toda teologia moral, da salvação, das obras de misericórdia etc. Então, Frei Damião anuncia e o povo vê, sente, escolhe como um profeta, como aquele que está dando essa quantidade desse anúncio. Então, tudo isso, eu vejo que o perfil dele, na missão, no cotidiano das cidades do Nordeste todo. Então, vai ter essa preferência do povo, de forma que, ainda criança, foi o primeiro frade que eu vi na minha vida, foi o Frei Damião, na cidade de Potengi. Lá, então, bem cedo, às cinco horas da manhã, ainda me recordo criança, vindo do sítio com uma caravana de pessoas, avós, mães etc. para escutar Frei Damião. E a pregação, me recordo da voz dele, uma voz fina, sotaque forte, não é, muito baixo. **E aquela multidão para Frei Damião confessar.** Então, essa proposta de anúncio, de trazer a presença de Deus, de ser portador dessa graça, piamente, e acolher no coração. Então, acho que esse segredo de ser o conselheiro, Frei Damião, o confessor, é parte dessa forma dele explicar a palavra. O povo sentia a necessidade de acolher e de ir atrás da escuta e da confissão (Raimundo Ferreira de Matos, grifo nosso).¹³³

Como podemos observar na entrevista, o conhecimento que o pároco do Santuário São Francisco das Chagas tem da figura carismática e mítica de Frei Damião. Com seu perfil rígido, conquistou com seu trabalho, com suas pregações e com conselhos, a simpatia da população nordestina. É importante personagem que integra a historiografia religiosa de tradição oral do Nordeste, que vai passando de geração em geração, também pela expressão corporal e pela via da expressão imagética e performática.

Em mais uma pergunta ao capuchinho Frei Raimundo, levantei sobre a *proibição de Frei Damião missionar na Diocese de Crato (CE), por quê?* A questão levantada foi assim respondida:

Se fala. Dados históricos, documentos escritos, eu desconheço, mas, no imaginário do povo, é muito viva essas recordações de que se noticiou. De que pela diocese do Crato, houve essas **proibições canônicas para o Frei Damião não pregar nesta região do Cariri e neste período do citado bispo, Dom Vicente de Matos.** Porém, vejo que as razões eu desconheço. Se era de suplemento canônico, se não haveria uma unidade da paróquia com a própria equipe missionária de Frei Damião, porque, é de se convir que, dentro dos métodos das relações comum, quando se convida equipe missionária para fazer o sistema, na sua paróquia, na sua região, tem que estar de acordo com a diocese, de acordo com a paróquia, entendeu? Hoje, por exemplo, o foco desses grandes padres, eles se comunicam muito bem pelos canais de televisão de evangelização. Então, quando se tem um *show*, por exemplo, algum momento

¹³³ Entrevista de pesquisa concedida em 27 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

celebrativo, tem essa linha de comunicação. A não ser que o indivíduo venha à revelia. Quando isso acontece, então, a gente quer umas sanções, né, porque hoje precisa muito dessa linguagem de relacionamento, de respeito. Só não sei, se para a época, você citou aí, 1978, né, já se falava disso. Então, possa ser que tenha acontecido. E, de fato, ainda nos anos 90, o vigário da minha terra, que foi e hoje não é mais, o Padre José Leite de Campos Sales, chegando recente na paróquia, também, já era o Dom Nilton, e ele trouxe Frei Damião para a minha cidade. Me recordo desse período, anos 90. Ele chegou a óbito em 1997. Há, no histórico, no imaginário do povo, **essas recordações de que Frei Damião não podia passar por essas cidades, porque havia essa proibição.** E também se diz no imaginário do povo, que uma vez feito isso, havia uma maldição para aquele povo, aquela cidade, de que a cidade não iria crescer, ia sofrer algumas sanções. Também o povo trás isso hoje. É interessante recordar isso e pesquisar esses fundamentos (Raimundo Ferreira de Matos, grifo nosso).¹³⁴

Importante esclarecer que no presente trabalho não foi possível acessar documentos oficiais acerca das proibições do capuchinho italiano de pregar missões em algumas dioceses e paróquias do Nordeste brasileiro. O que há são relatos de estudiosos, religiosos, de pessoas comuns que têm ainda na memória algum registro desse assunto. Há também revistas e livros que reproduzem cartas, a que tudo indica serem verídicas.

Destaca-se ainda que a questão de proibição era delicada, assunto a ser tratado com cautela, porque é uma questão interna da hierarquia eclesiástica, antes de ser publicizado precisa de um rigoroso tratamento, uma triagem de como e quando chegar na sociedade comum. Lembra-se ainda que Frei Damião era muito popular, sua ordem religiosa era de muita credibilidade, ou seja, não se poderia colocar em risco a segurança social e religiosa dos nordestinos.

Ainda sobre os comentários da proibição de Frei Damião missionar, apresento a nota de rodapé do artigo de Moura (1976, p. 202) intitulado “Frei Damião e os Impasses da Religião Popular”:

A proibição de diocese do Crato data de 1968. Porém, só no ano de 1974 ultrapassou os limites da região e se tornou manchete da imprensa regional e até nacional. Cf. Revista Veja, n. 372 (22-10-75) 49-50. Manchete, n. 1.228 (1-11-75) 112-114. Diário de Pernambuco: dias 10, 14, de outubro, e 19 de novembro de 1975. Jornal do Comércio, 8 de outubro. O Globo, 13 de outubro. O Povo (Fortaleza) e de outubro. E muitos outros números de revistas e jornais.

Esses relatos são reproduzidos nos meses de setembro, outubro e novembro de 1975, visto que “não houve um jornal, uma câmara municipal, uma assembleia legislativa do Nordeste que não se pronunciasse sobre a questão. Normalmente os políticos que se pronunciaram, se pronunciaram a favor de Frei Damião” (Moura, 1976, 202).

¹³⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 27 de novembro de 2021, na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

Frei Damião tinha uma cosmovisão tridentina da salvação eterna, pois ele se debruçava, exclusivamente, nas suas missões, sobre temas da alma das pessoas. Essa postura apologética foi intensificada no combate contra o protestantismo, um dos aspectos do “espírito tridentino” do Frade – que ainda perdura entre as populações do interior do Nordeste. Em suma, Frei Damião consolida-se a ideia de que o povo deverá ser governado por dois poderes paralelos e independentes entre si: o *poder civil* e o *poder eclesiástico*. O segundo poder se ocupa da alma das pessoas. Enquanto que o poder civil se ocupa com os corpos dos indivíduos.

Eis que no dia 25 de novembro de 2021 permaneci, por dois dias, na cidade de Gravatá (PE), cujo local foi palco da primeira missa celebrada por Frei Damião de Bozzano, na Festa de São Miguel Arcanjo, precisamente no dia 29 de setembro de 1931, ano da sua chegada ao Brasil. Posto isto, já estava agendada uma conversa com o Excelentíssimo Senhor Prefeito Joselito Gomes da Silva do município de Gravatá e ex-padre da Igreja Católica, 60 anos de idade e natural de Bezerros (PE). A nossa conversa foi pautada por meio de um roteiro de perguntas, conforme relatadas abaixo.

- a) O que o senhor diz sobre as crenças e práticas religiosas de Frei Damião?
- b) O que você tem a dizer sobre Frei Damião e Padre Cícero?
- c) Por que o povo gostava de se confessar com Frei Damião?
- d) Essa proximidade de Frei Damião com o povo, tornou uma figura polêmica?
- e) Frei Damião foi usado politicamente?

Dando prosseguimento com a entrevista, o entrevistado produziu a seguinte resposta correspondendo com o diálogo estabelecido com o pesquisador. Disse Joselito que:

De certa forma, sim, porque essa continuidade, no que diz respeito ao *aconselhamento*. Se você pega o Padre Cícero, a partir da fala das pessoas, o meu padrinho Cícero ou simplesmente meu padrinho Cicho. É isso que geralmente fala. E, logo em seguida, **associando ao Frei Damião de Bozzano, o meu padrinho Cicho e meu padrinho Frei Damião.**

Os conselhos do Padre Cícero: “Quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais”. **“Eu vou ouvir também os conselhos do meu padrinho Frei Damião.”** Então, eu ainda criança, adolescente, ficava observando a atenção das pessoas naquele momento ali do sermão, chamado sermão da santa missa. E se alguém começava a cochichar alguma coisa, o próprio Frei Damião fazia “psiu, cale a boca, comadre”. “Não tomou café hoje, não?” Porque ele queria sempre que prestasse atenção. Então, o céu, sempre a referência, não pecar, o cuidado com o pecado. Não pecar porque precisamos ir para o céu e o caminho, inclusive aquele livrinho da santa missão, o título é “O Caminho do Céu”. E a Virgem Maria, a mãe das Dores, lá do Padre Cícero, do Juazeiro, e o Frei Damião sempre a referência à virgem Maria, a mãe de Deus e nossa. Então, mais e mais, algumas pessoas foram associando e fazendo essa ligação. **Os conselhos do Padre Cícero agora estão tendo continuidade através dos**

conselhos do Frei Damião. E, se não bastasse, o sermão da santa missão, era aquele esforço, aquela insistência para confessar com ele. Tem padre fulano ali, o frei fulano: “não, eu quero me confessar com meu padrinho”. “Eu quero ouvir, eu tenho uma coisa para perguntar a ele”, a exemplo, “será que o casamento de fulano vai dar certo”? Se meu padrinho disser. Então, naquela época, naquele contexto, a gente já observava isso aí. As pessoas queriam ter uma resposta. “Mas aquele lá é um padre.” “Sim, eu sei, mas eu não quero que o padre da paróquia diga, eu quero que o missionário diga.” E o missionário é o Frei Damião, não é outro frade que esteja ali auxiliando (Joselito Gomes da Silva, grifo nosso).¹³⁵

Observa-se que mais uma vez emergiu essa conexão entre Padre Cícero e Frei Damião como conselheiro, relatou sobre os conselhos dados pelos dois religiosos. São conselhos de advertência, proféticos e estão interligados com os castigos e os pecados. Por fim, Frei Damião é sempre reconhecido como sucessor do Padre Cícero na função de conselheiro do povo. Da mesma forma o devoto estabelece essa relação de transferência entre Padre Cícero e Frei Damião. Porém, não é uma transferência de personalidade, porque não se diz que Frei Damião era a pessoa do Padre Cícero Romão, mas que ambos eram uma coisa só – que pode ser traduzido como semelhantes.

O que houve foi uma coincidência, porque em 1934, ano da morte do Padre Cícero, o capuchinho italiano Frei Damião iniciava a pregar as missões por todo território do Nordeste, inclusive no Estado do Ceará, para onde afluíam milhares de romeiros e curiosos na espera de um milagre. Portanto, com esse “desaparecimento” do “Padrinho”, arisco a dizer que o devoto, espontaneamente, transferiu sua carga de santidade para Frei Damião, sob os conteúdos das lendas estabelecidas a partir da cosmovisão da morte do Padre Cícero como uma viagem ou mudança, de onde ele retornaria renovado.

Nessa direção, vale o discernimento de que “o povo não quer que seu líder morra e encontra sempre uma forma de mantê-lo vivo entre ele” (Silva, 1991, p. 34). Fica, então, a pergunta: é a capacidade criativa do povo com sua fantasia? É possível saber quanto de verdade existe nessa fantasia do povo? Algumas questões são postas, enquanto fazia as perguntas para não deixar ser influenciado pela veemência dos depoimentos.

Retornando ao depoimento de Joselito Gomes quanto a *proximidade de Frei Damião com o povo e também ser usado politicamente*. O entrevistado deu a seguinte explicação:

Houve um momento que eu também comecei a perceber a questão do **uso político-partidário** da imagem do Frei Damião. Chegando em um determinado local, naturalmente, naquela época, nós tínhamos aqueles chefes políticos em determinados municípios. Então, chega o missionário para pregar a missão, naturalmente, aquele grupo político já. Então, “estamos com Frei Damião” ou “o frei Damião está conosco”. O frade nem

¹³⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 25 de novembro de 2021, na cidade de Gravatá (PE).

tinha esse pensamento, né, que é para a população ver, perceber. Principalmente, a população da zona rural, aquela população mais carente, como quem dizendo “então, esse é o candidato mesmo que a gente tem que apoiar e votar, porque tá com meu padrinho Frei Damião”. E eu acredito que esse uso, pouco a pouco, vai crescendo e, talvez, daí tenha vindo a orientação de dizer ao frade para não ir fazer missão em determinado local, né, para que ele não seja usado politicamente. Talvez aquele que hoje tá no poder não querer fazer isso para destruir o outro grupo e vice-versa. Talvez tenha sido um caminho assim encontrado, porque a população, genuinamente, de um modo geral, não se ligava na questão política. O objetivo da população ali era ver o Frei Damião, tocar no Frei Damião. Por isso, quando ele saía, de madrugada, caminhando, tinha que ter alguém ali, segurando um pouco as pessoas, porque alguém queria tocar, mesmo que seja o cabelo dele. Às vezes, ele passava rápido e alguém se esticava para fazer. Aí falava “com a graça de Deus, eu consegui tocar na cabeça de meu padrinho Damião”, não é. E a confissão, as pessoas queriam tanto falar, que, às vezes, ele dormia. Alguns falam que ele estava dormindo, mas estava ouvindo. Cansaço, enfim (Joselito Gomes da Silva, grifo nosso).¹³⁶

Nota-se que pelos fatos narrados se deve analisar sem pré julgamento, nem juízos de valor ou paixão em torno do fenômeno religioso que envolve a pessoa do capuchinho Frei Damião. De modo geral, as entrevistas sempre reportam uma comparação entre Padre Cícero e o Frei Damião: ambos tinham um imaginário que aponta para o fato de poder, dom de mudar coisas e pessoas, de fazer milagres. O poder que o povo atribui ao seu líder é incontestável. Porque ele tudo pode, tudo sabe, tudo vê, pois, ninguém o engana. É assim que é tecido os limites sócio-políticos do mundo psicológico do povo. Frei Damião é seu conselheiro, o Nordeste compõe seu universo de relações espaço-temporais.

A história oral, fomenta uma intocável teia de interseção psicológica onde quase tudo ou mesmo tudo é racionalizado em torno do santo protetor. Nessa concepção psicológica, Frei Damião para o devoto é um ser humano infrequente, isto é, um ser “superior” ao outro ser humano, um sobre-humano, sobretudo, por possuir uma força divina – tal qual a denominamos de virtude e que deve ser venerado e respeitado.

Assume um conteúdo de temor, inclusive, o temor dos castigos de Deus que foram difundidos por meio dos ideários da catequese tridentina. Há, portanto, algumas perguntas a serem feitas. O milagre é a demonstração do poder do sobrenatural? A fé pode ser explicada pela razão? O amor é o alicerce por onde passou Frei Damião nas estradas do Nordeste? Os devotos de Frei Damião são frutos dessas sementes de amor? Não é o objetivo do presente estudo debruçar-se sobre estas questões, todavia, podemos discerni-las em outro momento oportuno.

Há, contudo, quem estabeleça uma diferença entre os sermões de Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e os de Frei Damião de Bozzano (1898-1997). O escritor Silva (1977),

¹³⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 25 de novembro de 2021, na cidade de Gravatá (PE).

colheu o seguinte depoimento de Dona Nair Silva (1977, p. 176), do SESI de Juazeiro do Norte (CE). Vejamos o que disse:

As pregações do Padre Cícero eram mais conselhos; parece que ele advinha quando a pessoa fazia um mal e estava ali presente. Então ele falava de um modo geral, mas quase diretamente àquela pessoa, “o castigo de Deus está aí para aqueles que pecam”. Frei Damião fala claro, ameaça logo com o inferno, “os amasiados que tratem de se casar, deixem essa vida, o inferno tá aí para os que vivem em pecado mortal.

Frei Damião fazia uso constante de metáforas em seus aconselhamentos e sermões, sem dúvida, para que o povo pudesse compreender melhor a sua mensagem. Em suas pregações, o frade fala do Evangelho, explica a vida de Jesus, fala do fim do mundo. Diz que Deus criou o mundo e nos criou. E encaminha as pessoas para o bem. O devoto, por sua vez, não vê nenhuma fraqueza em Frei Damião. E assim se escreve a ressignificação das práticas religiosas face à demanda popular, cuja imagem de Frei Damião como conselheiro tridentino passou a ser reconhecida em todos os recantos do Nordeste, assumindo uma nova ressacralização por meio do imaginário popular, e que permanece até os nossos dias. Ele se apresenta como símbolo de resistência. Daí sua proximidade com o elemento de ligação com as origens, porque, [...] “para o povo ameaçado na sua religião como uma bandeira de resistência. É claro que isto não é um mecanismo consciente, nem para as massas, nem para Frei Damião” (Moura, 1976, p. 216). Lazzari (2003, p. 51, tradução nossa) declara que:

Os casos mais frequentes foram a incapacidade de perdoar, quando a ofensa recebida foi o assassinato de um familiar ou parente. Lembra-se também de ter ouvido o Frei Damião dizer a algum penitente, não pode (não é permitido). Nestes casos era necessário mais tempo, para que não se permitirem “absolvição fáceis” que teriam caído em terreno difícil, mesmo que a fila de espera sugerisse pressa. Vangloriar-se de que nunca quis mandar de volta o penitente sem absolvição não é um bom método, que não foi aplicado nem por Padre Pio de Pietrelcina nem por Frei Damião. Nos casos mais difíceis, é melhor adiar do que bater a porta. Certamente a falta de absolvição deixa o problema sem solução, à espera de uma conclusão feliz. Tal foi a pedagogia de São Pio de Pietrelcina. O Frei Fernando afirma que a duração da confissão do Frei Damião raramente foi inferior a dez minutos, embora muitos tenham tido de esperar horas e horas. Por isso, o companheiro chamava a atenção para a multidão de penitentes com palmas e frases italianas que levantavam eles para uma aceleração.

O penitente sentia-se acudido por uma mão afável, que alimentava a confiança no perdão de Deus e a esperança de uma vida melhor. Os conselhos do Padre Cícero e os conselhos de Frei Damião são seguidos quase que à risca pelos penitentes. Ambos são sinais de segurança para o povo. Os teólogos e bispos reformadores sonharam com a reaproximação da Igreja Oficial com o povo através das novas manifestações litúrgicas. Por outro lado, para o devoto, a visão mística de Cristo, passa a ser corriqueira como a caminhada de todos. E no itinerário de

todos há sempre a presença daqueles de quem todos conhecem a sua voz, as suas causas, o seu poder sagrado e sua missão. É possível pensar que a fé do povo está integrada com a sua forma de ser.

Não é sem razão que a expressão do povo é verdadeira porque ela não está atrelada ou confinada às conveniências. Um elemento patente sobre a ressignificação das práticas religiosas diante da demanda popular, segundo o catolicismo é a confissão como sacramento capaz de absolver os pecados. Frei Damião é uma figura de proa na defesa da cultura popular, porque no seu jeito de pregar está a identidade do povo, que se sente ameaçado pelas inovações dentro da Igreja. O capuchinho consegue tocar no subconsciente do povo. Os conselhos dados por ele, são os mesmos conselhos que foram repassados pela tradição oral.

É o aspecto de santidade de Frei Damião que atrai o povo para a devoção. O laço de interesses entre o comunicador e o receptor criou a metamorfose do missionário em conselheiro. Depois de vinte anos de sua chegada ao Nordeste brasileiro, já por volta da década de 40, Frei Damião é reconhecido pelos sertanejos como um conselheiro respeitado e consagrado, passando a conduzir o povo em problemas da vida, como o adultério, o namoro, o demônio, a pílula, o beijo, o concubinato, entre outros conselhos, como já foi exposto. O conteúdo de sua catequese era fixo: céu, inferno, purgatório e combate aos pecados, que era reafirmado em seus conselhos.

O que marcou nas suas andanças missionárias foi a sua atenção para cada pessoa no confessional. Isso fixou no devoto a imagem de Frei Damião como conselheiro na vida do povo do Nordeste. O mesmo fiel que tem admiração por Frei Damião também ocorre com o Padre Cícero. É importante estudar do ponto de vista psicológico quais são os desejos, os sentimentos dos devotos em relação a Frei Damião, porque é bem possível que ele é um modelo de pessoa a ser imitado. Os devotos vão querer o Frei Damião em situações bem definidas, concretas, onde ele se deixa aproximar. Ele cumpre essa função de conselheiro entre os devotos do Nordeste brasileiro do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta tese, convém apontar algumas considerações a modo de conclusão. Antes de mais nada, tendo presente a escassez de pesquisas, torna-se imperioso elaborar uma teoria histórica e social sobre a função da figura do conselheiro no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro do século XX. Há muita pesquisa a se fazer sobre a função do conselheiro na vida das pessoas. O que se constata é que, quando Frei Damião aportou ao Brasil, o catolicismo do povo brasileiro era tridentino, devocional e apologético. O conteúdo das pregações era do temor de Deus, das procissões, das visitas pastorais marcadas pela santidade e autoridade episcopal. O capuchinho italiano tinha um modelo de fazer missão pronta, “baseado na teologia e na pastoral do Concílio de Trento” (Hoornaert, 2008, p. 65). O fenômeno em torno da figura de Frei Damião como conselheiro tridentino no catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro do século XX fez-se necessário observar vários aspectos, pois a sua imagem multifacetada não se deu apenas por questões de ordem socioeconômica, política e nem somente por fatores de ordem religiosa. A carência de Padres no Brasil é fato desde à época colonial. Não regressarei ao remoto período colonial, mas ao período de transição para a modernidade, na segunda metade do século XIX e início do século XX.

No Nordeste brasileiro, além de Padres, também os médicos estiveram em pequena quantidade, deixando a zona rural sem sacerdotes, e desta forma, conservou-se um catolicismo popular, com suas formas de crer e de agir específicas, administradas por leigos e leigas que se tornavam agentes religiosos, com interesse de conduzir e orientar o povo. Os leigos supriam os Padres na execução das cerimônias e dos ritos religiosos. A investigação foi dirigida à vida de Frei Damião e à sua escuta paciente, diária e totalmente devotado ao sacramento da confissão aos “esquecidos” do Nordeste. Sua fama de exímio conselheiro e de “santo homem” se espalhou por todo o Nordeste. Daí que diziam, os penitentes, que valia à pena caminhar a pé, ir a cavalo por alguns dias e noites para receber o perdão e os conselhos de Frei Damião.

Por sua personalidade serena, disciplinado e pelas mortificações que fazia, como jejum e abstinência, foi elevado à condição de santo pelos fiéis, ainda que em vida. Apesar do reconhecimento nos depoimentos de muitos admiradores e devotos, o capuchinho polemizou contra outras denominações religiosas, especialmente a dos protestantes, por esse caso foi denominado de “Martelo dos Protestantes” pelo seu superior e conterrâneo da ordem capuchinha, Frei Isidoro Chiantelli de Bozzano (1891-1963). Erika Helgen (2020, p. 236, tradução nossa) comenta que:

À medida que a reputação de Frei Damião como santo popular continuava a crescer, também cresciam as paixões inflamadas por seus sermões anti-Protestantes nas vilas e cidades que visitava por todo o Nordeste. O caso mais extremo de conflito religioso associado à missão ocorreu em 1958, quando Frei Damião visitou Patos, cidade do interior da Paraíba, para realizar uma santa missão. Como tantas vezes aconteceu, a visita de Frei Damião representou o culminar, e não o início, de uma campanha anti-Protestante [...]. Muitas vezes, a multidão parava em frente às casas e igrejas protestantes, gritando ameaças e insultos e, às vezes, atirando pedras. Após procissões e sermões do frade capuchinho, grupo de católicos atacaram as igrejas Presbiteriana e Batista, quebrando móveis, rasgando Bíblias e fazendo fogueiras em frente às igrejas nas quais queimavam bens sagrados. A violência continuou durante todo o dia seguinte, até que a polícia chegou e dispôs a multidão.¹³⁷

Frei Damião era um conselheiro em sintonia com a confissão auricular, dentro de um contexto social e religioso que ainda permitia aquele tipo de comportamento, aproveitando as confissões para levantar os sertanejos contra os avanços do protestantismo. A despeito desse fato intempestivo de violência, conforme a citação, os devotos o consideravam um santo milagreiro. Essa intolerância religiosa extremada no passado não chamava atenção do público em geral, católicos ou não. Porém, na década de 1960, época marcada pela renovação interna da Igreja Católica, os ataques aos protestantes foram vistos como visões religiosas extremistas e vozes se levantaram em objeção à violência, porque era uma época em que o Concílio Vaticano II (1962-1965) proclamava a convivência e a tolerância entre as Igrejas cristãs.

Por isso que a mensagem de Frei Damião não era mais aceita por alguns bispos renovadores do Nordeste do Brasil. Essa postura foi notadamente verdadeira após este Concílio, cujo compromisso com o ecumenismo e a reforma fez com que os bispos e padres nordestinos que endossavam o concílio que se preocupassem com os efeitos das missões de Frei Damião em suas dioceses e paróquias e seu antiprotestantismo fizeram com que alguns reformadores pró-Vaticano II considerassem suas missões antiquadas e retrógradas. Alguns bispos começaram a considerá-lo um obstáculo à modernização das estratégias pastorais de suas dioceses.

E foi assim que no dia 1º de setembro de 1968, o bispo do Crato (CE), Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, proibiu Frei Damião de pregar em sua diocese para “evitar acentuar o

¹³⁷ As Frei Damião's reputation as a popular saint continued to Grow, so too did the passions inflamed by his anti-Protestant sermons in the towns and cities he visited throughout the Northeast. The most extreme case of mission-associated religious conflict occurred in 1958, When Frei Damião visited Patos, a town in the interior of Paraíba, to conduct a santa missão. As was so often the case, Frei Damião's visit represented the culmination, Rather than the beginning, of na anti-Protestant campaign [...]. The crowds often stopped in front of Protestant homes and churches, yelling threats and insults and, at times, throwing stones. When Frei Damião arrived to conduct santa missa in June of that year, tensions were already high. After a day of processions and sermons by the Capuchin friar, groups of Catholics attacked the Presbyterian and Baptist churches, smashing furniture, ripping up Bibles, and creating bonfires in front of the churches in which They burned sacred possessions. The violence continued throughout the following day, until police arrived and dispersed the crowds (Helgen, 2020, p. 236).

fanatismo que existe [na diocese do Crato]” (Moura, 1978, p. 46-47). Nas duas décadas subsequentes, mais bispos do Nordeste seguiram proibições semelhantes. No entanto, durante toda a era da ditadura, Frei Damião desfrutou do favor de bispos, padres e políticos que o viam como um defensor da moralidade católica tridentina e um “baluarte” contra os excessos dos reformadores do Vaticano II. De tal modo, embora suas atitudes e mensagens mudassem muito pouco, seu status como representante do catolicismo oficial ou ortodoxo dependia da identidade teológica ou política do observador. Além do mais, diante da brutalidade da repressão do governo militar, quando o bispo no Recife (PE), Dom Helder Camara e outros bispos, padres, freiras, congregações religiosas e leigos defenderam os direitos humanos, o capuchinho Frei Damião permaneceu silencioso.

Frei Damião encontrou um vasto terreno de missão, espalhado pelos Estados do Nordeste. Pôs-se a trabalhar como andarilho para conter o mal: pregou missões, moveu-se incansavelmente por mais sessenta anos de uma cidade para outra desafiando todas as distâncias, a fome, o sono, o calor, tudo para alcançar as almas. Com o passar do tempo, tornou-se incapaz de se manter atualizado e sua forma de pregar lhe causava certo desagrado, por ser considerado ultrapassada. Mas, Frei Damião não deu ouvidos, não desistiu. Em algumas dioceses do Nordeste foi proibido de fazer missões ao povo, para seu desgosto; e, por isso, nem sempre obedeceu aos seus superiores.

A tese mostrou que diante dos fatos relatados por entrevistados, cordelistas, historiadores e biógrafos, os fiéis afluíam aos espaços onde o Frei Damião realizava as missões populares, porque queriam preservar hábitos, práticas e costumes herdados em família e nas comunidades isoladas onde viviam, encontrando no capuchinho italiano o estímulo àquelas práticas e, sobretudo, às antigas virtudes morais ameaçadas pela vida secularizada. Além do mais, o capuchinho concordava com uma instituição centralizada no clero, nos agentes consagrados, em detrimento do mundo em processo de secularização. Esse acontecido reforça a convicção de que o frade não acatou a proposta de renovação do Concílio II, como ficou clarividente no tópico 3.3, “Frei Damião (1953), “Em Defesa da Fé”, reafirmando à doutrina católica baseada na sólida estrutura do Concílio de Trento (1545-1563) e do Vaticano I (1869-1870).

A cultura popular nordestina corresponde a uma cultura de tradição oral. É impossível dissociar a figura do conselheiro da cultura popular do Nordeste, onde se verifica maior existência de beatos e conselheiros. A presença do conselheiro parece ser típica do catolicismo popular sertanejo. Salta aos olhos a complexidade dessa figura aparentemente simples, tal como a figura do pajé – onde possivelmente estão suas origens – o conselheiro é possuidor de

sabedoria familiar, transmitida de geração em geração, mas também a sabedoria dos ancestrais, à qual poucas pessoas têm acesso. O conselheiro é o fiel depositário da herança cultural do povo do sertão, onde o bom senso e religião são inseparáveis. A presença do conselheiro na cultura nordestina está na memória dos líderes nativos dos quilombos e das comunidades indígenas. São eles os responsáveis pela comunidade nos seus ensinamentos e curas; são os condutores do seu povo, na função de conselheiro em assuntos religiosos.

Na justa medida, espera-se que o conselheiro dê sinais de santidade porque reside o valor do conselho, brota daí o fenômeno da Santidade (Vauchez, 1987, p. 292-5) e do culto aos santos como antropológico, porque supera tempos, lugares e estruturas religiosas. Com esse objetivo não quer dizer que essa pessoa seja isenta de defeitos, porém, que ela tenha tal intimidade com o divino – Francisca Paula de Jesus (1808-1895), Nhá Chica ou Tia Chica de Baependi (MG) perguntava a Nossa Senhora qual conselho devia dar a quem a procurava – que sua palavra é percebida como vinda de Deus. O monge João Maria na região do Contestado. Não se pode falar de uma característica do catolicismo, porque outras tradições religiosas têm apreço por guias espirituais. A exemplo do guru, o pajé, o xamã e outras pessoas que fazem alguma forma de direção espiritual. O que se observa é que algumas questões são cíclicas. Desse modo, fica ratificado que o fenômeno em torno de Frei Damião não é regional, pois ocorre em outras localidades, outras épocas e outros contextos.

Os conselhos em sua grande maioria tratam de decisões a serem tomadas na vida prática do cotidiano. Desde a compra de um terreno, cavar uma cisterna, mudar de domicílio e também diante dos erros cometidos, é o conselheiro quem indica o caminho de sua reparação: - “quem matou, não mate mais; quem roubou, não roube mais”, aconselhava o Padre Cícero. Os seus conselhos, junto aos romeiros, não perderam a validade com a distância do tempo. A função de conselheiro não pertence ao passado. São conselhos de exigências comportamentais – “não beber, não fumar, não fazer anarquia, não dançar” (Barbosa, 2007, p. 107). São reportados conselhos de viés moralistas, quase no mesmo teor de alguns mandamentos.

Os devotos nordestinos notam no capuchinho não apenas o religioso atormentado com a salvação de suas almas, mas um conselheiro, tal qual seu antecessor direto, Padre Cícero. Lira Neto (2009, p. 281) diz que “Cícero passa a acumular as funções de conselheiro, benzedor e curandeiro”. Constatamos como os devotos se identificam com o seu passado, mediante as práticas religiosas do Frei, mas também, por outro lado, como se apropriam de seus conselhos e dos bens sagrados distribuídos pelo frade. Se bem que, Frei Damião estar ligado à elite religiosa, mas é visto pelos devotos e romeiros do interior como conselheiro e que pertencente à sua cultura. Moura (1976, p. 201-206) interpreta a devoção à figura de Frei Damião por conta

desse líder carismático representar a defesa das tradições religiosas herdadas desde a infância. A tradição dos penitentes, que coincidia pertencer a um tempo já decorrido, reviveu no capuchinho italiano sua elocução maior. Segundo Marangon (2006, p. 21) Frei Damião faz parte de uma tradição de capuchinhos que marcou presença no Nordeste. Oliveira (1997, p. 37) adverte que o missionário, falando um italiano misturado com o português, conseguiu ser entendido mais por gestos e pela fé com que impregnava os fiéis. Sua presença em qualquer comunidade rural, atraía gente de toda redondeza. Todos desejam ouvi-lo, mesmo com a sua voz rouca. Suas missões marcaram a história por onde o Frei Damião andou, desde a sua chegada ao Nordeste, cujo ambiente já preparado anteriormente por um encadeamento de missionários, beatos e conselheiros.

Frei Lazzari (2003, p. 75) comenta que como o Padre Pio de Pietrelcina, Frei Damião foi “devotado pelo amor de Deus ao próximo”. Acerca do Padre Pio, Allegri (2017, p. 280) diz que “consequia confessar durante quinze ou dezesseis horas seguidas, sem comer. [...]. Ele escuta, consolava e, em nome de Deus, reconciliava”. Padre Pio chegava a “escrever cartas para as pessoas, pois era acostumado a dar conselhos espirituais por correspondência” (Allegri, 2017, p. 281). Uma ligação entre Frei Damião e o Padre Pio é a capacidade de reconciliação, porque é um aspecto característico da tradição capuchinha. Os dois foram incansáveis conselheiros na forma habitual de missões populares.

Pode-se ainda problematizar, porém, em que medida a figura do conselheiro está atualizado, sob outras denominações religiosas e seculares, em outras formas regionais de catolicismo popular brasileiro. O conselheiro anda no mesmo caminho do movimento representado pelo cangaceiro nordestino Lampião. A vida religiosa de Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938)¹³⁸ foi interrompida abruptamente. A fidelidade à promessa percorre toda a vida de Lampião. Ele traz consigo o rosário de Juazeiro do Norte (CE) ao pescoço, recita aos sábados – às vezes cantando baixinho – o Ofício de Nossa Senhora da Conceição, jejua rigorosamente, toda sexta-feira, reza pelas almas cada segunda-feira. O que importa aqui é a estrutura da promessa, onde é capaz de dar dignidade a uma vida marcada pela injustiça e a desordem social. É conveniente estudar, mas esse não é o caso em questão, por que, na cultura popular, a vingança é apreciada como “dever sagrado”.

Seguindo a tradição do catolicismo popular, Padre Ibiapina (figura matricial) de

¹³⁸ Segundo Hoornaert (1976, p. 189-201), “o jovem Virgulino Ferreira da Silva foi batizado, fez a primeira comunhão, foi criado pela avó, foi crismado pelo bispo de Floresta (PE). Tudo indica que a sua ida para o cangaço foi encarada dentro da estrutura da promessa: Lampião oferece sua espingarda a Nossa Senhora da Conceição e se considera cavaleiro do cangaço, defensor dos pobres e oprimidos, pai de seu povo sertanejo, na linha de “Carlos Magno e os doze pares da França”, cuja história ele tinha lido ou ouvido cantar por meio da literatura de cordel.

conselheiros do povo, seguido pelo beato Antônio Conselheiro (no arraial de Canudos, alia-se ao trabalho desenvolvido por Padre Ibiapina). O Padre Cícero e Frei Damião foram conselheiros “tanto a nível individual como a nível social” do Nordeste brasileiro (Nuvens, 1994, p. 28). Fica assim, a princípio, demonstrado que o Frei europeu, inserido no esquema tridentino, com disciplina, pregava suas missões, sem se dar conta de que estava “antropofagicamente” engolido pelo povo nordestino, tornando-se a derradeira linhagem de conselheiros, sobretudo, do povo do semiárido nordestino.

REFERÊNCIAS

- ALBERICH, E. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. (Adaptação para o Brasil e América Latina: Luiz Alves de Lima). São Paulo: Salesiana, 2004.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi da (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- ANDRADE, Oswaldo de. Manifesto antropófago. *In*: SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas**. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1995. p.142-147.
- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero**: Mito e Realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- ARAÚJO JÚNIOR, Luis. O padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil. **Revista Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 34, n. 93, p.197-222, maio/ago. 2002.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Padre Ibiapina**: peregrino da caridade. São Paulo: Paulinas, 1996.
- AZEVEDO, Thales. **O catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Brasília: MEC, 1955.
- AZZI, Riolando. **História da igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O joaseiro celeste**: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero. São Paulo: Attar, 2007.
- BARRETO, Francisco Murilo de Sá. *In*: A vida em Cristo e na Igreja. **Revista de Liturgia**, [S. l.]: n. 65, set./out. 1984. (Capa).
- BARRETO, Francisco Murilo de Sá. **Padre Cícero**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A terra da mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.
- BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**. Brasília: Senado Federal, 1997.
- BORGES, José Francisco. **Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade**. [S. l.: s. n.], [S.d.]. (Livrinho de cordel).
- BORGES, José Francisco. **O Verdadeiro Aviso de Frei Damião**. [S. l.: s. n.], [S.d.]. (mimeo).

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.32. Cap.2.

BOZZANO, Frei Damião de. **Em defesa da fé**. Recife: Paulinas, 1955.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero**: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Bauru: Edusc, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna – Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALDEIRA, R. Coppe. O Concílio Vaticano II: apontamentos bibliográficos para um estudo historiográfico. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 43, n. 120, p. 211-226, maio/ago. 2011.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. 3. ed. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Uma cruz para os enforcados**: práticas e penitenciais em Nossa Senhora das Dores (SE). 2009. 296 f. Tese. (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, Recife, 2009.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CERTEAU, Michel de. Cultura popular e religiosidade popular. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 40, nov./dez. 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15º ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a tradição de Jesus**. Org. por Ermínio Canova. São Paulo: Paulus, 2023.

COMBLIN, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulinas, 1993.

COMBLIN, José. Prolegômenos da catequese no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 27, n. 4, p.848, dez, 1967.

COMBLIN, José. Situação histórica do catolicismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 3, p.574-602, set. 1966.

COSTA, Gutemberg. **A presença de Frei Damião na literatura de cordel**. Brasília: Thesaurus, 1998.

COSTA, Gutemberg. **Profeta do Nordeste**. Natal: Clima, 1994.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1954.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Bauru: EDUSC, 2003. v. 2.

DICIONÁRIO Brasileiro de Literatura de Cordel – ABLC. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2005, 176p.

DOMÉZI, Maria Cecília. **Religiões na história do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015.

DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero, santo dos pobres, santo da Igreja**: revisões históricas e reconciliação, São Paulo: Paulinas, 2017.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

FEBVRE, L. Une sociologie de la pratique religieuse. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, [S. l.], v. 4, 1946, p. 350-351.

FIORIN, José Luís. O discurso de Antônio Conselheiro. **Religião & Sociedade**, São Paulo, v. 5, p. 95-129, jun. 1980.

FREIXINHO, Nilton. **O sertão arcaico do Nordeste do Brasil**: uma releitura. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

GAGNEBIN, J. M. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, S. GINZBURG, J. (orgs). Walter Benjam. **Rastro, aura e história**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2012.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império do Belo Monte**: vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GRUEN, Wolfgang. **Pequeno vocabulário da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1984.

GUIMARÃES, Therezinha Stella e Dumoulin, Anne. **O padre Cícero por ele mesmo**.

Petrópolis: Vozes, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HELDER, Câmara. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA]: Wikipedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lder_C%C3%A2mara. Acesso em: 9 out. 2023.

HELGEURA, Adela. Atitude da religiosidade popular diante da dor. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 44. fasc.173. mar. 1984. p. 49-55.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOORNAERT, Eduardo. A cristandade durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo. *et al.* **História Geral da Igreja na América latina**. Tomo II: História no Brasil, primeira época. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 310-311.

HOORNAERT, Eduardo. A distinção entre “Lei” e “Religião” no Nordeste. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 29, n. 3, p. 580-606, set. 1969.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**: 1550-1800. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

HOORNAERT, Eduardo. O Catolicismo Popular numa perspectiva de libertação: pressupostos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, p.189-201, mar. 1976.

HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos**: uma revisão histórica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **Verdadeira e falsa religião no Nordeste**. Bahia: Beneditina, 1972.

JASPARD, Jean-Marie. Os parâmetros da religiosidade popular e do seu estatuto sócio-cultural: aplicações ao caso da romaria ao Juazeiro do Padre Cícero. In: 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O PADRE CÍCERO E OS ROMEIROS DE JUAZEIRO DO NORTE. **Anais [...]**. Fortaleza, UFC, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: (O município e o regime representativo no Brasil). 4. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.

LEITE, José Costa. **A voz de Frei Damião**. [S. l.: s. n.], [S.d.]. (Livrinho de cordel).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIBÂNIO, João Batista. **As lógicas da cidade**: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LIBÂNIO, João Batista. **Linguagens sobre Jesus**: as linguagens tradicional, neotradicional pós-moderna, carismática, espírita e neopentecostal. São Paulo: Paulus, 2011.

LIMA, Antônio Carlos Ferreira. **Permanência do ciclo místico-religioso na literatura de cordel e sua correção com os níveis de construção textual**. 2008. 206 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

LINDBERG, Carter. A renovação católica e a contra-reforma. *In: As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LOPES, Diana Rodrigues. **Padre-Mestre Ibiapina e Casa de Caridade de Triumpho – PE**. Santa Cruz da Baixa: Gráfica Folha do Interior, 2004.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ultra, 1996, p. 417.

MAIOR, Mário Souto. **Frei Damião**: um santo? Recife: Massangana, 1998.

MARANGON, Mário. **Frei Damião**: diversidade e identidades culturais. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MELO, Veríssimo de. **Ensaio de Antropologia Brasileira**. Imprensa Universitária. Natal, 1973, p. 45-49.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Pe. Ibiapina: figura matricial do catolicismo rústico do Nordeste do século XIX. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 20, 1996, Caxambu. **Anais [...]**, Caxambu, 1996.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. **HCGCB**, [S. l.], n. 2, 1977.

MOURA, Abdalaziz de. **Frei Damião e os impasses da religião popular**. Petrópolis: Vozes, 1978.

MOURA, Carlos André Silva de. A pastoral de Dom Sebastião Leme em 1916 e o projeto de politização do Clero. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano IX, n. 25, maio/ago. 2016.

NUVENS, Plácido Cidade. Tentativas de Caracterização da Romaria de Juazeiro do Norte. *In:*

SEMINÁRIO DE 150 ANOS DE PADRE CÍCERO, 1994, Fortaleza/Juazeiro do Norte.
Anais [...] Fortaleza/ Juazeiro do Norte: Editora RCV, 1994, p.25-30.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Maria de Araújo: uma santa saindo da penumbra**. 1º ed. Juazeiro do Norte: BSG, 2021.

OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião, o santo das Missões**. São Paulo: FTD, 1997.

OLIVEIRA, Júlia Cotta de Lima. **Lideranças Quilombolas como criadores do Cosmo Quilombola**. 2018. 57 f. (Monografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Adeus à sociologia da religião. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 18, n.2, p.43-62, 1997.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Catolicismo Popular e romanização do catolicismo brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. n.141, p.131-143, mar. 1976.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. O catolicismo do povo. In: OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. **Evangelização e comportamento religioso popular**. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 11-40. [Cadernos de teologia e pastoral].

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Religião e dominação de classe: o caso da “Romanização”. **Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais**, Rio de Janeiro, 1980, p. 181.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Religiosidade popular na América Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 32, n.126, p.354-364, jun. 1972.

PAGELS, Elaine. **As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna**. Trad. De Ruy Jungmann. 2º ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

PEREIRA, Costa. **Carta aberta à Frei Damião: grande homem de fé**. Apeje, 1969. [Arquivo Público Estadual João Emerenciano].

PEREIRA, Euclides da Silva. **Discurso do Deputado Almeida Filho em defesa de Frei Damião**. [S. l.: s. n.], [S.d.]. (Cordel. RN).

PINSKY, Carla Bassanezi da *et al.* **Fontes Históricas**. 2. ed. 1. Impressão. São Paulo:

Contexto, 2008.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, relatórios técnicos e/ou científicos e artigos científicos:** conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 5. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2023. Disponível em: www.pucminas.br/biblioteca. Acesso em: 23 out. 2023.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **O campesinato brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **O mandonismo local**. São Paulo: Alfa e Ômega. 1976.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.

REGNI, Pietro Vittorino. **Os Capuchinhos na Bahia:** uma contribuição para a História da Igreja no Brasil. Salvador: Casa Provincial dos Capuchinhos, 1988. v. 1.

RIBEIRO, Darcy. Terra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 out. 1995.

ROLIM, Francisco. Condicionamentos sociais do Catolicismo Popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, p.142-170, mar. 1976.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **O cangaço nas batalhas da memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. **Padre Cícero do Juazeiro:** condenação e exclusão eclesial a reabilitação histórica. Maceió: EDUFAL, 2009.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Os Ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Império (1840-1889)**. 2010. (Tese de Doutorado). Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, 2010.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades – Revista de História da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2.p. 24-33, ago./dez. 2010.

SILVA, Aerton Alexander de Carvalho. **A construção de um taumaturgo:** a prática missionária de Frei Damião de Bozzano no nordeste brasileiro (1931-1997). 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro de vida e de morte:** um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. Ática, São Paulo, 1982.

SILVA, José Calasans Brandão. Cartografia de Canudos. *In:* SILVA, José Calasans Brandão. **Canudos:** origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. Salvador: Secretaria da

Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997.

SILVA, José Calasans Brandão. **Quase biografia de jagunços**: o séquito de Antônio Conselheiro. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986.

SILVA, José Luiz. **Frei Damião**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1977.

SILVA, Luiz Vieira. A herança de Frei Damião de Bozzano para o povo de Deus no Nordeste brasileiro. *In*: GOMES, Jociel (org.). **Frei Damião de Bozzano**: um apóstolo do Nordeste. Recife: Alencar Gráfica, 2015.

SILVA, Karine Monteiro da. **Catolicismo popular entre o amor e a cobiça**: inter-relações entre catolicismo popular, igreja católica oficial e poder público em Trindade. 2005. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

SILVA, Olegário Fernandes da. **Conselhos e sermão de Frei Damião**. [S. l.: s. n.], [S.d.]. (Livro de cordel).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: as perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1969.

SOUSA NETO, Francisco Lopes. **Frei Damião**: o missionário. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.

SOUZA, Carlos Frederico de. Pe. Cícero Romão Batista: por uma mística sertaneja do Cariri. **Revista Pistis & Praxis**: teologia e pastoral, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 338-374, maio/ago. 2018.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa. Petrópolis: Vozes, 1996.

TAUSSING, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Catolicismo plural**: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009. P.17-30. cap. 2.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Berteli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TORRES, Blancard. **Frei Damião**: o santo e o médico. Belo Horizonte: Alpha, 2004.

VAUCHEZ, André. **Santidade**. *In*: Enciclopédia Einaudi, v. 12 Mytos/logos. Sagrado/

profano. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987, p. 287-300.

VORVELEYN, Joseph. Reflexão Psicológica sobre a dimensão simbólica na religiosidade popular. *In*: 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O PADRE CÍCERO E OS ROMEIROS DE JUAZEIRO DO NRTE. **Anais** [...]. Fortaleza, UFC, 1988.

WALKER, Daniel. **Padre Cícero**: o conselheiro do sertão. Juazeiro do Norte: [S. n.], 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Perguntas formuladas para as pessoas que conheceram Frei Damião, que ocorreram na segunda quinzena de novembro de 2021

No primeiro momento nas cidades de Poço Redondo (SE), Malhada dos Bois (SE), Caruaru (PE), Juazeiro do Norte e Crato (CE) e no segundo momento algumas entrevistas realizadas por ocasião da dissertação de mestrado (2008-2010) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas no mês de julho de 2008 e nos dias 28 a 31 de maio de 2009, no Convento São Félix de Cantalice, na 12ª festa de Frei Damião.

As perguntas dirigidas em forma de diálogo:

- a) O que o senhor diz sobre as crenças e práticas religiosas de Frei Damião?
- b) O que você tem a dizer sobre Frei Damião e Padre Cícero?
- c) Por que o povo gostava de se confessar com Frei Damião?
- d) Essa proximidade de Frei Damião com o povo, tornou uma figura polêmica?
- e) Frei Damião foi usado politicamente?

APÊNDICE B – Algumas entrevistas

Quadro com os entrevistados e breve descrição de cada um deles

Entrevistado	Breve descrição
1. Aginaldo Carlos de Souza, Juazeiro do Norte (CE).	Natural do Estado de Rio de Janeiro, 74 anos de idade. Aportou ao Juazeiro do Norte, em agosto de 1958. Casado com uma juazeirense. Formado em Farmácia, na área de Homeopatia e Licenciatura em Letras e Direito pela Faculdade do Crato (CE).
2. Antônio Renato Soares de Casimiro, Juazeiro do Norte (CE).	Nasceu em Juazeiro do Norte (CE), em 26 setembro de 1949, filho do bancário, e depois comerciante, Luiz Gonçalves Casimiro, e da professora Doralice Soares Casimiro. Professor Aposentado. Graduado em Química Industrial (1968-1971) e em Engenharia Química (1972), pela Universidade Federal do Ceará. Doutor em Ciências dos Alimentos, pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas, da Universidade de São Paulo (1984). Desde 1963 é dedicado a estudos e pesquisas sobre a história e a cultura de Juazeiro do Norte e a vida do Padre Cícero Romão Batista. Foi membro da Comissão Diocesana de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero (2002-2005).
3. Pe. João Paulo de Araújo Gomes, Gravatá (PE).	Natural de Recife. Doutor em História da Igreja, pela PUG – Pontifícia Gregoriana de Roma (2011). Mestre em História da Igreja, pela PUG – Pontifícia Gregoriana de Roma (2007) e Graduação em Letras-Inglês (2000) pela FAFICA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Atualmente é docente da UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
4. José Mauro Matos, Juazeiro do Norte (CE).	Natural de Juazeiro do Norte (CE), conhecido como Mauro Matos, poeta e cordelista. É eletricitista de profissão, comediante e contador de causos. Estudou sempre em escolas públicas e na URCA. O seu avô Raimundo Barbosa dos Santos era carteiro do Padre Cícero.
5. Frei Raimundo Ferreira de Matos, Juazeiro do Norte (CE).	Natural de Campos Sales (CE) e Pároco do Santuário São Francisco das Chagas, Juazeiro do Norte, Diocese do Crato.
6. Padre Isaías Carlos Nascimento Filho, povoado Cruz da Donzela, em Malhada dos Bois (SE).	Nasceu em Riachão do Dantas (SE). Emigrou com a família para Aracaju, durante a seca de 1970. Faz parte do clero da Diocese de Propriá (SE). Atualmente é Padre no povoado Cruz da Donzela, município de Malhada dos Bois. É coordenador da Cáritas Diocesana de Propriá. Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, Recife. É autor de vários livros, em destaque para “Dom Brandão – um pastor com cheiro de ovelha”, fruto de sua dissertação de mestrado (2012) e publicado em Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2017, 2ª edição.
7. Joselito Gomes da Silva (ex-padre), atual prefeito de Gravatá (PE).	Natural de Bezerros (PE), 60 anos de idade. Atual Prefeito do município de Gravatá (PE), local dos primeiros ensaios missionários de Frei Damião, na pequena capela do Riacho do Mel, na festa de São Miguel Arcanjo, em setembro de 1931. Auxiliou e participou em Bezerros das missões do capuchinho, na condição de coroinha e, depois aos 17 anos, em Caruaru, como seminarista.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

ENTREVISTA 1 - Aguinaldo Carlos de Souza, Juazeiro do Norte (CE).

Aguinaldo: Meu nome é Agnaldo Carlos de Souza. Eu sou natural do Rio de Janeiro. Tenho 74 anos. Cheguei em Juazeiro, em agosto de 1958, portanto romeiro, né? Casado com uma juazeirense, porque, na minha idade, para encontrar filho nativo daqui é difícil, porque todo mundo é de fora. Porque a cidade é muito nova, cento e poucos anos. Sou formado em Farmácia, na área de Homeopatia, fiz Letras, na Faculdade do Crato, o curso de Direito também e outras coisas, especializações.

João: E o que o senhor tem a dizer sobre as crenças e práticas religiosas do Frei Damião?

Aguinaldo: É o seguinte, na realidade, o Frei Damião veio para o Juazeiro para combater o fanatismo do Padre Cícero. Eu não sei se os outros disseram, mas

João: O senhor não se preocupe com isso, não.

Aguinaldo: Então, ele veio com essa missão. Foi indo. Ele naquelas missões dele, de madrugada, etc., aquelas caminhadas. Meu amigo, daí a pouco, o povo de Juazeiro começou a dizer que o Frei Damião era o Padre Cícero. Então, foram perguntar ao Padre Cícero. Veja essa pergunta e veja a resposta: se ele era o Padre Cícero e o Frei Damião respondeu o seguinte: “não me compare com ele”. Tem duas interpretações aí, né? Uma que ele não queria ser o padre e a outra, sim. E eu acho que isso marcou. Então, daí a pouco, proibiram o Frei Damião de vir para cá. Não podia vir, porque ele estabeleceu uma outra vertente de fanatismo. Ele veio para tirar o fanatismo do Padre Cícero e, com pouco, o povo tá dizendo que ele era o Padre Cícero. Foi proibido pela Diocese de andar aqui. Há anos atrás, quando ele completou 50 anos da ordem dos capuchinhos, a ordem quis dar pra ele, como presente, ele voltar a Bozzano, sua cidade natal, na Itália, e ele não quis. Ele pediu, de presente, voltar ao Juazeiro e aqui veio, mas não ficou vindo com frequência. Foi só naquele momento. Foi uma apoteose. Eu mesmo vi o Frei Damião, pela primeira vez, em Floresta, no Pernambuco. Ele era proibido. Ele tinha uma função e por uma coincidência me encontrei com ele lá. Agora o que é de você perceber, com toda a fama do Frei Damião, as suas virtudes, que tinha dois pensamentos antagônicos entre o Padre Cícero e o Frei Damião: é o fogo do inferno, é o amancebado que o Frei Damião batia nisso aí. Já o Padre Cícero era o perdão: “quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais”. São duas vertentes. Sermões diferentes, antagônicos. O Frei Damião pregava isso aí: o medo, o fogo do inferno etc. Então, como Juazeiro era um porto seguro também para o Frei

Damião. Eu, particularmente, como observador, eu pensei que quando Frei Damião morresse, isso aqui ia ser um estrondo e não foi. Aí, você pergunta a que eu atribuo isso aí? Eu penso que aquela resposta, "não me compare a ele", foi interpretada do lado ruim, quer dizer, eu não quero ser ele. E eu, particularmente, pensava assim, eu, com todo respeito às virtudes do Frei Damião, eu digo, eu não dou cinco anos para ele ser esquecido. Eu acho que foi menos. Primeiramente, o Frei Damião foi, ao meu entender, sepultado no local completamente errado, no bairro do Pina. Disse que até perigoso de se ir lá, é. Então, Juazeiro, o senhor nunca observou, quando os cardeais, os estudantes que chegam aqui, eles ficam, é, assim. Não existe uma fé, como a fé romeira. É diferente de Aparecida. Lá, de Belém do Pará. É completamente diferente a fé romeira. Ele muda. Tem um padre aí, Padre Lima Verde, alguma coisa assim, que ele escreveu um livro que disse que o padre mudou o meu pensamento. Todo seminarista, que saía do seminário da Prainha e do Crato, era pra ser contra o Juazeiro e o Padre Cícero. O grande vigário de Juazeiro do Norte, depois do Padre Cícero, foi o Padre Francisco Murilo de Sá Barreto, o Vigário do Nordeste. Então, ele veio para aqui para ser contra e o romeiro e mudou a cabeça do padre Murilo.

João: Por que o povo gostava de se confessar com o Frei Damião?

Aguinaldo: Eu tenho impressão que tá respondido nas minhas respostas anteriores, porque para o povo, ele era o Padre Cícero. Era um padre virtuoso. Agora, o sermão dele era diverso do Padre Cícero. Ele era aquele do fogo do inferno, né? Pecou, é inferno. E o padre tinha outra, né?

João: Após o Vaticano II, Frei Damião foi proibido de missionar em várias dioceses do Nordeste e paróquias, inclusive lá, próximo da minha cidade, Nossa Senhora das Dores, no Alto Sertão, um lazarista belga disse a mim, né: "eu não quis mais ele aqui, porque ele fanatizava as coisas". Então, o Dom Vicente Matos, em 1978, mandou uma carta para Frei Damião e mandou uma carta para o provincial dos capuchinhos, pedindo que, pelo amor de Deus, não fosse mais às missões e joga a culpa para o povo dizendo que o povo é que fanatiza, O Dom Vicente. Tirando toda a responsabilidade do Frade Damião. Então, eu te pergunto, né. E aí, por que ele não se renova, ele não era um frade de paróquia, ele não discutia a pastoral, não é. Em período áureo da ditadura, ele se aliava aos coronéis e, conseqüentemente, aos fazendeiros e aos militares.

Aguinaldo: Mas a Igreja Católica é muito contraditória em tudo isso, porque aí você tem que

incluir nesse meio aí.

João: Não, aí, é o que eu digo, é a ambiguidade dele, do Frade, porque a igreja é muito (ampla?). Autonomia. Não dá pra ser muito. Enfim, né

Aguinaldo: Nisso aí que você disse, você tem que pensar na Irmã Dulce, Madre Teresa de Calcutá.

João: Mas vamos voltar pra ele. Ele é ambíguo. Ele não lia um jornal, ele não via televisão, ele não ouvia rádio, ou seja, o Frei Fernando Rossi botou ele nas costa.

Aguinaldo: Frei Fernando, um mal ou mau. Ele passou a dominar o Frei Damião, que, naquelas alturas do campeonato, coitado, já estava. E ele era quem estava por trás em tudo, na questão, inclusive, do dinheiro. Aqui, no Juazeiro, o Frei Damião se hospedava na casa de um homem muito rico e de costumes não republicanos, com relação às coisas da igreja.

João: Qual o nome dele?

Aguinaldo: Genário Oliveira, com gê.

João: E Fernando Collor? Na eleição de 1989 contra o Lula, usou a imagem do Frei Damião com santinho e distribuiu. Quando Collor ganhou, já era presidente, precisava inaugurar uma igreja, em Maceió, na periferia. O Frei Damião estava em Recife. E aí queriam que ele fosse lá celebrar. Mas só se fosse de helicóptero. Fernando falou. “A gente manda o helicóptero”. O provincial, Frei Chico, que era o provincial do Frei Damião, na época, elaborou uma carta pedindo ao Frei Damião que não fosse. Frei Fernando desobedeceu, junto com Frei Damião, e foram de helicóptero. Celebraram lá e depois retornaram.

Aguinaldo: Porque tinha dinheiro. Aquela foto do Collor que foi utilizada na campanha, não sei se o senhor sabe, ele estava doente aqui. Aquilo foi uma montagem. Ele estava doente aqui, nos franciscanos, em Juazeiro.

João: Porque contam que ele estava, no palco, no último comício aqui?

Aguinaldo: O que se apresentou foi isso aí, mas, na realidade, ele estava era deitado. Aquilo, ali, a Globo sabe fazer muito bem.

João: Mas é por que aparece ele?

Aguinaldo: Mas aí você faz. Você faz.

João: No último comício. Agora, o Renato e o Francisco, eles não afirmam que isso existiu. Que Frei Damião, no caso.

Aguinaldo: Não estava no palanque.

João: Ele disse que teve uma palavra chula do Collor que se noticiou, não é verdade, e que Frei Damião, se tivesse lá, ele não falaria. Bate?

Aguinaldo: Bate.

João: Só que Frei Damião estava aqui no convento

Aguinaldo: Estava no convento muito doente daquela erisipela, que era o que ele tinha.

João: Que já era o final da vida.

Aguinaldo: Aquilo ali foi uma montagem.

João: Nove anos depois ele falou isso.

Aguinaldo: Tinha que mostrar para o nordestino, especialmente, que o santo estava lá. E fazia parte do projeto dele, pra chegar e fazer o que ele fez.

Aguinaldo: Juazeiro é assim. Saindo um pouco, o padre Murilo era chamado de “o vigário do Nordeste”, porque ele tinha um sermão dirigido para você, na sua paróquia de origem. Por isso, é que ele era o “vigário do Nordeste”. Então, é um padre que ... Tá diferente aí. Eu sou católico apostólico, mas eu vejo as coisas muito diferentes. A gente vê que a nossa igreja, ela não é diferente das outras com relação ao dinheiro. Não é. Grande (?), que era um sítio, com sede no Crato, foi a questão de Juazeiro se rebelando e que não pagaria mais imposto. E houve a decisão etc (?). Ao meu entender, Juazeiro continua pagando imposto ao Crato. Como? Quem sustenta a diocese é o Padre Cícero. São os seus romeiros que sustentam a diocese do Crato. Eles estrebucham de todo jeito (?). “O cearense do século”, que eu fui o responsável por essa campanha, que foi um divisor de águas. A comunidade absolveu o padre e a igreja tem que acompanhar. Não é isso, aí? Então, não era para o Padre Cícero ganhar, e sim Edson Queiroz,

um mega industrial de televisão ligado à Globo. E eu ganhei a eleição. Fui o responsável. Eu sei o que eu fiz. Então, foi um divisor. Então, eles começaram a dizer que o Padre Cícero era filho do Crato e que não sei o quê e que ainda vai chegar um tempo em que eles vão querer levar o Padre Cícero pra lá. Vai ser uma guerra. Aqui, tem um fenômeno, como você bem sabe, da questão da hóstia, da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo, em 1889, em uma sexta-feira santa, não sabe disso?

João: Eu quero saber do túmulo dela.

Aguinaldo: Monsenhor Lima, na calada da noite, ou para agradar o bispo ou sob as ordens dele, deu sumiço ao túmulo dela, que era dentro da igreja. Quando você entra, logo na porta central, do lado direito. E os restos mortais dela, houve um descaminho, e ninguém sabe. Estiveram presentes o Monsenhor Lima, o José Teófilo Machado, do cartório, Então, quando eu fui presidente da Câmara de Juazeiro, durante 20 anos, eu criei um projeto, com Daniel Walter, com Renata Lima, “grandes vultos da história de Juazeiro”. O primeiro foi a beata Maria de Araújo, a placa estava do lado de fora, com aprovação eclesial. “Eu disse isso aqui não é uma solenidade, clandestina, na calada da noite, aqui é com aprovação eclesial” Não quero que bote meu nome. Foi também o Zé da Roca e o Beato Zé Lourenço. Os outros, que me sucederam, não deram prosseguimento a essas figuras, que são notáveis na história de Juazeiro do Norte, mas, eu vou, e lhe pergunto: “quem inventou romaria aqui para Juazeiro foi o Padre Monteiro do Crato”. Porque o padre Glicério e o padre Antero não eram dois padres que foram designados pelo bispo para verificar essa questão do jazigo do Juazeiro. Então, não havia explicação para aquilo que ocorria. Fizeram de tudo, abria a boca da beata, botava bicarbonato, como isso foi dezenas de vezes. Levaram a coitada pro Crato. Padre Alexandrino deixou ela meia hora com a boca aberta, quando botou, nada ocorreu. Meu pai está dizendo que o padre não está em estado de graça. Tome bolo de palmatória na negra, mulher negra e analfabeta. Então, o Padre Monteiro trouxe três mil pessoas naquele tempo. Imagine que isso é do Crato para aqui. Ele disse que se ele negasse o que os seus olhos viram, ele queria morrer cego. Quando veio o segundo processo que era o que o bispo queria e desmantela tudo; Todos eles foram obrigados a negar o que viram e ele morreu cego. Padre Monteiro. Coincidência ou não. Tem um livro, seria bom você anotar esse livro pra ver se você consegue “Do milagre à farsa do julgamento”, da autora Fátima Menezes, Editora Bagaço, do Rio de Janeiro, que foi quem comprou os direitos.

João: Fala de novo, por favor.

Aguinaldo: Fátima Menezes.

João: Tá certo.

Gente do céu!

Aguinaldo: Então, o que é que Fátima fez? Ela teve acesso aos arquivos da diocese. Encontrou toda a correspondência, a partir do Cardeal Arcoverde, que é quem mandava, o primeiro Cardeal do Brasil, e que fez todo o problema. Ela pegou tudo que foi feito para desdizer o primeiro processo. É isso aqui. São dois. O que voga, lá, em Roma, é o segundo, não é o primeiro. Foi esse mesmo que eu acho que a igreja nunca vai admitir o Padre Cícero. Padre Murilo disse que Dom Vicente não aceitaria estudar o Padre Cícero sem a parte política. A parte política, pra ele, foi para manter a paz aqui. Porque cada feudo, tinha os seus cabras. Daí surgiu um quadro que está na Câmara Municipal: “o pacto dos coronéis”, pacto de não agressão. Você, viu lá? Bate uma foto lá. Então, ia haver um banho de sangue aqui. E o padre foi para que isso não ocorresse. Aí, é a parte do Padre Cícero. A gente foge um pouco do cerne do “Frei Damião”. Pra eu que cheguei aqui nessa cidade, eu vi essa cidade com 30 mil habitantes, e agora tem 300 mil. Não existe explicação para Juazeiro. Portanto, na cabeça do romeiro, o Juazeiro é a Roma dos pobres. É o local mais próximo do céu. Isso é o que tem na cabeça deles. Eles vão rezam silenciosamente, porque não era proibido falar na beata? Não dava em excomunhão? Dava. A academia foi quem inventou o Zé Teodoro, o Primeiro Simpósio Internacional sobre a beata. Então, a academia começou a estudar. Veio aqui de todo canto, da Bélgica e etc., americanos para estudar.

João: Quando o Frei Damião veio, em 1931. Veio ele e mais dois em missão no Nordeste, Pernambuco. Três anos depois, em 1934, morre o Padre Cícero. Primeiros ensaios missionários dele foi em Riacho do Melo, em Gravatá. Começou por ali. E, nove anos depois da chegada dele, por volta de 1940, ele já atraía as massas, né. Então, essa proximidade com o povo, o tornou uma figura polêmica, dentro e fora da igreja. Quais as suas impressões sobre isso?

Aguinaldo: A diocese do Crato tinha uma média de trinta padres de vida irregular, amancebados, com escravas inclusive. Quem era que seguia o que estava escrito no evangelho? Só tinha um, o pobrezinho do Padre Cícero. Você imagina esse povo todo contra esse homem? O Dom Aloísio Lorscheider, que nunca deu uma palavra a favor do Padre Cícero, ele veio aqui, uma vez, com aquele negócio da terra. Mas eu estava aqui, numa rádio, numa TV que eu nem

assisto, num dia de domingo, mas eu tava assistindo à TV Cultura: então, Dom Aloísio Lorscheider, Monsenhor Mansueto e o entrevistador estavam falando dos 150 anos da Arquidiocese do Ceará. Lá, no meio dos debates, entrou o Padre Cícero, e ele disse assim “já é tempo da Igreja Católica pedir perdão ao pobrezinho do Padre Cícero”. Quando eu ouvi, eu disse, aqui tem um negócio errado. Veja como são as coisas. Eu fui à Fortaleza. Tem um amigo meu que faz um programa Eu fui lá e ele me disse, hoje você vai ser jurado. Eu gosto de rádio. Quando termina, o programa era ao vivo, ele me apresenta o diretor da TV Cultura. Eu digo, eu precisava falar com você. O que é? O programa tal, uma entrevista com Dom Aloísio Lorscheider, eu preciso de uma cópia do que ele disse. E ele me enviou. Eu cometi um erro. Estava acontecendo os estudos para levar para Roma, aquele negócio que foi feito errado. E eu entreguei ao padre Murilo e fiquei sem uma cópia. Então, fizeram tudo aquilo, os estudos. Muita gente aqui usa o nome do Padre Cícero, mas, os ricos, eles pensam apenas no dinheiro

João: Rapaz, você citou Dom Aloísio Lorscheider, presidente da CNBB, sobre esse episódio incrível

Aguinaldo: Sim, ele disse na TV Cultura. E eu tinha esse CD. E eu entreguei na diocese, gente de fora, psicólogo, parapsicólogo. Eu dei. Eu devia ter ficado com uma cópia, porque aquilo é um documento. Porque Dom Aloísio Lorscheider nunca abriu a boca pra falar nada. Ele usou esse termo que eu estou lhe dizendo. “Já é tempo da Igreja Católica pedir perdão ao pobrezinho do Padre Cícero”

João: Com relação ao social, Frei Damião nunca construiu absolutamente nada. A obra dele era os conselhos. O tempo todo. Segurar o devoto ao seus pés, no pé do ouvido. A imagem dele era uma imagem performática: barba a fazer, crucifixo de São Francisco na cintura, hábito marrom desgastado, e Frei Fernando controlando.

Aguinaldo: Você esteve com Régis Lopes, em Fortaleza?

João: Não. Pra essa pesquisa, não.

Aguinaldo: Seria bom você anotar e procurar fazer um contato. A última informação que eu tenho é que ele estava presidindo o Museu do Ceará. Não sei hoje. Lá terá informação, né? Certamente.

João: Então, é isso. Ele veio com essa noção.

Aguinaldo: Você vê o Padre Cícero com preceitos ecológicos naquela época. Hoje tão usando isso. Quer dizer, esse homem estava muito a frente. E a questão, que Padre Cícero era inculto, não é verdade. Ele teve conversas com Austragésilo de Athayde que desmitifica isso que ele era inculto. Agora você imagine todo mundo contra esse homem. Bispo, todo mundo. Essas aberturas que eu vejo hoje, reconciliação. Eu não acredito. É conversa mole. A reconciliação ali é o dinheiro. É o dinheiro que vem por intermédio dele. Olhe, Petrolina, eu acho que você já ouviu falar. Lá, é uma cidade fantástica. Já tá maior que Juazeiro. Lá tem um grupo político, “Os Coelhos”. Os caras realmente trabalharam por aquela cidade. Aí, veio o perímetro. Aquilo é riqueza e dinheiro, né? Eu tenho uma filha que tá terminando Medicina lá, na Federal, se forma ano que vem, se Deus quiser. Juazeiro não tem político. Como é que essa cidade cresce?

João: Deixa eu botar uma pimenta nessa conversa. Veja só. Os camponeses, a Liga de Pesca do Julião; Ele foi contra. Ele era um anticomunista, porque você já sabe, né. O comunismo sobrevoa o Brasil o tempo todo, né. O Julião, o advogado da Liga Camponesa, escreveu uma carta detonando com Frei Damião. O Mário Maragon, que é um historiador, da Universidade Federal de Pernambuco. Ele fez uma tese de doutorado sobre o Frei Damião. E ele coloca isso lá.

Aguinaldo: Esse cidadão que eu cite, o Genário Lopes, rico, latifundiário. E um deflorador de moças. Como você vai? Um santo? Aquilo só podia ser dinheiro. Frei Fernando, ele que conduzia isso aí. É uma coisa muito difícil da gente ter uma orientação pra julgar. Por exemplo, a arquidiocese de Salvador, publicou, talvez há uns 15 anos, “Floro Bartolomeu, o satanás de Juazeiro”. E lá ficava o Arcoverde, né. Naturalmente, isso é feito baseado ainda no que era o pensamento deles, né.

João: Como é o nome do artigo?

Aguinaldo: “Floro Bartolomeu, o Satanás de Juazeiro”.

Aguinaldo: Aí, entra o Floro Bartolomeu, um médico baiano, que veio para aqui com um conde francês atrás de uma mina de cobre que pertencia aos salesianos. Eu digo assim Floro Bartolomeu foi uma questão política, mas só existe Juazeiro do Norte e Padre Cícero por causa de Floro Bartolomeu. Porque a ordem de Franco Rabelo era levar a cabeça do padre em uma estaca. E Juazeiro depois do Governo do Estado. Houve o ciclo da Mãe de Deus, fizeram um valado de seis dias, porque houve orientação com uma pessoa que tinha participado da Guerra

de Canudos. O Floro foi lá e trouxe todas as estratégias, quando o exército vinha do Crato com um canhão. O pessoal (?). E tem mais, dizem, aí pode ser verdade ou não, que o canhão atirou pra trás. E outro disse que Padre Cícero tava na frente do canhão. Não existe nenhuma figura neste país biografada igual ao Padre Cícero. Nenhuma. Daí a pouco. É multifacetada, vem um aspecto que você ainda não tinha percebido e o padre, que trouxe os salesianos pra cá, veio prestar uma homenagem, em 89, por aí, ele deixou tudo certo, porque os frades o acolheram em Roma, quando ele foi lá pra se defender. Ele deixou terreno pra escola. Esse padre ele era diferente. Agora, você veja bem, quem é que fala, hoje, em Getúlio Vargas? O pai dos pobres. Quem fala em Ayrton Senna? Quem fala em Tancredo Neves? Agora, esse homem, há tanto tempo que morreu, faz é aumentar todo ano. Então, você aquele grupo de romeiros, não é mais aquele romeiro que tinha há trinta anos atrás. Não. Eles têm carro. Não querem rancho. Querem pousada com ar condicionado. É desse jeito aí. Agora, no finados, houve uma certa restrição, não tinha aberto totalmente, mas vieram de carro, com as famílias. Mas por que esse povo vem? Aí você pergunta ao cara e ele diz: “meu bisavô vinha”. Quantas vezes você já veio? “Cinquenta.” Não tem quem consiga. O padre é um negócio e a igreja aceitar ou não o Padre Cícero, ao meu entender, não acrescenta coisa nenhuma. Ele é do jeito que é.

ENTREVISTA 2 - Antônio Renato Soares de Casimiro, Juazeiro do Norte (CE).

João: O que o senhor diz sobre as crenças e práticas religiosas de Frei Damião?

Dr Renato: Olha, eu acho que ele fez parte dessa coisa, assim mais secular da Igreja, no sentido de que toda a prática religiosa tem uma visão, assim, muito conservadora, do ponto de vista dos ritos e, sobretudo, da fidelidade à missão.

Então, são coisas, assim, marcantes, né, na questão do padre, do Frei Damião, porque, uma das coisas que sempre foi muito realçada, foi o fato de que a prédica dele, é uma prédica muito incisiva no sentido de uma fidelidade ao rito e, especialmente em coisas, assim, muito expressiva, pra tocar fundo o próprio povo, com relação a essa fidelidade. Então, por exemplo, nisso emerge um discurso, assim, muito incisivo sobre a pena, sobre o pecado, sobre a exigência de que o devoto deve cumpri-la acima de tudo, no sentido de não se desviar da mensagem. Por exemplo, eu acho que, de alguma maneira, como a minha consciência foi um pouco pré-conciliar ao Vaticano II. Ela difere, substancialmente, daquilo que foi, por exemplo, a imagem dita pelos devotos, especialmente, na região do Cariri, sobre a forma como a pregação do Frei Damião incidia muito, assim de uma forma a cobrar do devoto uma fidelidade pelas regras, de uma maneira a não se afastar nunca, sob pena de não ganhar a vida eterna.

João: Pegando a parte que o senhor respondeu, após o Vaticano segundo ou o Vaticano ecumênico, né, de renovação, Frei Damião foi proibido de missionar em algumas paróquias e dioceses do Nordeste.

Dr Renato: Isso. Eu acho que era uma interpretação bastante consequente, em razão da abertura que se deu para uma série de questões, que, talvez, diante da prédica dele, representasse uma liberdade, ou uma liberalidade, sobre algo que ele não gostaria de abrir mão. Não é? Por exemplo, algumas coisas, que ficaram muito flagrantes, foi no rito da missa, por exemplo, da forma como a missa passou a ser celebrada nessa abertura de contato com o povo: a adoção da linguagem, da língua contemporânea, como algo que permeava mais esse acesso mais livre do devoto, do crente em relação à mensagem da igreja. O Frei Damião carregava essa ortodoxia de não alterar isso daí, como sinal evidente desse compromisso de fidelidade com a igreja, né. Então, eu acho que, por aí, foi visto uma série de questões que pareciam abrir mão dessa maior relação do devoto com a igreja.

João: Essa proximidade de Frei Damião com o povo, o tornou uma figura polêmica dentro e fora da igreja.

Dr Renato: Muito. Aqui, no caso do Juazeiro, teve um primeiro momento que se fez um paralelismo, não é, de tanto que, inclusive, na literatura, você vai encontrar em diversas oportunidades esse paralelismo, visto ora entre Conselheiro, Ibiapina, Frei Damião, Padre Cícero. Quer dizer, esses quatro pareciam encarar algo que era aquilo da visão mais conservadora da missão da igreja: dito por uma palavra de que se, por um lado, a igreja é mãe e mestra, não é, por outro lado, ela também cobra, como ela é dentro da fidelidade, um rigor da observância a todos os pressupostos, né, dessa filiação com o catolicismo, que é, por exemplo, a observância clara aos mandamentos, não é. A fidelidade aos ritos, a frequência de determinadas questões, como, por exemplo, as leituras, não é. Um caso muito específico do nordestino que é, particularmente, com a questão da recitação do rosário, como prática religiosa da igreja, dentro da sua própria casa mesmo, né, enfim. Coisas assim que realmente significava que o missionário que pregava, nesse sentido, tinha naturalmente aquela sensação, de fato, de ser um enviado de Deus. Aqueles que não cumpriam isso, sem dúvida, tinham essa segregação, essa diferença, essa indiferença, talvez, de não ser considerado. Acho que veio daí uma certa ruptura, né. Eu me lembro que isso percorreu até o imaginário popular, do ponto de vista da composição literária de cordel e tal, né, que passou, mais ainda, a sacramentar a missão de Frei Damião do que combatê-la.

João: Ele só perde na tiragem do Cordel para Padre Cícero.

Dr Renato: É verdade. Agora, mas ele ganha do Padre Cícero, com relação a essa linha de orientação da conduta que o fez missionário, mas porque o padre não teve essa visão do missionário Itinerante pelo sertão. Foi um homem assediado.

João: Até pela suspensão da ordem dele, né. Ele ficou fixo. Não podia administrar os sacramentos, mas os conselhos eram dados pelo Padre Cícero, que são lembrados até hoje.

Dr Renato: E ele tinha, digamos assim, uma saída, pra isso que era “o seu próprio púlpito”, que era a janela de sua residência, onde isso era, digamos assim, a instância mais frequente e, sobretudo, regular, do dia a dia, né. Aquilo que não tinha, digamos, a celebração litúrgica, mas tinha uma parte dela que é importante, porque tocava fundo.

João: Esse fenômeno que o povo gostava muito de se confessar com Frei Damião. Poderia ter

mil padres, mas o devoto só procurava por ele.

Dr Renato: Uma presença. Pela sua própria postura física, antes mesmo de ficar tão crítica a própria situação de saúde dele, né, de dependência e tal. Aquilo era um primeiro momento de “contrição” dessa relação entre o confessor e o confessado. Não é. E, pelo que eu ouvia, verbalizado de outras pessoas como era a postura dele: ele era muito assim impositivo, no sentido de que a postura do devoto fosse, efetivamente, da confissão sobre aquilo que lhe era mais íntimo. Porque ele, pela linguagem, pela postura, parecia impor essa obrigação. Então, é muito comum que haja declarações da parte de pessoas, falando, até de um certo alívio, de que aquela confissão produziu esse efeito, como se fosse um descarrego confidente daquilo que era tão íntimo. Não é? Alguns até, certamente, muito mais rigorosos do que cobraria até a própria igreja, coisas que poderiam estar colocando no hábito da postura humana mesmo, pequenos sinais de desvio de conduta, algumas coisas do temperamento da pessoa, muito mais do que aquilo que fosse um flagrante do pecado, a questão intencional de produzir aquela coisa delituosa, né e tal. E o Frei Damião tinha essa postura, no sentido de ser visto dessa maneira, de tal forma que se tornou tão comum. Eu me lembro que, algumas vezes, eu cheguei a ver filas assim intermináveis, não é, na presença dele aqui nos franciscanos. E daí, porque, em vista desses elementos, começa essa identidade, como a questão, assim mais ampla, da própria religiosidade nordestina, que é muito conservadora nessa questão da prática da sua própria religiosidade, que isso foi o elemento marcante dessa interação para fazer, historicamente, uma permanência longa, longa mesmo, não é, de devotos aqui. De tal maneira, que nós temos, aqui, inclusive, na região, algumas pessoas que eram marcantes, né, nesse apoio, nessa logística de favorecer a permanência dele aqui. Eram pessoas até, de certa maneira, assim, bem postas, do ponto de vista socioeconômico, não é, que faziam questão inclusive de acompanhar, de favorecê-lo, assim, com doações para a manutenção das suas obras e tal, o que levava, com uma certa frequência, que ele viesse, voltasse ao trazer. Então, tudo parecia assim conspirar, nesse sentido, né, a permanência dele aqui até que, efetivamente, terminou se reproduzindo, não é, algo de animosidade como foi o caso do Ibiapina, que foi, literalmente, expulso do Ceará.

João: E o que o senhor tem a dizer sobre a relação que o devoto faz entre o Padre Cícero e o Frei Damião?

Dr Renato: Olha, eu acho que é uma leitura deturpada, porque são características muito marcantes e diferenciadas, não é...Eu diria que, por exemplo, a oratória, a maneira de fazer essa exposição sobre o que é a vida e a presença do cristão, diante da realidade, do seu ambiente de

vida. No caso do Frei Damião, era algo assim muito marcado por regras de conduta, de sentimento, não é, de observância, muito mais rígida do que a própria, né. Quando a gente vê, por exemplo, andaram fazendo muitas transcrições de correspondências do Padre Cícero, uma vez que não foi possível, ainda, gravar alguma coisa dele, a não ser na memória de algumas pessoas antigas. Qual era realmente o sentido dessa sua prédica, de como era este ministério pela palavra do Padre Cícero, não é?

Então, a linguagem é mais vista pelo lado dessa familiaridade com a vida sertaneja, né, para dizer coisas como eram aquelas, do tipo assim: “quem matou, não mate mais”, né, “quem roubou, não roube mais”. Quer dizer, o Padre Cícero usou de um artifício de linguagem muito mais, eu diria assim, muito mais liberal, no sentido de não abrindo mão da conveniência de que isso é que é, realmente, um sinal evidente da igreja, não é. Diante daquilo que era mais flagrante no Frei Damião. Porque, no caso do Frei Damião, era uma coisa direta, não circunscrita a qualquer tipo de imagem do cotidiano, e era como se fosse algo de uma pessoa que está quase aplicando um castigo

João: Era um castigo.

Dr Renato: Porque não era o castigo que ele aplicava. Era o castigo que ele antevia pelo fato das pessoas não seguirem aquelas orientações que ele dava. Nisso, difere muito. Né ... Na essência, os dois tiveram, sem dúvida, já que a gente pode falar do período mesmo do exterior, na Itália, e a forma mais clássica da formação eclesial dos seminários brasileiros, aquilo que se chamava a romanização.

João: Falando na romanização, no Nordeste, a religiosidade nossa foi muito marcada pelo que Euclides da Cunha escreveu na sua obra “Os Sertões”, fanáticos, brancos, supersticiosos. O senhor não vê nenhum sinal? Porque quando Frei Damião veio, ele não veio sozinho: ele veio com mais dois. Não era para acabar com isso aqui, não? Pra ser bem grosso, pra se moldar, pra quebrar aqueles sertanejos? E aí, o que que acontece, me perdoe, usando a antropofagia, lembrando de Oswald de Andrade, que os índios deglutiram sardinha ... Essa antropofagia. Será que o sertanejo, nós, sertanejos, não comemos o missionário, Frei Damião, e transformamos ele em conselheiro?

Dr Renato: Como uma figura de imagem, eu acho que está perfeito. Eu também concordo com isso, ou seja, essa foi a assimilação mais rápida, porque os sinais evidentes dessa empatia, dessa

simpatia, dessa adoção, dessa apropriação da mensagem, ela foi muito rápida, muito rápida, não é ... O caso, a gente tinha, por exemplo, no caso de Ibiapina que é a matriz de tudo, tem um período relativamente longo, mas associado, que é uma obra social, muito importante e dispersa em vários territórios do Nordeste, né. Então, isso teve um lado dessa imensa simpatia, no sentido de ser ainda hoje como é. Sobretudo, pelos que se debruçaram mais sobre os estudos dessa missão, de caracterizá-la como a matriz, não é.

Então, diferentemente, em todos eles, né. Você tem, por exemplo, não só pela crônica histórica de Euclides da Cunha, você tem a figura messiânica, assim, e rústica do conselheiro, mas com compromisso social extremamente elevado, e eles perceberam isso. Quer dizer que parte da resistência de Canudos, e só da maneira violenta, como realmente foi erradicado, mostra claramente a fidelidade com que esse povo assumiu essa mensagem. A permanência dos demais, como é o caso do que hoje ainda se devota a Ibiapina, principalmente, na Zona Norte do Estado do Ceará, mas também na Paraíba, não é. É o caso mais específico e mais difuso de Frei Damião e Padre Cícero, no sertão do Nordeste. É bem um atestado dessa identidade, com que o povo viu que, realmente, estava, digamos, sendo introjetado, né, dentro do devoto de uma forma, assim, definitiva.

Eu acho que essa figura, que você pegou, ela é muito pertinente, nesse sentido, né, de que é uma antropofagia, assim, misto de cultura e religiosidade, não é, dentro da concepção que, provavelmente, eles podem ter usado talvez até um pouco, inconscientemente, para firmar essa relação, com a qual, a fidelidade foi absoluta, não é. Afinal de contas, passados tantos anos, a gente ainda tem a certeza, quem conhece esses locais, assim mais apropriados, como é o caso de Juazeiro, locais de missões, lá, na Paraíba, ou mesmo lá na região de Sobral e tal. Ver que é uma história viva. É alguma coisa que não arrefeceu. Ela pode ter mudado de algo assim, aparentemente, da prática pela influência cultural, como é que a sociedade passou a adotar essa convivência aí, da religiosidade, com a dureza do dia a dia, seja por quais razões possa acontecer, não é, mas que eternos: ligações assim impossíveis de serem rompidas, né. Por exemplo, aqui, no caso do Juazeiro, a gente pode até imaginar que o Juazeiro ainda vai se alterar em todos os elementos da sua atual sobrevivência, mas nunca deixará de ter esse elo fundante. Porque é uma coisa basilar na formação de gerações que se sucederam, não é, carregando viva essa mensagem. Uma mensagem que não passa por livro, por exemplo, ela é tão conservadora, né, porque ela vai pela oralidade, ela vai por algumas coisas, o Cordel, por exemplo, é uma maneira, de vez por outra, fazer uma espécie de reciclagem, né, de desconhecimento, para que

os novos não se percam nisso, não é.

Então, eu concordo inteiramente nisso, quer dizer, houve realmente a presença. Interessante que isso que você menciona, parece que a gente costuma reencontrar em certas coisas. Por exemplo, o Cariri hoje vive um momento, assim, de um pouco de ansiedade, com relação à expectativa da igreja oficial, a igreja romana, digamos assim, Dicastérios, da hierarquia, sobre a tomada de posição sobre essas pessoas, né, como se dissesse assim “todos nós já resolvemos isso”. E nós temos essa propriedade de eternizar a mensagem e todos os ensinamentos dessas pessoas, mas e a igreja para qual eu também ainda me conservo fiel, o que é que ela pode ainda fazer?

O caso mais recente é de uma devota daqui, do começo do século 20, que martirizou-se em razão da própria defesa, né, que é o caso da Benigna Cardoso. Esse processo tá lá, no Vaticano, já foi a instância de proclamação de beata. Será beatificada. Seria, em outubro, do ano passado, se vai ficar para uma outra oportunidade, mas é, sem dúvida, alguma coisa que se coloca diante dessa realidade, que você, de uma forma tão cristalina colocou, de que é essa autofagia, né, que se faz, diante de pessoas iluminadas, com relação a partir da mensagem, né, da fraternidade, da observância aquilo que foram os preceitos fundantes da igreja e da mensagem do Cristo, não é? Então, tudo isso parece ser renovado por essas figuras que vão aparecendo. Aqui, no Juazeiro, nós tivemos uma confraria extremamente numerosa de homens operosos e de mulheres operosas, que eram pessoas da primeira adesão à confraria dos beatos do padre Ibiapina. Eles tinham, digamos assim, até como a gente costuma dizer, nichos ecológicos muito específicos, né, das suas ocupações sociais na comunidade e tudo, a despeito do grande envolvimento com o serviço da igreja, né, da pastoral, sobretudo, de maior ligação com os menos favorecidos e tudo. Eram, por assim dizer, homens e mulheres que tinham uma tipologia de serviço. Aqui e acolá, lamentavelmente, tinha alguém que era assim mais algo fora dessa curva, mas eram pessoas que tinham uma prática muito conservadora da sua religiosidade e quando verbaliza, verbaliza algo que estava no encontro daquelas, diria até em um certo momento, daquelas intimidações que vinham pelas prédicas tanto do Padre Cícero, pela necessidade de fazer, urgentemente, algo que renovasse sua vida pela observância dos mandamentos e de todas as lições, né, que a igreja preconizava para que as pessoas tivessem a vida eterna.

Pessoa não identificada: Dr Renato, deixa só, moendo aqui, o que você falou sobre Padre Cícero e Frei Damião. Pode até desligar aí, que a gente entra em um assunto. Assim, você falando, me deu na cabeça, quer dizer, que padre Cícero e Frei Damião, todos os dois, tinham uma linguagem muito diferente. O padre Cícero tinha a preocupação com o homem, na

sobrevivência, na terra ... como sobreviver para não ir embora do Nordeste. E o Frei Damião tinha a preocupação de tirar ele do fogo do inferno, né ...

Dr Renato: Exatamente.

Para colocar, lá, no céu. E fazia aquele medo. Você fugir do fogo do inferno. E já o Padre Cícero não falava, não tinha essa linguagem.

Dr Renato: Não é que não estivesse presente. De alguma maneira, estava, mas não tinha esse foco. Não era tão centrado na questão. O Frei Damião, num certo sentido, depois que a gente viu a maneira como a igreja determinou uma larga abertura, pós 63/64, por aí adiante. E já no concílio, mais recente, é algo que, de certa maneira, produzia, em um primeiro contato, um grande constrangimento. Quer dizer, parecia que já havia um castigo imposto aqui, se não houvesse essa observação. Então, nem pensar a ideia da repercussão nisso, a respeito dessa questão mais imaginária sobre o futuro da vida, a vida eterna, o estado de graça permanente, né e tal. Então, há pessoas que sempre se posicionaram assim, à distância, como críticos da mensagem do Frei Damião, como algo que impôs um temor: um temor em flagrante de medo, em que muitos tiveram a sensibilidade de ter o respeito e a adoção dessas práticas, exatamente, porque esse temor parecia espantá-los muito mais, né, daquilo que eles já acreditavam e parecia ser algo mais determinantes da dificuldade de se chegar a esse estado de graça, que seria realmente preparar sua vida para o outro momento, quando se abandona em Deus, não é, como o futuro de vida, né, depois da morte.

João: Ele foi muito usado politicamente.

Dr Renato: Ah, sim.

João: Tem um episódio, que eu até mencionei com o Francisco, que é preciso rever isso na literatura ... que na eleição do Collor e Lula, em 1989, segundo a fonte que eu ... teve um comício aqui. O último. E o Frei Damião tava no palanque com o Collor. Ele era muito amigo do Collor. E o Collor se juntava muito a ele, né.

Dr Renato: Sim.

João: Depois que o Collor ganhou a eleição, pediu para Frei Damião celebrar uma missa num bairro pobre de Maceió. O provincial, Frei Chico, na época, junto com os irmãos endereçou

uma carta ao Fernando Rossi, pedindo que não levasse o Frei Damião pra celebrar essa missa, por conta de todo esse uso político e ideológico. Mas o Frei Chico me confessou, hoje ele tá lá em Ouricuri, onde o Frei Fernando Rossi morreu, em uma Vila do São Francisco: Frei Chico disse que Frei Fernando Rossi desobedeceu. E levou. O helicóptero veio pegá-lo, lá, no Pina, e o levou para Maceió, para celebrar essa missa a pedido do presidente Collor. Já era presidente.

Dr Renato: Nós aqui não vimos. Eu não lembro da parte da igreja não houve isso, mas houve uma manipulação bastante sequenciada. Eu tenho algumas imagens mostrando, por exemplo, às vezes, eram circunstanciais. Vamos supor, estava iniciando, casualmente, um programa de vacinação, então, lá estava figurando, de repente, o Frei Damião aparecia em meio aquele momento e tal. Então, fazia esse tipo de coisa, né ... Em palanque eleitoral, eu, sinceramente, não vi nenhuma vez. Eu vi realmente, muitas ocasiões, em que ele parecia ser um convidado, de estar em um momento mais assim oficial de prefeitura ou de estado ou de união por interesses de outros, né. Aqui a gente conhece diversas pessoas que tinham essa relação próxima do poder, do Poder Executivo, principalmente, né.

João: Ao fazer essa aproximação, ele, muitas vezes, ele é. Porque era um período de ditadura, né, que viveu.

Dr Renato: Ah, sim.

João: Então, ele aproximando os grandes coronéis. Frei Damião era essa figura ambígua, né. Há uma ambiguidade.

Dr Renato: Interessante é que essa é uma ambiguidade, mais ou menos, comum, a questão do Padre Cícero. [João: E dos santos?] Circunstancialmente, o padre Cícero inclusive terminou chefe político do Juazeiro. Foi o mais longo dos prefeitos. Foi reeleito várias vezes oficiosamente, né. Aliás, não oficiosamente, não pelo voto direto, mas por indicação, por determinação do governo, do estado e tal ... Então, esse lado é inevitável. Quer dizer, não sei se a nossa cabeça está sempre voltada para o entendimento da missão do religioso apenas nesse plano da religiosidade, sem levar em conta essa interação com possibilidade de repercussões mais interessantes, do ponto de vista da relação com o povo, com a comunidade, e em oportunidades como essa, né. Evidente que há uma coisa muito prática e objetiva. São dividendos políticos que se quer obter, como se houvesse uma filiação do religioso com aquela imagem da missão que ele realiza, como algo próximo também dos interesses dos políticos, o que nem sempre é verdadeiro. A coisa é bem pragmática, no sentido do “toma lá, dá cá”, né?

ENTREVISTA 3 - Pe. João Paulo de Araújo Gomes, Gravatá (PE).

João: Bom dia! Estou aqui, na Igreja Matriz de Senhora Santana, de Gravatá, Pernambuco, conversando com o pároco.

Padre João Paulo: Padre João Paulo de Araújo Gomes

João: Padre, por favor, qual a relação do Padre Cícero com o Frei Damião?

Padre João Paulo: Não tenho, nenhuma sombra de dúvidas, que Frei Damião é santo, que ele fez muito bem. É um grande missionário, mas não se pode esquecer, na relação com o Padre Cícero, Frei Damião era muito utilizado, por uma ala da igreja, que queria tentar diminuir o trabalho feito por Padre Cícero. Padre Cícero era um homem que teve uma grande ressonância popular, no tempo dele, um grande líder religioso e que não tinha boa relação com a hierarquia, tanto que era necessário sobrepor, ao Padre Cícero, um outro personagem, que fosse atrelado à hierarquia, que fosse mais ligado a Roma, que combatesse a credice, a religiosidade popular, a superstição, que eram algumas coisas das quais o movimento de Padre Cícero era acusado. Então, por isso, o Padre Cícero e Frei Damião foram muito impulsionados. Tanto que uma questão mesmo estrutural, na cidade do Juazeiro, foi o incentivo a construção da Igreja de São Francisco. A Igreja de São Francisco precisava ser maior do que a igreja das Dores, porque, assim, a religiosidade capuchinha, franciscana, do Frei Damião, iria fazer o povo esquecer Padre Cícero. Só que isso não funcionou, porque nem Frei Damião entrou nesse jogo, e nem conseguiu diminuir o fervor da devoção que as pessoas têm ao Padre Cícero. Agora, as missões de Frei Damião, e a própria figura de Frei Damião, foi muito incentivada, como modo de atrair o romeiro para Frei Damião para que ele esquecesse o Padre Cícero. Só que isso não aconteceu, porque nem o próprio Frei Damião entrou nesse jogo. Então, são personalidades diferentes, né. E o próprio Frei Damião tem uma abordagem devocional, espiritual, sacramental, que também era contemplada por Padre Cícero, mas que vai além disso. Padre Cícero tinha um forte empenho social. Padre Cícero está muito mais na linha de Padre Ibiapina, que o inspirou, do que de Frei Damião. Não é. Então, Frei Damião, ele ajuda nessa missão de evangelização, mas, por exemplo, Frei Damião não tem uma abordagem social, naquele sentido de Ibiapina, de construir hospital, construir cemitério. Então, a missão de Frei Damião era uma missão espiritual, de confessar o povo, de celebrar a missa, fazia muito bem, mas não era uma missão como a de Ibiapina, porque além do pessoal, de confessar, construía açude, construía Casa de

Saúde, construía não sei o quê.

João: Padre, com relação ao Vaticano II, 1962 a 1965, aqui, no Nordeste, a evangelização, por meio da CNBB, na época era Dom Helder Câmara, se pensava numa renovação, né, num (?) dessa evangelização, mas o Frei Damião, ele, não parou para pensar. Primeiro, ele não era de paróquia, ele não discutia a catequese. Ele ia para as missões. Era mandado para as missões. A agenda dele era enorme. O que que isso, né, inclusive, chegando, em 1976, o Dom Vicente Matos escrevendo cartas tanto diretamente ao Frei Damião, como ao provincial dele, o Frei Chico, dizendo que não fosse mais às missões. Não é no sentido de que ele estaria, por exemplo, “atrapalhando” essa renovação por meio do Vaticano II.

Padre João Paulo: Olhe, eu acredito que, aqui, você tem que dividir duas coisas: tem que dividir a pessoa de Frei Damião, a missão dele, a santidade dele, a coerência de vida dele, a vida pobre e simples dele, o trabalho que ele fez, evangelizando àqueles que são os esquecidos da sociedade. Então, quando ele chegava numa cidade, ele atraía as pessoas, ele confessava, ele conversava. Então, isso tem um Frei Damião, que, vamos dizer assim, que é o Frei Damião originário, que foi uma coisa boa, que trouxe coisas boas para o Nordeste, que não deixava de ser contraditório com aquele momento da igreja dos pobres. Porque, quem Frei Damião serviu, foram os pobres. É claro que muita gente rica seguia também Frei Damião, mas era os pobres que iam atrás de Frei Damião. E ele escutava os pobres. Ele, muito antes da gente falar em lugar de fala, ele já dava lugar de fala ao pobre, quando ele sentava para escutar confissão. Ele escutava mais do que falava. Então, ele dava um lugar ao pobre falar, o que pobre queria falar, seus dramas, sofrimentos. Então, essa é a pessoa de Frei Damião. Agora é inegável que a pessoa de Frei Damião, a pessoa de Padre Cícero, a pessoa de Ibiapina, tudo são figuras icônicas tão grandes, que elas se tornam manipuláveis por pessoas nas suas ideologias. Então, é inegável que Frei Damião foi usado, como modo de contrapor a uma igreja que fosse mais social, mas era uma manipulação da imagem dele. Não era ele que era assim. Era uma manipulação de sua imagem feita por algumas pessoas que resistiram, mas, por exemplo, ele tinha preocupação de nunca ir em uma diocese que o bispo não autorizasse. Ele perguntava antes se o bispo autorizava. Ele nunca teve problemas. Eu morei em Recife, era Dom Helder Câmara, teve missões em Recife. Nunca Dom Helder foi contra as missões de Frei Damião, mas são abordagens diversas que enriquecem a igreja, Então, Frei Damião, nesse contato pessoal com o pobre, na escuta do drama do pobre. E esses grandes luminares da igreja dos pobres, do Concílio Vaticano II, com essa preocupação maior, não só de cuidar do pobre, mas das causas da pobreza. Na hora de entrar na estrutura da pobreza, aí, Frei Damião, não era o campo dele. Não era o

campo que ele trabalhava muito. Já os outros bispos trabalhavam as causas estruturais da pobreza. Então são dois enfoques da mesma problemática.

João: Muito bem. Muito obrigado!

ENTREVISTA 4 – José Mauro Matos, Juazeiro do Norte (CE).

O meu nome é **José Mauro Matos**, mas eu sou popularmente conhecido como Mauro Matos, cordelista. Eu sou filho de Juazeiro do Norte (CE).

O meu avô era carteiro do padre Cícero, conviveu com ele e me contou muitas histórias a respeito de fatos que ainda não está na baila das conversas, porque o assunto ficou em família. Eu sou funcionário público. Trabalho na prefeitura, sou eletricitista, mas é um hobby, é um lazer fazer os cordéis.

E dentro das histórias dos cordéis, eu tenho um diferencial, no qual todos os meus cordéis, eles narram histórias e fatos que aconteceram. Os cordéis são míticos.

O cordéis são fabricados. São poemas feitos em cima de histórias como o Abraão Batista, que é um grande nome, montado na cacunda do furacão. Nem furacão tem cacunda, nem o cabra monta no furacão, mas tem a poesia que fala daquela história.

“A chegada de Lampião no inferno”, então, são fatos que os poetas, os cordelistas cantam e contam na literatura. E eu, desde cedo, meu avô dizia que a literatura de cordel é um jornal que publica o que o jornal não publica. Então, tudo, que um cordel tem, é da boca do povo. É a linguagem popular. É a raiz do seio do povo, a matriz da linguagem. Certo? Do nosso linguajar poético vem através da poesia, da literatura de cordel. O cordel é, para nós, uma linguagem onde você fala, narra, e as pessoas têm uma sede de buscar.

Quando tem um cordel novo, as pessoas partem para ver, estudar, ler, recitar ... é muito aceita a linguagem cordelística. E na minha realidade é essa. É fazer a literatura de cordel em cima de fatos que realmente aconteceram. E, dentro desses fatos, têm a história do Padre Cícero, têm a história do beato José Lourenço, têm a história do Caldeirão, a história do Boi Mansinho, a história do Frei Damião que onde entra a narrativa, onde as pessoas acreditam que o Frei Damião é a continuidade do passo a passo que o Padre Cícero deu continuidade aqui. Deu início a isso aqui.

Por exemplo, o Padre Cícero, ele tinha uma forma carinhosa de atender as pessoas e todo mundo queria que o Padre Cícero tivesse um afilhado: o seu filho você dava pra ele. A maioria das pessoas de Juazeiro davam o filho pro padre ser padrinho. Então, ele é o padre e o padrinho Cícero. Por isso, que vem o padrinho porque ele apadrinhou muita gente aqui. E após o

desencarne do Padre Cícero, no surgimento do Frei Damião, esse mesmo fato de as pessoas levarem os filhos para batizar, o Frei Damião batizou muita gente e ficou também conhecido como padrinho Frei Damião. Então, o padrinho Frei Damião, consecutivamente, na linguagem popular, dentro do seio da fé do povo, é a reencarnação do Padre Cícero, uma manifestação espiritual que veio para orientar o nordestino.

Então, o Padre Cícero, a história dele, quando a Igreja tentou acabar, tentou denegrir a imagem do Padre Cícero por conta dos milagres que acontecia aqui, que, na realidade, quem é o santo na história é a Beata, a Maria de Araújo, ela é que era santa. Ela é que viu Jesus Cristo. Ela é que avisava o que ia acontecer.

É tanto que quando houve a reforma da Igreja lá do Socorro, que foram ver o túmulo, os restos mortais dela estão sumido. Não porque mexeram. Foi por encanto. Não houve participação da mão humana. Até então, quando foram mexer lá, acreditavam que o corpo tava lá. Aí, depois vieram dizer que o corpo foi tirado, foi mexido. Deram fim aos restos mortais, mas nada disso se comprova. O que a gente sabe, na realidade, as pessoas mais próximas sabe, que foi surpresa geral, o desaparecimento dos responsáveis da beata.

E o Frei Damião era um tipo de pastor, de missionário, de frade, da ordem religiosa dele, que ele não deixava as coisas se misturar os assuntos. Era como se ele não quisesse que aquilo ali viesse à baila, mas ele se favorecia disso, porque os empresários da região do Cariri, por exemplo, o Severino Duarte, Antônio Duarte, que tinha uma grande indústria de sandálias aqui, ia buscar ele em Pernambuco pra ele celebrar missa aqui. E pagavam a ele divinamente bem, com hospedagem, com regalias, com comidas boas.

E o Padre, ele tinha uma particularidade, ele conhecia as pessoas melhor do que você imaginava: você chegava lá pra resolver um problema e ele dizia uma coisa que tava acontecendo lá na cozinha de sua casa, o Frei Damião. Muitas vezes chegou gente pra se casar com ele e ele dizia: se for amancebado, eu abençoo o casamento porque amancebado não entra no céu. E muitas pessoas que viviam juntas, que eram tido como amancebamento, como juntou. Sabe? Esses acasalamientos naturais que se dá, que eram condenados pela sociedade. Ele casava as pessoas para acabar com aquele preconceito, pra acabar com aquele estigma de que o casamento, que não foi abençoado, era uma coisa do satanás. Entendeu? E por conta dele fazer muito isso, atribuíram a ele esses dotes que ele tinha espirituais, que ele herdou do Santo Padre Cícero.

ENTREVISTA 5 – Frei Raimundo, Juazeiro do Norte (CE).

João: Estou perguntando por que as pessoas, devotos e fiéis, gostavam de confessar com Frei Damião? Mesmo com outras opções, o povo só queria ele, né ... Qual é o segredo, né? Que fenômeno é esse?

Frei Raimundo: É, a figura do Frei Damião atraía a multidão. Talvez pela sua popularidade, que se deu, no Nordeste, para o tipo de missão, que ele deu continuidade, que já era vivenciada por outros capuchinhos missionários, que vieram de outros cantos para evangelizar o Nordeste. Frei Damião não foi diferente do estilo missionário dos capuchinhos que trouxemos de outras regiões, sobretudo, da Itália. Ele é um italiano nato e chegou aqui, muito jovem, e conservou esse tipo de missão em todo Nordeste. Me veio à memória que para conservar esse tipo de missão, o Frei Damião, ele vai seguir os passos de outros frades antigos, como, por exemplo, os freis, que começaram a chegar, aqui, em Juazeiro, se consta de 1948. Então, os freis vieram pra cá. Temos revistas históricas que vão mostrar isso, que na praça de Padre Cícero havia uma grande concentração. Ali, os freis usavam da palavra para anunciar o evangelho. E, dentro desta missão, o anúncio, também tem a vivência sacramental, que faz parte do projeto de evangelização. E se contabilizava, anualmente, o número de confissões, número de eucaristias entregues, o número de batismos, não é. Então, dada essa realidade histórica, e de vivência, do próprio modo de se fazer a missão capuchinha. Então, o Frei Damião vem para o Nordeste, e faz, continuar essa missão. E o estilo de pregação que foca muito, você tem toda teologia moral, da salvação, das obras de misericórdia etc. Então, Frei Damião anuncia e o povo vê, sente, escolhe como um profeta, como aquele que tá dando essa quantidade desse anúncio. Então, tudo isso, eu vejo que o perfil dele, na missão, no cotidiano das cidades do Nordeste todo. Então, vai ter essa preferência do povo, de forma que, ainda criança, foi o primeiro frade que eu vi na minha vida, foi o Frei Damião, na cidade de Potengi. Lá, então, bem cedo, às cinco horas da manhã, ainda me recordo criança, vindo do sítio com uma caravana de pessoas, avós, mães etc. para escutar Frei Damião. E a pregação, me recordo da voz dele, uma voz fina, sotaque forte, não é, muito baixo. E aquela multidão para Frei Damião confessar. Então, essa proposta de anúncio, de trazer a presença de Deus, de ser portador dessa graça, piamente, e acolher no coração. Então, acho que esse segredo de ser o conselheiro, Frei Damião, o confessor, é parte dessa forma dele explicar a palavra. O povo sentia a necessidade de acolher e de ir atrás da escuta e da confissão.

João: É possível a gente pensar, frei, o Nordeste é muito grande. Então, como a gente sabe, a nossa região é subdividida em outras regiões, né, o litoral, o Vale do Cotegipe, a Zona da Mata, o Agreste. Eu mesmo moro no Agreste, em Nossa Senhora das Dores, que é uma região intermediária entre o litoral, o semiárido e o sertão. É possível a gente pensar que ele se adaptou mais ao sertão?

Frei Raimundo: Acredito que, diante dessa divisão, possa ser que ele se adaptou, mas acredito que ele tenha percorrido todas as regiões, não é. E o sertão, talvez tenha uma necessidade maior de anúncio, de escuta das próprias dioceses ou paróquias, sabendo da figura e de como Frei Damião atraia o povo, se interessou mais. Então, esse foco dele, de estar mais perto dessa região, do sertão, tenha essa necessidade. Por exemplo, no Ceará, essa visão por regiões, que nós estamos focados, e a região do Cariri. E, aqui, se percebe, né, essa presença viva de Frei Damião, mais do que nas regiões do norte do estado, que é mais distante, a própria região do litoral, que também já é mais distante. Pega nesse miolo aqui, o Ceará, interligando com os dois estados vizinhos ou três, vão pegar Rio Grande do Norte, pegar a Paraíba, Pernambuco e o Piauí. Então, há esse foco e essa memória viva de Frei Damião.

João: Uma outra coisa, Frei, um pouco, meio espinhenta, foi, depois do Vaticano II, (62-65), há toda uma renovação, né, uma mudança, um (?), sobretudo, no Nordeste, porque o Vaticano, né, Roma, né, via um pouco, com desconfiança, a questão, por exemplo, do Padre Cícero, aqui no Nordeste, aquela preocupação, mas o Frei Damião, ele não era um frade de paróquia, ele não era fixo. Ele era ambulante, andarilho mesmo, né, e, em 1978, o próprio Dom Vicente Matos, da diocese do Crato, escreveu uma carta tanto ao provincial da época, como ao Frei Damião, dizendo que não mais fosse às missões. Me parece que houve aí um mal-estar, né. Ele, como muito obediente, mas o povo querendo, alguma coisa assim para nos iluminar sobre isso?

Frei Raimundo: Se fala. Dados históricos, documentos escritos, eu desconheço, mas, no imaginário do povo, é muito viva essas recordações de que se noticiou. De que pela diocese do Crato, houve essas proibições canônicas para o Frei Damião não pregar nesta região do Cariri e neste período do citado bispo, Dom Vicente de Matos. Porém, vejo que as razões eu desconheço, né. Se era de suplemento canônico, se não haveria uma unidade da paróquia com a própria equipe missionária de Frei Damião, porque, é de se convir que, dentro dos métodos das relações comum, quando se convida equipe missionária para fazer o sistema, na sua paróquia, na sua região, tem que estar de acordo com a diocese, de acordo com a paróquia, entendeu? Hoje, por exemplo, o foco desses grandes padres, eles se comunicam muito bem

pelos canais de televisão de evangelização. Então, quando se tem um *show*, por exemplo, algum momento celebrativo, tem essa linha de comunicação. A não ser que o indivíduo venha à revelia. Quando isso acontece, então, a gente quer umas sanções, né, porque hoje precisa muito dessa linguagem de relacionamento, né, de respeito. Só não sei, se para a época, você citou aí, 1978, né, já se falava disso. Então, possa ser que tenha acontecido. E, de fato, ainda nos anos 90, o vigário da minha terra, que foi e hoje não é mais, o Padre José Leite de Campos Sales, chegando recente na paróquia, também, já era o Dom Nilton, e ele trouxe Frei Damião para a minha cidade. Me recordo desse período, anos 90. Ele chegou a óbito em 1997. Há, no histórico, no imaginário do povo, essas recordações de que Frei Damião não podia passar por essas cidades, porque havia essa proibição. E também se diz, né, no imaginário do povo, que uma vez feito isso, havia uma maldição para aquele povo, aquela cidade, de que a cidade não iria crescer, ia sofrer algumas sanções. Também o povo trás isso hoje, né. É interessante recordar isso e pesquisar esses fundamentos.

João: No documento lá, essa carta, o Dom Vicente coloca o povo como maior responsável, que o povo é mais tido ao fanatismo. Então, de uma certa forma, não joga a responsabilidade toda pro frade, mas joga para o povo, né? Um pouco era de esperar, né, que o povo é mais dado ao fanatismo, que o povo vive um pouco na ignorância, né, um pouco por aí. Por conta que é uma religiosidade, um catolicismo popular, um catolicismo do povo, religiosidade rural, porque a gente via. Quando eu fui lá, em 2009, no Pina, onde ele está, na Capelinha de Nossa Senhora das Graças, eu fiquei ali todo o novenário, é mais lavradores, pobres, muitas vezes, até espoliados de suas terras, e aí que recorrer a Frei Damião é quase como recorrer ao próprio Padre Cícero. Mas quando os jornalistas, por maldade ou por desconhecimento, associavam ele ao Padre Cícero, ele não gostava. Ele era muito duro em relação a isso.

Frei Raimundo: Ele era muito incisivo de fato. Diante desses olhos preocupantes, pastorais das cidades certificadas nessa carta do bispo, penso que eu poderia ter essa preocupação teológica, não sei, uma preocupação pastoral de que havia uma idolatria na pessoa de Frei Damião, mas acredito que dentro do seu ser missionário, da sua ação de evangelização, ele não focava isso. Sempre, eu acredito, nessa proposta do anúncio de trazer presente a palavra, da proposta do reino, né. E também pelo próprio discurso dele de trazer presente aquilo que, para o momento, era sinal da graça e da conversão. Por exemplo, ele batia muito em cima dos casais amigados, né, juntos, amancebados, como obra demoníaca.

João: Em cima disso, frei, a gente percebe também que mesmo ele estando em pleno século 20,

não é, e com Vaticano Segundo, ecumenismo, que ele era muito avesso ao protestantismo, ao comunismo e a maçonaria, né. Quando a gente vê a lista dos conselhos que ele dava, muito, ainda assim, um pouco Conselho de Trento, um tridentino, em pleno século 20, mas que deu certo, né, porque atraía multidões.

Frei Raimundo: E essa ansiedade do povo, nesse sentido, da igreja que é uma igreja conservadora. Você sente hoje, por exemplo, esses grandes movimentos carismáticos, que são de uma linha muito radical e que atraí multidões, né. Os colegas, sacerdotes, que têm um discurso, evidentemente, muito anti-vaticano segundo, ideias tridentinas. E parece que isso continua a atrair o povo nesse sentido. Agora a diferença, que eu vejo, é que, o Frei Damião, ele falava uma linguagem do povo, e que o povo se sentia assim aliviado, se sentia atraído, né. É isso que é bonito da gente focar e buscar essa compreensão, porque essa linguagem é simbólica, com tanto moralismo, dava resposta ao povo, né.

João: A imagem performática dele, né, chinelo de dedo, batina surrada, barba a fazer, cordão de São Francisco na cintura, terço na mão, sino de manhã cedo tocando. Eu mesmo toquei na barba dele duas vezes, quando eu me confessei com ele, lá na cidade de Nossa Senhora das Dores, quando eu tinha 10 ou 11 anos de idade, tocava na cabecinha dele. Era uma fila enorme. A escola parou. Porque, o senhor sabe, em uma cidade pequena, tudo ali em volta se convergia pra lá, a cidade parava, né. O comércio funcionava bem, porque todo mundo queria comprar uma roupinha nova, um chinelinho, uma coisa. Eu sei que aquela imagem dele ficou, né. Não tinha um discurso, como a gente acabou de falar, como hoje, uma renovação, de televisão. Naquela época, não tinha. Era ele.

Frei Raimundo: O atrativo era ele. Perfeito. Então, essa metodologia, dada aos capuchinhos, né, e também o discurso dele, talvez por ter sido formado aí, porque a formação dele chega ser antes do concílio, talvez tenha que buscar aprofundar isso, onde foram os fundamentos da formação dele, e a partir dessa formação dele, o porquê desse discurso com essa linha de moralismo, né, sobretudo aversão às igrejas protestantes, a maçonaria. Então, veja que, ele dá uma resposta com foco no que ele passou, que ele se preparou e que também tava como um discurso da época, né. E embora já pós-vaticano, ele não assimilou. Outra questão para aprofundar, como é que ele se via, no coração dele, né. Se poderia, ele, demonstrar alguma coisa ou se ele aprofundou, se ele foi, se ele esqueceu isso, que foi antes do concílio. Esse pensamento aí.

João: Em 1989, foi a eleição do Presidente Collor com o presidente Lula. E o Fernando Collor de Mello colou muito nele, no Frei Damião. Se dizia até amigo. O último comício foi no Juazeiro do Norte, e o Collor, ao lado, no palanque, o Frei Damião e santinho sendo distribuído com os dois, Collor e o Frei Damião. Ele foi muito usado aí, né, por esse ...

Frei Raimundo: É. Eu acredito. Quanto a isso, se não tomar cuidado, Frei Damião foi usado. Aí, a gente precisa fazer uma leitura, né. E não sei como a gente poderia pensar essa manipulação. O que estava por trás disso?

João: Frei Fernando Rossi.

Frei Raimundo: O secretário, essa ligação Ele tava em, na terra de... Acho que ele era alagoano, de Alagoas.

João: Alagoano.

Frei Raimundo: Alagoano. Esse ex-presidente, né, ele tem muito conhecimento de Frei Damião. Se aproveitaram disso, né. Hoje em dia, se você também não é astuto, sua imagem acaba sendo usada, não é? Por exemplo, recorro aqui, que, em 2019, eu estava fazendo um trabalho missionário, de levar a imagem do nosso santuário, a imagem de São Francisco para uma presença do dia de oração, no mercado público, aqui do bairro Pio XII. E, por aquela ocasião, que eu estava ali, tava também em campanha para deputado estadual, e me vi diante de um candidato conhecido, um colega. Ele, viu Frei Raimundo, aí deu a mão ... Pronto, aquela imagem ali correu o Juazeiro todinho.

João: Entendo.

Frei Raimundo: Esse aproveitamento, não é. Então, possa ser que tenha, não sei, uma coisa arquitetada. Se alguém que tivesse ali para ... Deve ter alguém que se aproveitou disso, né. Então, mas acredito que ele não ia apoiar, mas agora também tem aquela história que as ideias da esquerda daquela época, eram ideias satânicas, comunismo. Então, tem todas essas leituras que é preciso fazer para depois não acusar ninguém.

João: E a última, por fim, seria a mais recente, já é uma conclusão minha, no caso do doutorado, até para lançar para os que virão depois, no sentido de por que que colocou, né, o corpo dele, o mausoléu dele, no Pina, em vez de colocar no sertão ou em Gravatá, Caruaru. Passei em Gravatá

e conversei com o pároco, João Paulo, e conversei com o prefeito, Joselito, que foi ex-padre e que trabalhou com Frei Damião. E tive lá no Riacho do Mel. Então, aí, já é ... Eles estão pensando em levar para a praia, para o litoral, capital.

Frei Raimundo: Aí, como frade, eu vejo com preocupação. A ordem tem que ter sempre esse controle, né, a província, né. Esse controle posterior dos restos mortais, porque torna-se centro de peregrinação, de desenvolvimento, cultura. Enfim, uma figura como Frei Damião já torna, aqui em Juazeiro, a gente celebra semanalmente a hora da graça, todas as quartas-feiras. Foi um momento instituído pelo Frei Damião, em memória dele. Reza pela beatificação. Hoje ele é servo de Deus. Ele é venerável hoje nessa escala. E a gente, então faz esse trabalho. Então, essa preocupação, eu vejo, como uma iniciativa para posteriormente poder esses (...?) Já em construção, na cidade de Caruaru, me parece, não é, tenha um memorial lá. Tem essa iniciativa e esperamos. Estamos nessa fase de andamento para a beatificação. Os passos já foram dados. Hoje só se espera que se proclame beato, porque nesse processo da beatificação, há um milagre. Segundo o frei Jociel, que é o postulador aqui, já existe esses milagres comprovados, mas estão esperando pelas decisões do Vaticano, né, das comissões, das congregações ... Dá para ver o processo e, seguramente, tirando o corpo de Frei Damião lá do Pina e transportando pra cá. Futuramente, a gente tem esse anseio. Agora, eu vejo, que tem o interesse. No caso, como frade, dentro da ordem, da própria ordem, poder. Nós temos muitos santos, os frades capuchinhos.

João: É a maior.

Frei Raimundo: Graças a Deus. Temos essa experiência para poder gerir, gestão, né, de ter controle das coisas para depois não ficar aí nas mãos de alheios. Eu vejo essa preocupação, né. Sobretudo, também, um bem material ou espiritual de tudo isso, né. Eu acho que vão focar nisso, nessa dimensão.

João: Obrigado.

Frei Raimundo: De nada, professor João.

ENTREVISTA 6 – Padre Isaías Carlos Nascimento Filho, povoado Cruz da Donzela, em Malhada dos Bois (SE).

João: Estou aqui com o padre Isaías, no povoado Cruz da Donzela, município de Malhada dos Bois. Então, acabei de chegar aqui, bem acolhido. É ... E estamos aqui conversando sobre o Frei Damião e o Frei Fernando. Então, Padre Isaías, o senhor pode ...

Padre Isaías: Não conheci Frei Fernando. Eu conheci o Frei Damião. Mas, quando eu cheguei na diocese, em 83, olhando o registro da diocese, eu encontrei informações de que Frei Damião passou bem uns dois meses em missão (inaudível ...). Não sei dizer os anos agora, mas depois, a gente pode pesquisar aqui nos livros (inaudível). No final dos anos 70, houve um levante dos ricos, dos grandes proprietários e políticos da região contra o bispo da diocese, contra a igreja, né. Porque a Igreja focava na dignidade dos pobres: a questão dos posseiros, a questão indígena. Os posseiros, vamos lembrar aqui, o pessoal de Santa Luz dos Frades, o pessoal de Betume, Neópolis, Igreja de São Pedro. Então, entre esses casos, os fazendeiros da região se levantaram, com o apoio jurídico do deputado, juiz e doutor Francisco de Mello Novaes. Ele era o grande opositor da cidade, inclusive ele ameaçava de morte. Ameaçou verbalmente o Padre Nestor. Irmã Francisca que me falou que teve cara a cara com Novais, quando Novaes ameaçou o Padre Nestor. (áudio muito comprometido por ruído). Diga você. Um homem que se dizia católico, defensor da igreja, conhecedor das escrituras, mas era um cão chupando manga, como diz o povo, né. Ele apoiava os fazendeiros. Fazia parte do esquema de corrupção. Ele era um poder fenomenal, na região, para o mal. Era ele que dizia quem seria prefeito, quem não seria, no apagar das luzes. Ele comandava o nosso serviço, Então, o povo pobre, na sua simplicidade, se dividia entre a igreja, e os coronéis.

Porque não é fácil, depois de tantos anos de escravidão, defender culturalmente o Brasil, No meu entender, os pobres sempre tiveram uma devoção pelos coronéis. Até tomar consciência do seu valor, da sua dignidade levou tempo. Porque, culturalmente, eles deviam obrigações aos coronéis. Eu devo obrigação ao meu compadre, né?

Chamava de compadre, chamava para batizar, não é. Eu não posso falar mal dele. Até tomar consciência de classe do seu valor como dignidade humana. Isso levou tempo. Então, os pobres, pisados pelos coronéis do Baixo São Francisco, foram tomando consciência do amor que a igreja tinha por eles, né, do amor que Jesus, apresentado pela igreja, numa releitura da Bíblia, entendeu que Deus não queria assim. Porque, no popular, se perguntar ao povo, “como é que

você vai?”, “Eu vou como Deus quer”. E, assim, nessa vida que você está levando, Deus quer assim, né. A Teologia do conformismo que era cultural na época. Então, não tenha dúvidas de que o levante, boa parte do povo também apoiava os coronéis. Então, pra contrabalancear e que a Igreja conseguisse respaldo junto aos pobres, quem era o personagem mais querido na região? Frei Damião. Depois, o Padre Cícero, Romão Batista, que o povo da diocese de (inaudível). É até hoje muito devoto, né. Então, eu penso que, naquela época, os agentes de pastoral pensaram nisso, que o Frei Damião era a pessoa ideal para vir à região em Santa Missão e contribuir com a diocese nessa missão.

Aí você pode perguntar: “e Frei Damião entendia disso?” “De serviço social?” Ele não expressava isso. Frei Damião tinha uma catequese desde os anos 40, que ele dizia.

João: Padre Isaías, me interessa muito esse paradoxo de Frei Damião.

Não é? Eu não tô tratando ele dentro da teologia. Eu estou dentro de um programa de Ciências da Religião, da PUC Minas, e tô sendo orientado por um historiador, o Rodrigo Coppe Caldeira. Então, a minha perspectiva vem do mestrado, lá, 2008/2010. Frei Damião como Conselheiro dentro de uma estirpe ou linhagem como queiram alguns pesquisadores, que o Padre Ibiapina, o próprio Beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião. É claro que há divergências e semelhanças entre esses conselheiros. Então, você veja que eu não tô tratando ele como missionário, porque como missionário ele caiu dentro dessa teologia do conformismo que o senhor mesmo falou. Não se atualizava, não era um frei, um padre, um sacerdote de discutir a pastoral ... Ele vivia perambulando pelo Nordeste, ao seu lado Frei Fernando Rossi. Então, tô tratando assim desta maneira. Tô pegando pessoas que conheceram Frei Damião, conheceram. Eu conheci Frei Damião. Duas vezes, eu cheguei aqui para me confessar com ele: uma aqui em Muribeca, um dia de domingo, na feira, e uma outra vez, lá, em Dores. Ele ficou lá uma semana, nove dias em Nossa Senhora das Dores e eu estudava na Semec, uma lá da (?) e quando ele chegava na cidade. O senhor sabe, né. Parava tudo e todas as crianças e idosos tinham que estar voltado para ele. E, assim, eu me confessei, então, pela segunda vez, mas era um menino de 10-11 anos. Gostava de tocar na barba dele, na cabeça dele, né. E, então, eu vou aqui, a gente pegou algumas questões, assim em forma de diálogo, né. Tô fazendo isso nesse Nordeste todo, né, como eu te falei. Passei em Gravatá, Caruaru, Garanhuns. De Garanhuns, eu saí direto para o Juazeiro. E Juazeiro e Crato. Então, o que o senhor tem a nos dizer? O senhor falou que foi coroinha do Frei Damião, assim em uma missa, né. O Frei Enoque me contou um pouco sobre isso, assim, né. O senhor era mais novo, né, que eles, né. Então, é, mas assim, direto,

nessa primeira questão, talvez, a gente nem siga. Mesmo com o primeiro, o senhor já. O que o senhor tem a dizer sobre as crenças e práticas religiosas de Frei Damião de Bozzano?

Padre Isaías: Primeiro, a convivência, mas é bom dizer que eu passei com Frei Damião uma semana, no início dos anos 80. Salvo engano, em 85, por aí. Em 89, ele tem uma santa missão em Porto da Folha. E Frei Enoque, sendo pároco de Porto da Folha do Canindé, me parece, não tenho lembrança agora, que o Frei Damião passou por lá. Então, eu já era seminarista. Tinha concluído a Teologia. Eu fiquei de repouso, digamos, um ano antes da ordenação. E fiquei, lá, em Poço Redondo. Então, quando ele saiu de Porto da Folha, eu o acompanhei como motorista inclusive, da C10 Azul, naquela Missão em Poço Redondo ... com Frei Enoque.

João: Eu tenho essas imagens.

Padre Isaías: Então, você vai ver minha presença lá ...

João: Sim, dirigindo. Eu vi.

Padre Isaías: Eu era seminarista, na época. Tá? E, naquele tempo, o meu papel na missão, como eu não era padre, era de fazer animação missionária, a partir das ervas medicinais. Era o preâmbulo da noite. Enquanto o povo ia chegando, passando a missão, à noite, de noite, eu ficava com quem já estava e perguntava “minha gente, quem sabe aí um remédio caseiro para febre?” Só que Frei Damião estava em casa, tomando café e ouvia tudo. Eu achava bonito isso nele. Ele, dentro de casa, tomando café, estava atento ao que a gente falava do lado de fora.

O som chegava lá dentro. E, à noite, ele comentava “gostei daquele chá”. “O Frei Damião, o senhor estava atento?”. “Estava. Estava ouvindo daqui.” Sabe? O meu papel era coletar experiências de remédios caseiros do próprio povo e devolver. Entendeu? Eu organizava a estrutura de comunicação. Eu sempre gostei disso. Não, é ... Depois, essa é a experiência que eu tenho de Frei Damião.

E o que que atrai Frei Damião, na minha concepção, a identificação do nordestino em relação ao sagrado é muito simples: Jesus pobre. Jesus sofredor. Jesus cultivava esperança, né ... Então, o Frei Damião retrata isso. É o homem que se aproximou dos mais pobres e, infelizmente, usado, em algumas regiões, pelos mais ricos. Foi manipulado, né. Não por culpa dele, mas da coordenação das Missões. Não se tinha uma visão crítica da época, mas, na hora de se apropriar, a perspectiva foi outra nos anos 90. Antes dos anos 90, quando ele passou aqui, no final dos

anos 70, as perspectivas foram em apoio à Igreja. Na perspectiva (inaudível) de se apropriar pelos pobres. Tem até um caso concreto, da Luta do Betume, pois nos anos de 74-75. E aí o período estava muito quente na região. Os prefeitos da região, assessorados pelo juiz Novais, fizeram carta contra o Bispo, pedindo a saída dele. Somente o prefeito de Neópolis, o Torres, não assinou essa carta. E ele ainda escreveu uma carta para o bispo, apoiando ele na luta. Muito bonito isso, né? Ele não assinou essa carta, mas os outros, todos, assinaram essa carta. E Frei Damião veio para a Santa Missão e, por determinação da igreja, era proibido aos políticos fazer refeições com ele. Ele não poderia ser hóspede de político nenhum, tinha que ser dentro da casa paroquial.

Era proibido tirar fotografia com qualquer político de qualquer linhagem política. Então, se tomou a refeição ser na casa paroquial. Quem quisesse alguma coisa, um café, que levasse até a casa paroquial. Isso foi muito forte. Foi um impacto. Por que? Tradicionalmente, em Alagoas, em algumas partes do Sergipe, quando se anunciava o Frei Damião, vinha vários políticos e se aproveitava para tirar retratos. E divulgava essas fotos com o Frei Damião nas suas campanhas políticas. Não é verdade? Você encontra por aí, no nordeste, pessoas que, políticos, com a cara de Frei Damião. Você vê Collor e tantos. Aí, foi proibido.

Pois bem, então ele andou por todos os municípios. O fato bonito que marcou, na Ilha das Flores, foi o acampamento do Betume, porque a Codevasfe (nome?) implantou uma reforma agrária seletiva. Com a reforma agrária moderna, ela, antes de entregar as peças, fez um teste de seleção e poucos posseiros foram selecionados. Quem não foi selecionado, foi mandado embora das terras sem qualquer direito. Então, você tem vários povoados, na região de Neópolis, que são moradores que não tiveram direito à terra. Por exemplo, o Alto Santo Antônio, conhecido também como Alto da Roliça, lá você encontra lideranças que lutaram no Betume que não tiveram direito à terra. Então, esse pessoal ficava acampado ali (?). Então, aconteceu um fato em que os acampados do Betume pediram para Frei Damião ir até lá para dar uma benção. E foram pedir autorização aos padres. Rapaz, foi uma coisa linda. (...?) Aí, ele foi até o Alto da Rolinha, município de Neópolis. Chegou lá, o pessoal já tinha preparado um palanquezinho de madeira. Ele subiu, de manhã cedo, fez uma oração com o povo e disse assim: “olhe, escute o que a igreja diz, que Nossa Senhora abençoe o caminho de vocês”. E rezou um pai nosso e uma ave maria. Breve! A coisa não durou nem meia hora, mas foi uma multidão. Esse material serviu de um artigo que eu escrevi para uma revista de História da Universidade Federal de Pernambuco (Frei Damião e a Reforma Agrária). Então, esse dado é importante

para dizer que o Frei Damião, como ele não aceitava essa perspectivas mais politizadas, no sentido da conscientização, da crítica em relação à operação ao pobre. Então, ele vinha entregar o Frei Damião ao Frei Enoque. Ele ficava sob os nossos cuidados, porque ele já conhecia (...). Né?

Então, por onde ele andou, Frei Enoque estava junto. Para traduzir, inclusive, algumas falas de Frei Damião, porque tem algumas falas dele que chegavam ao machismo. Concorde? Então, o Frei Enoque dizia isso e ele até achava graça. Um fato, por exemplo, que eu ouvi dizer, que Frei Damião falava sobre as prostitutas, né? As abóboras. As mulheres abóboras. Né? E o Frei Enoque dizia: “Frei Damião, e os homens?”. Aí, Enoque pegava o discurso dele, no mesmo momento, questão de só uma pausa. “Minha gente, entedesse o que foi que frei Damião disse?”. Enoque é muito popular. Ele sempre teve a linguagem do povo. Aí, ele pegava o mesmo discurso, só que ele acrescentava o lado feminino para referidos povos. E Frei Damião não ponderava, ele achava interessante. Ele curti isso, né? E ficava bem à vontade com a gente, sorria, contava história.

Então, o Frei Damião que eu encontrei, entendeu? Continuando, então, a referência de Frei Damião para a cultura religiosa do povo, era um santo em vida. Primeiro, porque não era homem de bens. Um homem despojado. Ele conservava a tradição católica capuchinha que é própria do Nordeste, na região de Sergipe também.

Você encontra romeiros aqui que são adepto ao Juazeiro. De Brejo Grande para Juazeiro do Norte, é um dia. Então, o ... Para muita gente, o Frei Damião era uma referência do Padre Cícero. Até eu brinquei com ele: “Frei Damião, (eu fiz a pergunta lá em Santa Rosa do Emílio) o povo fala que o senhor é a reencarnação do Padre Cícero?”. Ele ria.

“Mas crenças à parte, o senhor conheceu o Padre Cícero?” “Não, eu cheguei, no Brasil, dois anos depois da morte dele.”

Ele disse assim: “eu estive no Juazeiro e conversei com um prisioneiro que matou o padre”. E, com a morte de Padre Cícero, um ano depois, um rapaz matou um padre.

João: Facada.

Padre Isaías: Foi facada?

João: Foi.

Padre Isaías: O Padre Cícero visitou essa pessoa. E ele disse que, culturalmente, repare só, o rapaz tinha razão, porque o padre novo chegou com todo o poder para desfazer das coisas e do altar da igreja. E Frei Damião disse assim: “infelizmente, o padre mexeu com a alma do povo”. “A alma do povo é que dá vida.” Tem que ter muito cuidado com isso. Senão, a gente pode cometer crimes. Então, o rapaz estava apaixonado pelo Padre Cícero. Estava recente o fato. E ele pedia ao padre “não mexa, não, que foi meu padrinho que fez”. “Deixa ele aí”. E o padre desobedeceu. O padre não teve paciência histórica para avaliar, para contextualizar, não é? Então, veja. Então, Frei Damião não era um, desculpe a expressão, um mané.

Quando ele ficava à vontade com a gente, me parecia que ele com Frei Damião era de uma obediência cega.

Com Frei Fernando, perdão. Com a gente, não. Ele ria. Ele contava história. Ele abria o coração dele. E eu tive o prazer de curtir isso com ele. Com o povo, se ele estivesse cansado, ele ficava estressado. Ele perdia a paciência até dar tapas. Tem horas que ele se estressava e a gente chegava perto dele para acalmá-lo. Mas o bem que a pessoa queria. E a paciência paternal que ele tinha com o público. Só isso.

João: Esse desejo do povo. Podia ter vários padres na santa missão, mas o povo só queria se confessar com ele. E tá relacionado a essa áurea santa que o povo colocava nele, né. Porque era uma imagem performática. O padre Mário César disse que a imagem performática dele já diz tudo: chinelo de dedo, batina surrada, barba a fazer, o despojamento. Então, o senhor associa isso? Porque, às vezes, o povo não entendia quase nada do que ele dizia no confessionário. A quê que o senhor atribui isso?

Padre Isaías: Eu repito: a cultura nordestina do religioso, a cultura religiosa, ela apresenta o Cristo sofredor na simplicidade. O que tem de padroeiro: Nossa Senhora da Piedade, Bom Jesus dos Pobres, Bom Jesus dos Aflitos. Sempre ligados à misericórdia, à dor. Sempre ligado aos cuidados com os mais pobres. Identificação com o sofredor,

João: São Francisco das Chagas, Canindé

Padre Isaías: Exatamente. Entendeu ... essa relação do Cristo crucificado com a própria vida. Frei Damião: ele conseguiu canalizar isso para ele e refletir isso para o povo. Não se tornou um

cara pregador. Aqueles pregadores chatos, né, que falam muito e não dizem nada.

João: Padre Isaías, após o Vaticano II, Frei Damião foi proibido de missionar em algumas dioceses e paróquias, não é, a exemplo do que aconteceu no Crato, que Dom Vicente Matos proibiu. Aqui, em Sergipe, eu colhi informações a respeito, sobre isso do padre Leon Gregório, quando ele era pároco, lá em Propriá. E ele me disse, né, que deixou de chamar Frei Damião por conta das barbaridades que ele falava e isso incomodava muito ele. Ele não se atualizava. O Vaticano queria uma coisa mais aberta, mais ecumênica, dialogando com a modernidade. Por isso, que a gente tá tratando ele como conselheiro tridentino, né, porque lá, da Idade Média, algumas coisas que ele aconselhava, mas o povo queria ouvi-lo, né, porque estava acostumado a ouvir justamente aquilo ali.

Padre Isaías: É. Só que no tempo que a diocese convidou, havia uma discordância entre os brasileiros e os belgas, né. Padre Gregório, mas depois eles compreenderam, certo? Então, Padre Enoque e Roberto discordavam da (?) de Frei Damião, mas eles tiravam por menos, porque eles faziam tradução diferentes. Entendeu? A presença de Frei Fernando, inicialmente, como é que Frei Fernando percebeu? Que Enoque sempre fazia o rebate, né. E o Frei Fernando discordava, mas aí eles tiveram um pega, eu acho, que nos bastidores, de modo que Frei Fernando não vinha mais pra cá, porque Frei Damião não mudou o discurso. O que mudou foi a relação com a gente. Não diria que foi manipulação, foi a compreensão do sagrado. E como atualizar esse sagrado em benefício do povo de Deus? É como você pegar uma passagem do evangelho e ir ao pé da letra. Se falar em trigo, não é região de arroz? Se fala do trigo e mostra que parece com o arroz e (?). Entendeu? Quer dizer, a questão do machismo em Frei Damião era cultural. Seu discurso excludente ... Então, havia um discurso inclusivo. A ida dele ao Betume foi graça de Deus. Até hoje, o pessoal vibra de alegria. Tá na boa lembrança de lá.

As tensões com os ricos: eles ficavam apavorados porque não podiam tirar uma foto com Frei Damião. Quando ele ia pra Dores, por exemplo, tinha que arrumar prefeitos e deputados para (?) Quer dizer, isso a pessoa não aceitava (?). Porque eles não eram inimigos dos políticos (?). Não era isso. Existia era respeito a uma proposta de vida em que o sagrado devia ser respeitado em sua dimensão libertária, que é a proposta do evangelho - o anúncio aos pobres.

João: Dom José Brandão nessa?

Padre Isaías: Ele estava junto. Fez parte ... A construção foi coletiva. Eu tenho um livro sobre

Dom Brandão. Você conhece esse meu livro?

João: Não. Ainda não.

Padre Isaías: “Dom Brandão, um pastor com cheiro de ovelhas”. E tem um capítulo sobre isso, sobre a visita de Frei Damião na diocese.

Padre Isaías: Então, a experiência que eu tenho de Frei Damião foi sob essa perspectiva

João: E a relação, até o senhor já falou, mas só para eu poder cumprir a minha última ...

Padre Isaías: Você escaneou ou copiou as fotografias com Frei Enoque?

João: Foi.

Padre Isaías: Depois você mande pra mim. Lhe agradeço muito, viu?

João: Eu mando por e-mail, né?

Padre Isaías: Você tem o whatsapp.

João: São muitas, viu?

Padre Isaías: Sem problemas. Fique à vontade. Pode me passar por whatsapp ou então por e-mail.

João: Depois a gente vê. Eu mando tudo na pastinha.

João: Deixa eu seguir aqui. Sobre isso, eu sou um pouco disciplinado, mas vamos lá ... O que o senhor tem a dizer sobre Frei Damião e Padre Cícero? Ele chega. Vamo recapitular, né, Frei Damião chega em 1931, três anos depois, em 1934, falece o padre Cícero. Há essa transferência, a esse substrato religioso do Padre Cícero para o Frei Damião? Embora os conselhos sejam diferentes, a postura é diferente. Primeiro, um era andarilho, o outro era fixo. Um foi suspenso de ordem e o outro não foi. Um acolhia todo mundo (pobre, ladrão), não tinha esse negócio dele. O outro já tinha uma posição mais seletiva. Como interpretar isso?

João: A Josefa da Guia, dizendo, olha, vai falar em meu padrinho Padre Cícero, vamo falar de Frei Damião. As coisas não mudam. Engraçado. Outros falam da reencarnação. Agora, quando

o jornalista, não sei, talvez, até por maldade, perguntava a Frei Damião, o que que o senhor acha do padre Cícero? Ele odiava. Ele não gostava. Padre Cícero foi um fanatizador. Padre Cícero é isso. Ele não gostava. Tem gravado sobre isso.

Padre Isaías: Talvez como pensador de Ciência da Religião que você também é, e eu também sou ... Talvez pressuponho que os Capuchinhos tenham trazido Frei Damião para apagar um pouco o mito do Padre Cícero.

João: Perdão. Isso tá dentro da romanização do catolicismo brasileiro? Ou o ultramontanismo? Porque agora os conselhos ...

Padre Isaías: Pode ser. A cultura religiosa do Nordeste, você não pode contar sem os Capuchinhos, né ... A devoção popular. Os capuchinhos italianos, porque os franceses eram mais críticos. Por isso, foram expulsos. Não é? Então, eu acho que a canalização de Padre Cícero e Frei Damião, não foi imediata. Eu acho que foi posterior. Por que? A presença missionária capuchinha, aqui no Nordeste, já existia. Não é isso? Será que as missões capuchinhas já não eram algo simpatizado pelos pobres? E Frei Damião foi, mesmo querendo rebater o Padre Cícero, indiretamente, não conseguiu canalizar esta relação com os pobres, que o Padre Cícero tinha? Essa é uma pergunta que eu faço. Segunda coisa, outra referência, no Nordeste, que pouco se fala, é do padre Ibiapina, que era um missionário. Não parecia um padre secular, mas era um padre secular. No entanto, girou o Nordeste todo. E alguns bispos não gostavam disso. E o que que os padres, sempre ligado aos pobres, levavam cacete? Apanharam. Padre Ibiapina era juiz de Direito, em Quixeramobim. E ele tinha como secretário, Antônio Conselheiro, que era um leigo. Por que não Antônio Conselheiro ser um referencial para os leigos católicos? Porque Antônio Conselheiro era secretário do padre juiz, né? Juiz que virou padre. E eram dois intelectuais. Antônio Conselheiro não era um analfabeto, era um cara culto, mas radicalizou sua opção de fé pelos pobres. Entendeu? Então, essa referência, que eu acho, que Frei Damião era sincrética nesse conjunto. Né ... Esse mutirão, como diz a música “caldeirão de mitos”, da cultura religiosa nordestina.

Então, a coisa foi pegando em Frei Damião, porque ele foi tendo tempo, como os capuchinhos davam tempo aos pobres. E ele não ... Eu não sei. Eu não conheço nem o discurso dele batendo de frente com o Frei Damião. Se ele tivesse feito isso, ele teria perdido o povo. Mas você conhece algum sermão nesse sentido? Contra o Padre Cícero? Dele contra o Padre Cícero? Entendeu?

Eu acho que isso fez com que ele revisse, ou de modo estratégico, ele conseguiu arrebanhar ou dar sequência a essa missão no Nordeste - que é missão popular, herança dos frades capuchinhos e se tornou um patrimônio cultural do Nordeste. E essas missões populares influenciaram à AMINE, a Associação Missionária do Nordeste, formada pelos padres da libertação: Frei Enoque, Frei Roberto, inclusive alguns frades e padres seculares estão juntos, freiras que tinham um foco na opção preferencial pelos pobres, na organização das comunidades eclesiais de base. A AMINE tinha esse foco, recuperando as tradições nordestinas, valorizando as missões de Frei Damião, de Padre Ibiapina, Padre Cícero. É esse patrimônio que nós temos.

E aí ... a gente ... Ele, publicamente, Frei Fernando, expulsou da praça os vendedores ambulantes de santinhos. E Frei Enoque ia bater publicamente também. “Frei Fernando, vamos devagar? “. Quem está vendendo aqui na praça são pessoas pobres, pais de família. O senhor nem é pobre, nem é pai de família. Ou sai todo mundo ou não sai ninguém. E foi o maior rebuliço. Ele pegou as trouxa e foi ... Isso eu ouvi dizer. Não ouvi de Frei Enoque, não. Na época, houve um confronto abertamente para defender os pobres que estavam vendendo as coisinhas deles (trecho incompreensível). O senhor tenha a barraca do senhor também. Entre eles e o senhor, quem precisa mais? Isso é meio constrangedor, né? Diga.

ENTREVISTA 7 - Joselito Gomes da Silva (ex-padre), atual prefeito de Gravatá (PE).

Joselito: Me chamo Joselito, 60 anos de idade. Sou natural de Bezerros. Lá, em Bezerros, na paróquia de São José, eu fui coroinha por um bom tempo. E, vez por outra, o Frei Damião, claro, era convidado para santas missões populares também em Bezerros. E, como coroinha, estávamos ali na assistência do altar, ajudando seja na liturgia da eucaristia, como também em outros momentos, por exemplo, o momento da confissão, em que muitas pessoas queriam confessar com Frei Damião, e havia aquela necessidade de organizar aquelas pessoas. A caminhada de madrugada, que é uma marca de Frei Damião e da missão popular, tocando o sino. À noite, aquele sermão em praça pública, não é, e sempre aquelas recomendações do que é pecado. Então, “deixe de lado o pecado para viver com Deus, ir à missa, rezar todo dia”. O cristão tem que viver e proceder dessa forma. Depois, aos 17 anos, por aí, entrei no seminário, em Caruaru. E, como seminarista, não tive mais contato com a missão. Passei dois anos em Caruaru, depois fui para Aparecida, São Paulo, onde fiquei sete anos. Lá, fiz Filosofia e Teologia. E ao ser ordenado padre, em dezembro de 1987, diocesano, em Bezerros, eu assumi a catedral, em Caruaru, em primeiro de janeiro de 1988, Catedral Nossa Senhora das Dores. Passei onze anos lá. De lá, fui transferido para Gravatá. Cheguei aqui, em 1998, dezembro de 98. Passei 14 anos aqui como pároco. Quando eu fui transferido daqui, Padre João Paulo assumiu. E fiquei quatro anos em Santa Cruz do Capibaribe. Essa é a minha trajetória como padre. Contando aí, acho que 29 anos. Então, depois daquela fase de coroinha, eu não encontrei mais com o Frei Damião. E ele veio, então, a adoecer, depois faleceu em 97. Em 31 de maio, encerramento do mês de maio, tradicionalmente, para nós cristãos católicos, é um mês dedicado à Maria. Era chamado o mês das noivas, né. E a data do Frei Damião é 31 de maio. E começaram, aqui, o Monsenhor Cremildo, o pároco antes de mim, a fazer uma caminhada da matriz até o Riacho do Mel, onde temos aqui a igrejinha dedicada a São Miguel, o padroeiro é São Miguel, porém conhecida como a igreja de Frei Damião, que ao chegar no Brasil, estando na Penha, naquele setembro de 1931, alguém foi lá convidar um frade para vir fazer a celebração aqui de São Miguel, dia **29 de setembro, que é dia de São Miguel**. E coincidiu de Frei Damião estar no convento, recém chegado da Itália, e, por isso, foi o primeiro local que o Frei Damião esteve e celebrou, recém chegado da Itália, no caso de Gravatá, Riacho do Mel, capela de São Miguel. Então, ficou sendo uma referência. Com o falecimento dele, então, coincidiu também o encerramento do mês de maio, e na data do falecimento, fazer uma caminhada da matriz até o Riacho do Mel, lá em uma missa campal. Eu cheguei aqui, no final de 98, de modo que, em maio de 99, essa caminhada já foi comigo. Era, de fato, uma multidão. Então, eu convidei uns

frades capuchinhos do Recife, sempre vinha uma equipe, e colocávamos aí dois, três carros de som, não é. As comunidades celebravam o mês de maio até o dia 30. Cada comunidade fazendo o seu encerramento. E, dia 31, todos éramos convidados para estarmos aqui. E daqui saímos cantando até o Riacho do Mel. Aquele pátio ali ficava superlotado. Um frade geralmente presidia a pregação e aqueles cânticos, lembrando a santa missão popular. E assim fiz durante todo o período que fiquei aqui como pároco: todo dia 31 de maio, a caminhada do encerramento da primeira caminhada de Frei Damião ... (?). Fora isso, a celebração, lá naquela comunidade, da eucaristia, todo primeiro domingo do mês, às 15 horas, às três horas da tarde, na capela de São Miguel, eu celebrava. Hoje, já é outro dia, outro horário. E sempre contava com uma boa assistência dos fiéis de Gravatá, de outras localidades, pessoas que vinham das comunidades rurais. Então, foi sempre, e continua sendo uma referência. Até falamos, no passado, em criar ali um estrutura, talvez, futuramente, fosse um santuário, mas aí a congregação, o Frei Damião foi sepultado no Recife, lá no Pina, por ser uma capital. E a chegada até ao local, devido ao trânsito, aquelas avenidas e tudo mais, não é uma chegada assim tão tranquila e que possa comportar um evento assim até popular, né. Foi pensando em fazer esse santuário, lá em Contendas, em Caruaru, quando você sai no sentido Toritama, que até hoje não foi feito. Foi colocado lá um marco, uma pedra fundamental. Provavelmente, será. Mas, vez por outra, volta a realidade aqui de Gravatá, por que não fazer em Gravatá? Em Gravatá, o sentido, o significado é maior. Porém nós temos, aqui em Gravatá, o local que foi doado para a paróquia e tem escritura, é só o local onde está a igreja. É uma pequena capela dedicada a São Miguel. O restante do terreno faz parte da fazenda. Se um dia haverá uma doação de alguma parte de terreno ou, se um dia, poderemos adquirir por uma quantia x, não sei. Recentemente, uma equipe esteve aqui novamente trazendo esse desejo de fazer, em Gravatá, um santuário. Eu disse “olha, eu acho importante conversar com o pároco, padre João Paulo, com o Frei Jociel, que é o frei que está tomando conta dessa causa de Frei Damião, para que eles possam olhar o ambiente e o que de fato pensam em fazer”. Porque, aí, é uma questão da paróquia, não é nem tanto da prefeitura fazer, o que pensam fazer ali, o que de fato desejam fazer. E, a partir daí, o segundo passo seria ir ao dono da fazenda, apresentar o que a paróquia tá desejando fazer, juntamente com a congregação e ouvir dele se, de fato, ele pensa em fazer uma doação ou não, ou que outro meio poderíamos buscar para adquirir o terreno, né. Foi falado aqui também que poderíamos, prefeito, colocar uma estátua grande de Frei Damião, tipo aquela que tem em São Joaquim do Monte. De tal Serra, de qualquer lugar que olhar, então vê lá Frei Damião. Bom, tudo isso, em tese, é possível, mas vamos começar: toda construção começa com a base, com o alicerce, não é. O que temos hoje é aquela igreja, naquele local, o que queremos deve partir

da paróquia, da diocese, o entendimento que tenha a respeito. E ao poder público cabe apoiar naquilo que a lei permitir que isso seja feito, né. Então, no momento, é isso que estamos assim, já a partir de algumas conversas, refletindo o que será lá na frente, não sei, né, mas é um local, é uma realidade que, na verdade, não está esquecida. É também uma referência do Frei Damião, em Gravatá. Ele realizou as santas missões populares aqui sim, mas foi bem antes de mim. De modo que não tive assim, enquanto padre, aqui na paróquia, nenhum contato com Frei Damião. E também a realização das santas missões com ele, porque ele já havia falecido. Cheguei em 91, e foi antes da minha chegada, mas foi uma pessoa que marcou presença, em Gravatá, no município de Gravatá, e está presente na vida das pessoas. É uma referência, não é. As pessoas mais velhas lembram de muitas orientações, muitas palavras. Muitas pessoas falam “eu tive a honra e a graça de me confessar com o Frei Damião”, não é. É isso. Então, a exemplo de tantos outros, que deixaram um legado, temos aí o Frei Damião, o peregrino do Nordeste, que continua sendo nos dias atuais, na era da tecnologia, continua sendo uma referência de fé e, como sabemos, o santo, aquelas pessoas que foram declaradas santas pela igreja. Foram declaradas porque viveram a fé com autenticidade, o amor a Deus e ao próximo, de modo que o santo é sempre uma seta que aponta o caminho. E o caminho é Jesus. O santo, ele não é Deus, mas é uma seta que aponta o caminho que conduz a Deus, que é Jesus, filho de Deus, verdadeiramente homem, verdadeiramente Deus. E foi esta essência da pregação, do anúncio Frei Damião de Bozzano.

João: Quando o senhor era coroinha, nesse período de juventude, aos dezessete anos, o senhor chegou a ter contato com o Frei Fernando Rossi?

Joselito: Sim. Toda a missão sempre ajudou a isso, né. Frei Fernando.

João: Um, na condição de secretário e o, outro mesmo, o missionário.

Joselito: Exato.

João: Em Bezerras, ele chegou a ter problemas com a diocese? O bispo mesmo disse, olha, depois do Concílio do Vaticano II, 62-65, depois (ruído de sirene)... E essa renovação da evangelização, no Nordeste, porque Dom Helder era uma figura de ponta, né, conhecido mundialmente. O Nordeste, o Brasil, vivia um período de ditadura naquela época, muito forte, inclusive, concentração de terra, de muito ... Imagina? As estradas aqui são todas empoeiradas. Muitas mulheres morriam de parto, não é, e outras doenças, epilepsia, que ele como um europeu

tinha todo o controle que as pessoas viam. Olha. As pessoas perguntaram para ele se ir para São Paulo, ia dar certo. “Eu tô com uma filha para casar com filho de fulano, o que que o senhor acha, Frei Damião?”. Ele tinha aquela sabedoria de vida, fazia algumas perguntas e depois ele dizia ... E aí, qual é a relação que o senhor, né, que foi essa pessoa ligada um pouco a essas missões populares, quais as suas impressões a respeito dessa relação entre o Padre Cícero e Frei Damião? Um chega em 1931 e o outro vai embora em 1934. Faleceu, em 34, o Padre Cícero. O senhor vê essa transferência, desse substrato religioso, quer dizer, por que, né? Poderia parar aí, mas continuou transferindo: esse é o líder, né. Esse, a gente vai escutar, esse, a gente vai seguir. E é engraçado, se eu não estou errado, isso acontece mais, assim, ao longo do norte do Rio São Francisco, no semiárido, no sertão, nem tanto no litoral, porque o catolicismo do litoral, é um catolicismo mais alegre, mais festeiro, muitas cores. O nosso, do sertão, ele é mais contrito, penitencial, as cores mortas. Tá certo? É isso, Joselito?

Joselito: Sim. De certa forma, sim, porque essa continuidade, no que diz respeito ao aconselhamento, não é. Se você pega o Padre Cícero, a partir da fala das pessoas, o meu padrinho Cícero ou simplesmente meu padrinho Ciço. É isso que geralmente fala, né. E, logo em seguida, associando ao Frei Damião de Bozano, o meu padrinho Ciço e meu padrinho Frei Damião. Os conselhos do Padre Cícero: “Quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais”. “Eu vou ouvir também os conselhos do meu padrinho Frei Damião.” Então, eu ainda criança, adolescente, ficava observando a atenção das pessoas naquele momento ali do sermão, chamado sermão, sermão da santa missa. E se alguém começava a cochichar alguma coisa, o próprio Frei Damião fazia “psiu, cale a boca, comadre”. “Não tomou café hoje, não?” Porque ele queria sempre que prestasse atenção. Então, o céu, sempre a referência ao céu, não pecar, o cuidado com o pecado. Não pecar porque precisamos ir para o céu e o caminho, inclusive aquele livrinho da santa missão, o título é “O Caminho do Céu”. E a Virgem Maria, a mãe das Dores, lá do Padre Cícero, do Juazeiro, e o Frei Damião sempre a referência à virgem Maria, a mãe de Deus e nossa. Então, mais e mais, algumas pessoas foram associando e fazendo essa ligação. Os conselhos do Padre Cícero agora estão tendo continuidade através dos conselhos do Frei Damião. E, se não bastasse, o sermão da santa missão, era aquele esforço, aquela insistência para confessar com ele. Tem padre fulano ali, o frei fulano: “não, eu quero me confessar com meu padrinho”. “Eu quero ouvir, eu tenho uma coisa para perguntar a ele”, que você disse aí, né. Será que o casamento de fulano vai dar certo? Se meu padrinho disser ... Então, naquela época, naquele contexto, a gente já observava isso aí. As pessoas queriam ter uma resposta, né. “Mas aquele lá é um padre.” “Sim, eu sei, mas eu não quero que o padre da paróquia diga, eu

quero que o missionário diga.” E o missionário é o Frei Damião, não é outro frade que esteja ali auxiliando, né.

João: Um fenômeno, não é? E o Frei Fernando?

Joselito: O Frei Fernando, claro, fazia um pouco aquele papel de disciplinador, porque, queira ou não, as pessoas estão sempre vindo ao encontro do Frei Damião e, devido a sua fragilidade, devia ter aquele cuidado. Então, logo, em alguns momentos, ele começava também a determinar: “tá bom, isso aqui tá bom, se não obedecer, eu tiro o Frei Damião daqui”. Não é. Algo assim. Em determinados momentos, claro, que uma intervenção se fazia necessária. Você não poderia também deixar de qualquer jeito, não é, mas, mesmo assim, algumas pessoas, aqui e acolá, reclamavam de Frei Fernando. “Frei Fernando é bravo.” “Frei Fernando é bruto.”. Faziam essas reclamações. “Frei Damião, não.” “Meu padrinho, não.”.

João: Ele, o Frei Fernando Rossi, faleceu. Qual foi a cidade aqui, eu não lembro agora, que tem uma casa, que frei Fernando Rossi ficou? O senhor lembra? Se recorda?

Joselito: Eu não lembro.

João: Não é Garanhuns, não? Eu não lembro ..

Joselito: Até tá vindo assim um pouco na memória, mas não tô localizando.

João: Porque eu tenho uma parte que é essa relação da amizade dele com o Frei Fernando Rossi. Foi uma relação muito forte entre eles dois, que houve depoimentos até do Dr. Blancard Torres, que foi o médico dele até o final da vida, né. E isso é importante. Isso ajuda na pesquisa, né. Eu poderia parar agora que eu já estava satisfeito. O senhor falando tudo que a gente precisa falar. Eu preciso escrever. Agora, aquela outra, eu queria voltar, por exemplo, lá ... porque eu estou muito impressionado com o estado de Pernambuco. Vocês são muito ... um pouco .. diferentes do que eu vejo, né. Alagoas, Sergipe, Minas. Minas é muito grande, né, parece, até com o Nordeste, o Vale do Jequitinhonha, Mas, aqui, aqui é uma coisa assim ... Olha, eu fui na igreja às 10 horas, missa ... Assim, é preciso estudar esse fenômeno, a cultura de vocês, a forma como vocês lidam com isso. O senhor está me descrevendo esse santuário. É uma coisa que tá em movimento. Agora, Afogados da Ingazeira, teve alguns bispos que escreveram cartinha para ele, com muita delicadeza, pedindo a ele que não mais fosse às missões. Olha, que ambiguidade, né. O que o senhor diria, o senhor com essa experiência que o senhor tem a respeito? Lá, no

Crato, também, com Dom Vicente Matos, em 1978. Dom Vicente Matos disse “olha, não vá mais Frei Damião”, e dizendo assim “o senhor já está velhinho e tal.”. O que é essa ambiguidade?

Joselito: Houve um momento que eu também comecei a perceber a questão do uso político-partidário da imagem do Frei Damião. Chegando em um determinado local, naturalmente, naquela época, nós tínhamos aqueles chefes políticos em determinados municípios

João: Os grandes coronéis

Joselito: Então, chega o missionário para pregar a missão, naturalmente, aquele grupo político já. Então, “estamos com Frei Damião” ou “o frei Damião está conosco”. O frade nem tinha esse pensamento, né, que é para a população ver, perceber. Principalmente, a população da zona rural, aquela população mais carente, como quem dizendo “então, esse é o candidato mesmo que a gente tem que apoiar e votar, porque tá com meu padrinho Frei Damião”. E eu acredito que esse uso, pouco a pouco, vai crescendo e, talvez, daí tenha vindo a orientação de dizer ao frade para não ir fazer missão em determinado local, né, para que ele não seja usado politicamente. Talvez aquele que hoje tá no poder não querer fazer isso para destruir o outro grupo e vice-versa. Talvez tenha sido um caminho assim encontrado, porque a população, genuinamente, de um modo geral, não se ligava na questão política, né. O objetivo da população ali era ver o Frei Damião, tocar o Frei Damião. Por isso, quando ele saía, de madrugada, caminhando, tinha que ter alguém ali, segurando um pouco as pessoas, porque alguém queria tocar, mesmo que seja o cabelo dele. Às vezes, ele passava rápido e alguém se esticava para fazer ... Aí falava “com a graça de Deus, eu consegui tocar na cabeça de meu padrinho Damião”, não é. E a confissão, as pessoas queriam tanto falar, que, às vezes, ele dormia. Alguns falam que ele estava dormindo, mas estava ouvindo. Cansaço, enfim.

João: Eu concluí essa conversa com Joselito

Joselito: Joselito Gomes da Silva.

João: Obrigado!

Joselito: De nada.

ANEXOS

ANEXO A – Pio Giannotti (Frei Damião aos 33 anos de idade)



Pio Gianotti - Frei Damião - 1931

Fonte: José Luiz Silva (1991).

ANEXO B – A certidão de nascimento de Pio Giannotti (Frei Damião)

ATTI DI NASCITA

L'anno milleottocentonovanta otto, addì sei di dicembre
 ore quaridici nove e minuti tre, nella Casa Comunale.

Avanti di me Agustin Enrico segretario delegato dal Sindaco
 e all'atto dodici novem bre milleottocentonovanta e tre
 Ufficiale dello Stato Civile del Comune di Massarosa.

compare Giannotti Felice, di anni quarantatré colono
 domiciliato in Massarosa, il quale mi ha dichiarato che alle ore quaridici
 e minuti tre del di sei del corrente mese, nella
 casa posta in Massarosa al numero ..., la sua moglie
Giannotti Maria, di anni ..., alla casa ...
...

è nato un bambino di sesso maschile che ... mi presenta, e a cui dà il nome di
Pio

A quanto sopra e a questo atto sono stati presenti quali testimoni Girolamiotti
..., di anni ..., ..., e Girolami Raffaele
 di anni ..., ..., entrambi residenti in questo Comune. ...
... è stato da me dispensato dal ...
... per la distanza del luogo della nascita, e non
... della nascita.

Letto il presente atto a tutti gli intervenuti e il presente
 questo con me firmato -
Giannotti Felice
Girolami Raffaele

L'Ufficiale
Agustin Enrico

Fonte: Foto do autor.

14

ATTI DI NASCITA

L'anno millesottocentocinquanta otto, addì dieci di dicembre
alle ore quindici e minuti tre, nella Casa Comunale,
Avanti di me, Giuseppe Ferraro delegato del Sindaco
ufficiale dello Stato Civile del Comune di Marone,
ho comparso Giuseppe Felice, di anni ventiquattro colono
residente in Marone, il quale mi ha dichiarato che alle ore quindici
e minuti tre, del dì dieci del corrente mese, nella
sua casa in Marone al numero ..., ha avuto
Giuseppe Maria di anni ..., alla presenza di
me e di ...
nato un bambino di sesso maschile che mi ha presentato e mi ha detto il nome di
Pio
A quanto sopra e a questo atto sono stati presenti quali testimoni Girolamo
... di anni ... e ... di anni ...,
entrambi residenti in questo Comune. ...
dichiarando che è stato da me disposto tutto ciò che per legge si deve
disporre per la dichiarazione del luogo della nascita, con
l'assistenza del Sindaco e della Giunta.
Letto il presente alla vista gli interesi e non essendovi
questo con me perfezionato.
Giuseppe Felice
Giuseppe Felice
L'ufficiale
Agostino

Numero 369
Giuseppe
Pio
di Felice

23.01.2023
Chia
Bianchi

* E' invalida la PROTESTA e la CONTESTAZIONE

Fonte: Foto do autor.

[illegible]

Fonte: Foto do autor.

ANEXO C – Frei Damião jovem e Frei Damião idoso

Fonte: Museu de Frei Damião (Recife-PE, S.d.).

ANEXO D - Frei Damião e D. José Brandão de Castro

Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE).

Fonte: Foto do autor.

ANEXO E – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



Frei Damião e Pe. João, em missão, s/d.

Fonte: Foto do autor.

ANEXO F – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



Frei Damião e Frei Enoque, em missão, Porto da Folha (SE), em 1989.

Fonte: Foto do autor.

ANEXO G – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



**A multidão na missão de Frei Damião, no povoado Santa Rosa do Ermírio, Poço Redondo (SE), em 1989.
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO H – Frei Damião na Diocese de Propriá (SE)

**Frei Damião e Frei Enoque, em missão, Santa Rosa do Ermírio, Poço Redondo (SE), em 1989.
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO I – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)

**A chegada de Frei Damião e Frei Enoque, na missão de Canindé de São Francisco (SE), em maio de 1989.
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO J – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



**Missão de Frei Damião em Canindé de São Francisco SE), em 1989.
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO K – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



Frei Damião em missão em Canindé de São Francisco (SE), em 1989.

Fonte: Foto do autor.

ANEXO L – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



Frei Damião e Frei Enoque, em Missão, em Canindé de São Francisco (SE), em maio de 1989.

Fonte: Foto do autor.

ANEXO M – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



**Frei Damião e Frei Enoque, em Missão, Porta da Folha (SE), em maio de 1989.
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO N – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



**Frei Damião, Frei Fernando Rossi e Frei Enoque em missão, Graccho Cardoso, (s.d.).
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO O – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



**Frei Damião, Frei Enoque e a Ir. Joana, Aquidabã (SE), (s.d.).
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO P – Frei Damião em missão na Diocese de Propriá (SE)



**Frei Damião e o devoto em confissão ao pé do ouvido, missão em Aquidabã (SE), (s.d.).
Fonte: Foto do autor.**

**ANEXO Q – Frei Damião em convalescença no Convento São Félix de Cantalice, Pina,
em Recife (PE)**

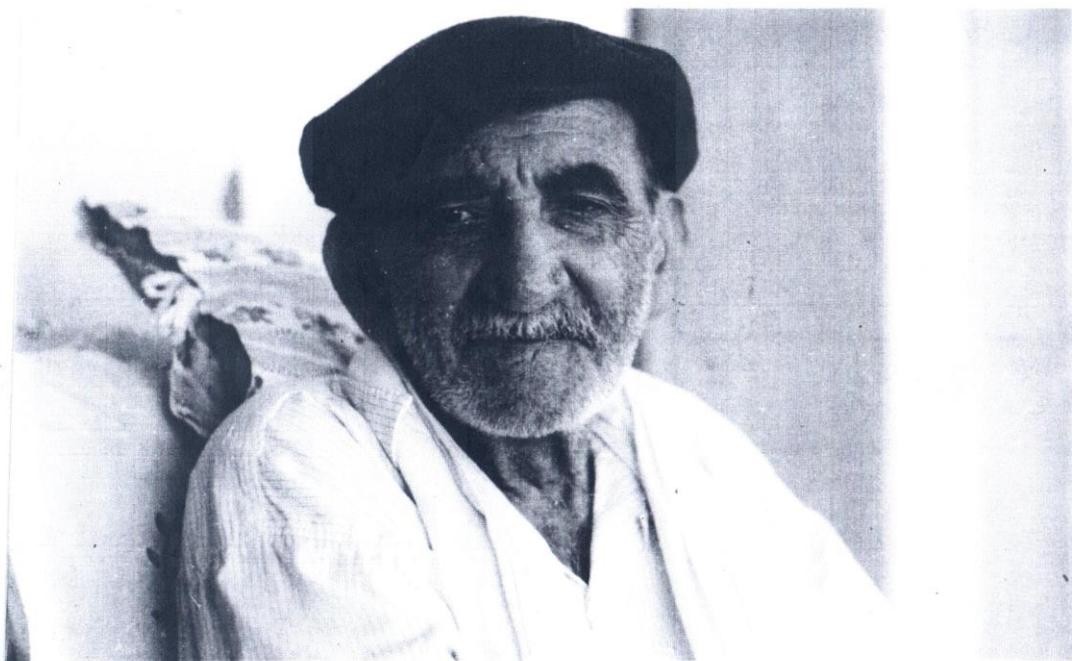


**Visita de Frei Enoque Salvador de Melo.
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO R – Frei Damião na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores (SE)

D. Maria Marli Costa e o seu filho, Emanuel Messias Costa. Hoje, D. Marli tem 87 anos, residente e domiciliada em Aracaju (SE), viúva e mãe de 10 filhos (s.d.).

Fonte: Foto do autor.

ANEXO S – Pedro Batista da Silva (+1967)

CONSELHEIRO “Pedro Batista”

Migrante alagoano, prestou serviço militar no Paraná. Foi marujo e pescador no Rio de Janeiro (RJ) e em Santos (SP). Depois de receber um aviso divino em 1942, este homem retornou ao Nordeste peregrinando pelos estados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco, pobre e barbudo. Reconhecido pelo povo como um enviado de Deus, tornou-se o último dos grandes beatos penitentes leigos do séc. XX. Curava os doentes, pregava e dava bênção e conselhos a quem quisesse recebê-los. Em 14 de junho de 1945, fixou-se em Santa Brígida com a autorização do Cel. João Sá.

Fonte: Poel (2013, p. 793).

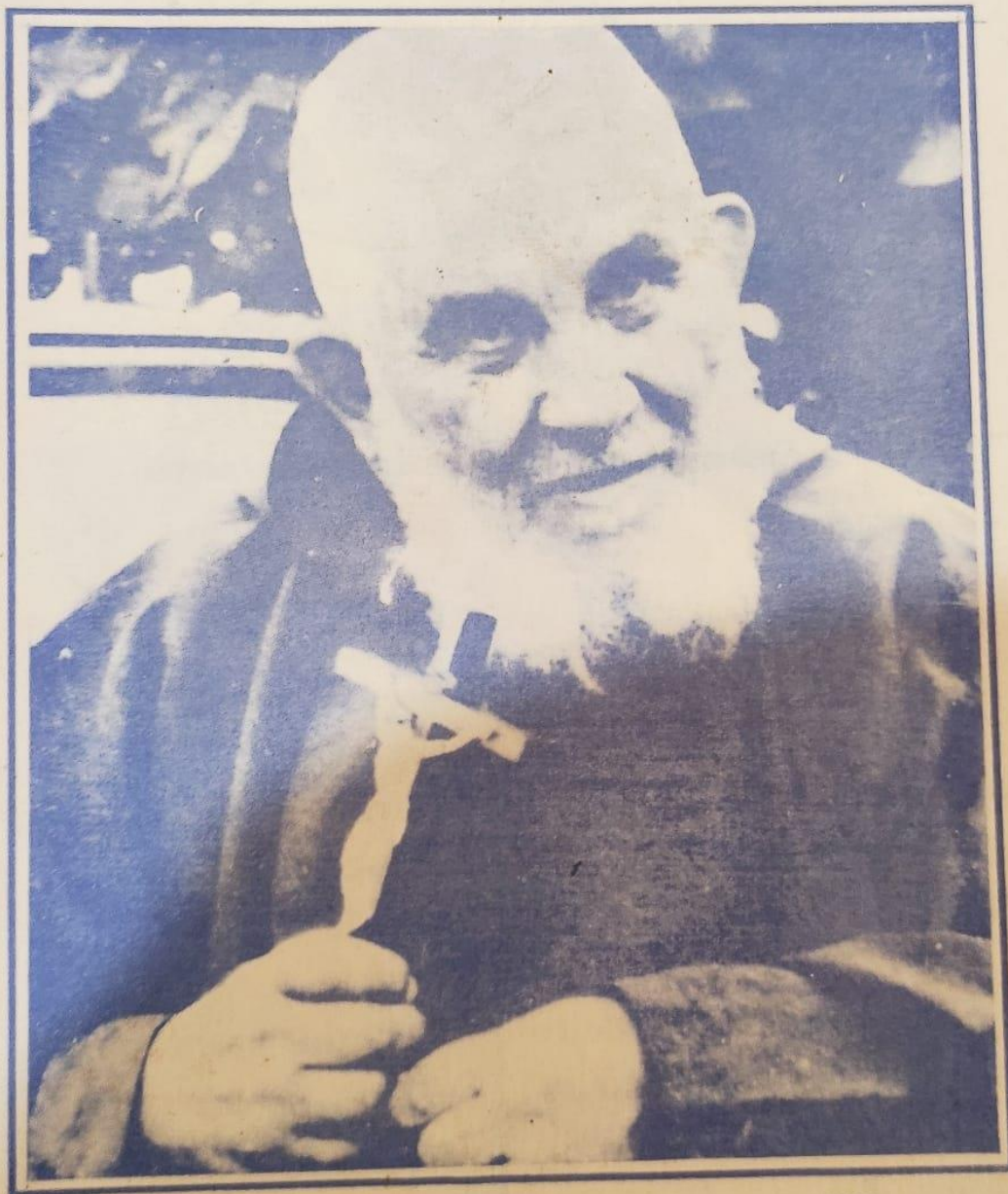
ANEXO T – Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo

Beata Maria de Araújo, nasceu em 24 de maio de 1863 e faleceu em 17 de janeiro de 1914. Era filha de Antônio da Silva de Araújo e de Ana Josefa do Sacramento. Natural de Juazeiro do Norte (CE). Era analfabeta e proveniente de família pobre, descendente dos povos originários e de negros. Vestia hábito negro de beata.

Fonte: Olinda (2021, p. 15-24).

ANEXO U - A presença de Frei Damião como conselheiro na literatura de cordel

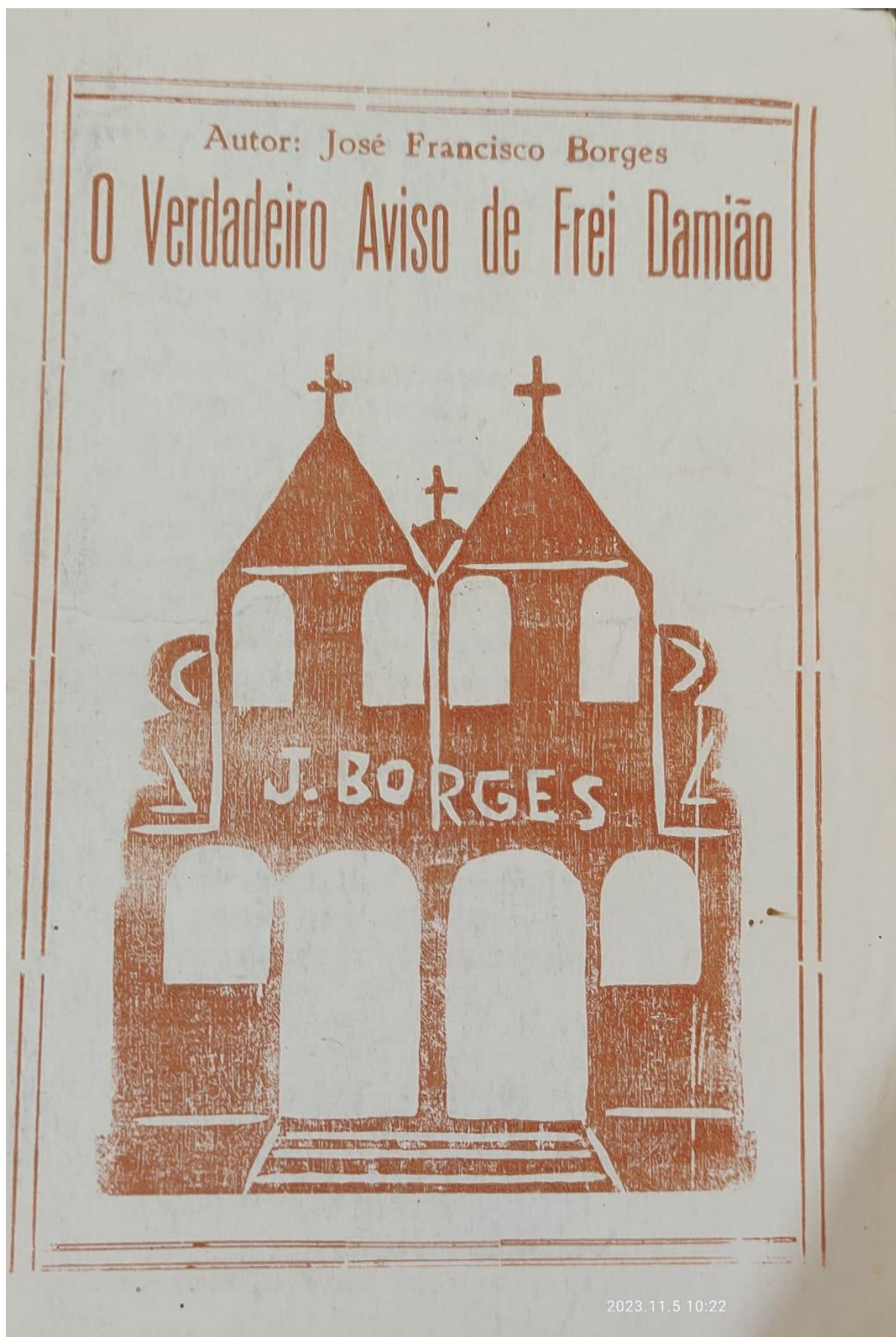
Conselhos e Sermão de FREI DAMIÃO



Autor: Olegário Fernandes da Silva

2023.11.5 10:17

Fonte: Foto do autor.





Autor : José Costa Leite

— A VOZ DE — FREI DAMIÃO



A venda com o autor na Rua Júlio
Corrêa, 223 — Condado — PE

2023.11.5 10:25

Fonte: Foto do autor.

ANEXO V – Aguinaldo Carlos de Souza, Juazeiro do Norte (CE)

Entrevista concedida em sua residência, na Rua Padre Cícero, nº 275, Centro.
Fonte: Foto do autor.

ANEXO W – Joselito Gomes da Silva (ex-padre), atual Prefeito de Gravatá (PE)



**Entrevista concedida na sede da Prefeitura Municipal de Gravatá (PE).
Fonte: Foto do autor.**

ANEXO X – Padre Isaías C. Nascimento Filho, em Malhada dos Bois (SE)



**Entrevista concedida na sede da Caritas da Diocese de Propriá (SE).
Fonte: Foto do autor.**